



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**JOSÉ ALBERTO LIMA MEDRADO**

**“VOU DEIXANDO A VIDA ME LEVAR...”.**

**HISTÓRIAS DE VÍNCULOS, RUPTURAS E PROJETOS DE VIDA DE  
JOVENS EGRESSOS DE UM ABRIGO EM SALVADOR (BAHIA)**

**SALVADOR**

**2010**

**JOSÉ ALBERTO LIMA MEDRADO**

**“VOU DEIXANDO A VIDA ME LEVAR...”.**  
**HISTÓRIAS DE VÍNCULOS, RUPTURAS E PROJETOS DE VIDA DE**  
**JOVENS EGRESSOS DE UM ABRIGO EM SALVADOR (BAHIA)**

Projeto de dissertação à Universidade Católica de Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea

Orientadora: Dra. Livia Fialho Costa

SALVADOR

2010

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

M492 Medrado, José Alberto Lima.

“Vou deixando a vida me levar...”. Histórias de vínculos, rupturas e projetos de vida de jovens egressos de um abrigo em Salvador (Bahia)/ José Alberto Lima Medrado. – Salvador, 2010. 213 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Prof. Dra. Livia Alessandra Fialho Costa.

1. Família 2. Abrigo 3. Projeto de Vida - Jovem Egresso  
4. Ruptura - Jovem Egresso 5. Vínculo - Instituição - Abrigado  
I. Título.

CDU 316.356.2-058.862

TERMO DE APROVAÇÃO


**José Alberto Lima Medrado**

**“Vou Deixando a Vida me Levar...” Histórias de Vínculos, Rupturas e Projetos de  
Vida de Jovens Egressos de um Abrigo em Salvador (Bahia)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 15 de julho de 2010

Banca Examinadora:

  
Prof(a). Dr(a). Livia Alessandra Fialho da Costa - Orientador(a)  
Doutorado em Antropologia Social e Etnologia - EHESS  
Universidade Católica do Salvador

  
Prof(a). Dr(a). Miriã Alves de Ramos Alcântara  
Doutorado Saúde Pública – Universidade Federal da Bahia  
Universidade Católica do Salvador

  
Prof(a). Dr(a). Katia Maria Santos Motta  
Doutorado Estudos Luso-Brasileiros – Brow University  
Universidade Estadual da Bahia

*Ao*  
*sentido da minha vida:*  
**CIDADE DA LUZ**

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos sinceros à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Livia Fialho Costa, pelos saques e estímulos; à Prof<sup>a</sup> Dra. Anamélia Franco, que muito ajudou sugerindo caminhos e métodos para a pesquisa; a mestre em família, Maria Célia Correia Gomes que juntamente com a psicóloga Ana Cristina Calmon Neto colaboraram na coleta de dados desta pesquisa; à minha colega de mestrado, agora mestre, Fernanda Leal na realização das entrevistas, bem como a Maria Esther Tourinho de Garcia, Eliana Nascimento Rafael e Mônica de Almeida Pereira pela ajuda efetiva durante todo o processo de pesquisa.

*“Cada um de nós compõe a sua história,  
e cada ser em si, carrega o  
dom de ser capaz, e ser feliz”*

*(Renato Teixeira)*

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo entender a história pessoal de egressos de um abrigo – Cidade da Luz, localizado em Salvador/Bahia – a partir de uma análise que privilegiou as trajetórias individuais de construção de projetos de vida, antes e após o desligamento. Nota-se que a relação do egresso com o abrigo é marcada por um vínculo que se mantém de uma forma peculiar, ou seja, sem a concretização de expectativas que geralmente encontramos nas relações e estruturas familiares. Por conta disso, o referencial teórico e os autores que deram suporte a esse trabalho se alinham com as discussões acerca da criação de vínculos e experiência de institucionalização. Buscou-se entender a ruptura a partir de uma análise de resultados obtidos entre rapazes que conviveram no Lar e que hoje estão desvinculados e emancipados da instituição. Os dados foram coletados em diferentes etapas, a partir de duas técnicas principais: grupo focal de investigação e entrevistas individuais realizadas entre os anos de 2008 e 2010. A coleta sistemática de dados teve início em 2008 e, de forma assistemática, esses dados vêm sendo selecionados desde 1996, quando da mudança do Lar, em processo de centralização de todas as frentes de ação social do Complexo Cidade da Luz, para um único local. Foram escolhidos indivíduos egressos do Lar Luz do Amanhã, integrante do Complexo, entre 21 e 36 anos de idade. Foram realizadas quatorze entrevistas e um grupo focal, além da análise de prontuários e coleta de depoimentos de uma funcionária da instituição. Os dados coletados apontam para categorias importantes para a compreensão da vida do abrigado: biografia/ histórico de vida, expectativas elaboradas enquanto abrigados; experiências de medo; representações de família; relação que guardam com a instituição, criação de “vínculos de parentesco simbólico”, e, por fim, os projetos de vida por eles elaborados ao longo de suas experiências de vida no Abrigo. Na análise das narrativas dos egressos, levou-se em consideração informações acerca da experiência relatada de convívio no abrigo e as projeções e realizações pós-abrigamento, tendo-se em conta as inseguranças ao sair, os desejos e realidade na constituição de uma família, o enfretamento com a sociedade e seus desafios e preconceitos, os encontros e conflitos religiosos, bem como a repercussão de tudo isso nos atuais contextos de vida, na formação de seus ideais, bem ainda a relação atual com a instituição a ser estudada.

Palavras-chaves: 1. Família; 2. Abrigo; 3. Projeto de Vida; 4. Ruptura; 5. Vínculo.



## ABSTRACT

This dissertation aims to understand the personal life history of ex-residents of an orphanage – City of Light, located in Salvador/Bahia - according to an analysis which focused on their ability to undertake life projects along with them, before and after leaving the place. One can note that the relationship between the ex-resident and the orphanage is characterized by a peculiar way, which means that there are no particular expectations as there exist among family members. On account of that, the theoretical references and the authors who supported this work are in accordance with the discussions regarding building up links and having living experiences in institutions. While trying to understand the rupture, it was taken into consideration an analysis of the results obtained among boys who lived in the Orphanage and are presently emancipated, no more living in the institution. Data were collected in different moments, using two main procedures: focus group of investigation and individual interviews carried out from 2008 to 2010. Systematic data collecting began in 2008; however, in a non-systematic way, this data selection had been started as of 1996, when the Orphanage, together with all social projects undertaken by City of Light, moved to a single place, in an attempt to centralize assistance. Boys ranging from 21 to 36 years old, ex-residents of Tomorrow's Light Home Orphanage, belonging to City of Light, were selected. Fourteen interviews were gotten and a focus group selected, besides the analysis of reference books and getting information from an employee. Data collected focus on important aspects in order to understand life of the orphanage resident: biography / history of life, life prospects while living in the orphanage, kind of fears experienced, family members representation, relationship he still keep with the institution, kind of symbolic kinship he creates in his mind, and at last, life prospects he keeps with him along his life while in the orphanage. When analyzing the ex-residents reports it was taken into account what each one of them said about living together with other people in the orphanage and what they had planned to do and what they really managed to, after leaving the institution, considering their uncertainties, their wishes and the reality of starting their own families, the way of facing society and the challenges and prejudices, religious encounters and conflicts, as well as the reflection of all these in their present lives, in the way they create their ideals, and also the current relationship with the institution, our object of study.

Key words: 1. Family; 2. Orphanage; 3. Life Prospect; 4 Rupture; 5. Link

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ASPECTOS COGNITIVOS E ABRIGAMENTO: UMA BREVE REVISÃO DE ABORDAGENS .....</b>	<b>21</b>
1.1 – CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NA CRIANÇA EM ABANDONO .....	28
<b>CAPÍTULO 2 - PROCESSO DE ABRIGAMENTO NO BRASIL .....</b>	<b>29</b>
2.1 – CRIANÇA, RUA E ABANDONO .....	29
2.2 – MAS, O QUE É UM ABRIGO?.....	30
<b>2.2.1 Abrigo X Internato .....</b>	<b>33</b>
<b>2.2.2 Abrigo X Albergue.....</b>	<b>34</b>
2.3 – SOBRE O REGIME DE PERMANÊNCIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ABRIGO .....	34
2.4 – A RODA DOS EXPOSTOS.....	35
2.5 – FILANTROPIA EM AÇÃO.....	37
2.6 – AVANÇOS MODERNOS NA PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE .....	37
<b>CAPÍTULO 3 - ELEMENTOS DA ANÁLISE.....</b>	<b>41</b>
3.1 – O GRUPO FOCAL.....	41
3.2 – VALORES E PROJETOS NUMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO.....	44
3.3 – QUEM SÃO ELES? .....	44
3.4 – LEMBRANÇAS DE LILI .....	56
<b>CAPÍTULO 4 - OLHANDO, OUVINDO E ANALISANDO OS DADOS: O QUE É UMA FAMÍLIA BONITA? .....</b>	<b>62</b>
4.1 – DAS REDES SIMBÓLICAS DE PARENTESCO À FAMÍLIA IDEALIZADA... 64	64
4.2 – INSEGURANÇA AO SAIR.....	67
4.3 – SOCIEDADE: DESAFIOS E PRECONCEITOS.....	69
4.4 – RELIGIÃO: CONFLITOS E ENCONTROS .....	72
<b>CAPÍTULO 5 - À GUIA DE CONCLUSÃO... OU COMO OLHAR PARA OS PROJETOS DE VIDA DE INSTITUCIONALIZADOS.....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>94</b>
APÊNDICE I .....	94
APÊNDICE II .....	128

## INTRODUÇÃO

### O ABRIGO LAR LUZ DO AMANHÃ

Inicialmente, este trabalho buscou compreender a manutenção ou não do vínculo e ou apego de egressos de uma instituição religiosa, que teve no início de sua formação a orientação católica e que depois foi levada à condução e manutenção por um grupo de espíritas: o Lar Luz do Amanhã. As suas origens, portanto, remontam o antigo Orfanato Lar Padre Manoel da Nóbrega, cuja fundação tem o marco no ano de 1939, quando a Sra. Estelita Santos Menezes, nascida em 14 de julho de 1927, na cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia, contava com 12 anos de idade. Essa é a data mais remota que sua memória já a registra como um ser humano preocupado com o seu próximo, principalmente as crianças. Ainda também criança, Estelita, portanto, cuidava de outros menores da vizinhança, incluindo nesses cuidados os chás que fazia para ajudar as que estavam doentes. Já adulta, começou a receber em sua casa crianças abandonadas ou que lhes eram entregues pelas próprias mães que desapareciam e nunca mais voltavam.

Naquela época, o então Juizado de Menores, cujo titular era o Dr. Agnaldo Bahia Monteiro, tomou conhecimento da sua casa e começou a encaminhar menores para que ela cuidasse. Por conta das próprias condições sociais à época, era possível tal procedimento informal, sem as exigências burocráticas dos dias atuais. Até então, ela já havia criado sozinha 48 crianças. Com o aumento do número de abrigados, o juizado lhe cedeu à responsabilidade de uma casa no bairro da Ribeira, na Rua Afonso Sertão, nº 22, ocasião em que ela a denominou Lar Padre Manoel da Nóbrega. Nessa época, o abrigo era misto, contando com a participação de meninos e meninas oriundos de diferentes bairros da cidade e que eram ali abrigados por estarem em situação de rua.

No período da vigência do código de menores<sup>1</sup>, o juiz determinava o internamento no “Lar Substituto” sem consulta prévia sobre vagas, perfil da clientela,

---

<sup>1</sup> Lei nº 6.697/79 que ficou em vigência até 1990, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei nº 8069/90.

horário de entrega do menor no abrigo. Esse abrigamento, em geral, se dava com criança, na maioria órfã, sem o cuidado maior com as em situação de risco social, como se vê muito nos dias atuais. Apesar de estar à frente do Lar Padre Manoel da Nóbrega numa condição “oficial”, Estelita continuava, porém, cuidando dos “seus” meninos na Rua Major Tapioca, nº 13-E, bairro da Massaranduba, cuja casa ela própria denominava “Casa São Jorge”. Estelita era viúva e tinha um casal de filhos biológicos, que hoje contam com 60 e 59 anos. Com o passar do tempo e também devido às necessidades enfrentadas, principalmente no que se referia à alimentação, resolveu se responsabilizar somente pela casa da Massaranduba, passando a da Ribeira para os cuidados da Irmã Carlota Francesca de Jesus, cujos registros se perderam. A “gestão” da Sra. Estelita se estendeu de 1974 a 1979. A partir de 1979 o então Juizado de Menores transferiu os cuidados dos menores sob a tutela da Sra. Estelita para a freira católica, Irmã Carlota e em seguida, 1981, para uma agremiação de senhoras católicas Associação Mensageira do Amor Cristão (AMAC), que dirigiu o orfanato até 1984, quando o, na época, Juiz de Menores, Agnaldo Bahia Monteiro, espírita, conheceu o Centro Espírita Cavaleiros da Luz, dirigido por jovens, empolgado, fez a proposta de a instituição assumir integralmente a direção do orfanato, o que se deu. No entanto, os primeiros contatos dos Cavaleiros da Luz, núcleo do Complexo Cidade da Luz, com o então orfanato, ocorreram ainda na administração da AMAC.

Assim, até o ano de 1984, o Lar Padre Manoel da Nóbrega foi dirigido pela AMAC. Nesse período o então orfanato funcionou em duas sedes Ondina e na Ribeira, sendo este último direcionado ao Centro Espírita Cavaleiros da Luz assumiu o masculino.

Nesse ano de transferência havia cerca de 44 menores abrigados. Nesse período ainda não existia o Complexo Cidade da Luz que, em verdade, foi fruto do crescimento social e filantrópico do próprio Centro, gerando a necessidade de setorizar, departamentalizar o grande volume de trabalho oferecido à sociedade. Em 15 de agosto de 1986, a AMAC passa a totalidade das responsabilidades sobre o Lar Manoel da Nóbrega para os Cavaleiros da Luz, desligando-se definitivamente do abrigo<sup>2</sup>. O prédio da Rua Afonso Sertão, no bairro da Ribeira, onde funcionava o

---

<sup>2</sup> Essa passagem está registrada em ata da Reunião de Assembleia Geral Ordinária para eleição da nova diretoria da Associação Mensageira do Amor Cristão - (AMAC), realizada em 15 de agosto de 1986.

então orfanato, foi cedido em comodato ao Centro Espírita Cavaleiros da Luz, com um aluguel simbólico, até que os menores pudessem ser transferidos para outro imóvel, uma vez que este era de propriedade particular da AMAC.

Os menores abrigados frequentavam as escolas do bairro e tinham atividades de lazer. O quadro de funcionários era composto por 01 lavadeira, 01 cozinheira e 02 funcionárias que também residiam no Lar. Encarregada da supervisão do local e dos contatos externos, Eliana Menezes Rafael, também uma das fundadoras do Centro, foi nomeada vice-diretora pouco tempo depois. Paralelamente, continuou como professora/educadora, responsável pela construção das regras e da disciplina, assim como pelos encaminhamentos para atendimentos especializados, recebimento de novas crianças, acompanhamento de grupo de voluntários etc.

Em 1986, ano em que o Lar foi desligado da AMAC, Eliana Maria Nascimento Rafael – conhecida como Lili – assumiu a direção. A mim ficava a responsabilidade da direção-geral do Centro Espírita, inclusive do Lar, que se tornara um departamento da instituição. Minhas atribuições estiveram sempre relacionadas à direção-geral cuja principal responsabilidade era a formulação de princípios de ação, regramento e captação de recursos.

Hoje, o Lar Luz do Amanhã integra o Complexo Cidade da Luz, fundado em janeiro de 1996, com sede própria, instituição não-governamental, sem fins lucrativos, de orientação cristã espírita, que abriga crianças e adolescentes do sexo masculino, como já citamos no item acima. Essa população infanto-juvenil é encaminhada exclusivamente pelo Juizado da Infância e da Juventude. Nesse complexo, em área de mais de 5 mil metros quadrados, localizado no bairro de Pituvaçu, Salvador, existem, ainda, o Centro Espírita Cavaleiros da Luz, onde se realizam as reuniões doutrinárias espíritas, o Pavilhão Francisco de Assis, que abriga toda a área de assistência social do Complexo, como gabinetes médicos, odontológicos, centro de atendimento a vítimas de violência na Bahia, a Escola Carlos Murion, em parceria com a Prefeitura para atendimento do ensino fundamental a crianças da região e do próprio abrigo. Existindo, outrossim, um núcleo assistencial no bairro do Uruguai, em Salvador.

Possuindo hoje o número de 40 crianças e adolescentes abrigados, na faixa etária de 01 a 20 anos, que são direcionados pelo Juizado da Infância e Juventude, tendo como característica crianças que estavam em situação de risco social

(convivendo em situação de violência física e ou moral) com a família ou em regime de total abandono.

Hoje, pela crescente preocupação de se alavancar um trabalho de reinserção familiar, se vê uma grande flutuação dos internos. Os abrigados recebem orientação religiosa no sentido de fazê-los conhecedores do ser superior que rege a todos nós, independentemente de linha de crença e de conduta das religiões. Eles são livres para seguirem o credo que melhor lhes aproximarem de Deus.

Nos dias atuais, continuamos com as mesmas atribuições do início da administração, tanto eu quanto Lili, com as devidas adaptações aos novos ditames da legislação pertinente. Há, no entanto, um maior número de cuidadores, não voluntários, assalariados no trato dos quarenta abrigados. Sob o aspecto educacional, os abrigados contam com uma escola do ensino fundamental na mesma área do Complexo, mas ainda continuam alguns em escolas do próprio bairro.

Inspirado por essa trajetória de participação e organização de um Abrigo, com uma história que se inicia antes mesmo a 1984<sup>3</sup>, elaborei esta pesquisa, fazendo assim a minha experiência também tornar-se “objeto de estudo”. No fundo, a opção de ser “sujeito” e “objeto” de estudo foi mais desafiadora do que me parecia inicialmente. Ver o Lar Luz do Amanhã sob outro prisma foi, em verdade, colocar a minha própria proposta de instituição à prova de outros olhares, inclusive, e sobretudo, o meu próprio. Desde a sua fundação venho acompanhando todos os processos de entrada, permanência e saída de internos, momentos vividos – sobretudo o último – com muita angústia. A chegada da data da emancipação dos abrigados e o momento de seus encontros com a vida fora dos muros do Lar sempre me causaram um misto de estranheza e compaixão. No entanto, sentia grande inquietação, igualmente, o registro de uma quebra de vínculo, de apego com a instituição, a partir do momento do desligamento. Todavia, a minha proximidade e dos demais voluntários do Lar dificultava um entendimento preciso do que acontecia. Surge assim a necessidade de pesquisar os motivos da possível quebra de vínculo, tendo como escopo a busca de um comprometimento mais integral, educacional e cidadão com indivíduos que trazem em seus históricos registros muito fortes de abandono e rejeição.

---

<sup>3</sup> Aqui faço referência ao momento em que o abrigo passou a ser totalmente gerenciado pelo Centro Espírita Cavaleiros da Luz.

O Lar Luz do Amanhã se constitui em um ambiente formador de indivíduos para a sociedade, como, então, melhor auxiliá-los para este enfrentamento, na consecução, inclusive, de suas próprias famílias? Eis um dos questionamentos que viria mais tarde fomentar o início desta pesquisa. Tudo porque a preocupação preponderante ao longo do abrigamento desses indivíduos era focada na sobrevivência deles, no oferecimento de lugar com um mínimo de conforto, boa alimentação, escola e formação moral, porém a ideia era adstrita aquele momento, circunscrita na história daqueles jovens. Todos queríamos fazer o melhor possível ali, naquela circunstância. Daí começam as primeiras emancipações, conseqüentemente vem à tona uma espécie de efeito inesperado pós desabrigamento: quebra de vínculo. Achávamos que tínhamos dado de tudo, criado uma família, mas eis que a obrigação da emancipação<sup>4</sup> na maior idade deu uma abrupta quebra de relação. Como eu poderia, então, pesquisar este fenômeno, enfrentar esta situação? Queria investigar para evoluir o meu conhecimento sobre aquela problemática que estava sendo recorrente. No decorrer da pesquisa, surgiram informações relevantes que nos conduziram a percepções e análises que se aproximam muito das experiências dos sujeitos entrevistados. Assim, a descoberta de como crianças abrigadas vivem o cotidiano do Lar e como lidam com os ciclos e elementos da vida diária (aniversário, festas, visitas, as imagens reais da rua, o significado da 'casa') abriram espaços para muitos questionamentos, o que motivou o mergulho numa literatura no campo da psicologia, mas também da sociologia e da antropologia.

O arco do trabalho foi se redefinindo com o passar do tempo, surgindo questões que no início não estavam previstas, como, por exemplo, os caminhos desses abrigados na idade adulta, na sociedade. Desse modo, mesmo guardando grande experiência na lida prática, a realização e o contato com esse tema, enquanto objeto de estudo, geraram no pesquisador um impacto que só as leituras e o tempo dedicado à coleta de dados foram se encarregando de driblar. O questionamento sobre os processos de identificação e apego dos abrigados foi dando espaço à questão da condução dessas crianças-adolescentes após a sua emancipação, uma vez que se tratavam de crianças abandonadas, sem qualquer

---

<sup>4</sup> Antes do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) não havia uma cobrança muito grande quanto à emancipação dos moradores de abrigo. Agora haverá de se envidar esforços para uma permanência de no máximo dois anos no abrigo.

aparente perspectiva de sobrevivência social, na sua maioria sem referências familiares: são crianças negras, saídas de experiências de pobreza e exclusão.

A entrada na maior idade dos primeiros abrigados nos colocou frente à situação de 'emancipá-los' do Lar. Surgiu, então, a preocupação de auxiliá-los, no sentido de oferecer-lhes uma referência: como se fossem eles uma família extensa ou uma rede da própria estrutura institucional. Os egressos permaneciam numa casa autônoma, apoiada pelo Lar, cabendo a eles e a instituição o compromisso de não quebra de vínculo. A prática, no entanto, ia nos desvelando uma outra realidade: de fato, não se via estabelecer um vínculo com a instituição ou mesmo com os seus cuidadores mais diretos. Os questionamentos começaram a surgir entre os profissionais e a equipe responsável pelo Lar: como mantê-los em um direcionamento saudável se eles saíam e se desvinculavam da instituição? Como encontrar respostas específicas a esta situação-problema dos abrigados e egressos do Lar Luz do Amanhã? Como poderia continuar colaborando em projetos de vida que transcendessem a experiência daquele do Lar, às vezes, curto espaço/tempo de contato com crianças e jovens, por ter um abrigo em avançada idade? E a sociedade, como eles viveriam nela? Não se podia perder de vista, outrossim, que ali estariam homens formando suas futuras famílias, como, então, ajudá-los nesse novo desafio? Como auxiliá-los a vislumbrar vínculos mais efetivos daqueles que pensava que eles tinham, ou não? Como interceptar e romper alguma possível estrutura fragmentada na formação de seus vínculos afetivos?

As perguntas se multiplicavam em torno de vidas humanas, não da instituição em si. A continuação da tarefa junto ao abrigo, as mudanças na legislação pertinente, as transformações pelas quais passavam inevitavelmente a sociedade e, naturalmente, da própria dinâmica de interação entre os órfãos de ontem da instituição e os mais novos abrigados. Tudo isso vivenciado em um regime muito específico, que entendia ser para toda a vida. E o abrigado de hoje, onde os diplomas legais determinam o modo de ação, chegando mesmo a impor prazo máximo para o abrigo, cerca de dois anos, como conduzi-los em um trabalho de manutenção do vínculo ou não? Dessa forma, surgiu, de todas essas vertentes, uma premente necessidade de investigação científica, em torno da compreensão de vida desses jovens, principalmente após o seu desligamento do abrigo. Surgiu, assim, um grande interesse em se pesquisar o sentido do apego desses egressos, uma vez que tinham passado por inúmeros cuidadores, em uma



instituição que procurava a sua estrutura em uma espécie de lar substituto, onde imediatamente à entrada a criança tinha os seus primeiros cuidados estabelecidos.

Era imperioso compreender e examinar o impacto do rompimento com uma instituição de abrigo que, se fez presente ao longo de muitos anos na vida de alguns jovens (os que foram pesquisados) - se investe de novas configurações, uma vez que se mantém uma relação de busca, de apoio, de uma forma peculiar, e não poderia ser diferente, ou seja, sem a concretização de expectativas que geralmente encontramos em estruturas familiares convencionais. Nesse caso, vale ressaltar que embora o foco desta pesquisa não estivesse no tipo ou na qualidade de vínculo e/ou apego desenvolvido pelo abrigado, interessa-nos interpretar que nova estrutura de relação se formou com a instituição e o entendimento do projeto de vida desenvolvidos pelos abrigados, agora egressos. Interessa-nos esta quebra à luz de um referencial que muito fundamenta os estudos direcionados ao apego. Buscou-se considerar esta ruptura a partir de uma análise de resultados obtidos entre rapazes que conviveram no Lar e que hoje estão desvinculados e emancipados da instituição.

Buscou-se aplicar o que mais poderia se aproximar dos pontos-chave para a compreensão disso que nos interessa: as trajetórias de egressos que conheceram situação de abrigamento. Era necessário realizar a pesquisa por etapas, coletando material que pudesse ser checado, corroborado. Então, os dados foram coletados em diferentes etapas, a partir de duas técnicas principais: o grupo focal de investigação e as entrevistas individuais realizadas por uma moderadora/entrevistadora. A coleta sistemática de dados teve início em 2008 e, de forma assistemática, esses dados vêm sendo selecionados desde 1996, quando da mudança do Lar, em processo de centralização de todas as frentes de ação social do Complexo Cidade da Luz, para um único local. Assim, a nova dimensão do Lar e o seu próprio histórico colocavam para mim uma realidade prática que exigia uma compreensão de fundo, ou teórica. Os “prontuários”, as fichas individuais, o acompanhamento das trajetórias desses indivíduos dentro do Lar e, posteriormente, fora do Lar, com a desvinculação, formam, na verdade, um imenso repertório de dados que estão presentes na confecção das análises durante o trabalho de campo.

Havia da minha parte, como coordenador-geral da instituição, uma perturbação silenciosa que vagava as minhas reflexões acerca desses indivíduos na sociedade, uma espécie de culpa não confessada: o Lar se tornou um órgão burocrático e frio, mero fornecedor de homens bem alimentados para a sociedade?

Cumpriu-se, como tínhamos no início, um ideal de família? A ausência de vínculo pós-emancipação era uma possível certeza a ser considerada.

Foram buscados, para esta pesquisa, ex-abrigados já desvinculados da instituição e inseridos na sociedade, dentre os quais, muitos já com famílias formadas, com ou sem filhos. Assim, este trabalho se lançou a investigar, inicialmente, o que poderiam ser as causas de uma possível ruptura de vínculos de rapazes que foram cuidados em um contexto que pudesse reproduzir um ideal de família-instituição, mas que perderam, na leitura da Instituição, a ligação com a casa que os tentou conduzir nesse caminho. Então, tomou-se como foco deste trabalho os discursos de egressos. Todos os entrevistados foram homens, abrigados antes de 1990, quando do advento do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que foram órfãos efetivos, não conviveram com suas famílias, não tendo, inclusive, em geral, sobrenomes familiares. Embora os entrevistados tenham uma relação próxima com a Instituição, tomou-se o cuidado de no caminho da coleta de dados criar um “afastamento”, evitando, em alguma medida, uma “contaminação” nas respostas e/ou nas perguntas elaboradas. A eles fora dito que participariam de uma pesquisa para a Universidade, onde seus nomes seriam omitidos, criando outros fictícios e que a participação seria absolutamente espontânea. Durante a pesquisa, outras fontes de dados foram sendo incorporadas – com menor peso e interesse que aquele dedicado aos discursos e narrativas de vida, feitos pelos interlocutores da pesquisa – com o objetivo de melhor aproximarmos da história de vida dos egressos. Desse modo, observamos, lemos e analisamos prontuários e anotações institucionais sobre os egressos quando estes ainda estavam na condição de abrigados; entrevistamos e colhemos depoimentos dos responsáveis diretos pela educação e acompanhamento das crianças.

## PROBLEMATIZANDO O TEMA

Diversas pesquisas, em diferentes áreas, têm se dedicado à compreensão das questões envolvidas em processos de institucionalização e/ou desinstitucionalização. Muitas, dentre estas, estão interessadas nas interpretações que as famílias dos abrigados fazem desse processo ou sobre como, na prática, o Estatuto da Criança e

do Adolescente tem repercutido no trabalho das instituições de abrigo. A institucionalização sob a ótica das famílias e dos próprios abrigados tem também sido foco de análises em pesquisas, sobretudo, do campo da psicologia e do serviço social. A institucionalização de uma criança pode ser resultado de um conjunto de variáveis: pobreza extrema, adoecimento psíquico do membro responsável pela família, alcoolismo, drogas, maus-tratos, abuso físico ou psicológico, e, para alguns menores, o seu próprio envolvimento em situações no bairro ou comunidade que o coloque numa condição de vulnerabilidade ou risco de morte.

O foco desta pesquisa contemplou, como vimos, para um outro perfil de abrigados: os interlocutores construíram suas histórias de vida dentro de uma Instituição, uma vez que não possuíam vínculos conhecidos com familiares. Tiveram assim suas identidades construídas mediante regras e normas institucionais, marcadas, obviamente, por hierarquias, autoridades num ambiente coletivo. Autores dedicados ao estudo de instituições ditas “totais” (GOFFMAN, 1987), argumentam que os sujeitos institucionalizados conheceriam uma experiência de "mortificação do eu", uma vez que a submissão às regras institucionais e coletivas funcionaria como uma "mutilação" de suas identidades. A ausência de objetos pessoais e o cuidado não individualizado seriam duas das características principais nesse processo de diminuição progressiva do “eu”. No caso dos nossos entrevistados, observamos que o abrigo estudado tem tentado fornecer – dentro dos limites e dificuldades de lidar com um conjunto grande de institucionalizados – uma atenção mais individualizada aos sujeitos. Bowlby (1981) argumenta que um ambiente com tais características e a ausência da relação mãe-filho dificultaria um desenvolvimento saudável na infância e juventude. O autor (Bowlby, 1990), em sua trilogia sobre o apego, deixa claro que buscar uma ou mais figuras centrais como reconhecimento de formação da força do apego é por demais simplistas, abrindo o entendimento de maneira mais alargada para se conceber este processo em associação a um número diverso de comportamentos diferentes. Bowlby (1981) relaciona o vínculo a uma assimilação dos cuidados maternos ou dos cuidadores próximos em suas presenças ou não no dia-a-dia da vida do bebê.

Se considerarmos que esse panorama informado por diferentes pesquisas e campos disciplinares é legítimo, perguntamo-nos, a partir da observação de jovens egressos de um abrigo: como esses jovens constroem suas experiências de vida, falam sobre si, pensam seu “estar” no mundo e, enfim, elaboram projetos de vida

numa trajetória marcada pelo abandono da mãe e a “transferência” do vínculo? A esta interrogação, muitas outras se somaram no percurso da pesquisa.

O presente trabalho procurou também compreender as possíveis consequências de uma quebra de paradigma estrutural-emocional, redirecionado ou não para um abrigo, em um levantamento de uma realidade que foge ao convencional do que se poderia conceber de criação e vínculo de apego de crianças abandonadas. Tais interpretações nasceram da contextualização de vida que os próprios egressos do abrigo Lar Luz do Amanhã, do Complexo Cidade da Luz, em Salvador, relataram através de suas narrativas de vida.

Se os resultados alcançados numa pesquisa de mestrado são, como disse minha orientadora “... uma resposta possível a um problema que se definiu”, tal definição se firmou no momento em que o objeto pesquisado ganhou “fala espontânea”. Quer dizer, durante a coleta de dados foram surgindo questões importantes que não foram definidas *a priori*. Desse modo, foi durante a pesquisa de campo que a necessidade de se conhecer os projetos de vida dos abrigados se fez presente, a fim de melhor como esses sujeitos “idealizam” suas vidas e qual o impacto de uma experiência de abrigamento para a constituição desses sujeitos. A noção de “projeto de vida” nos ajuda a entender, por um lado, a visão que esses sujeitos nutrem da vida em sociedade e, por outro, de que maneira as relações se constroem tomando como forma em consonância com o que há de “regular” na sociedade.

Além da introdução e da conclusão, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro, “Aspectos cognitivos e Abrigamento, uma breve abordagem”, traz em Bowlby (1990) a síntese do entendimento do apego como sendo uma necessidade básica e vital, posto que nascemos predispostos e equipados para nos apegar a um indivíduo em especial que se disponha a se relacionar conosco de uma forma também especial e naturalmente as consequências dessa ausência na repercussão na vida adulta. No segundo capítulo, “Abrigamento no Brasil”, faço uma revisão do processo de surgimento e recolhimento de crianças abandonadas no Brasil, enfatizando, inclusive, o caráter filantrópico-religioso do processo. “O Abrigo Lar Luz do Amanhã” é o terceiro capítulo e nele apresento a história da instituição, seu processo de formação. No quarto, “Da coleta de dados”, descrevo os procedimentos de coleta de dados e seus primeiros resultados.

A partir das trajetórias de egressos do Lar Luz do Amanhã buscamos nos aproximar das experiências de abrigamento e das expectativas com relação a

emancipação do abrigo, o “tornar-se adulto” para quem construiu histórias pessoais sem referência de “instituição familiar”. Tomando como ponto de partida o universo vivido na instituição e o seu confronto com a sociedade, na expectativa e vivência do desligamento, a pesquisa buscou também elementos analíticos na própria experiência dos sujeitos no dia-a-dia do Lar: a vida no abrigo, na vivência de sua rotina e relação com os outros abrigados e com os cuidadores; a função/apreciação do papel do abrigo no preparo para o “mundo lá fora”.

## **CAPÍTULO 1**

### **ASPECTOS COGNITIVOS E ABRIGAMENTO: UMA BREVE REVISÃO DE ABORDAGENS**

Ainda que modestamente, os processos de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes abrigados têm se aprimorado, uma vez que as instituições estão sendo mais cobradas por órgãos públicos fiscalizadores. Da mesma forma, a sociedade começa a ficar mais atenta a esses sujeitos sociais, o que pode ser percebido a partir do crescente interesse da sociedade civil em denunciar violações da proteção da criança e do adolescente preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA. A regulamentação dos abrigos constitui-se num importante mecanismo de controle aos desmandos, uma vez que antes de 1990, ano da emergência do ECA, havia uma espécie de descontrole, cada instituições criando seus próprios parâmetros de ação, inclusive na condução, formação dos valores cognitivos desses abrigados. No entanto, vale ressaltar que tal regulamentação por si não gera maior amparo, proteção, cuidados aos seus internos.

Estudos, no entanto, (BOWLBY, 1973/1998, 1976/1981 EM GRUSEC & LYTTON, 1988) detectaram grandes prejuízos desses jovens. As indicações são inúmeras, mas haverão de se destacar *déficit* intelectual, especialmente no desenvolvimento da linguagem, mais agressividade, dificuldades de formar laços afetivos duráveis com os outros companheiros de abrigo, dentre outros. É bom, no entanto, que se considere aqui o local desses estudos, bem como a dinâmica da sociedade brasileira e dos seus aspectos agregadores. Isso porque poderia gerar uma posição de contraponto ao projeto em tela, já que estudos foram realizados neste campo, identificando a dificuldade de se estabelecer um trabalho científico concentrado na orfandade brasileira, em seus aspectos contemporâneos, como bem entendem os levantamentos feitos pela Unidade de Articulação com a Sociedade Civil e Direitos Humanos (SCDH – 2007), do Ministério da Saúde.

O estudo da formação do apego se torna interessante nesta pesquisa, pois ao longo da problematização dos dados notamos que falar sobre “projeto de vida” e “expectativas de futuro” entre uma população de egressos nos convida a pensar o papel da instituição nesse processo de construção da Pessoa.

Seja qual for o contexto em que se insira o estudo sobre criança e adolescente, haverá de se reportar ao progresso que vem sendo feito em torno da psicologia e da psiquiatria no processo pelo qual se chega à idade adulta, pois sabido é que neste momento a personalidade vai se fortalecendo, firmando-se, naquilo que será a personalidade do indivíduo maduro. Notam-se como interessantes as teorias do Bowlby (1981), no contexto de crianças abrigadas, pois foi ele que primeiramente levantou as experiências infantis negativas em relação ao seu ambiente e as desordens psicológicas que isto poderia acarretar. De imediato, no entanto, penso ser relevante situar os seus estudos e pesquisas do psicanalista e psiquiatra inglês, John Bowlby (1990), sobre os efeitos da privação da figura materna para a saúde mental em crianças, começaram a partir de sua experiência como assessor da Organização Mundial de Saúde na área de saúde mental. No entanto, *in casu*, o trabalho do insigne psicólogo não lastreou um aspecto desta pesquisa: crianças abandonadas por seus pais e que não conheceram a experiência de vínculos familiares. Bowlby (1990) se notabilizou vivamente na busca do entendimento do vínculo emocional entre as crianças e suas mães. Um dos seus grandes trabalhos que aqui merece citação foi o realizado na Comissão Social das Nações Unidas, onde fez um amplo estudo sobre a problemática das crianças sem lar, ocorrida no pós-guerra. Aplica-se inteiramente ao momento atual? Todavia, há outras vertentes que servem, sim, de amparo, na busca da compreensão do quanto aqui analisado, na formação do mundo interior emocional desses egressos.

Bowlby (1990) passa a registrar, por exemplo, que as crianças guardam também seus sentimentos de perda, de luto e depressão na primeira infância, mantendo-se fiel ao entendimento de que o ambiente familiar favorecia ou não a um melhor ajustamento da criança, ao longo de seu desenvolvimento, realçando, outrossim, que a qualidade emocional da vida infantil estará muito ligada ao ambiente que o a cercam. Aqui, nesse aspecto, que o conteúdo de Bowlby toca neste trabalho, a vivência dessas crianças com o seu mundo circundante.

Em seu trabalho no *London Child Guidance Clinic*, Bowlby (1998) se deparou com crianças e adolescentes que apresentavam acentuados comportamentos direcionados ao furto, roubo em resposta a sua falta de afetividade no seu processo de vida, ao lado de pais negligentes, agressivos, insensíveis e manipulativos. Da mesma forma, constatou que a perda de contato com a mãe poderia gerar substanciais alterações na formação da personalidade infantil. Chama a atenção a

sua preocupação quanto aos riscos de privação de crianças ao convívio materno, fazendo, inclusive, um alerta em carta que publicou em 1939, juntamente com Winnicott e Emanuel Miller, no *British Medical Journal*, onde pontuava que criança entre 2 e 5 anos afastada das mães “poderia conduzir a um distúrbio psicológico sério e de amplo alcance, onde levaria a um grande aumento da delinquência juvenil” (Winnicott, 1988).

Bowlby (1990) realizou revolucionárias pesquisas em torno do processo de melhor observar as crianças e seus comportamentos a partir de institucionalização, de privação e abandono, bem ainda os grandes danos psicológicos sofridos em decorrências de abusos maternos, geradores de graves consequências no desenvolvimento delas. Os estudos de Bowlby (1990) firmam um grande processo de entendimento da imperiosa necessidade de sempre se manter a relação mãe-criança e que esta separação poderá causar grandes prejuízos ao desenvolvimento dos pequenos, gerando, possivelmente, futuros grandes problemas para a sociedade. É curioso que os princípios esposados por Bowlby (1990) vêm ao encontro do Estatuto da Criança e do Adolescente, quando “(...) insistia que as famílias, especialmente as famílias pobres, precisavam de maior assistência se quisessem mantê-las intactas” (KAREN, 1998, p.62,63). O ECA orienta sempre na direção da reinserção criança ou adolescente na família, considerando que este sempre deverá ser o lugar ideal para crescimento e desenvolvimento da criança, mesmo que seja necessário o amparo a essas famílias, a fim de que guardem o mínimo de condições para a condução em todos os sentidos dos seus menores.

Esse lastro de observação e pesquisa, no final da década de 50, faz Bowlby (1990) apresentar a sua teoria sobre os vínculos afetivos, que veria a ser conhecida como teoria do apego. O ponto crucial de sua teoria estaria ancorado no valor do ambiente e das experiências primárias na infância, tendo a mãe como o objeto central desta ligação, havendo, no entanto, este afastamento o prejuízo seria imenso para o desenvolvimento do bebê. A formação do apego na infância, como estabelecido por Bowlby (1984), consiste, por fim, em uma resposta consequente pela necessidade de sobrevivência da espécie e se dá a partir da relação, contato entre a mãe e o bebê, em torno do sentido de aproximação e troca afetiva.

O comportamento de apego apresenta três características que são distintas e universais: a) busca constante de proximidade com seu objeto de ligação, podendo tolerar afastamentos, desde que temporários; b) estabelecimento de maior ou menor



segurança, segundo o padrão de confiabilidade e previsibilidade do objeto; c) reação de protesto pela separação ou perda e a conseqüente busca de recuperação da figura de apego (WEISS, 1993).

É importante registrar que só se pode definir apego, quando existe a evidência de uma resposta positiva ao processo de aproximação entre o bebê e seu cuidador, de acordo com o desenvolvimento da própria criança. Esse é um período de grande importância para a criança, pois significará o seu caminho de proteção e sobrevivência. O comportamento de apego com a mãe - cuidadora principal - guarda uma intensidade maior, mas também há respostas a figuras secundárias neste processo, adultos familiares, amigos, crianças mais velhas. É importante registrar que quanto mais existam figuras de apego secundário, maior será o apego da criança com a mãe, figura principal (SCHAFFER E EMERSON, 1964, *APUD* KAREN, 1998). Isso surge por uma necessidade da criança identificar mais nitidamente a sua protetora, na busca do seu apego. É claro que o pai é também fundamental como figura secundária ou, poderíamos chamar de figura alternativa, pois, na ausência da mãe, ele tem o mesmo valor e o mesmo papel com a criança, com forte peso na sua formação emocional.

Neste vínculo pai-criança se observa uma ligação mais autônoma, podendo não necessariamente ter a mesma intensidade do vínculo com a mãe (KAREN, 1998). É importante, fazer saber que, segundo Bowlby (1990), a rejeição da mãe ao filho cria um padrão de apego inquieto, que anuncia uma grande ansiedade, gerando grande insegurança e possibilidade de lidar com dificuldades, com seus sentimentos, principalmente aqueles considerados negativos. Torna-se um importante dado nos processos de estudo de abrigamento de crianças por rejeição. Esse aspecto se torna necessário observar, pois do ponto de vista desses sujeitos, já se sentem rejeitados pela mãe de origem, independentemente da causa pela qual não os "adotou" como filhos. Em um outro momento, a "rejeição" emerge do medo de não serem aceitos socialmente, gerando, também, uma instabilidade nos seus processos de realização de novos vínculos. Essa situação desenvolverá na criança um modelo interno de relacionamento em permanente ameaça pela agressividade, uma vez que todas as suas buscas pela figura do apego são ameaçadas pela inconstância, pela rejeição, pela falta de proteção. Nesse sentido, é muito comum, no Abrigo, que as crianças desenvolvam relações afetuosas com as cuidadoras, tornadas, muitas vezes, referências para a vida intra e, posteriormente, extra muros.

Robertson (1953, *APUD* KAREN, 1998) desenvolveu pesquisa sobre crianças de 1 a 3 anos que tinham sido separadas de seus pais por problemas de saúde, onde se pode verificar que houve três fases de resposta a este “abandono”: protesto, depressão e desligamento. No primeiro momento – protesto – a criança fica confusa, perturbada, muito insegura, buscando recuperar ansiosamente o seu apego primário, tendo dificuldade de trazer a mãe de volta, após choros, revoltas, ela entra na segunda fase, tornando aos poucos passiva, perdendo o interesse por tudo que a cerca, inclusive com a sua própria alimentação, até chegar ao ponto de perder a esperança em recuperar a mãe.

Essa privação materna, seja este afastamento de ordem física ou emocional, quanto intelectual e social, poderá, inclusive, protagonizar o aparecimento de enfermidades físicas e mentais de grande monta, além das que levaram a criança ao internamento (OPPENHEIM, KOREN & SAGI, 2001). Em internações mais demoradas Robertson (1953) verificou que a criança começa a interagir com o ambiente, passa a se alimentar melhor, mas não parece mais a mesma criança, não se mostrando mais preocupada com o afastamento da mãe, quando a vem visitá-la. No entanto, Bowlby (1990) aponta, segundo suas pesquisas, que não será qualquer separação que irá causar prejuízos emocionais à criança, porque, em verdade, a criança não chega a desenvolver um vínculo real.

Ainsworth (1962) e Karen (1998) definem privação materna como tendo três diferentes dimensões: insuficiência ou ausência de cuidados maternos; cuidados distorcidos, como ocorre na negligência ou hostilidade materna; e descontinuidade nos cuidados maternos, como ocorre nas separações. Essa leitura permitiu desfazer uma confusão constante sobre o conceito de privação, favorecendo o estudo do tema.

Bowlby (1990) esclarece que não só a separação física, mas também as ameaças de abandono pela mãe, de mandar a criança embora possa gerar uma grande raiva que desembocará em uma condição disfuncional séria (KAREN, 1998). O apego emocional e o comportamento de ligação estabelecidos nos primeiros anos fornecem um modelo internalizado das relações em que a figura de ligação assume um caráter único e insubstituível, sua permanência proporciona segurança e conforto para o indivíduo, a separação provoca uma grande perda geradora de enorme sofrimento (AINSWORTH, 1967).

É inquestionável que o modo como cada pessoa aprende a se vincular emocionalmente nos seus primeiros anos de vida, será um fator decisivo para o seu futuro, no amadurecimento das suas relações afetivas. Essa construção lhe dará o seu sentido de valor pessoal e os fundamentos para as buscas de suas necessidades humanas. Ao crescer, adquire certa autonomia a partir dos diferentes graus de segurança desenvolvidos nas relações com as figuras de apego e no mundo à sua volta.

Todavia, se uma criança cresce em uma situação de afastamento da família, poder-se-á pressupor que a sua base de segurança tenderá a desaparecer, correndo o grande risco de prejudicar suas relações com os outros. É possível antever que nessa situação as suas funções de desenvolvimento ficarão comprometidas.

Assim, ao falarmos de crianças institucionalizadas, observaremos que mesmo tendo os melhores cuidados às suas necessidades básicas de sobrevivência, elas guardarão, ainda assim, grandes dificuldades para estabelecer ligações com fortes significados (RIZZINI, 1995), principalmente pela alta rotatividade dos cuidadores. Além do mais, uma criança de abrigo, por melhor que este seja, será sempre terá a expectativa de ter, viver uma família, com intimidade, cumplicidade, conforme vivem os seus amigos de escola e ou bairro.

É fato, e são muitos os defensores, como Schechtman (1993), Russo e Silva Filho (1993), bem como Schreiner (1997), desta premissa, que a legislação brasileira tem estimulado a necessidade de se ter sempre como o mais importante para a criança abrigada o menor tempo possível no abrigamento, colocando a família como o espaço ideal para um desenvolvimento integral do futuro adulto. Mas como seguir essa meta quando se trata de criança abandonada, sem qualquer informação familiar? Isso porque muitas das crianças não guardam em sua trajetória pessoal nenhum referencial de procedência. Ainda há as que são abandonadas em praças públicas, em bancos de igrejas, malmente vestidas. Daí a necessidade de melhor apropriar o ambiente do abrigo a essa ausência da situação ideal. Não haverá de se colocar de lado, que é um grande choque para a criança o ambiente do abrigo, uma vez que ela ali além de interagir com os outros, em limites muito específicos de espaço, ela também vai se defrontar com o simbolismo de suas interações (VASCONCELOS, Q. A., YUNES, M.A.M & GARCIA, N. M. (2009) *APUD* YUNES, MIRANDA, & CUELLO, 2004). Razão pela qual este espaço-processo precisa ser o menos traumático

possível, o menos distante que se puder. Há quem defenda que esses processos proximais primários são essenciais para o desenvolvimento psicológico.

Hoje em dia, no entanto, após o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) se buscou um trabalho mais empenhado de reinserção familiar do abrigados, guardando uma certa resistência por parte de algumas instituições, por terem uma estereotipação de vivências de papéis na própria estrutura dos cuidadores, achando-se como mães, pais, tios dos abrigos, talvez pela necessidade de tentar “compensar” os “coitados” de seus abandonos. É um equívoco tentar vivenciar a parentalidade de uma forma arrumada, emprestada, através de padrões pré-estabelecidos. Talvez aqui esteja um grande entrave do processo de desenvolvimento, crescimento e emancipação do jovem abrigado: a falta de identidade de papéis reais, não engendrados, entre eles e os seus cuidadores.

Mesmo com todo o processo discursivo em torno da temática “melhor forma de conduzir um abrigo”, percebe-se uma insistente manutenção dos abrigos, de modo geral, da concepção de modelos “perfeitos” de família (SZYMANSKI, 1995, *APUD* YUNES, MIRANDA, & CUELLO, 2004), gerando, possivelmente, um equívoco de condução dos adolescentes abrigados, em repercussão no pós-emancipação, uma vez que ele, o abrigo, não é, nunca foi, sujeito de um modelo nuclear de família. Dessa forma, logicamente, se verifica que o apego, o vínculo guarda em si uma estrutura muito própria, resultada da condução emocio-psicológica dos cuidadores do abrigo.

Grusec e Lytton (1988), ao problematizarem esses resultados, consideraram que outros efeitos poderiam advir também e não apenas na presença em abrigo, alertando para a necessidade de se verificar, por exemplo, a ausência de estimulação, oportunidades de brincadeiras, direcionamento excessivamente tradicionalista.

Não haveremos de perder de mira, que sempre os fatores que modificam os efeitos comportamentais nas crianças cuidadas em instituição de abrigo são de origem multifatorial, sendo estes efeitos não uniformes ou fixos, lógico. Daí o porquê da necessidade de estar sempre se pesquisando e atualizando a visão cientificista dessas vivências.

Poderemos, é claro, ter a certeza, como bem vaticina Bowlby (1973/1998), que haverá sempre uma perda na separação da criança de sua mãe, e se destacam duas condições de maior importância no que tange à diminuição das reações negativas frente a este distanciamento: a primeira está relacionada à presença de

uma pessoa conhecida e/ou de objetos familiares no novo ambiente de desenvolvimento da criança; a segunda se relaciona à presença de cuidados maternos de uma mãe substituta. Desta forma, os efeitos danosos da separação seriam mínimos, quando estas duas condições se associassem. Surge, destarte, mais uma inquietação específica: para as crianças abrigadas é quase impossível tais preocupações, pois em geral os abrigos não têm conhecimento da origem ou histórico de crianças que receberam.

### 1.1 – CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE NA CRIANÇA EM ABANDONO

A afetividade é definida como a base da vida psíquica, através da relação de carinho e cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. É graças a afetividade que nos ligamos aos outros, ao mundo e a nós próprios. É, na verdade, a afetividade que dá aos nossos atos e pensamentos o encanto, a razão de ser, o impulso vital.

Não se pode abordar questões associadas a crianças sem perder de vista a construção da sua afetividade, pois aí estará o marco inicial de seu processo futuro de interrelacionamento pessoal e afetivo. Sabe-se de forma inequívoca que o processo afetivo está diretamente ligado ao desenvolvimento do ser em o seu todo de cognição e individuação. Vê-se, assim, que estes elementos constitutivos da formação do eu, têm, e muito, sido deixados de lado nas pesquisas efetivadas com crianças e adolescentes em situação de abrigo, não recebendo muito cuidado por parte da comunidade científica.

Ao ser encaminhada ao abrigo, a criança é afastada do convívio com os seus pais e familiares, de uma forma geral, ocorrendo, destarte, uma grande ruptura com estes vínculos afetivos. Essa situação fornece um grande leque para uma investigação situacional do desenvolvimento deste afeto no abrigo e com os seus pares, desencadeando, conseqüentemente, o interesse por esta pesquisa.

A experiência do Lar Luz do Amanhã tem sempre direcionado para o confronto com as considerações dos seus internos, tendo como foco a sua origem, o seu destino. Na verdade são perguntas que começam a surgir quando a interação (criança-instituição) ganha o viés da confiança, na busca da sua origem e identidade.

## **CAPÍTULO 2**

### **PROCESSO DE ABRIGAMENTO NO BRASIL**

Há muito desconhecimento em torno do tema abrigamento, embora ele seja atual e de grande relevância para a sociedade contemporânea. Doutra parte, podemos constatar que o processo de acolhimento também é fator de desconhecimento no tangente a princípios que os abrigos, ainda por muitos hoje chamados de orfanatos, têm que seguir, em acompanhamento do diploma legal (ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente), cujas bases são estruturadas em compromissos muito específicos, em torno da condução administrativa de um abrigo. Assim, esse capítulo busca apresentar um panorama das estruturas legais que servem de fulcro ao funcionamento de uma casa de acolhimento de crianças e adolescentes.

#### **2.1 – CRIANÇA, RUA E ABANDONO**

Hoje já se diferencia bastante criança na rua, de criança de rua e das abandonadas. Aquelas são as que estão na rua em busca da esmola, para satisfação de vícios e ou sustento de família, essas são as que lá vivem por razões multifatoriais, como violência doméstica, vícios e as que são efetivamente órfãs.

O Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes (SILVA, 2004) encontrou cerca de 20 mil crianças e adolescentes vivendo em 589 abrigos pesquisados no Brasil, sendo na sua maioria meninos entre as idades de 7 e 15 anos, negros e pobres. Os dados ainda noticiam que 87% das crianças e adolescentes abrigados têm famílias, sendo que 58% mantêm vínculo com seus familiares. Verifica-se, em contrapartida que o tempo de abrigamento é muito grande, em média 10 anos, mesmo com o interesse dos Poderes Públicos em fazer a reinserção familiar. Os efeitos de um período de institucionalização prolongado têm sido apontados pelos estudiosos com problema a ser cultivado no campo da sociabilidade e na manutenção de vínculos afetivos na vida adulta. Para Carvalho (2002), o ambiente institucional não se constitui no melhor para o desenvolvimento, pois o atendimento padronizado, o alto

índice de criança por cuidador, a falta de atividades planejadas e as possíveis deficiências das redes de apoio social e afetivo são alguns dos aspectos relacionados aos prejuízos que a vivência institucional pode operar no indivíduo. Entretanto, outros estudos apontam as oportunidades oferecidas pelo atendimento em uma instituição, salientando que, em casos de situações adversas na família, a instituição pode ser a melhor saída (DELL'AGLIO, 2000).

É certo que a discussão sobre o processo de abrigamento e seus possíveis prejuízos estará sempre em aberto, pois há muitos indicadores, estudos, pesquisas que apontam para diversos caminhos. É bom, no entanto, que se registre, mesmo a par do não ideal, em muitos casos a institucionalização se configura em redução de risco para a criança que se mantém em seu ambiente de origem, pois hoje não apenas órfãos se encontram abrigadas, mas também crianças e adolescente em risco social de toda natureza.

## 2.2 – MAS, O QUE É UM ABRIGO?

Analisando textos e livros de estudiosos da pesquisa científica comportamental, podemos observar que há uma clara e equivocada associação de abrigo com internato, fugindo inclusive ao entendimento mezinho de que os abrigos são casas de passagem, de acolhimento, nada tendo a ver com local de reeducação ou mesmo de “punição” a possíveis infratores.

Assim, nas acepções mais comuns e atuais, o termo abrigo é definido como um recanto, albergue, refúgio, moradia, ninho ou acolhida. Nessas definições, faz-se presente a noção de recolhimento, segundo o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -, em regime de passagem, para crianças e adolescentes em situação de risco doméstico ou já sob efeito de algum tipo de violência, inclusive o abandono.

É verdade, no entanto, que foram identificadas várias concepções de abrigo, que, à primeira vista, se diferenciam entre si, de acordo com a perspectiva teórica adotada pelos autores em pesquisas atuais ou experimentos clássicos. No entanto, considera-se que o importante para esse debate, para este trabalho, não são as formas conceptuais de abrigo, mas, principalmente, a compreensão das interfaces

possíveis do abrigo como instrumento de proteção social à infância, no auxílio ao seu desenvolvimento e na geração do seu apego.

Trabalhos publicados por IPEA (2004), Rizzini & Rizzini (2004), SAS (2004) e UNICEF (2005) têm entendido o abrigamento de crianças e adolescentes como um caminho necessário à sobrevivência (moradia, alimentação, atenção à saúde e educação), ou mesmo apoio à incapacitação dos familiares de cumprir com as suas obrigações de assistência geral à criança.

O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente tem direcionado os abrigos para uma conscientização de que a situação de abrigamento deve ficar restrita à excepcionalidade, quando, por razões diversas, as condições postas para a convivência familiar forem inadequadas ou mesmo inexistentes. Assim, só haverá de estar em abrigamento crianças e adolescentes em situações reconhecidas como de abandono material e moral, e devendo sempre buscar o processo de reinserção no contexto familiar.

Do exposto, depreende, de imediato, que desde o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, que o termo orfanato foi substituído por abrigo.

O abrigo, então, no ECA, é considerado um lugar que traz em si, de imediato, uma ação de medida de proteção, provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para posterior colocação das crianças e adolescentes em famílias substitutas, não implicando privação de liberdade (art. 101, § único). Ainda, no artigo 92, o ECA determina quais são os princípios e critérios que devem orientar este programa:

1. preservação dos vínculos familiares;
2. integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem;
3. atendimento personalizado e em pequenos grupos;
4. desenvolvimento de atividades em regime de coeducação;
5. não-desmembramento de grupos de irmãos;
6. evitar sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;
7. participação da vida na comunidade local;
8. preparação gradativa para o desligamento;
9. participação de pessoas da comunidade no processo educativo.



O abrigo, todavia, frise-se, deve ser sempre uma alternativa de moradia provisória, dentro de um clima residencial, com atendimento personalizado, em pequenas unidades, para pequenos grupos de crianças. Esse é um programa que se caracteriza por propiciar às crianças e adolescentes a oportunidade de participarem na vida da comunidade, desenvolvendo seus processos de socialização, sem qualquer tipo de privação, salvo, naturalmente, àquelas existentes no regramento de cada instituição.

O processo de *inteiração* do abrigado com o meio externo deve ser através da utilização de recursos como escolas, áreas de lazer, centros médicos, quadras esportivas, etc.

Certamente, a provisoriedade e a transitoriedade devem ser circunstâncias permanentes a serem vividas no abrigo, mas haverá sempre de se levar em conta a história singular de cada criança e ao projeto de vida que se puder construir com ela. Assim, como existem crianças que terão uma permanência breve, que pode durar horas ou dias, existem crianças e/ou adolescentes que terão uma permanência continuada, que poderá durar meses ou anos.

Outro aspecto a ser evidenciado é o que tange às crianças que possuem famílias, que, portanto, não são órfãs, mas que precisaram ser retiradas dos seus familiares por problemas de natureza diversa, como maus tratos, abusos de toda ordem. É fato, no entanto, que o retorno da criança à família de origem ou a colocação da criança em uma família substituta seja uma prioridade. O abrigo deverá ter as condições para ficar o tempo que for necessário com as crianças que ainda não foram integradas a uma família.

Destarte, o abrigo é, em verdade, não apenas um lugar, mas um programa que faz parte de toda uma rede de atendimento, que visando a atingir o máximo de eficácia utilize os diversos serviços nela contidos. Os abrigos não guardam independência absoluta, salvo o de administração, mas deve sempre ser buscado um trabalho articulado com órgãos públicos, como os conselhos tutelares, a justiça da infância e da juventude e os programas das diversas secretarias incumbidas das políticas sociais do município. É importante entender que o abrigo é idealmente uma medida provisória de proteção que pressupõe um contínuo empenho no restabelecimento, para a criança, da possibilidade da vida familiar e da construção de seu projeto de vida.

Essa política de atendimento global da criança deverá sempre está associada a ações públicas empreendidas também pela União, estados, Distrito Federal e dos municípios.

Vê-se, ainda, no artigo 90, do ECA a definição de entidades governamentais e não-governamentais de atendimento que são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas sócio-educativos e de proteção destinados a crianças e adolescentes.

A bem da verdade, hoje são as entidades não-governamentais as grandes e únicas protagonistas da implementação das políticas de proteção especial à infância e à adolescência. Na Bahia é uma unanimidade que o trabalho só está sendo realizado pelas ONGs, pois a responsabilidade pública nem sempre é vista como garantia de apoio técnico e financeiro necessários às ações realizadas pela sociedade civil.

### **2.2.1 Abrigo X Internato**

Há ainda uma tendência muito forte em, quando fazemos referência ao abrigo, este ser confundido com o internato. É preciso, conseqüentemente, esclarecer que existem diferenças substanciais entre esses dois programas, por se tratarem de ações distintas direcionadas a crianças/adolescentes em circunstâncias diferentes. Enquanto a internação se constitui medida sócio-educativa privativa de liberdade, dirigida a adolescentes que praticaram atos infracionais, já o abrigo é uma medida para atender crianças e jovens desprotegidos e em estado de abandono social, não implicando em privação de liberdade, nem punição.

Os abrigados, assim, serão sempre crianças/adolescentes órfãos, abandonados, vítimas de maus tratos físicos, psíquicos, abuso sexual, falta de condições básicas dos pais para suprir a subsistência, deficiências físicas e mentais, com vivência de rua para os quais, em determinado momento, o retorno à família biológica se mostre difícil e inviável.

Uma criança ou jovem em estado de abandono não pode ser privado de liberdade por motivos sociais. Precisa de proteção, amparo, condução e apoio na medida em que não podem ser responsabilizados pela situação em que se

encontram. Têm direito a uma família, a um espaço próprio onde morar e de participar na vida da comunidade, e aos abrigos o dever de buscar esta reinserção.

Conclui-se, dessa forma, que a permanência em programas de abrigo nunca deverá ser em fator de isolamento ou exclusão. As diretrizes para a garantia do direito à convivência familiar e comunitária, direito fundamental estabelecido no ECA, tratam de vários aspectos a serem considerados para que se evite o estigma social e o afastamento de crianças e adolescentes da convivência com suas famílias e com as pessoas da comunidade. Por outro lado, o próprio estatuto determina como princípios do atendimento em abrigos evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades.

### **2.2.2 Abrigo X Albergue**

Da mesma forma, o abrigo não pode ser confundido com albergue. Certamente, o albergue também é um lugar que oferece proteção, sendo um espaço onde, quase sempre, se destina a crianças, jovens e adultos, no qual podem pernoitar, tomar banho e se alimentar. Tem um caráter mais do que transitório, é absolutamente momentâneo.

Por isso, que a diferença principal entre o abrigo e o albergue está no fato de que o abrigo tem uma definição legal, em que o dirigente é equiparado ao guardião, ou seja, aquele que legalmente tem o dever de cuidar, assistir e educar a criança e/ou adolescente (art. 92, § único, ECA). Portanto, o abrigo se caracteriza principalmente por ser uma guarda institucionalizada. Já os albergues são oferecidos a famílias itinerantes ou a meninos de rua, com vistas a inscrevê-los, posteriormente, em outros programas de proteção e ajuda.

## **2.3 – SOBRE O REGIME DE PERMANÊNCIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO ABRIGO**

O regime de permanência praticado pelas instituições que oferecem programas de abrigo é um aspecto importante a ser considerado na avaliação

desses serviços, pois sua flexibilidade pode ser um valioso instrumento para incitar a convivência familiar das crianças e dos adolescentes abrigados. Haverá de se buscar sempre um regime de permanência não rígido, a fim de facilitar a transição entre a fase da institucionalização e o retorno à família, que tem um tempo para se reorganizar sem perder o contato com a criança ou com o adolescente.

Essa flexibilidade do regime de permanência pode, inclusive, como meta a se encontrar, fazer parte de uma política mais ampla de prevenção ao abandono, uma vez que, na ausência ou insuficiência de políticas públicas que atendam a outros tipos de demanda das famílias - como creches, escolas e centros de atendimento diário –, as entidades que, desenvolvem programas de abrigo, podem oferecer outras opções de apoio a pais e responsáveis que tenham menor disponibilidade para dar atenção a seus filhos. Geralmente abrigos mais bem aplicados, em seu desiderato, terão uma grande rede de auxílio, apoio às famílias dos abrigados, como acontece com o Complexo Cidade da Luz, onde está inserido o Lar Luz do Amanhã, objeto deste estudo, que mais adiante será relatado.

A flexibilização dos abrigos, outrossim, deverá também criar uma rede de programas que englobe famílias acolhedoras e incentivo à inserção na família extensiva, assim consideradas as pessoas que não compõem a família nuclear de origem (pai, mãe e irmãos pequenos), mas que têm relação de parentesco (irmãos maiores, sobrinhos, primos, avós, tios, cunhados) ou que mantêm vínculo afetivo com a criança ou o adolescente (padrinhos, agregados da família etc.).

## 2.4 – A RODA DOS EXPOSTOS

Guaraci de Campos Vianna (1997, p. 17) explica de forma muito clara:

“A roda tinha forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior e em sua abertura, o expositor depositava a criancinha que enjeitava. A seguir ele girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta, para avisar à vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e o expositor furtivamente se retirava do local sem ser identificado.”

Essas crianças também eram frutos de “relações adulterinas”, abomináveis no Brasil de ontem, inclusive porque poderiam ser de mães solteiras, filhas de “grandes figuras” da sociedade de então (MARCÍLIO, 1997).

A primeira Roda dos Expostos implantada no Brasil foi na cidade de Salvador, Bahia, no ano de 1726. Em 1738 a segunda foi instalada no Rio de Janeiro, e assim se seguiram outras. Ao total foram criadas 13 Rodas dos Expostos no Brasil, atravessando todo o período imperial, chegando à República e só sendo extintas definitivamente em 1950 (MARCILIO, 1997).

Os principais autores brasileiros que avaliam os processos de abandono no Brasil Colônia e até final do século XIX afirmam que a roda estimulou o abandono, pois serviam de “depósito” para as consequências das transgressões sexuais de homens e mulheres, que “necessitavam” esconder filhos gerados de relações sociais não permitidas ou valorizadas.

Vê-se, então, de pronto, que a história do abandono no Brasil também está associada a questões de caráter sócio-cultural, onde nem sempre a criança era enjeitada por questões econômicas, impossibilidade de ser cuidada. Os poucos registros de abandono que chegaram aos dias atuais dão conta de uma prática citadina. Nas zonas rurais é de se supor que existisse, mas não há registros comprobatórios. As rodas passaram a ser também o caminho para as mães com dificuldades financeiras para sustentarem seus filhos, “livrando-se” dos encargos de manutenção da prole. Doutra parte, as mães escravas viam nas rodas a forma de protegerem sua prole da escravidão. As meninas eram mais abandonadas, por questões óbvias, visto que os meninos representavam futura força de trabalho, ao passo que a menina era uma espécie de “peso” até a chegada do casamento, pelo menos.

Há grandes lacunas de registros da população infantil abandonada no Brasil, atribuindo-se esse fato ao analfabetismo e as desorganizações administrativas das Santas Casas de Misericórdia, principais instituições de recepção de abandonados infantis, no Brasil império.

## 2.5 – FILANTROPIA EM AÇÃO

O atendimento a crianças em abrigos, antigos orfanatos, no Brasil, está muito associado à filantropia. Durante o período do Brasil Colônia a orfandade estava muito associada às crianças com problemas de saúde, bem como de pais com deficiência para cuidar. Chega-se mesmo a dizer que se tratava de uma espécie de higienização. A criança abandonada era tratada pelos termos “expostos” e “enjeitados”, pois eram recém-nascidos deixados em locais públicos para serem acolhidos, geralmente, em portas de igrejas, conventos, pois havia a expectativa de que a caridade cristã daria acolhimento e cuidados aos abandonados.

O cuidado dos “expostos” e “enjeitados” nasce, portanto, muito associado às questões caritativas, religiosas, o que, de modo geral, chegou até os dias atuais.

A Igreja Católica assume uma responsabilidade de grande destaque neste cenário de intervenção direta em benefício dos órfãos, principalmente a partir de 1850, quando os bispos do Rio de Janeiro e da Bahia, com apoios dos governos das províncias, trazem irmãs de caridade da França, principalmente as da ordem de São Vicente de Paula e as Irmãs de São José de Chambery (MARCÍLIO, 1997).

A dinâmica de ação dessas religiosas empreendeu um direcionamento mais voltado ao processo do ensino religioso, dos trabalhos manuais e alfabetização.

A presença da segurança dada a essas Casas de recolhimento, fez gerar mais tarde a “roda dos expostos”, principalmente as existentes nas Santas Casas de Misericórdia.

## 2.6 – AVANÇOS MODERNOS NA PROTEÇÃO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Os abrigos mais antigos estão sendo levados a um processo de adequação às novas formas de cuidar e direcionar os ontem órfãos e hoje abrigados e, naturalmente, os poderes públicos buscam avanços, muito pressionados pela sociedade civil organizada, com o objetivo de melhor salvaguardar o patrimônio emocional da criança abandonada, ou em situação de risco.

O gerenciamento e o cuidado com a infância abandonada vêm operando grandes mudanças a partir principalmente de 1927, quando é promulgado o Código de Menores, conhecido como Código Mello Mattos. Considerado o primeiro documento legal, efetivo de amparo aos menores de 18 anos, no Brasil.

Em seu Art 1º se vê, de imediato, a concretização da saída das mãos filantropas a responsabilidade dos abandonados para as autoridades públicas:

“O menor, de um ou outro sexo, abandonado ou delinqüente, que tiver menos de 18 anos de idade, será submetido pela autoridade competente às medidas de assistência e proteção contidas neste Código.”

É certo dizer, no entanto, que nos dias atuais ainda as instituições de estímulo religioso guardam grande carga de responsabilidade, contando, em geral, com pouco apoio de subvenções do Estado, no amparo e condução de crianças e adolescentes.

Com a indicação, no entanto, pela UNICEF, de 1978 como “Ano Internacional da Criança”, voltou-se o foco de interesse para as pesquisas e articulações em defesa dos direitos das crianças, culminando com a homologação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990.

Ovacionado como uma das legislações mais ousadas e modernas do mundo, o Estatuto da Criança e do Adolescente dispõe sobre as medidas e os direitos fundamentais de proteção às crianças e os adolescentes. Estabelece, ainda, caminhos e formas de políticas de atendimentos aos jovens em risco social e pessoal, bem como elenca as punições àqueles que geram infrações e crimes. A Doutrina de Proteção Integral vem fomentando políticas públicas capazes de garantir plenos direitos às crianças e aos adolescentes, ainda que de forma muito incipiente.

Outro grande aspecto e avanço do ECA foi a criação de conselhos municipais, estaduais e do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e dos conselhos tutelares. Pode-se dizer, sem medo de equívoco, que o ECA gerou uma discussão favorável em aceitar que as crianças e adolescentes já são cidadãos desde que nascem, tendo garantias e proteção, mesmo quando a família falha na condução de seus menores.

Assim, o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, os menores passaram a ser “objetos de tutela”, “sujeitos de direitos e deveres”. É verdade, no entanto, que como bem se posicionou Santana (2003), ao defender que os movimentos civis que empreenderam o surgimento do ECA deixaram a desejar,

pois o real conceito de criança e adolescente ainda não estava bem formado pela sociedade, gerando até o presente momento uma distorção entre crianças e adolescentes abandonados e os que se encontram em situação de rua.

O ECA traz um grande contributo para uma menor desinstitucionalização, no apoio e atendimento de crianças e adolescentes em situação de abandono, pois valoriza a família, fomentando a figura da reinserção como instrumento ativo a ser praticado pelos Abrigos. Os Abrigos passam a ter a obrigação de fazer avaliações periódicas com o fito de levar a informação à autoridade do Juizado da Infância e da Juventude, no que diz respeito aos que têm condições de serem trabalhados para a reinserção familiar. De um modo geral, infelizmente, tal prática está abandonada ou não segue critério científico algum.

O ECA veio garantir o processo de vinculação do jovem com a família (Capítulo II, Seção I, Artigo 92), estimulando a prática da reinserção familiar. Todavia, a prática não tem sido esta, por parte de muitos abrigos. Vê-se frequentemente que o abrigo deixa de cumprir esta importante tarefa, por falta de estrutura pessoal especializada. O que se percebe de ordinário é uma espécie de desvinculamento familiar e o que deveria ser provisório e emergencial se torna permanente.

O retorno do abrigado à família passa a ser o grande desafio das instituições, mesmo quando há restrições, que poderiam deixar a criança e o adolescente em situação de risco emocio-psicológico.

Rizzini & Rizaini (2004) posiciona que a convivência familiar e comunitária diminuiria nos menores de um isolamento social, muitas vezes praticado como instrumento de educação por parte de alguns abrigos.

Quanto ao aspecto físico, o ECA direciona a existência dos abrigos a pequenas unidades, que fossem capazes de levar a efeito uma atendimentos mais individualizados possível ao abrigado.

Os abrigos não perdem, de forma alguma, o seu papel, mas passam, a partir de então, a ter um compromisso mais socializador, buscando sair daquela visão assistencialista-religiosa para entrar em uma rede de edificação de compromissos, além do manter, alimentar e abrigar, mas, ajustando-se a tudo isto, o formar o indivíduo em cidadãos completos.

A vida efetiva de dependência das crianças e adolescentes nos abrigos deixa de ser permanente, para se tornar em uma situação passageira, transitória, pois se



concluiu que a família deve sempre ser o fito de proteção e desenvolvimento dos menores. O ECA (1990) preconiza que os abrigos sejam, realmente, instrumentos de proteção em caráter excepcional e transitório para os menores, todavia para Juliano (2005) tem ocorrido grande dificuldade para os abrigos cumprirem com este desiderato em função de:

1. falta de integração das políticas sociais existentes;
2. dificuldade de comunicação entre as entidades que trabalham com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social;
3. ausência de objetivos comuns entre tais entidades;
4. a presença de ações meramente pontuais e fragmentadas;
5. a escassez de recursos humanos nos abrigos, tanto quanto à quantidade como na sua qualificação;
6. falta de ação concreta das famílias, com o objetivo de desabrigarem seus filhos.

A maioria dos abrigos não tem desenvolvido um trabalho de temporalização das crianças e adolescentes em suas dependências, pois ainda se mantém em fraco esforço de reinserção em suas famílias de origem, ou mesmo na busca de lares substitutos. Mesmo diante de todos esses avanços referidos, há pontos, no entanto, que têm gerado grandes discussões na sociedade, principalmente com o avanço da violência perpetrada por menores. Alguns especialistas têm remontado que o advento do ECA facilitou o exercício da criminalidade infanto-juvenil sem conseqüente apenamento condizente, gerando, destarte, a impunidade e estímulo ao delito.

Muitos abrigos são, inclusive, levados a receber jovens que já cometeram alguma infração, mas se ressentem da falta de estrutura para um processo de acompanhamento e ressocialização.

## **CAPÍTULO 3**

### **ELEMENTOS DA ANÁLISE.**

#### **3.1 – O GRUPO FOCAL**

A coleta de dados seguiu duas técnicas principais: o grupo focal e as entrevistas. O grupo focal nos pareceu o mais adequado, uma vez que, enquanto técnica qualitativa, não-diretiva, proporciona resultados que visam à compreensão de uma ampla discussão, tendo como ponto de partida uma questão ou várias propostas para a livre manifestação dos participantes, guardando na espontaneidade a manifestação por excelência.

Reuni-me com as profissionais, a fim de traçarmos as estratégias para uma melhor aplicação da dinâmica, na busca do objeto alvo da pesquisa. Era importante a espontaneidade. Nesse momento questionamos se a instituição seria o melhor lugar para o desenvolvimento dessa etapa do trabalho de coleta de dados. Concluiu-se, então, que, em verdade, isso facilitaria mais do que dificultaria o processo, uma vez que o ambiente já era conhecido dos entrevistados, além de que o espaço do Lar poderia servir, de alguma forma, como objeto de interferência das memórias, ajudando-os a recuperar sentimentos, emoções e referências ao passado de abrigamento.

Foram escolhidas duas facilitadoras, sendo que uma funcionou como relatora e uma terceira para as entrevistas. O grupo foi composto por 14 egressos do Lar Luz do Amanhã, com faixa etária aproximada, à exceção dos gêmeos Isac e Isidorio<sup>5</sup>. Os contatos foram realizados pela direção do Lar, Eliana Maria Menezes Rafael, que explicou se tratar de uma “pesquisa para a faculdade”, onde a presença dos egressos seria muito importante para a realização do trabalho. A adesão, disponibilidade de todos foi imediata.

Os participantes foram convidados para um momento de convívio na instituição, com uma feijoada, em um domingo, e receberam a informação sobre o

---

<sup>5</sup> Nomes fictícios, como de todos os participantes.

trabalho que participariam e o tema que seria discutido. Ofereceu-se valores financeiros para transportes, mas somente dois aceitaram, pois estavam desempregados. Alguns levaram as suas famílias, que ficaram em outras dependências da instituição.

### **Desenvolvimento do grupo focal:**

#### *Apresentação:*

As psicólogas se apresentaram, dizendo que o objetivo do trabalho era uma pesquisa para Universidade sobre como os egressos do abrigo Lar Luz do Amanhã viveram durante sua moradia e como estariam nos dias atuais. Queria-se saber como foi a vida deles na instituição, como a viam, quais são as lembranças e tudo o mais que surgisse. Foi dito que suas identidades seriam mantidas em sigilo e que eram gratas por terem aceitado participar da pesquisa.

#### *O encontro:*

O local para a reunião foi uma sala com cadeiras confortáveis, de plástico, com ar-condicionado. O encontro durou 02 horas. Utilizou-se um gravador digital para registrar as discussões, e ao término se fez manualmente, porque se esgotou a bateria. Registrou-se ainda as ações individuais dos participantes.

#### *Aquecimento:*

O aquecimento é uma dinâmica/técnica utilizada pelos psicólogos, com o objetivo de criar uma ambiente mais propício possível à interação dos participantes, bem como gerar, pela imaginação, uma experiência (a dinâmica em si) que tenha uma correlação com a proposta do encontro. Assim:

- Foi pedido que eles se apresentassem (com poucas palavras), dizendo com que idade chegaram ao Lar, e a atual, como estão, o que fazem e se constituíram família.
- Após a apresentação foi proposto um relaxamento, seguido de um exercício de imaginação.
- Solicitou-se que sentassem nas cadeiras da forma que fosse mais confortável para cada um e de olhos fechados relaxassem o corpo todo (se

conduziu o relaxamento por partes do corpo começando dos pés até a cabeça).

- Em seguida pediu que imaginasse que estão dentro de um casulo (cor, tamanho, textura, temperatura, forma, etc.), explorando-o ao máximo.
- As estações do ano passam e, aos poucos, cada um vai percebendo que está se transformando numa linda borboleta (ver tamanho, asas) dentro do casulo.
- Cada um a seu tempo, quando sentisse que sua transformação estava completa deveria romper o casulo e vir para fora.
- Ao sair do casulo percebe que está com fome e que precisa se alimentar.
- Aos poucos percebe o ambiente que o cerca, iniciando um processo de reconhecimento da área, formando sua rede de relações e começa a traçar estratégias para viver fora do casulo.
- Deu-se um tempo para que cada um acabasse sua história e depois se pediu que voltassem para a sala e começassem a mexer o corpo esticando as pernas, os braços e abrindo os olhos lentamente.
- Pergunto quem quer socializar sua história.
- Depois que falaram, pergunto que associação eles faziam desta história com a vivência deles no Lar
- Quais lembranças guardam do Lar, se eles se lembram uns dos outros naquela época?
- Como acham que se desenvolveram dentro do Lar (casulo)?
- Como perceberam e vivenciaram a proximidade da saída?
- Após a saída, retornaram ao lar em visitas ou por outros motivos, como por exemplo, quando precisam de alguma ajuda?
- Acham que a religião interfere de alguma forma nesta busca ou não?
- Vocês se visitam? Sentem-se como famílias? Sentem que têm uma história em comum?
- Como é a vida de vocês em família?

O aquecimento, na dinâmica do casulo, trouxe uma interessante vivência, através da simbologia associativa entre casulo e o próprio Lar, pois a experiência que aqui denominamos de 'saída do casulo', representando, dentre outras coisas, a

desvinculação ou a abertura do sujeito para a realidade extra-muros ganha, conseqüentemente, lugar central na enquete. Isso não só porque nos interessa todo tipo de construção em torno da saída e emancipação do Lar, como também das próprias narrativas emergiram circunstancialmente como referências significativas a esse momento.

### 3.2 – VALORES E PROJETOS NUMA TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Esta pesquisa procurou uma contextualização de cada indivíduo dentro do seu universo de valores, manifestados durante a realização do grupo focal e das entrevistas, em uma tentativa de interseção de pontos comuns no discurso que traduzissem a realidade ou não do vínculo e apego dos participantes com a instituição, em que viveram parte de suas vidas.

Nessa direção foram localizados valores adjacentes ao escopo da pesquisa de diversas montas, que, efetivamente, deram um contorno mais significativo à situação de egressos de uma instituição de abrigo, como insegurança, discriminação, liberdade, que terão a sua atenção de análise.

Assim, cada ponto comum será apresentado, em avaliação do possível significado dentro de um contexto de vivência social. Descobriu-se, então, que nesse momento surgiram ricos elementos que não fizeram parte da introdução da presente pesquisa, justamente porque se trataram de profundo material da vivência social, em uma espécie de consequência da própria situação de abrigados.

### 3.3 – QUEM SÃO ELES?

Os participantes não guardam nos arquivos da instituição muitas informações, por força, inclusive, de uma falta de maior organização na condução de órgãos públicos no processo de encaminhamento de crianças e adolescentes ao

abrigamento. Assim, as informações abaixo, com nomes fictícios, são as que constam nos arquivos do Lar Luz do Amanhã.

<b>NOME</b>	
Hamilton	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai – Amilton Mãe – desconhecida	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
03/03/74	36 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau incompleto
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
AMAC – 09/06/75, com 01 ano de idade Lar PE. Manoel da Nóbrega - com aproximadamente 12 anos de idade	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Abandono	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
<p>A criança foi hospitalizada pelo genitor no Hospital Santo Antônio e lá abandonada. Foi internadaa em 26 de agosto de 1974, tendo recebido alta em 04 de fevereiro de 1975. O pai nunca o visitou. A Irmã Dulce apresentou a criança ao Juizado e a mesma foi encaminhada ao Orfanato. Situação atual: Possui casa própria, construída por ele mesmo. Trabalha como pedreiro numa obra na Av. Paralela. Atualmente separado e tem 01 filha com mais de 10 anos de idade do primeiro casamento e 02 filhos do segundo. Mantém contato e vínculo com as duas famílias.</p>	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipado aos 18 anos de idade.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
18 anos	

<b>NOME</b>	
Ariovaldo	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai e mãe desconhecidos	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
27/12/73	36 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
1º orfanato – aos 05 anos de idade 2º orfanato – Lar Pe. Manoel da Nóbrega – 11 aos 21 anos de idade	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Foi encontrado sozinho na Praça da Inglaterra, com dois irmãos.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Ao ser abrigado foi separado dos irmãos e só se reencontraram anos depois.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
É solteiro, possui casa própria, construída por ele mesmo, trabalha como ajudante de pedreiro. Tem um filho de 10 anos de idade. Mantém vínculo afetivo com a criança e cumpre com suas obrigações como pai. É poeta. Continua mantendo contato com os irmãos que reencontrou após sua emancipação..	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
16 anos	

<b>NOME</b>	
Carlos	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pais conhecidos	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
15/04/88	21 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
31/07/95 aos 07 anos de idade.	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Avó o entregou ao Juiz, juntamente com o irmão, alegando falta de condições para criá-los.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Morava com a avó paterna, juntamente com o irmão. Filho de pai alcoólatra, a genitora saiu de casa para fugir das agressões do pai de seus filhos. Esta foi localizada tempo depois, pelo orfanato e ela passou a visitá-los. Marcelo, o irmão de Carlos, retornou para a família e ele preferiu permanecer na Instituição até se emancipar, com emprego certo e concluído os estudos.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Está noivo e mora na casa de sua genitora.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
13 anos	



<b>NOME</b>	
Dermeval	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai: desconhecido - Mãe: conhecida	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
31/07/87	22 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	1º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
01/03/93 na AMAC - 1º abrigamento aos 06 anos de idade. 01/04/96 - 2º abrigamento aos 09 anos de idade, no Lar Luz do Amanhã.	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Estava perambulando pelas ruas de Salvador. Foi transferido devido à idade.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
<p>Sempre quis encontrar sua família. Tinha um irmão mais velho, que também perambulava e nunca quis ficar em abrigo. Sempre foi visitado por esse irmão e ele tentava atraí-lo para a vida de marginalidade em que se encontrava. Apesar de admirar esse irmão, nunca desejou acompanhá-lo. Dermeval chegou a fazer visitas a ele na penitenciária, onde já se encontra no 2º cumprimento de pena. Na adolescência, devido a ansiedade pela busca da genitora, foi detectado ser portador de transtorno bipolar, submetido a tratamento medicamentoso e psicológico. Atualmente seu quadro está sob controle.</p>	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Mora com a genitora e mais 04 irmãos, em casa própria na região do Ogunjá. É solteiro e trabalha numa concessionária.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
14 anos	

<b>NOME</b>	
Everaldo	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai e mãe desconhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
31/05/77	32 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
31/05/79, aos 02 anos de idade na AMAC Em 1988, aos 11 anos de idade, no Lar PE. Manoel de Nóbrega.	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Abandono em via pública.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Na ocasião em que foi abrigado ainda não tinha domínio da fala e não sabia dar informações sobre sua história. Trajava short azul e camisa verde. Nunca foi procurado por ninguém e não foi possível conseguir informações posteriormente ao abrigamento. Sempre apresentou bom rendimento escolar.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
É solteiro, comerciante numa empresa de produto químico (cloro). Mora sozinho, em casa alugada.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação aos 18 anos de idade.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
16 anos	

<b>NOME</b>	
Fernando	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai e mãe desconhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
02/05/76	33 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
1º abrigamento aos 03 anos de idade, na AMAC, em 20/03/79. 2º abrigamento, aos 09 anos de idade, em 1985, no Lar Luz do Amanhã.	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Abandono	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Mãe entregou o filho para uma vizinha prometendo retornar assim que melhorasse de vida. Ela o encaminhou ao Juizado depois de nove meses de espera.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Mora atualmente em casa alugada, mas está inscrito no Programa Minha Casa, Minha Vida. É porteiro e fez vestibular para nutrição. Acredita que tem possibilidade de ser aprovado em virtude de sua nota no ENEM. Está noivo e trabalha há mais de 05 anos no mesmo emprego.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação aos 20 anos de idade.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
17 anos	

<b>NOME</b>	
Ivan	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pai conhecido. Mãe falecida.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
17/11/84	25 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau incompleto
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
Em 25/09/92, aos 09 anos e 10 meses de idade	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Encontrava-se em via férrea, sozinho, perambulando próximo à Av. Suburbana.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
<p>Antes de ser abrigado, ele já apresentava várias entradas no Juizado e em seguida, era devolvido à família. Algum tempo depois do abrigamento, a coordenação, juntamente com a própria criança, conseguiu localizar o endereço de uma tia materna que disse não ter condições de cuidar dele. Informou também que a genitora era deficiente visual e havia falecido. O genitor nunca foi localizado, apesar das tentativas do Orfanato. Tinha outro irmão que também vivia nas ruas da cidade, não queria ser abrigado e estava envolvido com drogas. Ainda em abrigamento, Ivan se tornou pai aos 16 anos. Serviu o Exército e retornou ao Abrigo, saindo depois de conseguir emprego.</p>	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Depois de desabrigado, passou a conviver com a mãe de sua filha. Convive atualmente com outra companheira, que é mãe da segunda filha, em casa alugada. Trabalha como vigilante no Projeto de Condomínio do Bairro do Itaigara.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação em 30/06/2006	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
18 anos	

<b>NOME</b>	
Márcio	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pais conhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
10/01/85	24 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	1º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
07/05/93, aos 08 anos de idade	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Foi encontrado em via pública no Bairro do Saboeiro.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
No Juizado a criança afirmou que convivia com a família, mas não se relacionava bem com o pai. A Delegacia de São Caetano o encaminhou ao Juizado que, por sua vez, levou-o para o Abrigo. Na Instituição, a coordenadora, em conversa com a criança, localizou familiares e o mantinha sempre em contato.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
É solteiro, sem filhos, não possui casa própria. Trabalha como motoboy, na mesma empresa em que foi encaminhado, pela Instituição, na época da emancipação.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação aos 18 anos de idade.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
10 anos	

<b>NOME</b>	
Paulo	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pais desconhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
01/02/74	35 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
01/02/77 aos 03 anos aproximadamente	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Veio encaminhado pela AMAC, onde passou 08 anos. Havia sido deixado por uma moça na Delegacia, a qual não deixou maiores informações.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Sem informações, salvo a anterior.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Possui uma casa própria, no bairro da Boca do Rio. Está separado e tem 02 filhas. É autônomo, trabalha com fotografia e é proprietário de uma lan house.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação após servir o Exército.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
16 ANOS	

<b>NOME</b>	
Romilson	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pais desconhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
06/07/86	23 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau completo
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
06/07/86	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Foi transferido da AMAC, juntamente com um irmão, onde esteve abrigado desde os 05 anos de idade. A genitora alegou impossibilidade para manter os filhos devido a situação de carência e privação.	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Filho de pai alcoolista e dependente de substâncias psicoativas. Não há outras informações.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
É solteiro, sem filhos, foi morar com um grupo de ex residentes no Bairro da Boca do Rio.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipado aos 17 anos devido a sua maturidade e emprego fixo.	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
08 anos	

<b>NOME</b>	
Valmir	
<b>FILIAÇÃO</b>	
Pais desconhecidos.	
<b>DATA DE NASCIMENTO</b>	<b>IDADE ATUAL</b>
18/10/75	34 anos
<b>COR</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>
Negra	2º grau incompleto
<b>DATA DA CHEGADA</b>	
10/01/77 na AMAC, aos 02 anos de idade. Foi transferido para o Lar Pe. Manoel de Nóbrega aos 12 anos (era uma prática da época, quando se chegava à puberdade).	
<b>MOTIVO DO ABRIGAMENTO</b>	
Desconhecido	
<b>RESUMO DA HISTÓRIA</b>	
Cursou o Colégio da Polícia Militar e ficou muito frustrado por não conseguir prestar Serviço Militar na Marinha.	
<b>SITUAÇÃO ATUAL</b>	
Casado, sem filhos, trabalha no almoxarifado do HGE há 11 anos. Possui casa construída em terreno cedido pelo sogro, no Bairro de Santa Cruz.	
<b>MOTIVO DO DESLIGAMENTO</b>	
Emancipação aos 21 anos de idade	
<b>TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ORFANATO</b>	
19 anos	



### 3.4 – LEMBRANÇAS DE LILI6

**Ariovaldo** - Tinha bom comportamento, sempre aceitou bem as normas da casa, de temperamento tranquilo, com bom rendimento escolar, inteligente e afetuoso. Era calado, reservado, porém sem ser antissocial e não apresentava conflitos na relação com os demais companheiros e adultos. Com a entrada na adolescência apresentou angústias, conflitos com sua condição de órfão, muito sofrimento, tendência à depressão, apaixonava-se facilmente por mulheres mais velhas. Nessa época, demonstrou grande talento para a escrita e tinha também uma boa escuta. Hoje é considerado “nosso” poeta. Ingressou na vida profissional aos 16 anos como *office boy*, destacando-se facilmente no trabalho pela sua educação e inteligência. Concluiu o 2º grau, objetiva fazer o curso de segurança, mas trabalha na área de construção civil, como ajudante de pedreiro. Tem vivido com independência, dignidade, suprimindo as próprias necessidades materiais e cumprindo suas obrigações como pai. Construiu a casa onde mora e ajudou alguns companheiros da sua época de Orfanato na construção de suas casas. É pai amoroso de um filho pré-adolescente, mas possui dificuldades nos seus relacionamentos afetivos, desinteressando-se facilmente pelas parceiras. Atualmente com uma nova companheira, busca os seus sonhos e realizações. É otimista, ponderado e solidário, e diz ter superado a fase de depressão.

**Carlos** – Era muito quieto, calado, passivo, não esboçava emoções, mas sem ser triste. Tinha bom comportamento, era obediente. Foi crescendo e na adolescência surgiu um talento para jogar futebol, recebendo os incentivos e encaminhamentos necessários. Ele não foi em frente por insegurança e medo, provavelmente. Mostrava-se muito feliz e satisfeito tendo acesso aos jogos pela TV e jogando com os amigos. Concluiu o segundo grau por muita pressão de nossa parte. A partir dos 17 anos começou a demonstrar suas emoções, a dizer não e colocar seus desejos, questionando ordens. Uma inquietação que eu tinha cessou, pois, finalmente, ele passou a revelar um comportamento normal para a idade, afastando meu receio de um surto psicótico a qualquer momento. Hoje, Carlos está noivo, mora com a mãe e

---

<sup>6</sup> Maria Eliana Nascimento Rafael diretora do Lar desde 1984. Sempre fora um referencial para os meninos, como todos nós, seus amigos, a chamam de Lili. Estará presente nos discursos de todos os sujeitos desta pesquisa.

os irmãos, trabalha como balconista no comércio, é muito responsável e cumpridor de seus deveres. Ele resistiu inicialmente em retornar para a casa da mãe, por não concordar com a opção de vida dos irmãos – ociosos e envolvidos com a marginalidade. É evangélico e seu maior desejo é “salvar a alma de Renato<sup>7</sup> e Medrado”. Não possui vínculos conosco, embora faça contatos quando convocado.

**Dermeval** - Muito inteligente, educado, gentil, de desempenho escolar regular, apresentou um quadro de depressão e oscilação de humor, fazendo com que fosse encaminhado à avaliação psiquiátrica, sendo diagnosticado com transtorno bipolar, que foi controlado pelo tratamento precoce. Não tinha comportamento violento, nem dificuldades com os limites. A sua genitora foi localizada, segundo seu desejo, hoje mora com ela e irmãos, possui emprego, namorada. Ao começar a frequentar o ensino fundamental maior, passou a envolver-se com marginais da escola, conhecidos dos diretores. Ao tomar conhecimento da situação, afastei Dermeval da escola e combinamos medidas protetoras e corretivas, as quais ele acatou facilmente, mudando seu comportamento.

**Everaldo** - Apesar do seu bom comportamento, nunca foi passivo: quando provocado ele reagia sem violência. Era risonho, simpático, aceitava bem os limites colocados pela Instituição e se relacionava bem com os adultos e companheiros, apresentando os conflitos normais da idade. Seu rendimento escolar não era ruim. Possuía dificuldades nos relacionamentos amorosos, envolvendo-se em situações embaraçosas. Tinha dificuldade em se manter no emprego por muito tempo, embora com facilidade no desempenho profissional e para conseguir colocação. A dificuldade está relacionada a pontualidade e a intolerância à rotina. Ele tem características de gosta de levar vantagens e vai “empurrando com a barriga” a vida. Não assumia as consequências dos próprios atos, responsabilizando sempre o outro pelos seus erros. Conosco sempre foi gentil e carinhoso.

**Fernando** - Suas características mais marcantes na infância eram a emotividade, insegurança, imaturidade, choro fácil, interferindo no seu rendimento escolar e no seu relacionamento com os demais meninos. Necessitava de muita conversa para que aceitasse as regras da casa. Não tinha comportamento violento,

---

<sup>7</sup> Carlos Renato Correia Gomes, diretor administrativo e financeiro da Cidade da Luz há 12 anos.

mas provocava conflitos. Por causa de sua insegurança e para adquirir maturidade, fizemos com que ele tivesse responsabilidade ajudando em tarefas externas no pagamento de contas, fazendo compras, saindo sozinho para aprender a usar a própria liberdade com responsabilidade, compromisso e seriedade. Fábio foi emancipado por volta dos 22 anos de idade por causa dessas dificuldades. Ele não conseguia manter seus relacionamentos afetivos por muito tempo, mas atualmente está decidido a se casar. Mora com companheiros da época do Orfanato e está há seis anos trabalhando como porteiro de um condomínio. Ele é pessoa solidária, tenta ingressar em ensino superior através do vestibular para nutrição, fez inscrição para adquirir sua casa própria, dando testemunho de sua vontade de progredir. Recentemente o vi e mesmo tendo completado 34 anos de idade, ele consegue transmitir certa pureza no seu sorriso. Fez recentemente tentativa de encontrar a mãe biológica.

**Ivan** – Nascido em 1984, foi abrigado em agosto de 1992, aos sete anos de idade. Vivia perambulando pelas ruas e fazia uso de cola de sapateiro tornando-se por tanto um dependente químico. Ao chegar à instituição foi matriculado logo na escola e apresentou comportamento rebelde, tendo dificuldades no aprendizado. Oriundo de uma realidade familiar muito pobre, órfão de mãe e com o pai pedreiro desconhecido. Sempre foi muito brincalhão, risonho, disperso, entretanto se relacionava bem com todos do grupo. Participava com entusiasmo das atividades promovidas pelo Lar. Possuía baixa tolerância para frustrações e não aceitava bem o fato de ser advertido. Apresentava temperamento difícil e muitas vezes violento. Com o tempo, no entanto, o seu comportamento foi melhorando tornando-se mais calmo e colaborativo nas tarefas domésticas, participando das escalas de serviço. Tornou-se um jovem prestativo, amável, colaborador.

Prestou serviço militar no Exército aos 18 anos. Foi uma experiência positiva para ele. Tornou-se pai aos 16 anos, fato enfrentado por Ivan com satisfação, serenidade e responsabilidade.

Revelou-nos mais tarde, sentir-se angustiado por ter dúvida sobre a paternidade da sua primeira filha. Hoje está no segundo casamento e possui mais dois filhos (uma menina e um menino). Tem problemas com bebida alcoólica, perdendo totalmente o controle de sua vontade quando faz uso.

**Márcio** – Aos sete anos foi encaminhado para nossa instituição pelo juizado. Ao ingressar na escola apresentou muitas dificuldades no aprendizado, fazendo-se necessário um trabalho de acompanhamento pedagógico realizado no próprio Lar.

Foi um menino tranquilo, prestativo e sempre apresentou um bom comportamento e relacionamento com todos, inclusive com os companheiros do “orfanato”. Era disperso e possuía dificuldade de concentração, as atividades de lazer eram as preferidas por ele. Aos doze anos foi estimulado a ter compromisso e responsabilidade, incentivado a participar das escalas para realização das tarefas domésticas básicas. Quando demonstrou responsabilidade para sair sozinho foi autorizado nos feriados, finais de semana e período de férias escolares sempre eram estipulados os horários de saída e chegada.

**Paulo** - Sempre teve um bom comportamento e bom temperamento, tanto no ambiente do Abrigo, quanto na escola, e apesar de não ser passivo, aceitava as regras da casa sem dificuldades. Seu rendimento escolar era muito bom e se mostrava alegre, risonho, bem relacionado socialmente, inclusive com companheiros e funcionários. Não demonstrava qualquer ressentimento pelo fato de ser órfão. Ao completar 18 anos ele ingressou no Serviço Militar, trabalhando no Exército por mais dois anos após o cumprimento do serviço. Essa foi uma conquista própria, que o ajudou em muito na sua auto estima e como modelo para os outros companheiros que se orgulhavam dele. Para comprar sua casa própria ele pediu empréstimo à administração da Cidade da Luz, para completar a quantia que havia economizado e fez questão de pagar o quanto recebeu. Morou nessa casa por um tempo e hoje quem aí reside são as suas filhas com a ex- companheira, e apesar de separados, ele cumpre com as necessidades materiais e afetivas das adolescentes. Ele gostava de cantar e se revelou como cantor de pagode, gravou um cd e deseja se profissionalizar nessa área. Possui negócio próprio, uma *lan house*, já adquiriu seu segundo imóvel e trabalha no Hospital Geral. Era pessoa afetuosa, amiga, não usava da violência, sempre buscou os seus objetivos, mas não é estressado. Guardou um forte vínculo afetivo comigo.

**Romilson** - Inteligente, tímido, tranquilo, alegre, com idade mental compatível com a cronológica. Excelente desempenho escolar, bom comportamento e relacionamento na escola e no Orfanato. Passou 08 anos convivendo conosco sem apresentar problemas, grandes conflitos, sofrimentos e angústia, emoções tão

presentes nos demais. A sua genitora sempre o visitou. Hoje é um jovem saudável, namorador, sabe o que quer. No período da emancipação ele optou por morar com o grupo de jovens de seu tempo de Orfanato, dividindo o aluguel, não por falta de vínculos familiares, mas por preservar sua independência. Sempre gostou de futebol e desfrutou de todas as oportunidades que lhe foram oferecidas para seu crescimento e desenvolvimento geral. Não desfruta de uma situação financeira melhor, por certa acomodação e falta de interesse em reverter as experiências que foram oportunizadas em seu benefício e não aproveitamento do potencial que ele tem.

**Valmir** - Não tinha temperamento violento, mas seu relacionamento com os adultos era difícil. Inteligente e pirracento não confiava, nem gostava dos funcionários. Era resistente às regras, ignorando-as. A condição de órfão lhe incomodava e não queria ser identificado como morador do Orfanato na escola e perante as namoradas. Parecia não levar nada a sério. Era aluno regular e não admitia as próprias dificuldades. Apesar de levar a vida na brincadeira, era superficial, irônico, perspicaz, observador, buscando burlar as normas e vencer as pessoas ao seu redor pelo cansaço. Ao longo dos anos ele foi vencido pela nossa perseverança e conquistamos a sua confiança. Porém ele só aceitava meu comando. A partir daí ele revelou desejo de trabalhar na área de saúde como enfermeiro e desde a sua emancipação trabalha em hospital, mas infelizmente não como ele sonhou, e sim no almoxarifado do HGE. Adquiriu hepatite C e pela primeira vez admitiu medo e nos pediu ajuda em orações e apoio moral, sendo essa a oportunidade de revelar para a noiva a sua origem. Convidou-nos para participar da cerimônia de seu casamento. Hoje afirma estar muito feliz e deseja em ser pai.

**Hamilton** - Foi abandonado no hospital Santo Antônio, onde ficou no período de 26/08/74 até 04/02/75 hospitalizado. Seu primeiro abrigamento se deu em 1975, quando contava com apenas um ano de vida. Chegou ao nosso abrigo quando estava entrando na adolescência, era de bom comportamento, questionador, pouco briguento, e com bom rendimento escolar, sempre gentil e colaborador. Possuía bom relacionamento com os adultos, já com seus companheiros do Lar era marcado por discussões. Não tinha temperamento violento. Aceitava sem maiores problemas as regras da casa e como os demais participava das atividades de lazer, esporte, etc.

Não era preguiçoso, mas acomodado. Poderia gozar de uma situação material mais confortável. É muito inteligente. Tem nutrido á angustia da paternidade do seu filho mais velho do segundo casamento. Parece muito inseguro e sensível. Tem relacionamento conturbado com a atual mulher, por várias vezes se separaram e voltaram a morar juntos.

## CAPÍTULO 4

### OLHANDO, OUVINDO E ANALISANDO OS DADOS: O QUE É UMA FAMÍLIA BONITA?

“[...] a gente fica pensando... Eu tinha uma namorada que a família dela era bonita prá caramba! Eu sempre dizia a ela que era sadia, uma inveja sadia (risos), eu falava pra ela, eu tenho uma inveja sadia de você, de sua família.” (Fernando, egresso do Abrigo).”

O historiador Philippe Áries (1981) traz uma vasta e grandiosa obra de referência sobre a infância no mundo ocidental. Suas análises sobre a “descoberta da infância” no século XIX e a identificação histórica do início de um processo de preocupação com essa fase da vida são importantes contribuições que virão apoiar os estudos e pesquisas sobre a proteção, o cuidado e o respeito às peculiaridades do mundo infantil. Toda essa discussão acerca de proteção à infância não pode passar ao largo da própria importância que tem sido dada à família na contemporaneidade. Vista como núcleo essencial e primeiro de convivência, comportando pessoas unidas por laços afetivos ou recanto que exige reciprocidade e troca (SARTI, 1989), a família vem sendo alvo de inúmeros projetos, políticas públicas e intervenções do estado.

Contudo, a convivência familiar pode ser também insuportável a ponto de quebrar todas as expectativas de relacionamentos razoáveis entre as pessoas. A situação torna-se mais grave quando crianças e adolescentes, os mais “desprotegidos” nas relações familiares, estão envolvidos em conflitos que resultam na anulação, ou quase, das suas possibilidades de convívio harmonioso, garantia, em parte, do seu desenvolvimento como pessoa. É nesse momento que normalmente o Estado é convocado a intervir, sendo a institucionalização (aplica-se, normalmente, a uma população de menores em situação de pobreza<sup>8</sup>) a medida mais recorrente. Embora esse não seja o perfil social-familiar dos jovens egressos analisados nesta pesquisa, a questão do abrigamento ou do *ser ou estar abrigado*

---

<sup>8</sup> Vale a pena ressaltar, contudo, que muito se tem produzido para desmistificar a idéia comum segundo a qual pobreza está diretamente relacionada à negligência ou ao abandono das crianças e dos adolescentes. Entende-se que não é a condição de pobreza, mas, antes, a de vulnerabilidade social que pode ser propiciadora do rompimento de laços, levando as famílias e suas crianças/adolescente à situação de risco social.

aproxima esses sujeitos na medida em que todos conhecem a situação de, num período de suas trajetórias de vida, conhecerem o Abrigo como referência momentânea em suas vidas. Assim, de uma maneira ou de outra, para ambas realidades (órfãos ou abrigados por afastamento momentâneo da família de origem), as questões que estão colocadas são, dentre outras, a das redes de apoio que possibilitam a reinserção social do egresso, a identificação dos fatores de risco e proteção. Um conjunto de ações, tanto governamentais, quanto não-governamentais, tem indicado e trabalho no sentido de oferecer capacitação a profissionais de abrigos, buscando orientá-los em políticas de planejamento e acompanhamento de reinserção social do egresso. À pergunta “Qual o papel do abrigo?” antecipamos uma outra: como os abrigados vivem o abrigo? É o abrigo, para eles, uma família ou um serviço, simples alojamento?

É com esse olhar que percorremos a coleta de análise dos dados.

Durante a coleta de dados, como dissemos anteriormente, foram analisados relatórios institucionais dos egressos, ouvida uma assistente social e analisadas as falas/narrativas dos entrevistados. As informações foram agrupadas em temas para análise, conforme proposto por Bardin (1988) e em seguida a análise temática de conteúdo. Tal procedimento tinha por intuito agrupar os temas principais que emergiram nas entrevistas.

Após o levantamento dos dados do grupo focal e da realização das entrevistas semi-estruturadas, buscou-se contextualizar cada indivíduo, com o objetivo de interpretar pontos que pudessem justificar uma quebra do vínculo com a Instituição que o manteve até a sua emancipação. As interpretações nasceram das manifestações espontâneas de seus discursos, procedentes do grupo focal e das entrevistas.

No grupo focal as falas espontâneas começam a evidenciar conceitos, expectativas, medos que se repetiam em quase todos, sobretudo no que dizia respeito “ao mundo lá fora” e os seus desafios. Foram comuns as abordagens em derredor da família, da insegurança, do preconceito pela origem de abrigados e a forma como se estabeleciam os vínculos com as instituições e seus dirigentes.

As narrativas de vida serviram de parâmetros para a configuração de surpreendentes e despercebidos aspectos fomentadores de uma aparente quebra de vínculo, mas que, em verdade, direcionava para uma avaliação muito mais ampla, de caráter existencial, dentro, naturalmente, de um contexto de abrigamento. Vê-se saltar uma construção de caráter social de grande riqueza e refletindo uma



visão de mundo no contexto do abandono que recupera o sentido do abrigo, ao passo em que lança um olhar sobre a família e a sociedade.

A fim de se dar maior peso à manifestação em público, em um processo de convalidação das afirmações feitas durante o grupo focal, resolvemos efetivar entrevistas individuais e fora da Instituição e com outra pessoa, a fim de por “em prova” as considerações lançadas de público. A convalidação foi absoluta. Os discursos se mantiveram os mesmos, em cabal demonstração da sinceridade exposta durante a “entrevista coletiva”.

Assim, dos meandros que não se consideravam no início desta pesquisa, surgiram pontuações de relevância, que resolvi destacá-las dos textos, abrindo considerações específicas às situações lançadas em discursos pelos egressos do Lar.

#### 4.1 – DAS REDES SIMBÓLICAS DE PARENTESCO À FAMÍLIA IDEALIZADA

A valorização da família emerge no discurso dos informantes sob forma de adjetivações idealizadas, demonstrando, em boa medida, o quanto há de normativo nesse tipo de instituição. Quer dizer, mesmo não conhecendo a experiência de conviver em ‘família’, a maior parte dos interlocutores revelam a importância de se conviver nessa célula, responsável, segundo eles, pela saúde e bem-estar dos indivíduos em sociedade. Vê-se, por exemplo, no discurso de um dos interlocutores desta pesquisa a seguinte idéia: “... a gente pensa, em construir uma família pra dar o que a gente não teve verdadeiramente de família.” Todavia, a realidade social continua, para esses sujeitos, dura, desafiadora e excludente, pois a própria tentativa de construir uma biografia evidenciando a condição de *abrigado* distanciada da de *abandonado*, a sociedade insiste no estigma. A este respeito nos revela um informante:

“Tem muita gente que ainda consegue discriminar você por você não ter o nome do pai e da mãe na carteira de identidade, uma coisa que fica assim... poxa! Como é que é possível isso, você não ter o nome do pai não ter o nome da sua mãe na carteira de trabalho, na carteira de identidade; como é que aconteceu isso? Aí a gente fica meio acanhado, de responder isso, de dizer assim: não, é que minha mãe me deixou lá é...”

Grandesso (2006) nos ajuda a compreender que cada família organiza a sua história em uma narrativa peculiar, própria de cada grupo, construindo os significados e simbologias para as suas experiências, segundo a ressignificação em contextos próprios de cada membro. Dessa forma, vimos que os egressos entrevistados guardavam também viés nesse sentido, uma vez que notadamente a consolidação do conceito de família nasceu do sentimento de apoio, parceria, auxílio que eles se deram, em consonância com os voluntários da instituição pesquisada.

Surge uma espécie de compensação (GALANO, 2006), uma vez que o aparecimento de valor da família se restringe a um núcleo de ajuda.

Valmir: Exato. Mesmo sem pai e sem mãe, mas foi ótimo. Porque em primeiro lugar eu considero aqui como meus irmãos. Tava compensando meu lado entendeu? Meu lado vazio. Saía pra brincar, curtia, fazia de tudo com os meninos. Então não tinha motivo de eu ficar chorando pelo...

- Valmir: Fraternidade, de família, né, aí nessa hora eu particularmente me sentia um vazio, porque todo mundo quando ia, chegava o Natal s... tinha que ter uma pessoa. Justamente, nessa hora de Natal a gente não tinha, eu mesmo não tinha, sentia um vazio. Mas também nem me toco muito pra esse negócio de dia de pai, dia de mãe, não me abala nem a pau.

Valmir: Nem tinha, não tinha. O que é família é esses que estão ao meu lado.

Eles vivenciam uma modificação na configuração de família, mas se mantêm um certo substrato básico de gerações anteriores ainda, que de forma simbólica.

Mesmo que se evidencie uma forte busca de suas origens biológicas, nota-se uma clara necessidade de uma nova ordem, uma nova dinâmica de acomodação (KASLOW, 2001) dos papéis parentais recriados, vê-se que “estranhos” são chamados a desempenhar funções que sempre foram fortemente delimitados como sendo dos “pais”, “mães” e irmãos, sem, no entanto, perderem o “sonho”, por parte de alguns, de reencontro com as suas reais famílias.

Ariovaldo: Eu, em particular, desde pequeno, eu sempre tive uma pergunta comigo, sobre a questão sempre de pai, o que é ser pai, na questão de pai e mãe. Como é que fica nossa referência lá fora por falta das pessoas que certamente são tão importantes nas nossas vidas. Sempre fazia comparação de nossa vida dentro do Lar, com a vida dos meus colegas, fora, na escola, na vizinhança.

Ariovaldo: Eu me sentia sempre inferiorizado, não é? Eu sempre queria saber o porquê da minha realidade ser aquela. Se Deus é único, a gente só tem uma vida aqui, por que é que tem essa diferença de um nascer dentro de sua própria família com pai e mãe e a gente que é num número de quase cinquenta, estar ali dentro daquele orfanato. Qual seria o nosso objetivo ali.

Então eu sempre acreditava e continuo acreditando que um dia eu vou conseguir encontrar é... meu pai, vou conseguir encontrar minha mãe, eu tenho sempre essa esperança de, de encontrar eles.

Nessa investigação devemos considerar, portanto, a família sob uma real perspectiva que abrange formas muito próprias de vivências ou configurações, tendo como base a que se estabeleceu de convivência entre os seus pares no abrigo e seus cuidadores.

O abrigo se estabeleceu como a matriz de identidade individual familiar.

M C: Vocês se sentem também como fazendo parte de uma família?

Ariovaldo: Fazemos.

Paulo: Com certeza!

Ariovaldo: Mais que se fosse o próprio sangue.

A pesquisa evidenciou, outrossim, que os egressos tiveram vivência boas e ruins, relacionando-as com o estabelecimento de novos vínculos, alguns dos quais se mantiveram mesmo após deixarem a instituição. Em contrapartida, estes adolescentes demonstraram sofrer um forte estigma social, pois são vistos pela sociedade como responsáveis e donos de algum tipo de “defeito” ou problema. Assim, se por um lado existe uma representação mais positiva em relação à vivência institucional, por outro permanece a representação social que estigmatiza as pessoas que compõem este contexto.

Everaldo - Se tinha momentos ruins e momentos bons, é na escola era por que tinha pessoas que não gostava de ficar perto de você na escola, por que você era de orfanato, achando que menino de orfanato era meio desordeiro, essa coisa toda, mas, momentos felizes, maravilhosos, eu tinha muito, tenho muita lembrança, a gente quando chegava [...]

O relato traz algumas ambivalências, pois se há um o registro de uma idealização da vivência institucional positiva, há também críticas relacionadas a falta de liberdade e inadvertidas ações de funcionários.

Everaldo - Batia, alguns funcionários batia escondido, chegava e fazia algo chato, falava sempre que a gente era uma criança abandonada, essa coisa toda, que os seus pais não queria a gente por perto por que eu era uma criança muito chata, muito coisa, tudo isso acaba fazendo a gente ficar um pouco triste, um pouco...

A gente queria também liberdade, mesmo pequeno, estudando na escola, numa comunidade, aí a gente queria sair, correr como criança, se soltar. Era grande, tinha uma área lá no fundo, mas a gente queria sair correndo, se soltar e tudo, mas em coisas ruins de educação de lá, de Lili, eu não tenho nada a dizer no caso foi uma educação maravilhosa que a gente teve dela lá.

Assim, sob este aspecto é de saltar do discurso que a relação estabelecida com os funcionários e voluntários desempenha um importante papel na vida de crianças e adolescentes abrigados, pois serão esses adultos que envergarão o

papel de referência para orientá-los, protegê-los, conduzi-los, fazendo-os seus modelos de identificação.

Dessa forma, então, bem coloca Bazon & Biasoli-Alves (2000) quando consideram esses monitores como educadores, necessitando de orientações, reciclagens, de modo que as suas ações rotineiras tenham um sentido mais amplo, voltadas para uma realização macro de um efetivo apoio, em rede, para esses indivíduos que trazem a “marca” de suas desventuras, pois, em verdade, esses monitores precisam entender o seu papel de educadores, em um processo de evolução do sentido de seus trabalhos.

Por outro lado, ainda sob este título, se vê que o contato com os seus pares, em igual situação de vida, gera um apoio social e afetivo de grande relevância, criando, assim, um forte vínculo de proteção.

Fernando - Eu tenho duas pessoas, assim, como irmão mesmo. Assim de ele tiver, tá com problema, ele conta pra mim. Eu tô com problema a gente conta, a gente sai. Que é Paulo. É muito, assim, pra conversar. Se separou agora da esposa dele e toda quarta ele combina, liga pra mim e fala comigo. Mas é, a segunda pessoa, que considero família, é Lili. Mas, assim, Lili é uma pessoa que eu coloco, assim, na frente, como, assim, como sendo uma mãe.

#### 4.2 – INSEGURANÇA AO SAIR

Nota-se que, de um modo geral, como acontece com a maioria dos adolescentes, os abrigados têm um desenvolvimento muito semelhante. Na sua descrição do adolescente típico dos nossos dias, é fato que quase todos os adolescentes se rebelam perante as exigências e proibições da família, mostram-se ansiosos e indecisos, perturbados e com falta de segurança em si; procuram a segurança que lhes proporciona o grupo de indivíduos da mesma idade. Vemos, no entanto, como resultado desta pesquisa que os abrigados não se rebelam, mas evidenciam as suas insatisfações pela tarefas a desempenharem.

Paulo - Tudo bem que a gente ficava chateado que quando saía, chegava certa idade, tinha horário para chegar. Tudo bem que era pro nosso bem, mas naquele tempo a gente não sabia que era para nosso bem, a gente as vezes achava que era marcação, que era pra não ter muita liberdade.

Todavia, não se percebe em momento algum do discurso o ir de encontro às medidas e regramentos.

Evidencia-se, no entanto, que a partir de um certo momento surge uma grande insegurança, pois à medida que o adolescente cresce, a despreocupada segurança da meninice parece que o abandona. Nota-se uma crescente insegurança no enfrentamento da sua realidade. Surge o silencioso, mas fortemente presente, medo da emancipação:

Paulo: Pelo me lembro que eu tinha... que eu fiz 13 anos, eu tinha medo de fazer aniversário porque sabia que ia chegar aos meus 18 e ia ter que é... ser o dono do meu nariz, é... seguir meu rumo. E eu era muito inseguro pelo fato de não... não ter... assim ... família ... assim que eu conhecesse, assim de sangue, porque aqui eu tinha família, mas quando fizesse 18 anos, se não tivesse uma casa própria, lá fora ia ter muita dificuldade pelo fato de...

Ariovaldo : Eu tinha medo de sair

Ariovaldo: Essa transição entre a minha saída do Lar para o mundo lá fora foi um negócio assim que custou muito, ou melhor, até hoje ainda custa muito, ainda não tô, ainda apesar de estar com 34 anos, ainda não me considero assim preparado, entendeu prá poder suportar esses problemas do dia-a-dia que a gente convive lá fora e fora do Lar e do orfanato

Everaldo: Eu sempre tenho uma coisa parecida porque eu dentro do casulo, aqui em casa eu me sentia bastante seguro. Aqui eu me sentia bastante seguro. E pensava sempre que... é... quando tivesse uma certa idade ficava inseguro do que eu ver lá fora. É difícil prá gente, com tanta segurança dentro de um lugar que tenha carinho, que tenha amor, que tenha compreensão que tenha segurança eu sentia segurança. Ficava seguro aqui dentro.

Fernando: Eu, Fernando, assim... A idade como Paulo referiu, o aniversário quando chega realmente é angustiante é o conflito na nossa cabeça, poxa, você vai sair e com a visão das pessoas como falam é complicado, é violento, então a gente...

Everaldo: Mas só pra completar o nosso raciocínio. Mas independente, a gente criava esse... o orfanato era nosso universo ali, entendeu? Era todo mundo irmão. As coisas aconteciam ali, resolviam-se ali. Ma esse fator de insegurança não era só criado pela nossa mente ali dentro. É que a gente sofria ali dentro certo preconceito da sociedade fora.

O dia do aniversário, que geralmente é o momento de grande alegria para crianças e adolescentes, não era para esses egressos do abrigo uma experiência tão agradável e significativa a ponto de merecer celebração. Surpreendentemente surge como um momento de “grande pesadelo”: o aniversariar significava o estar mais velho, logo mais perto da emancipação.

É natural que haja instabilidade no período inicial da adolescência, o que demonstra que o adolescente se está a desenvolver; se ela não aparecesse, haveria motivos para crer que ele estaria preso à dependência infantil e a formas de conduta

infantis. O que se nota, entretanto, é que a instabilidade se prolonga por um longo período, na constituição de um sinal de que houve deficiência na preparação do enfrentamento do “mundo lá fora”, bem como indício de que o adolescente estaria com dificuldades de enfrentar o desprendimento dos seus hábitos e substituí-los por outros mais maduros.

Muitos estudos nos proporcionam uma interessante leitura do quadro vivo da instabilidade do adolescente, afirmando que sempre há uma contradição, pois na sua luta pela independência, o adolescente protesta veementemente contra as decisões que signifiquem restrição de liberdade, mas quando é incapaz de administrar a sua independência, tão bem como quando era mais novo, assoma um grande medo de sair de onde recebia amparo e proteção. Seguramente, por força da falta de rede de apoio imediato, uma vez que não tem ninguém esperando por eles no mundo. Daí se percebe uma grande busca por segurança, amparo.

MC: Você disse que te momentos ruins também...

Ivan: Foi a parte que eu saí do orfanato.

Fernando fala de pai, mãe, Natal, Ano Novo, família, fraternidade. Chorava, sofreu quando saiu. Todos ficam sérios. Pareciam pensativos.

#### 4.3 – SOCIEDADE: DESAFIOS E PRECONCEITOS

É fato que nos últimos anos, a sociedade tem se organizado muito em busca de desenvolver mecanismos mais eficazes de proteção a grupos minoritários, tendo como escopo avançar em leis e atitudes que dêem freios a atitudes discriminatórias. É verdade, no entanto, que essas ações podem estar modificando o preconceito pontual, ou seja, de raça, religião, mas ainda notamos uma distância muito grande para uma eficaz ação contra a diminuição do preconceito social.

É possível, então, entendo, que esses grupos possam estar mais atentos ao efeito da legislação, razão pela qual desenvolvem, de forma mais encoberta, uma discriminação ainda muito perversa.

Realmente, estudos recentes têm demonstrado que a forma clássica de discriminação racial, por exemplo, tem diminuído em várias partes do mundo (PHILLIPS & ZILLER, 1997; SCHUMAN, STEEH, BOBO & KRYSAN, 1998). Por outro lado, no entanto, outros estudos também têm verificado a existência de

preconceito caracterizado de forma mais global e geral, baseando-se em estruturas sociais definidas pela origem de seus participantes (BROWSER,1995; KINDER & SEARS, 1981;MUMMENDEY & WENZEL, 1999).

É bem pontual, em quase todos os discurso desses egressos, a discriminação e a dor provocada pela sua origem, ou melhor, pela falta dela no sentido de que as representações sociais são vivenciadas com base em teorias de senso comum, onde, em caso, prevalece o entendimento que pessoas “sem origem”, “sem família” ou são dignas do apiedamento ou de desconfiança quanto a sua moral.

Paulo: Não. De repente, quando... na verdade é uma nota muito assim...a única coisa que eu tenho de reivindicar das ...das instituições, é que muitos da gente não tem nome e sobrenome de pai e mãe e até hoje acho que é uma das coisas que mais pesam assim, não só pra mim, mas deve ter vários irmãos de criação que pesa esse lado também. Não ter sobrenome. Quando chega na sociedade o pessoal: \_”não tem de pai nem mãe” ? É um peso que a gente carrega...

M C: E esse sobrenome que você tem, vem de onde?  
Paulo: Meu sobrenome, acho que invent ... foi inventado...

Fernando:Não,veio do Juizado de Menor.

Paulo: Veio do Juizado.

Hamilton: É um Desembargador Arnaldo Bahia Monteiro.  
Paulo: Arnaldo Bahia Monteiro. Então todo que conviveram comigo desde pequeno como Everaldo Bahia, Ailton Bahia, 'cho ver, acho que só. Que conviveu comigo desde pequeno, bebê mesmo, tem o mesmo sobrenome porque não tem, acho que não tinha nome dos pais, nós não tivemos, então...

M C: Então vocês não gostavam de dizer que eram do orfanato?

Fernando: Não, meu pai, claro que não.

Paulo: Eu, até hoje, não vou mentir... eu fico sem jeito de dizer que fui de orfanato.

É fato que a teoria da influência social minoritária retraída, que descreve o papel ativo, mas discreto, de mudança nos processos sociais se esbarra na necessidade de melhor compreender os processos subjacentes aos consensos e dissensos que dão dinamismo a essas representações. Ou seja, a teoria da identidade social, que analisa a influência no quadro das relações intergrupais e oferece as bases da formação simbólica dos grupos sociais, auxilia a análise de uma espécie de ancoragem das representações sociais, onde o surgimento de grupo “submissos” por medo de rejeição, discriminação ou mesmo hostilidade só alimenta a marginalização desses grupos, formando, assim, conceitos simbólicos próprios, feitos a partir de leitura do senso comum.

Paulo: Pras pessoas, porque é, tem que passar, não é? Pras pessoas mais próximas, família, no caso a pessoa que convive comigo hoje, minhas filhas, pessoas mais próximas até amizade mais próximas, eu falo. Eu comento, converso, explico. Mas uma pessoa que eu nem tenho idéia de que vou me aproximar, que é... é que vai pensar de mim se eu imaginar que vê como coitado, prefiro não dizer.

Valmir: Justamente, porque a sociedade vê a gente como coitadinhos.

MC: Mas você se acha um coitadinho?

Valmir: Não, eu não me acho. Justamente, eu não gosto de falar porque eu não quero que me vejam como coitadinho, que eu nunca gostei.

Ariovaldo: Eu passei por uma experiência, eu passei por essa experiência lá onde eu ... Eu moro lá em Cajazeiras. Que o pessoal, uma chegou a dizer que eu tinha adulterado minha identidade pra dizer que eu não tinha pai nem mãe. Agora, isso baseado no meu comportamento. Porque eu tinha um comportamento, não é... tinha uma forma de me expressar, tanto eu como ele. E o pessoal: "não, não é de orfanato não, que não sei o quê. Não, não é de orfanato, não". Quer dizer, que eu me expressava direito, conversava bem, era bem participativo no meio que a gente tinha lá. Então, o pessoal tinha uma visão de que menino de orfanato era maltrapilho, entendeu? Não sabia nada. Paulo passou vergonha – a mãe da esposa é preconceituosa. Não falou com a sogra. Quando ela soube, disse que era menino de rua.

Haverá de se trabalhar a identificação dos princípios organizadores do posicionamento desses indivíduos, no campo representacional, fazê-los assumir a posição bem explicitada por Fernando:

É que eu sou um cidadão, eu sou um cidadão produtivo. Tenho nome, tenho registro. Então, tendo isso em função, esse todo órgão público que trabalha, [xxx] então, não sou coitado, não sou nada, eu sou um cidadão produtivo. Então por que ter vergonha de dizer que eu sou: ah! sou de orfanato, tenho vergonha? Não tenho vergonha nenhuma. Falo mesmo. Não tenho vergonha nenhuma.

Somente assim, entendo, surgirá, efetivamente o ponto, talvez, mais importante deste recorte: a explicação do preconceito através da dinâmica da personalidade desses indivíduos, fulcrada em medo, rejeição, insegurança. Então, com a emergência da perspectiva da cognição social (FISKE & TAYLOR, 1991), o preconceito passará também a ser explicado pelo viés da psicologia, assentando no processamento e julgamento dos próprios valores de representação feito pelos que sofrem a discriminação.

Fernando: Por que a cor era preto e Lili é branca e aí um dizia: é sua mãe? E eu dizia: é. Aí tinha outro que dizia: esse menino é do orfanato. Não é mãe dele não. Aí pronto. Era aquela... e aí eu passava meu ano letivo todo lá atrás.

?: Porque muitos não sabiam da convivência que a gente tinha dentro do orfanato.



Depreende-se, portanto, que esses jovens não buscam chancela ou aval de *coitados*. Querem o respeito, independentemente da sua origem e se veem como “cidadãos produtivos”, como nos revela um dos nossos interlocutores.

Há também um ponto que se destaca como de grande realização social, como uma espécie de conquista de espaço na sociedade: a casa própria.

“Moro com um dos irmão meu, que a casa dele é própria”, a própria assertiva de Everaldo já trás em seu conteúdo esta situação de “privilégio” do seu irmão, também egresso do Lar Luz do Amanhã.

#### 4.4 – RELIGIÃO: CONFLITOS E ENCONTROS

Por se tratar de um trabalho de pesquisa que nasceu de uma instituição que não teve a sua origem genuinamente em uma religião específica, mas sim de instituição que fora conduzida, em primeiro momento, por membros católicos e depois espíritas, vemos a presença do conflito e da identificação em alguns discursos, no processo também de resignificação de vida, de conceito e suas interfaces com a religião.

Ariovaldo: Quando passou essa transferência da religiosidade da questão da igreja católica para o centro espírita gerou um preconceito muito grande na época entre a gente, por que a gente já tinha uma, uma base, uma visão espiritual passada pela igreja católica da época, né? Então prá gente essa questão de acreditar na questão da reencarnação, na questão da... que a espiritualidade tinha uma influência, na questão de que a gente estava ali porque a gente fez alguma coisa por merecer, alguma coisa por merecer, das nossas vida, a gente custou muito acreditar nisso. Mas com o passar do tempo, eu particularmente eu comecei a estudar melhor, a entender melhor o porquê de tudo isso e graças a Deus, quando a direção do Centro passou a se responsabilizar pelo orfanato, que começou a clarear mais essa questão e eu comecei a me sentir, a me preparar melhor, por que eu comecei a aceitar mais os fatos, na questão, pô, se eu tô... se eu não tenho pai, se eu não tenho mãe, entendeu, alguma coisa eu fiz, eu tenho que aprender alguma coisa com isso.

Ariovaldo: Eu me sentia sempre inferiorizado, não é? Eu sempre queria saber o porquê da minha realidade ser aquela. Se Deus é único, a gente só tem uma vida aqui, por que é que tem essa diferença de um nascer dentro de sua própria família com pai e mãe e a gente que é num número de quase cinqüenta, estar ali dentro daquele orfanato.

Ariovaldo: AMAC. A antiga direção na época em que eu fui prá lá, o pessoal tinha a questão da religiosidade, não é? É que eu... era a igreja católica que colocavam, sempre diziam... que dava um castigo, o castigo era orar de joelho. Quer dizer, essas coisas sempre... Obviamente eu sempre me

perguntava o que era o porquê de tudo isso. Isso seria como base prá nossa vida lá fora.

Os discursos, então, quanto ao entendimento dos processos da vida, através da religião, ficam bastante claros. É uma convalidação do que observamos atualmente no Brasil, onde podemos observar uma grande camada da população brasileira que busca a religião como meio paliativo ao sofrimento, ou até mesmo para melhor se situar diante das condições sociais em que se encontram. Querem entender o sentido da vida e a razão dos seus desaires, dificuldades. A religião, muitas vezes se caracteriza pela compreensão do que não pode ter a explicação pelo domínio da razão, por força, naturalmente, dos grandes fossos e glotões de toda natureza existentes na sociedade.

## CAPÍTULO 5

### **À GUIA DE CONCLUSÃO... OU COMO OLHAR PARA OS PROJETOS DE VIDA DE INSTITUCIONALIZADOS.**

Bateson & Martin (2000) em o seu livro *O Projeto de Vida* faz uma interessante abordagem acerca de como o projeto de vida de cada ser humano nasce de situações que surgem a partir de necessidades e sonhos de supressão de suas carências. O foco está muito sobre o meio-ambiente, que, gerando uma interação com os anseios dos indivíduos, moldam personalidades e sonhos, na busca de uma adequação ou pertencimento à sociedade que os acolhe.

De alguma maneira, todas as pessoas guardam expectativas e planos para o futuro, buscando melhorias e transformações. Esse processo, que alguns chamam de amadurecimento, é atravessado de dúvidas e questionamentos. De modo geral, essa trajetória tende a ser mais longa e dolorosa para os adolescentes, que vivem essa fase de transição de forma muito intensa, tanto por conta das transformações corporais, quanto psicológicas e sociais. Para jovens de um internato, a essa situação são somadas outras que fragilizam ainda mais a condição de passagem à vida adulta: quem, no processo de amadurecimento e tomada da vida adulta, vai dar apoio a esses indivíduos? Quem são suas referências? Sem dúvida, o Abrigo e, em particular, algumas assistentes sociais, tornam-se as grandes referências (para busca de emprego; para a resolução de problemas práticos, etc.) para os egressos, que recorrem sempre que necessitam da “hierarquia” da instituição.

A adultez exige a tomada de responsabilidade. Surge, então, para todos, a pergunta: o que quero ser? Bateson & Martin (2000) mostram como a situação de ausência de família torna-se para o indivíduo uma experiência de “grande carência estabelecida”. Entre os egressos do Abrigo estudado, a ausência da família implica a criação de redes de “parentesco simbólico”, construídas no decorrer da convivência com outros abrigados. Embora esse não tenha sido um aspecto estudado nessa dissertação, notamos que seria importante realizar um estudo mais atencioso a esse fenômeno, fato que poderia trazer ricas informações sobre como e a partir de que critérios, no percurso de socialização, os abrigados elegem seus “irmãos”, seus verdadeiros parentes, que, muitas vezes, mais tarde, para se efetivar enquanto laço,

recorrem à padrinagem dos filhos. Um importante aspecto a ser ressaltado dentro dessa lógica da construção de um projeto de vida e que os egressos traduzem como uma grande “tensão” é a construção da casa própria. Ao desejo de ter a sua *própria* família, junta-se à simbologia concreta da conquista de uma casa, de um teto, de um lar, constituído de pessoas que eles próprios poderão eleger como seus “familiares”.

O projeto de vida, então, se caracteriza pela busca de um sentido de existência, pois assim se estabelece o próprio existir, em uma dimensão que sai de si mesma para encontrar o entorno, no reconhecimento, na aceitação. Frankl (1990) define o homem como desejo de sentido. Assim, o autor busca superar teorias que concebem o indivíduo como um ser que apenas reage a estímulos ou obedece a impulsos, pois nessa procura, claro, há a satisfação das necessidades, mas também traz um anseio de autorealização. Essa caminhada redonda em uma espécie de questionamento existencialista permanente.

A vida precisa se justificar em si mesma, a fim de que não se percam as possibilidades de se guardar sonhos-ideais pelos quais se valham apenas lutar, conquistar. Dessa forma, iremos ver que esses jovens buscam de pronto, como projeto de vida, o reconhecimento como pessoas *normais*<sup>9</sup>, sem qualquer pecha por terem sido criados em um abrigo. Na construção dos seus projetos de vida muitos empecilhos são criados para esses sujeitos, sendo o principal deles a reação da sociedade à condição de abrigados e órfãos. A possibilidade, por consequência, de se realizar um projeto de vida está em um significado último: reconstrução de trajetória de vida, resignificando-a sob a ótica de cada experiência cotidiana, que sintetizam realizações sociais, de caráter moral (aceitação) e social (conquistas materiais).

É bem verdade, no entanto, que a abertura desses jovens para a realidade necessitou da realização de *ultrapassagens*, de transcendência das próprias marcas de autorejeição (não entender o porquê foram abandonados), bem como das suas próprias dores por frustrações, desilusões. É nessa relação de autoaceitação e ideais de conquista, que reside a potencialização dos esforços de se transformar em alguém, razão de vida de muitos que esperam no reconhecimento social a afetividade que não vivenciaram nos seus processos de relação.

Nesse conflito do “eu *versus* mundo”, surge a capacidade de decidir, de agir e, portanto, de se responsabilizar pela realização de seus sonhos, projetos de vida. A

---

<sup>9</sup> Essa referência iremos ver nos discursos (GF) de Paulo, Valmir e Ariovaldo, quando rechaçam a ideia de que são coitadinhos, porque foram de orfanato.

consciência dessa responsabilidade se posiciona frente à realidade de uma indispensável autodeterminação, pois, no caso, ser responsável significa assumir decisões e atitudes dentro das circunstâncias concretas da vida, a partir de critérios que formam a rede de ser e sentir humanos. É necessário, no entanto, que se quebrem algumas cadeias, a fim de que não se vinculem projetos a situações transatas de sofrimento, em uma espécie de compensação ou “vingança” para com a vida. Infelizmente, muitos não se dão conta de que em determinados momentos de nossas vidas haveremos de nos reeducarmos em nossos anseios, a fim de que não tenhamos projetos idílicos, sem sentido lógico com o real possível. É aí, nesse instante, que a pessoa desenvolve sua inteligência para descobrir o que quer e qual a sua capacidade de realização.

Esses jovens, em verdades buscaram a realização do entendimento de como compatibilizar projeto de vida e possibilidades reais de concretizá-lo através de a ideia ou imagem próprias, dentro do que viam como possibilidade, pelo instrumentário que adquiriram no abrigo. Esse futuro se formou como sinônimo de um plano, estratégia, resolução estudada de fazer. Projeto de vida não se estabelece por determinismo social ou de natureza transcendente, mas de ação planejada.

Aqui vimos que estes jovens foram resilientes<sup>10</sup>, pois conseguiram se recuperar frente às adversidades que enfrentaram na vida, seja na vida profissional, seja na vida pessoal. É válido destacar que a pessoa resiliente não é aquela que é onipotente ou invulnerável, ou seja, que nada a atinge. É aquela que se sente atingida e que se recupera das situações difíceis. Eles assim foram no planejamento de suas vidas, dando-nos a impressão de que a capacitação e as estratégias para tanto nasceram dos próprios embates sociais tidos ao longo do processo de discriminação, bem como a uma compreensão paulatina da vida, com seus reveses, como bem explica Paulo:

**Entrevistadora:** Teria alguma coisa que você gostaria de dizer para as pessoas, o que você falaria, tem amigos da instituição, tem alguma coisa que você gostaria de dizer?

**Paulo:** Eu diria o quê? Ia passar para eles que independente de qualquer coisa, que a gente tem educação; ia passar assim, a dificuldade, independente de que eles estão lá, sem o pai e a mãe biológicos mas que tem muita gente que tem pai e mãe biológico que queria ter a vida que a gente está levando lá, entendeu? Que as pessoas compram isso lá, comparando como é, tanto que as vezes eu estou com minhas filhas na rua, eu não abro mão: colégio é sagrado e o que eu puder fazer, investir no

---

<sup>10</sup> Resiliência tem a sua origem na Física, onde alguns materiais guardam a capacidade de votarem a sua forma original, após serem submetidos à grandes tensões. As pessoas são resilientes quando enfrentam situações adversas e se recuperam.

colégio, tirar, deixar de fazer alguma coisa para investir no colégio, na atenção, converso assim quando estou com elas na rua; eu vejo assim crianças vendendo alguma coisa na rua, aí eu converso com elas: aí, porque é que pego no pé de vocês! Porque é que eu chamo, converso, por que eu falo isso, aquilo, é por causa disso aí. Então vou tentar passar isso para eles que independente, se eles estão ali no abrigo, mas que é para eles dar bem valor, assimilar bem, aproveitar, tentar ouvir o que o pessoal passa, tentar fazer o melhor; que o melhor que eles puderem que eles não vão perder nada e sei lá, as vezes sei que tem aqueles momentos de tristeza, que não tá com a mãe direto, vendo os amiguinhos na rua com o pai e a mãe, aquela coisa, mas se eles estão naquela situação de vida que eles tinham de encarar e construir a vida deles; sei lá, passar alguma coisa assim parecida, eu acho bom em ter uma família; é importante, mas tem as pessoas mais diretas que mais se preocupa com a gente, independente de briga, de tudo, é a gente; são as pessoas que a gente procura que está ali nos momentos difíceis e os melhores momentos também, independente de que às vezes tem o outro que sei lá, tem aquela sei lá, família; acho que é bom, é importante o fato de a gente compartilhar nossa tristeza, nossa alegria, assim no crescimento.

E acrescenta:

**Entrevistadora:** E você acha que o abrigo poderia ter ajudado, preparado vocês melhor?

**Paulo:** Em termo de... acho que não, acho que eles fizeram, fez o certo assim em termo de trabalho, orientou a gente para a gente também aprender a se virar, por que se ficar toda vez dando tudo, aí a gente não vai ter que assim... não vai aprender a se virar; nossos objetivos vai ficar sempre dependente e é bom que a gente procura nossa independência e as dificuldades também está para todo mundo e a gente tem que entender isso e encarar de frente; acho que não fez o certo orientou sempre, teve a orientação pra gente; orientação não faltou, conselhos acho que desse pra gente seguir, mas acho que por um processo natural assim, em termo de acho que é natural aquela insegurança que também a gente tem tudo na mão, aquela preocupação na instituição.

Assim, e para tal, se colocam metas pessoais, que terão as suas dificuldades para serem alcançadas, de acordo com entendimento de cada um acerca de suas capacidades, e potencialidades, que precisam ser consideradas, pois muitas vezes há uma supervalorização dos resultados estipulados, como se não houvessem escolhos no caminho, nem controvérsias circunstanciadas ao objeto de busca. Aqui está uma segura passagem para a frustração: não cogitar que o rumo tomado não é o mais adequado. Nesse ponto o projeto poderá se tornar frustrante, na medida em que o indivíduo percebe que muitas coisas não dependem apenas dele, de seus sonhos e ideais, mas também, naturalmente, de todo um complexo meio ambiente e de suas forças humanas.

É indispensável, por outro lado, que não se conceba um projeto de vida calcado na descrença pelos fatores alheios à nossa vontade. Absolutamente. É acreditar que existe o relativismo, porém estar sempre em contato com a sua interioridade, que justifique e dê razões de ser e de luta na conquista de seus projetos.

Dessa arte, compreenderemos o projeto de vida como um conjunto de expectativas ou objetivos, em cuja realização se aplica em vários contextos de vida. Não haveremos de calçá-lo em um onirismo ou utopia desprovidos de fundamentos, mas, sim, em um componente essencial para as expectativas humanas de ser, em uma equação envolvendo o social, econômico e o cultural de cada indivíduo. Não haveremos, naturalmente, de achar que o projeto de vida é apenas composto de parcelas materiais, há o lado imaterial, moral, mas até este precisa de sua contextualização circunstanciada em um momento.

A Antropologia tem desenvolvido conceitos calçados no imaginário, nos mitos e valores na composição da cultura, bem como o papel que representa para cada comunidade, para cada ser. Veremos, outrossim, nesse contexto, uma espécie de “sistema de crença”, cujo projeto de vida funciona como um vetor que contribui para orientar algumas pessoas em suas condutas e na direção de certos sonhos transcendentais.

É natural que não vejamos projeto de vida em um conceito monolítico, mas comportam diversas nuances, gradações e vetores que formam uma rede, onde se deitam várias necessidades e sonhos, geralmente em torno do que nos falta, neste tal ajuste das “instâncias da felicidade”.

Cabe lembrar também que ao longo de cada período da vida, uma pessoa não elabora apenas um único projeto de vida, mas diversos, muitos até simultâneos, cada um com a sua carga de prioridade e com a sua envergadura de possibilidade de concretização, em uma tessitura de necessidades que vão surgindo ao longo do processo do viver humano. É preciso que fique claro que o projeto de vida não é um elemento autossuficiente, determinante de realização de uma vida. Porém sempre estará presente em todas as ações de planejamento de vida. Haverá momento em que o projeto de vida será considerado algo palpável, acessível àquele indivíduo, tido na perspectiva temporal de suas circunstâncias de vida no momento ou reflexo do passado. Nesse seguir é que os egressos do Lar Luz do Amanhã sempre moldam os seus projetos sobre a construção de uma família, de ter uma casa, mas no momento em que isso se estabelecer novos projetos deverão surgir.

O grande compromisso que se deve ter na permanente mutabilidade que surge nos projetos de vida, por força das mudanças de prioridades ou abordagens de necessidade circunstanciadas a um período, momento, é que não se percam critérios de razoabilidade e possibilidade, a fim de que não se venha enveredar por uma maior

frustração. Razão pela qual é sempre muito importante está em sintonia com os seus anseios, saber o que a vida realmente significa para você e conhecer seus valores é de fundamental importância no planejamento de suas conquistas. Lembrando que os valores também podem, devem estar livres para serem modificados, pois à medida que evoluímos no entendimento do nosso em torno, nossos valores também evoluem, mudam. Nada deve ser estático.

Não poderemos, de outra parte, deixar de lado que o projeto de vida não deve se restringir apenas aos ganhos e conquistas pessoais, uma vez que nos encontramos em comunidade, vivemos em sociedade e precisamos também exercer um projeto que possa ir além dos nossos anseios e necessidades. Interessante avaliar, nessa esteira de observação, que os egressos do Lar Luz do Amanhã guardam também como projeto de vida a solidariedade entre eles, em uma espécie de ajuda em rede, como instrumento de fortalecimento social comum.

Em um interessante trabalho de doutorado, no Instituto de Psicologia da USP, a pedagoga e psicóloga Denise D'Aurea Tardeli (2006), investiu na busca em compreender se adolescentes que tinham idade entre 16 e 18 anos<sup>11</sup>, alunos de escolas particulares de grande porte, de classe média, compreendiam a necessidade de a solidariedade estar presente nos projetos de vida deles, ajudando pessoas em dificuldades sem nada esperar em troca, bem como participarem de projetos sociais, tornando-se cidadãos conscientes. A análise dos relatos indicou índices de projeção solidária menores do que os esperados pelos parâmetros do teste aplicado. "Nesta fase os adolescentes já deveriam ter construído valores morais mais fortes, o que mostra uma imaturidade egoísta", explica Denise. "Eles apresentam a necessidade de interagir com outras pessoas, mas somente com aquelas que já conhecem, como família, amigos e namorados." Todos os adolescentes apresentaram interesse em ter um trabalho, alguns com intenção materialista. Na direção contrária, poucos mostraram querer fazer algo para tornar o mundo melhor, com um ímpeto muito pequeno para a transformação social. As meninas apresentaram características de pró-solidariedade ligeiramente maiores que os meninos. "Os adolescentes estão muito centrados neles mesmos, um reflexo do medo e da própria sociedade", conta a pesquisadora. Ela relata que uma maior manifestação de solidariedade somente foi

---

<sup>11</sup> O teste aplicado, PROM (Prosocial, Reasoning Objective Measure), envolvia três histórias hipotéticas com manifestação de ajuda ao outro em um relato escrito pelos próprios adolescentes sobre como eles se viam daqui a dez anos, comparando o hoje com o amanhã.



mostrada na situação de humilhação de um colega na escola. "Além disso, é possível ver a emergência de novos valores, a transformação das famílias, o exercício da cidadania sendo apagado", sentenciou (TARDELI, 2006, p. 67/69).

Comparando esses adolescentes com os egressos do Lar Luz do Amanhã, no item projeto de vida, há uma linearidade impressionante de entendimento de ajuda, amparo, reconhecendo apenas os "tidos" (no caso dos ex-abrigados) como familiares. *A priori* haveria de se esperar que adolescentes que tivessem passado por dificuldades de toda a natureza pudessem ser mais preocupados com os outros, além do seu grupo de "irmãos", em uma espécie de transferência de suas dificuldades, inclusive por terem vivido em abrigo. De forma alguma. Não surgiu em momento algum do grupo focal ou das entrevistas a elaboração de um projeto de vida de vertente social. Curiosamente esses indivíduos guardam uma preocupação muito específica e centrada em suas próprias vidas, como propósito de vida o seu bem-estar, sua auto-realização. É bem verdade, todavia, que diversos autores na Psicologia abordam essa necessidade de se gerar um projeto de vida, um plano de ação de conquista, como instrumento gerador de despertar de potencialidades. Um dos grandes representantes, por exemplo, da Psicologia Humanista-Existencial, Abraham Maslow (1970) lança a teoria da autorealização como processo de descoberta de potenciais, capacidades e talentos, como conquista pessoal, de destino ou papel.

Na linha da Psicologia Positiva, Mihaly Csikszentmihly (1990) afirma que o ponto mais alto, o último degrau para o controle da consciência é a definição do que ele chama de propósito de vida, e em seu livro *Psicologia da Felicidade*, sentença:

"Se alguém decide atingir uma meta difícil ou suficiente, à qual se seguem logicamente todas as outras, e se investe toda a energia para desenvolver as aptidões necessárias para alcançar esta meta, as ações e os sentimentos se harmonizarão e os diversos componentes da vida se ajustarão; e cada atividade, tanto do presente como do passado e do futuro, farão sentido. Dessa maneira, será possível dar significado à nossa existência inteira."

Ao iniciar este trabalho, guardava uma expectativa muito forte acerca de um processo de entendimento baseado na manutenção ou não do vínculo de apego de egressos do Lar Luz do Amanhã, que está sob minha direção-geral desde 1984. Constatava de forma muito pessoal que havia uma ruptura da ligação do egresso com o Abrigo mesmo diante de um processo desenvolvido para dar apoio e sustentação de toda natureza àqueles que foram conduzidos à nossa guarda e orientação. Meus

conhecimentos eram pouco consistentes em termos de análises teóricas sobre o tema, em especial no que dizia respeito às problemáticas relacionadas ao apego e ao vínculo. Dessa forma, e de maneira muito direcionada, pude mergulhar em um mundo que pensava conhecia, ainda que guardo grande experiência no trato, mas desconhecia os vieses íntimos de construção de expectativa e identidade desses indivíduos estudados. Mesmo guardando preocupações em oferecer a esses jovens um seguro acompanhamento psicológico, surpreendentemente esta pesquisa fez aflorar considerações jamais antes consideradas no processo de abrigamento, como pontuarei mais abaixo.

Assim, minhas percepções “achistas” – oriundas, obviamente, de anos de prática à frente dessa instituição – foram cedendo a avaliações mais sistemáticas. A consistência das análises aqui elaboradas contou, assim, com uma vasta literatura que foi se moldando ao tema do abandono, compondo um objeto que fui descobrindo (ou construindo) à medida que o “campo” se apresentava nas entrevistas ou em cada leitura da realidade do Lar – leituras tanto no sentido do meu olhar sobre o cotidiano do Lar, quanto da leitura mesma das falas transcritas daqueles que foram aqui tomados como ‘objetos’ de análise.

Busquei basicamente em Bowlby (1990), de forma incipiente, por conta da minha formação ao largo das ciências psicológicas, mas foi em quem encontrei as bases sobre as quais edificou sua teoria do apego, a ela acrescentando conclusões a respeito das experiências e observações com animais e crianças em etapas iniciais do desenvolvimento, advindas da etologia, situando-me no entendimento da ligação, vínculos além da díade mãe-filho, pois surgiria aí a figura do cuidador, que interessava espetacularmente a mim.

A referência em Bowlby (1990) me ajudou a considerar o comportamento de apego como uma classe de comportamento instintivo, herdada, mas apenas como um potencial a crescer, a se desenvolver, gerando, daí, atitudes que serão estimuladas, manifestadas a partir do meio ambiente, em que esses indivíduos tenham contato.

O resultado desta pesquisa – longe de ter sido um percurso de teor matemático, onde eu encontraria o valor de X, como imaginava outrora, quando do início da investigação – é o desvendamento de muitos conteúdos de vida, que guardavam aspectos impressionantes e desconhecidos de toda literatura visitada. A prática cedeu à reflexão e ao estudo. Ou seja, os projetos “montados para” eles, ou para agradá-los, foram colocados à prova. Os festejos de aniversários, por exemplo,

longas e significativas celebrações, verdadeiras homenagens que podíamos singela e gentilmente oferecer aos nossos abrigados foram descortinadas como situações reveladoras de medo: o medo de tornar-se adulto, de ver chegada a emancipação. Como nos conta Paulo:

“Pelo que me lembro que eu tinha... que eu fiz 13 anos, eu tinha medo de fazer aniversário porque sabia que ia chegar aos meus 18 e ia ter que é... ser o dono do meu nariz, é... seguir meu rumo.”

No entanto, firmando o foco na busca da proposta do presente trabalho, vejo, efetivamente, que o vínculo se estabelece em uma rede de apoio entre os egressos, no preenchimento de um vazio, da ausência de um núcleo familiar verdadeiros:

Valmir: Exato. Mesmo sem pai e sem mãe, mas foi ótimo. Porque em primeiro lugar eu considero aqui como meus irmãos. Tava compensando meu lado entendeu? Meu lado vazio. Saia pra brincar, curtia, fazia de tudo com os meninos. Então não tinha motivo de eu ficar chorando pelo... como é?

Valmir: Nem tinha, não tinha. O que é família é esses que estão ao meu lado.

M C: Então você considera esses rapazes como sua família.  
Valmir: Perfeitamente.

Valmir: Sem contar que emprego não é casa de ninguém, né?

Paulo: É isso. E termina...

Valmir: Tem que sentir segurança.

Paulo: Não. De repente, quando... na verdade é uma nota muito assim...a única coisa que eu tenho de reivindicar das ...das instituições, é que muitos da gente não tem nome e sobrenome de pai e mãe e até hoje acho que é uma das coisas que mais pesam assim, não só pra mim, mas deve ter vários irmãos de criação que pesa esse lado também. Não ter sobrenome. Quando chega na sociedade o pessoal: \_”não tem de pai nem mãe” ? É um peso que a gente carrega...

Valmir: Pro resto da vida.

Paulo: Eu acho que ter devia existir uma forma, um jeito, assim de... sei lá de preencher esse lado da gente. Porque a gente consegue conviver em sociedade, consegue...

O foco família se firmou no meio ambiente, abrigo, que gerando uma interação de anseios, vazios e sonhos, modelou uma espécie de adequação ou pertencimento à sociedade, sendo eles próprios suas famílias.

Salta também um curioso aspecto que não teve abordagem em nenhuma fonte pesquisada, pois era de se esperar que esses egressos viessem a sofrer um firme preconceito de cor, de raça, mas o preconceito foi de origem, de não terem nome de família:

Paulo: Se entrosar com as pessoas em vários ambientes e tudo, nosso trabalho, o que a gente quer fazer, com nossos filhos, nossa família, mas

esse lado é o que mais pesa, porque eu já cansei de ir em vários lugares e o povo tratar a gente de tal forma pelo fato de não ter...

M C: E esse sobrenome que você tem, vem de onde?

Paulo: Meu sobrenome, acho que invent ... foi inventado...

Fernando: Não, veio do Juizado de Menor.

Paulo: Veio do Juizado.

Hamilton: É um Desembargador Arnaldo Bahia Monteiro.

Paulo: Arnaldo Bahia Monteiro. Então todo que conviveram comigo desde pequeno como Everaldo Bahia, Ailton Bahia, 'cho ver, acho que só. Que conviveu comigo desde pequeno, bebê mesmo, tem o mesmo sobrenome porque não tem, acho que não tinha nome dos pais, nós não tivemos, então...

MC: E você tem?

Fernando: E tem muitos anos que a origem do meu nome... sobrenome também que eu não sei porque é também é Nascimento, Nascimento, Nascimento...

Dermeval: Todos irmãos.

Everaldo: Tem muitos Nascimento e Nascimento e Bahia tem aí... ninguém sabe...

Valmir: Bahia tem alguns, porque foi... mas Nascimento ...

MC: Bahia foi o Desembargador.

Na época ele era Juiz, Juizado de Menores...

Aí colocou o sobrenome dele nos meninos.

MC: É eu já ouvi esse caso.

Parece que são todos parentes.

Assim, vemos que a instituição pesquisada é de fato o fulcro dessa rede de apoio social que influencia no bem-estar dos indivíduos, fazendo-o vislumbrar o seu mundo social, encontro com suas estratégias de lida, de competência com os seus projetos de vida. A ausência dessa rede poderá aumentar ainda mais a sensação de desproteção.

O abrigo, portanto, se transforma na fonte de apoio social mais próxima, que deverá desempenhar importante papel de amparo e segurança a esses egressos, que tanto se sentem discriminados por não terem "família":

Everaldo: Eu sempre tenho uma coisa parecida porque eu dentro do casulo<sup>12</sup>, aqui em casa eu me sentia bastante seguro. Aqui eu me sentia bastante seguro. E pensava sempre que... é... quando tivesse uma certa idade ficava inseguro do que eu ver lá fora. É difícil prá gente, com tanta segurança dentro de um lugar que tenha carinho, que tenha amor, que tenha compreensão que tenha segurança eu sentia segurança. Ficava seguro aqui dentro.

---

<sup>12</sup> Dinâmica orientada pela realizadora do Grupo Focal, simbolizando a saída (casulo) do abrigo.

Assim, vão eles, em cada momento de suas vidas, buscando a identidade social capaz de fornecer apoio nas suas relações, uns com os outros:

Everaldo: É mais pelos irmãos. Porque é... a gente... a gente se une pra um ajudar o outro, quer dizer, quando as experiências dele, que eu sou o menos velho daqui do pessoal, com a experiência a gente vai cada vez mais, vai cada vez mais se olhando melhor pra vida e tentando se sustentar.

M C: Você, vocês mantêm contato com os que vocês chamam de irmãos?

Everaldo: Quase sempre. Nem sempre eu mantenho contato, mas eu tenho contato com alguns.

Doutra parte, o abrigo se constitui também a fonte de apoio social mais próxima, de busca de satisfação de suas necessidades, preservando o vínculo, o apego:

M C: E com o Lar, vocês mantêm contato?

?: Sim, sim...

#### **Vários falam ao mesmo tempo**

M C: O que é que motiva vocês certo, o que motiva vocês a procurar o Lar?

#### **Todos querem falar ao mesmo tempo**

Paulo: Assim, ó, é... pêra aí, grande! O que motiva é que a gente tem muita segurança em Lili<sup>13</sup>. Quando a gente está em um certo apuro, certa dificuldade, que a gente não tem apoio dos nossos irmãos, ou de um amigo mais próximo, de algum parente, a gente procura Lili, aqui, a gente procura Lili, que a gente sabe que o que ela pode fazer ela vai fazer. Se ela não puder é porque não tem mesmo. É o que representa.

Everaldo: Então a gente que foi criado no Lar, e Lili é diretora do Lar. Ela é o que representa a Cidade da Luz pra gente. Então quer dizer... Quando a gente quer algum apoio, a gente procura diretamente ela, que aí ela já direciona para qual setor da Cidade da Luz a gente vai ser encaminhado.

M C: Todos vocês...

Everaldo: Como a gente aqui não tem nem mãe nem pai, se cair doente...

M C: Todos vocês aqui não tem mãe nem pai?

Paulo: Alguns têm. Como ele...

M C: Quem mais tem?

Everaldo: Quando algum daqui cai doente, a gente não tem mãe nem pai. A gente pega e procura quem? Lili. Que a gente confia. Entendeu? Ela é quem nos ajuda.

Hamilton: Um familiar que...

Fernando: Também em relação a...

M C: Vocês só procuram o Lar em caso de dificuldades, ou vocês procuram o Lar também por outros motivos?

Paulo: Procuramos por outros motivos também.

---

<sup>13</sup> Lili (Eliana Marina Nascimento Rafael) iniciou comigo o projeto do abrigo, estando desde o início à frente da direção do Lar.

A partir do quanto pesquisado, é possível verificar que o Lar Luz do Amanhã manteve os seus vínculos com os seus egressos, mas se vê indispensável um aprimoramento na qualidade da assistência oferecida, focalizando o desenvolvimento no contexto desses indivíduos, transformando esse ambiente mais e mais de desenvolvimento, considerando os medos e anseios aqui reportados, a fim de que melhor sejam trabalhados junto a monitores, servidores, voluntários, gerando um maior interrelacionamento entre todos, não apenas com a cuidadora principal, conhecida, como dissemos anteriormente, como Lili.

Além disso, Bazon e Biasoli-Alves (2000) destacam a importância de um trabalho organizacional de valorização do funcionário e/ou monitor dos abrigos, de forma que não seja um ofício temporário e rotativo. A efetivação destas ações contribuiria para uma autovalorização do funcionário e/ou monitor, e conseqüentemente, diminuiria a possibilidade de rompimento constante de vínculos, ou a sua não formação, pois em todos os discursos se notou a ausência efetiva de citação de outros cuidadores.

De tudo haverá de se tomar maior preocupação com as condições que levem à redução dos fatores de riscos aqui pontuados e muito vivenciados, como, por exemplo, o medo de aniversariar, o medo da emancipação, já reportado.

As instituições assumem lugar central na vida desses indivíduos e, por força desta circunstância, é realmente importante investir na socialização o mais cedo possível com o mundo externo, buscando transformar as equivocadas concepções sociais sobre a origem desses sujeitos, ou mesmo a sua falta de sobrenome, de forma a desestigmatizá-la. Vê-se, ainda, como de relevante importância um trabalho sério e direcionado de interrelacionamento com todos os cuidadores e com a sociedade, de um modo geral.

Em um cenário de vidas onde projetos se encontram, vê-se que o adolescente de ontem, que funda uma instituição aos 17 anos, e aos 23 assume o compromisso de, com um grupo de amigos, conduzirem dezenas de jovens, em um ideal de auxílio, que se caracterizava em uma promessa interna de minimizar, na impossibilidade de extinguir, a fome de tantos indivíduos quantos pudessem, mesmo com pontos semelhantes de dificuldades: fome, luta pela sobrevivência... mas sempre há um toque de diferença, neste encontro de individualidades: o histórico de cada um.

O contraste entre cada cotidiano é visível e a maneira com que vai se aprofundando na vida deles, vai se envolvendo com a sua, querendo mais e mais

entender os liames que nos trazem para perto ou nos afastam. Os projetos vão se formando, vão se contextualizando de acordo com cada biografia, com cada história, em uma espécie de sinfonia, onde cada vivência é uma nota, onde as que não conhecemos nos levam à desafinação da música, mas à medida que nos familiarizamos a harmonia se torna mais palpável, sentida, descoberta. Alguém já disse que as vidas são paralelas, mas ao mesmo tempo perpendiculares. Elas conseguem nos fornecer dados que logo ali na frente poderão formar um encaixe e, este por sua vez, poderá se tornar peça fundamental para a formação de uma história, de uma realização, de um projeto mais do que de vida, de existência.

Por isso, que, de fato, entrar na vida de alguém é fácil, o difícil mesmo é se manter nela, porque encontros acontecem, entretanto são as vivências que irão marcar o esquadramento em comum de uma caminhada coletiva.

Esta pesquisa me fez encontrar a interseção nessa paralela de caminhadas – minha e desses egressos – em sonhos semelhantes, mas em vivências próprias, de cada um.

A mim uma casa para eles; a eles uma casa para si, como forma de concretização de um projeto de vida. A mim, festejar as suas vidas, comemorando os seus aniversários; a eles o fantasma do ter que partir, com a chegada do tempo, da maior idade. A mim, por fim, o importante era se tentar criar uma família; para eles, construir as próprias com os seus nomes, com seus tijolos e concretos, mas se sentirem amparados onde lhes deram “régua e compasso”.

## REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M., 1962/1963/1964/1967 in Karen, R., 1998, **Becoming Attached: First Relationships and How they Shape our Capacity to Love**, Nova York, Oxford University Press
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- ARPINI, D. **Violência e exclusão: adolescência em grupos populares**. [S.l.: s.n.], 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988
- BATESON, P; MARTIN, P. **O Projeto da Vida**. Rio de Janeiro Ediouro Publicações S.A, 2000
- BATESON, P.; MARTIN, P. **O Projeto de Vida**. [S.l.: s.n.], 2000.
- BAZON, M.; BIASOLI – ALVES. **A transformação de monitores em educadores. Uma questão desenvolvimento**. [S.l.: s.n.], 2000.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- BOWLBY, J. **Apego e perda Apego, a natureza do vínculo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1990. v.1.
- BOWLBY, J. **Apego e perda: perda, tristeza e depressão**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998. v. 3.
- BOWLBY, J. **Apego e perda: separação – angústia e raiva**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes. 1981.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 1990.



BRASIL. Ministério da Saúde. Unidade de Articulação com a Sociedade Civil e Direitos Humanos (SCDH). **Pesquisa sobre crianças infectadas com HIV/AIDS**. Brasília: MS, 2007.

BRITO, R; KOLLER, S.H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: Carvalho, A. (Ed.). **O mundo e espaço da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p.115-129.

BROWSER, B.P. Introduction: The global community, racism and anti-racism, 1995. Apud PEREIRA, C.; TORRES, A. R.; ALMEIDA, S. T. Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, v. 16, n. 1, p. 95-107. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/188/18816110.pdf>. Acesso em: 16 jan 2009.

CAMUS, ALBERT. **O Estrangeiro**. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.

CARVALHO, A. Crianças institucionalizadas e desenvolvimento: possibilidades e desafios. In: Lordelo, E., Carvalho, A. ; Koller, S.H. (Ed.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. vol. I, p.19-44.

CSIKSZENTMIHALYI, MIHALY. **A Psicologia da Felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1990.

DELL'AGLIO, D.D. **O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes**. 2000. Tese (Doutorado não-publicada Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2000.

**Desigualdade e pobreza no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Rio de Janeiro, 2004.

FISKE, S. T.; TAYLOR, S. E. **Social cognition**. 2.ed. Nova York: McGraw-Hill. 1991.

FLAVELL, J. H.; MILLER, P. H. ; MILLER, S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONSECA, C. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.

FONSECA, C. Criança, família e desigualdade social no Brasil. In: Rizzini, I. (Ed.). **A criança no Brasil hoje: desafio para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993. v. I, p.113-131.

- FONSECA, C. **O internato do pobre**: Febem e a organização doméstica em um grupo porto-alegrense de baixa renda. São Paulo: [s.n.], 1987. p. 4, 21-39. (Temas IMESC - Sociedade, Direito, Saúde).
- FORGAS, J. P. **Feeling and thinking**: The role of affect in social cognition. United Kingdom: Cambridge University Press, 2001.
- FRANKL, VIKTOR, E. **Um Sentido para a vida, Aparecida**. [S.l.]: Ed. Santuário, 1989.
- FREITAS, M. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.
- GALANO, M. H. Família e história: a história da família. In: CERVENY, C. M. O. (Org.). **Família e Sua História**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética infantil. Petrópolis: Vozes, 1995
- GALVÃO, I. Uma reflexão sobre o pensamento pedagógico de Henri Wallon. In: **Cadernos Ideias, construtivismo em revista**. São Paulo: F.D.E., 1993.
- GARCIA HOZ, VIKTOR. **Pedagogia Visível Educação Invisível**. São Paulo: Nerman, 1988.
- GARMEZY, N. ; MASTEN, A. Chronic adversities. In: Rutter, M., Taylor, E. ; Herson, L. (Ed.). **Child and adolescent psychiatry**. Oxford: Blackwell, 1994. p.191-207.
- GIUSSANI, LUIGI. **O Senso Religioso**. [S.l.: s.n.], 1990.
- GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, (1987).
- GRANDESSO, M. **Sobre a Reconstrução do Significado**: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. [S.l.]: Casa do Psicólogo, 2006.
- GRUSEC, J.E. ; LYTTON, H. **Social development**: history, theory and research. New York: Springer-Verlang, 1988.
- GUIRADO, M. **Instituição e relações afetivas**: o vínculo com o abandono. São Paulo: Summus, 1986.
- HOPPE, M. **Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco**. 1998. Dissertação (Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em

Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 1998.

HUTZ, C.; KOLLER, S.H.; BANDEIRA, D.R. **Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco**. [S.l.: s.n.], 1996. p.1, 79-86. (Coletâneas da ANPEPP).

JESSOR, R. et al **Protective factors in adolescent problem behavior: moderator effects and developmental change**. [S.l.:s.n.], 1995. p.31, 923-933.

JULIANO, M. **A influência da ecologia dos ambientes de atendimento no desenvolvimento de crianças e adolescentes abrigados**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental não-publicada) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, RS. 2000.

KAREN, R., **Becoming Attached: First Relationships and How they Shape our Capacity to Love**. Nova York:Oxford University Press, 1998.

KASLOW, F. W. Families and family psychology at the millenium. **American Psychologist**, v.56, n. 1, p. 37-46, 2001.

LAMB, M. E. The developmental of social expectations in the first year of life, 1981. Apud Lamb, M. E & Sherrod, L. R. **Infant social cognition: Empirical and theoretical considerations** (pp. 155-175). Hillsdale, New Jersey: Lawerence Erlbaum, 1981

LEITE, M.M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. Apud: Freitas, M. (Ed.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez. 1997. p.17-50.

MARCILIO, M.L. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil: 1726-1950. Apud: Freitas, M. (Ed.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p.51-76.

MARTINS, E. ; SZYMANSKI, H. **Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas**. Natal: [s.n.], 2004. p. 9, 177-187.( Estudos de Psicologia).

MASLOW, A.H. Motivation and a Personality. New York, Harper, 1970. Apud MIRANDA, A., ADORNO, R., CUELLO, S. & YUNES, M.A. O funcionamento dos abrigos como parte integrante da rede de apoio social na cidade de Rio Grande/RS [Resumo]. In: **Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento** (Ed.), Resumos de comunicações científicas, IV Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento (pp.274-275). João Pessoa: SBPD, 2003.

MORAIS, N.A.; KOLLER, S.H. Abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In: \_\_\_\_\_. **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenções no Brasil**. 2004. p.91-107. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MOSQUERA, JUAN JOSÉ M. A Motivação Humana na Concepção de A. H. Maslow. In: \_\_\_\_\_. **Livro Tendências contemporâneas em psicologia da motivação**. São Paulo: ed. Autores Associados: Cortez, 1982

NEWCOMB, M. Social support and personal characteristics: a developmental and interactional perspective. **Journal o Social and Clinical Psychology**, p.9, 54-68,1990.

OPPENHEIM, D.; KOREN-KARIE, N. ; SAGI, A. Mothers' empathic understanding of their preschoolers' internal experience: Relations with early attachment. **International Journal of Behavioral Development**, p.25, 17-27, 2001.

ORFORD, J.. **Community psychology: theory and practice**. New York: Wiley, 1992.

PASIAN, S. ; JACQUEMIN, A. **O auto-retrato em crianças institucionalizadas**. [S.l]: Paidéia, 1999. p. 9, 50-60.

PASSETTI, E. **O menor no Brasil Republicano**. In: Priore, M. (1996), História da criança no Brasil. São Paulo: Contexto, 1996. p.146-175.

PHILLIPS ; ZILLER, 1997; SCHUMAN, STEEH & KRUSAN – **Jornal of Personality and Social Psychology**, **72**, 420 – 434, 1998.

PRIORE, M.D. O papel branco, a infância e os jesuítas na Colônia. In: Priore, M. (Ed.), **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996. p.10-27.

RIZZINI, I. ; RIZZINI, I.. **A institucionalização de crianças no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.

RIZZINI, I. **A assistência à infância na passagem para o século XX: da repressão à reeducação**. [S.l.:s.n.], 1990. p.14, 77-95.

RUSSELL, BERTRAND. **Os Problemas da Filosofia**. [S.l.:s.n.], 2005.

RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. **American Journal Orthopsychiatry**, v.57, 316-331, 1987.

SANTANA, J.P. **Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua**: objetivos atribuídos por seus dirigentes e pelos jovens atendidos. (2003). Dissertação (Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2003.

SARTI, CYNTHIA. **Reciprocidade e Hierarquia**: relações de gênero na periferia de São Paulo. Caderno de Pesquisa. São Paulo: [s.n.], (1989).

SCHAFFER, D.; EMERSON, C. Apud KAREN, R. **Becoming attached**: first relationships and how they shape our capacity to love. Nova York: Oxford University Press, 1998.

SCHECHTMAN, Alfredo. **Psiquiatria e Infância: uma Abordagem Histórica**. In: RUSSO, J.; SILVA FILHO, J. **Duzentos Anos de Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1993.

SCHREINER, A. A “Criança Brasileira”, Futuro da Nação: Infância, Educação e Higiene Mental na Primeira República. **Cadernos do IPUB – Noção de Pessoa e Institucionalização dos Saberes Psicológicos no Brasil**. Rio de Janeiro. Instituto de Psiquiatria, UFRJ, Nº 8, 1997.

SILVA, E.R. **O direito à convivência familiar e comunitária**: Os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Brasília: IPEA/CONANDA, 2004.

SILVA, R. **Os filhos do governo**. São Paulo: Ática, 1997.

**Static Analysis Symposium (SAS 2004)**, Programme Committee Member. Verona, Italy, August 26 - 28, 2004.

TANAKA, OSWALDO Y.; MELO, CRISTINA. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente- um modo de fazer**. São Paulo: Edusp, 2001.

TARDELLI, D. D. **Solidariedade em jovens adultos**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo. 2006.

TIZARD, B. et al. **Environmental effects on language development**: a study of young children in long-stay residential nurseries. *Child Development*, [S.l.:s.n.], 1972. p. 43, 337-358.

UNICEF - **The state of the world's children. 2005.** Publicações. Disponível em: [http://www.unicef.org/publications/2004\\_OfficialSumm\\_ENG.pdf](http://www.unicef.org/publications/2004_OfficialSumm_ENG.pdf). Acesso em: 23 de março de 2009

VASCONCELOS, Q. A.; YUNES, M. A. M.; GARCIA, N. M. Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo. **Paidéia**, Brasília, v. 19, n. 43, p.221-229, maio/ago, 2009. Quadrimestral. Disponível em: <[www.scielo.br/paideia](http://www.scielo.br/paideia)>. Acesso em: 23 set. 2009.

VIANA, G. **O abandono no Brasil.** São Paulo: [s.n.], 1997.

WEISS, M.R. Psychological effects of intensive sport participation on children and youth: self-esteem and motivation. In: CAHILLE, B; PEARL, A.J. (Org). **Intensive participation in children's sports (54-65).** Champaign: Human Kinetics, 1993.

WINNICOTT, D. W. Objectos transacionais e fenômenos transacionais. In: \_\_\_\_\_. **Textos selecionados da Pediatria à Psicanálise.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1988.

YUNES, M.A. et. el. A história das instituições de abrigo às crianças e concepções de desenvolvimento infantil [Resumo]. In: **XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia.** Florianópolis: Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000. p.213-214.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I

#### Transcrição Do Grupo Focal

**Observações:** Inicialmente marcado para começar às dez horas, o grupo foi chegando aos poucos. Todos estavam ansiosos, aguardando a chegada de Paulo, que já sabiam estava a caminho. Estavam todos animados, alegres com o reencontro, mostrando as fotos que tinham nos celulares. Perguntam pelos familiares e outros companheiros. A reunião é iniciada com a chegada de Paulo. O grupo sentou em semi-círculo, ocupando a área do fundo da sala, tendo à frente Maria Célia, e mais atrás Ana Cristina que registrava no papel a movimentação do grupo.

MC: Pronto.

Hamilton: Aqui?

MC: É, pode ser. Na frente também dá. Pode ir.

M C: Pode ir. Seu nome é...

Hamilton. Tenho 34 anos e atualmente estou desempregado. Eu vendo umas balinhas na porta da escola...

M C: Hum, hum... Você tem família?

Hamilton: Tenho família.

MC: Já casou, tem filhos?

Hamilton: Tenho três filhos.

M C: Hum, hum... tá ok. Com que idade você chegou aqui no Lar?

Hamilton: No Lar... cheguei com... 11 anos.

MC: Onze? E ficou até que idade?

Hamilton: Até os 18.

M C: Até os 18. Tá bom. Obrigada viu Everaldo. Oh! Desculpe...

Hamilton: Hamilton Bahia.

M C: Hamilton Bahia.

**Risos, comentários...**

M C: Pode colocar. Seu nome é...

Dermeval

M C: Tá. Com que idade você chegou aqui no Lar?

Dermeval

Com nove anos.

M C: Nove? E ficou até que idade?

Dermeval

Dermeval: Dezesete.

M C: E qual é a sua idade hoje?

Dermeval: Vinte e um anos.

M C: Vinte e um? E o que é que você faz hoje?

Dermeval: Trabalho num mercado.

M C: Hum, hum... Tá ok. Você é casado, tem família...

Dermeval: Só namorando, só.

M C: Cê ta namorando. Tá ok, então. Obrigada.

Dermeval: Nada.

M C: O próximo. Seu nome...

### **Fernando**

M C: Fernando. Com quantos anos você chegou aqui no Lar?

Fernando: No Lar... com... oito anos.

M C: Oito? E ficou até que idade?

Fernando: Até vinte.

M C: Vinte? Tá ok. E... É... que é que você faz hoje?

Fernando: Hoje eu sou segurança.

M C: Hum, hum...

Fernando: É... vou me noivar agora aí.

M C: Ah! Que jóia!

Fernando: Só isso mesmo.

M C: Tá bom, obrigada.

### **Comentários**

Ariovaldo: Meu nome é Ariovaldo, tenho 34 ano...

?- Fala alto.



Antônio: ‘timamente meu trabalho... to desempregado, faço biscates como pedreiro e cheguei no Lar com mais ou menos sete anos de idade.

M C: E ficou até que idade?...

Antônio: Fiquei até dezoito, mas precisei retornar algumas vezes, mas praticamente com vinte e um anos.

M C: Tá. Você precisou retornar qual motivo?

Antônio: Não, eu voltei como voluntário, trabalhei aqui como profissional, na área de educação, também na área de limpeza, né, e nunca perdi a... a ligação com o Lar. Sempre tive uma ligação, tanto como ex-morador, como funcionário.

M C: Ah, ta bom. Obrigada.

Márcio: Posso dar uma palhinha?

M C: Pode dar o quê?

Márcio: Dar uma palhinha.

M C: Pode.

Márcio: Eu queria dizer primeiramente que é uma satisfação muito grande ta aqui mais uma vez a essa casa. Meu nome é **Márcio**, é... tenho 23 ano e atualmente trabalho como motoboy. Mas eu tenho planos para mudar e... como é mesmo...

M C: Ah, você quer mudar prá que?

Márcio: Não... mudar assim de emprego, tal...

M C: Eu sei, mas o que você quer fazer?

Márcio: Estudar para ser assim um advogado, ou um delegado... essas coisas assim.

M C: Ah, jóia.Tá bom. Com que idade você chegou aqui no Lar?

Márcio: Oito anos.

M C: E ficou até...

Márcio: Vin... Dezoito.

M C: Ficou até dezoito?

Márcio: Dezoito. Mais alguma coisa?

M C: E já casou...

Márcio: Não, to com minha namorada aí.

M C: Ah, é? Tá bom.

Márcio: Obrigado. Obrigado.

M C: Obrigada também.

Paulo: Meu nome é, eu atualmente estou com 34 anos e hoje convivo com uma pessoa. Já fui casado, já descasei, tenho duas filhas que moram com as mães, mas sempre que posso vou lá visitá-los, não é? E... no momento...

M C: E todas as duas são criadas por você?

Paulo: É. Todas duas. E no momento, eu trabalho é... com uma coisa assim, é... minha mesmo, que ta começando também agora, acho que com muita dificuldade mas com fé em Deus vou chegar lá. E...

M C: Ta fazendo o que?

Paulo: Eu trabalho com lan house, meio de... na área de computação, foto, currículos, megabyte, né, vamos dizer assim?

?- Informática.

Paulo: Informática é.

M C: Hum, hum, ta. Você chegou aqui com que idade?

Paulo: Cheguei aqui com 11 anos, mas antes daqui já convivi em outra instituição, que por algum problema acho que não deu, não teve continuidade, devido a problemas que eu também não sei. E fui transferido para a instituição aqui com 11 anos.

M C: E ficou aqui até que idade?

Paulo: Até 19 anos. E servi o Exército e de lá dei prosseguimento a minha vida.

M C: Tá bom, obrigada.

Everaldo: Bem, meu nome é Everaldo, tenho 31 anos... (não desliga não) tenho 31 anos atualmente eu, eu trabalho como vendedor, mas querendo mudar de, de emprego, quer dizer...

M C: De profissão...

Everaldo: É de profissão é... estudar e si querer ser administrador. E eu cheguei aqui com... aqui na casa com... 15 anos.

M C: E aí?

Everaldo: É. Passei cinco anos aqui, aqui na casa, mas antes que Medrado assumiu, assumiu o Lar, na Ribeira eu cheguei lá com sete anos, sete anos de idade. Saí aos 18.

M C: Ah, você era do Núcleo da Ribeira e veio para cá.

Everaldo: Isso. E saí daqui com dezoito.

M C: Tá bom. Então você ficou no Lar de sete aos dezoito anos, só que antes era na Ribeira.

Everaldo: É. Antes era na Ribeira. Aí se transferiu para cá e fiquei aqui cinco anos e chegou aos 18 anos e me emancipei, e fui viver minha vida.

M C: Tomou seu rumo.

Everaldo: É tomei meu rumo.

M C: Tá bom, obrigada. Você tem filhos?

Everaldo: Não.

M C: Nem foi casado?

Everaldo: Não.

M C: Tá bom.

Valmir: Meu nome é Valmir. Tenho 33 anos. Tô com uma pessoa há 10 anos e vou me casar agora em dezembro, 17 de dezembro, e sou funcionário de um hospital e...

M C: Tem filhos?

Valmir: Não, mas pretendo ter, construir minha família.

M C: Gente, ó pra não atrapalhar o colega.

Valmir: E pretendo constituir família.

M C: Hum, hum. E você chegou no Lar com que idade?

Valmir: Ó, eu cheguei bebê, que nem me lembro quando era. Que era Ondina, depois da Ondina fui para Boca do Rio... fui para Ribeira, da Ribeira fui pra Boca do Rio...

M C: Mas a Ondina era também daqui da mesma instituição..? É outra?

Valmir: Não, era outra instituição.

M C: Aí você foi para Ribeira, que era daqui? Não... era do Uruguai né?...

Valmir: Era do Uruguai, mas era a mesma. E da Ribeira vim pra aqui, e saí daqui com... 20 anos, 20 que eu saí daqui.

**Toca o celular e Paulo sai para atender.**

M C: Vinte anos. Tá bom. Tá ok, obrigada.

Cleber: Tá gravando, já?

M C: Tá.

Cleber: Meu nome é **Cleber**, tenho 20 anos, cheguei aqui com 07 anos e saí com 20. Atualmente estou trabalhando como embalador e estou noivando também.

M C: Que ótimo! Você chegou com sete e saiu com vinte.

Cleber: Vinte.

M CV: Tá, obrigada. Falta alguém?

Ivan: Meu nome é Ivan, tenho 24 anos, tenho 24 anos, atualmente estou trabalhando. Tenho duas filha.

M C: Você ta trabalhando com que?

Ivan: Como embalador. Tenho duas filha, e moro com duas fi... uma das minhas filhas.

M C: Tá. Você chegou no Lar com que idade?

Ivan: Cheguei com oito anos de idade.

M C: E saiu com que idade?

Ivan: Saí com 17 anos

M C: Tá ok, obrigada. Todos já vieram?

**Todos falam ao mesmo tempo.**

M C: Gente, agora eu gostaria que nós fizéssemos um relaxamento... é que vocês procurassem sentar da maneira mais confortável possível na cadeira, tá? De uma forma confortável para vocês.

? Como se estivesse numa balada... ficar à vontade...

? Só não pode dormir...

M C: É para relaxar, balada é... não precisa dormir também... não precisa exagerar... tá, relaxem, mas não precisa relaxar taaanto! Tá bom? Eu gostaria que vocês fechassem os olhos, é... se colocassem de uma forma confortável , se vocês quiserem afastar mais as cadeiras, podem afastar, tá? Então fechem os olhos, procurem se concentrar em vocês mesmos, não pensar em nada do que vocês deixaram lá pra fora, tá? Mesmo que vocês tenham que fazer esforço, gente olhando, namoradas, nada, procurem se concentrar em vocês mesmos nesta sala.

## **RELAXAMENTO: VIVÊNCIA DO CASULO RELACIONANDO À FASE DE RESIDÊNCIA NO ABRIGO.**

M C: Aquele que for terminando a sua estória vai esticando os braços, esticando as pernas, voltando assim para essa sala, e abrindo os olhos bem devagar. Quem já tiver terminado a estória. Quem não tiver, continua pra terminar. Vamos esperar os colegas terminar. Todo mundo terminou? Quem gostaria de me contar a sua estória?

Valmir: Precisa ir à frente ou pode ser daqui mesmo?

M C: O quê?

Ana: Como é?

Valmir: Precisa ir à frente ou pode ser daqui mesmo?

M C: Não, pode ser daí mesmo.

**Alguém pede para sair.**

?: \_\_\_\_\_

M C: É?

Valmir: A minha estória...

Ana: Você pode repetir seu nome?

Valmir. A minha estória é que em 2009 eu pretendo fazer o vestibular. Dar rumo na minha vida, tá. Chegar onde é a minha meta.

M C: Sei, mas veja bem, como é que... isso é, depois que você sai do casulo.

Valmir: Exato, perfeitamente.

M C: É uma estratégia que você tá usando para melhorar, pra vencer na sua vida. Mas antes, né, quando você estava no casulo, e também que associação você tem, vocês fazem dessa estória de estar dentro do casulo, começar pequeno, ir se desenvolvendo e depois chegar o momento que precisa sair e vir cá para fora, que associação vocês fazem disso com, é... a história de vocês aqui no Lar?

Valmir: Estória é que... quando a gente está dentro do casulo, eu acho insegurança.

M C: Segurança?

Valmir: Insegurança,

M C: Insegurança?

Valmir: Insegurança quando sai.

M C: Ah, quando sai. Mas como foi a sua estadia aqui no Lar? Como é que você se sentia aqui? Como foi pra você? Como foi o seu desenvolvimento?

Valmir: Meu desenvolvimento aqui foi nota dez. Não tenho o que falar. Se desse pra voltar de novo, voltaria. Que eu achei tão bom...

M C: Foi?

Valmir: Foi. Não tenho o que falar.

M C: Não tem nada que falar?

Valmir: Foi maravilhoso.

M C: Então todas as lembranças que você guarda do Lar são positivas.

Valmir: Exato. Mesmo sem pai e sem mãe, mas foi ótimo. Porque em primeiro lugar eu considero aqui como meus irmãos. Tava compensando meu lado entendeu? Meu lado vazio. Saia pra brincar, curtia, fazia de tudo com os meninos. Então não tinha motivo de eu ficar chorando pelo... como é?

M C: Você veio pro Lar por qual motivo?

Valmir: Eu não sei, que foi bebê.

M C: Ah, você veio bem pequeno.

Valmir: Foi. Foi. Como ta esses meninos bebezinho aí.

M C: Cê acha que veio com menos de um ano?

Valmir: Exato.

M C: É?

Valmir: Bebê mesmo, não me lembro de nada. Mas quando chegava no final... no dezembro, que dezembro tem aquela festa de...fraternidade, de família...

M C: Natal? É. Isso.

Valmir: Fraternidade, de família, né, aí nessa hora eu particularmente me sentia um vazio, porque todo mundo quando ia, chegava o Natal s... tinha que ter uma pessoa. Justamente, nessa hora de Natal a gente não tinha, eu mesmo não tinha, sentia um vazio. Mas também nem me toco muito pra esse negócio de dia de pai, dia de mãe, não me abala nem a pau.

M C: Você não tinha família, então.

Valmir: Nem tinha, não tinha. O que é família é esses que estão ao meu lado.

M C: Então você considera esses rapazes como sua família.

Valmir: Perfeitamente.

M C: Você costuma encontrar com eles... cê mantém contato com eles?

Valmir: Alguns... alguns eu tenho contato , alguns eu não vejo há muitos anos, e... então é um prazer imenso vê-los.

M C: Você, você fez... você tinha algum amigo, uma pessoa que você pudesse se referir, que você procurasse nas horas mais difíceis, mesmo depois que saiu do Lar?

**Cleber sai para atender o celular e o outro retorna.**

Valmir: É. Ah! Que cada um tem sua vida né? Quando sai daqui. né? como eu também tive minha vida , e a gente tem que trabalhar, trabalhar, trabalhar...pra se manter, e eu nem tive tempo suficiente pra buscar, as pessoas. É algo que quando eu saí daqui tinha o que... só tinha quatro...por que eu sempre ficava conversando, morava junto e depois quando eu resolvi tomar meu rumo de minha vida, constituir minha família, aí, eu deixei, eles todos de lado.

M C: Agora me diga uma coisa. E... como é que foi pra você, quando chegou a hora, né... pra vocês também, né? Como é que foi pra vocês quando tava chegando a hora que vocês viam que vocês iam ter que sair do Lar, iam ter que dar um rumo pra vida de vocês.

Valmir: Eu?

Paulo: Uma insegurança muito grande.

Valmir: Perfeitamente.

Paulo: Pelo me lembro que eu tinha... que eu fiz 13 anos, eu tinha medo de fazer aniversário porque sabia que ia chegar aos meus 18 e ia ter que é... ser o dono do meu nariz, é... seguir meu rumo. E eu era muito inseguro pelo fato de não... não ter... assim ... família ... assim que eu conhecesse, assim de sangue, porque aqui eu tinha família, mas quando fizesse 18 anos, se não tivesse uma casa própria, lá fora ia ter muita dificuldade pelo fato de... assim... eu acho que ia começar a trabalhar, mas se eu perdesse meu emprego? Se acontecesse algo, porque desemprego acontece várias vezes. Tem colega que a gente conhece, tem um patrão que às vezes você não se identifica com aquela... aquele trabalho que está exercendo e chega lá, as vezes, você não se dá bem com aquele ambiente.

Valmir: Sem contar que emprego não é casa de ninguém, né?

Paulo: É isso. E termina...

Valmir: Tem que sentir segurança.

Paulo: E caso você sair? Vai pra onde? Vai procurar outro irmão, vai voltar pra instituição, você vai procurar sua família que você nunca viu, não sabe nem se existe? Você, na verdade... não tem nem...

M C: Quando você saiu do Lar você não teve contato com sua família?

Valmir: Não.

Paulo: Não. De repente, quando... na verdade é uma nota muito assim...a única coisa que eu tenho de reivindicar das ...das instituições, é que muitos da gente não tem nome e sobrenome de pai e mãe e até hoje acho que é uma das coisas que mais pesam assim, não só pra mim, mas deve ter vários irmãos de criação que pesa esse lado também. Não ter sobrenome. Quando chega na sociedade o pessoal: \_"não tem de pai nem mãe" ? É um peso que a gente carrega...

Vladmir: Pro resto da vida.

Paulo: Eu acho que ter devia existir uma forma, um jeito, assim de... sei lá de preencher esse lado da gente. Porque a gente consegue conviver em sociedade, consegue...

M C: Entrosar...

Paulo: Se entrosar com as pessoas em vários ambientes e tudo, nosso trabalho, o que a gente quer fazer, com nossos filhos, nossa família, mas esse lado é o que mais

pesa, porque eu já cansei de ir em vários lugares e o povo tratar a gente de tal forma pelo fato de não ter...

M C: E esse sobrenome que você tem, vem de onde?

Paulo: Meu sobrenome, acho que invent ... foi inventado...

Fernando: Não, veio do Juizado de Menor.

Paulo: Veio do Juizado.

Aílton: É um Desembargador Arnaldo Bahia Monteiro.

Paulo: Arnaldo Bahia Monteiro. Então todo que conviveram comigo desde pequeno como Everaldo Bahia, Ailton Bahia, 'cho ver, acho que só. Que conviveu comigo desde pequeno, bebê mesmo, tem o mesmo sobrenome porque não tem, acho que não tinha nome dos pais, nós não tivemos, então...

MC: E você tem?

Fernando: E tem muitos anos que a origem do meu nome... sobrenome também que eu não sei porque é também é Nascimento, Nascimento, Nascimento...

Dermeval: Todos irmãos.

Everaldo: Tem muitos Nascimento e Nascimento e Bahia tem aí... ninguém sabe...

Valmir: Bahia tem alguns, porque foi... mas Nascimento ...

MC: Bahia foi o Desembargador.

Na época ele era Juiz, Juizado de Menores...

Aí colocou o sobrenome dele nos meninos.

M C: É eu já ouvi esse caso.

Parece que são todos parentes.

M C: Tá, então tem muitos de vocês aqui...

?: \_\_\_\_\_juizado mesmo\_ como é \_\_\_\_\_fazer uma homenagem das crianças que ele cuidou que ele

?: Dar uma assistência, né

MC: Ele encaminhou...

?: Ele encaminhou... assim... pra instituição...

M C: Sei.

M C: você quer falar o que? \_\_\_\_\_

Paulo: A parte ruim, mas a parte ruim e no meu modo de pensar, acho que é pra gente que conviveu de família na instituição a gente não tem o que falar, pelo menos eu. A gente roupa, tinha roupa lavada, comida, tinha carinho, que na verdade tinha. Às vezes tinha algumas turbulências com nossos irmãos de criação, que às vezes



tinha briga, que era normal, acontecem até ni família, assim, em outras famílias porque me fugiu a língua. E, no mais acho que não tem o que reclamar assim... acho que eu sempre fui observador, sempre tive medo, assim de sair, que era o lado assim que não era bom. Mas eu sempre fui observador, sempre eu gostei de ouvir os conselhos e armazenar as coisas boas que tinha prá guardar assim em mente pra que chegasse lá na frente eu ter que usar. Via a preocupação das pessoas que cuidavam da gente. Então essas coisas eu não tenho nem que falar. Tudo bem que a gente ficava chateado que quando saía, chegava certa idade, tinha horário para chegar. Tudo bem que era pro nosso bem, mas naquele tempo a gente não sabia que era para nosso bem, a gente as vezes achava que era marcação, que era pra não ter muita liberdade. E tudo isso era uma preocupação a mais que a instituição tinha com a gente, diretamente de Lili, que era uma das mais próximas assim com a gente, convivia mais próximo, desde o início. Assim a partir de do momento que eu conheci de 11 anos prá cá. Então eu acho que, na minha opinião, eu acho que não tenho muito o que reclamar.

#### **Alguns comentam sobre o fato de Paulo falar muito.**

Paulo: Hoje analisando...

?: Daqui a pouco essa metralhadora...

#### **Risos**

Paulo: É gastei tudo, pronto...

Ariovaldo: Eu em particular, desde pequeno, eu sempre tive uma pergunta comigo, sobre a questão sempre de pai, o que é ser pai, na questão de pai e mãe. Como é que fica nossa referência lá fora por falta das pessoas que certamente são tão importantes nas nossas vidas. Sempre fazia comparação de nossa vida dentro do Lar, com a vida dos meus colegas, fora, na escola, na vizinhança.

M C: Como é que você se sentia quando fazia essa comparação?

Ariovaldo: Eu me sentia sempre inferiorizado, não é? Eu sempre queria saber o porquê da minha realidade ser aquela. Se Deus é único, a gente só tem uma vida aqui, por que é que tem essa diferença de um nascer dentro de sua própria família com pai e mãe e a gente que é num número de quase cinqüenta, estar ali dentro daquele orfanato. Qual seria o nosso objetivo ali. Não é? E eu sentia que dentro da própria instituição, quando era AMAC, pesava essa questão que não tinha área definida para trabalhar em cima disso, uma preparação para trabalhar essa questão, vamos dizer assim, emocional prá gente sair do lar e pudesse encarar a vida lá fora

com mais naturalidade, maturidade. Por no meu caso eu nunca me imaginei fora do Lar, a minha vida era somente quatro paredes, era aquilo ali. E eu tina basicamente, eu tinha medo de sair. Tanto que é que eu retornei umas três ou quatro vezes pro Lar, por falta de um preparo emocional, pra poder lidar com os problemas lá fora.

M C: Então foi muito difícil pra você essa passagem...

Ariovaldo: Essa transição entre a minha saída do Lar para o mundo lá fora foi um negócio assim que custou muito, ou melhor, até hoje ainda custa muito, ainda não tô, ainda apesar de estar com 34 anos, ainda não me considero assim preparado, entendeu prá poder suportar esses problemas do dia-a-dia que a gente convive lá fora e fora do Lar e do orfanato. Na questão também do... da época que a gente convivia, é... a preparação que foi feita no Lar, quando era a direção da AMAC...

M C: Como é o quê?

Ariovaldo: AMAC. A antiga direção na época em que eu fui prá lá, o pessoal tinha a questão da religiosidade, não é? É que eu... era a igreja católica que colocavam, sempre diziam... que dava um castigo, o castigo era orar de joelho. Quer dizer, essas coisas sempre... Obviamente eu sempre me perguntava o que era o porquê de tudo isso. Isso seria como base prá nossa vida lá fora.

M C: E quando mudou pra essa atual direção, do Lar, como é que foi essa questão da religiosidade?

Ariovaldo: Quando passou essa transferência da religiosidade da questão da igreja católica para o centro espírita gerou um preconceito muito grande na época entre a gente, por que a gente já tinha uma, uma base, uma visão espiritual passada pela igreja católica da época, né? Então prá gente essa questão de acreditar na questão da reencarnação, na questão da... que a espiritualidade tinha uma influência, na questão de que a gente estava ali porque a gente fez alguma coisa por merecer, alguma coisa por merecer, das nossas vida, a gente custou muito acreditar nisso. Mas com o passar do tempo, eu particularmente eu comecei a estudar melhor, a entender melhor o porquê de tudo isso e graças a Deus, quando a direção do Centro passou a se responsabilizar pelo orfanato, que começou a clarear mais essa questão e eu comecei a me sentir, a me preparar melhor, por que eu comecei a aceitar mais os fatos, na questão, pô, se eu tô... se eu não tenho pai, se eu não tenho mãe, entendeu, alguma coisa eu fiz, eu tenho que aprender alguma coisa com isso. E é essa base que eu to levando comigo até hoje prá enfrentar a vida lá fora com mais naturalidade, maturidade.

**Batem à porta. Chega Romilson (11h50min.)**

M C: Alguém tem esse mesmo \_\_\_\_ fato que ele colocou?

---

?: Ele é mudo.

Everaldo: Hum?

M C: Você quer falar?

?: Você não é mudo não. Fala.

**Risos. Os que estão próximo cumprimentam Romilson.**

Paulo: Ele disse que tem uma visão, então vai lá...

---

M C: Quem é?

Everaldo.

M C: Everaldo, fala.

**Risos.**

Everaldo: Eu sempre tenho uma coisa parecida porque eu dentro do casulo, aqui em casa eu me sentia bastante seguro. Aqui eu me sentia bastante seguro. E pensava sempre que... é... quando tivesse uma certa idade ficava inseguro do que eu ver lá fora. É difícil prá gente, com tanta segurança dentro de um lugar que tenha carinho, que tenha amor, que tenha compreensão que tenha segurança eu sentia segurança. Ficava seguro aqui dentro.

M C: Mas você sentia que tinha carinho, que tinha amor...

Everaldo: Sentia isso tudo, acabando que pensando que não queria sair mais daqui. Então o quê, as pessoas, Lili, o pessoal que nos dava carinho aqui dentro, sempre mostrava que lá fora, realmente a vida é dura, é bastante dura e você tem que ser é... bastante forte prá encarar dificuldade, outros problema lá fora, as pessoas que são bastante difíceis vocês lidar com as pessoas aí fora. Então eu sempre acreditava e continuo acreditando que um dia eu vou conseguir encontrar é... meu pai, vou conseguir encontrar minha mãe, eu tenho sempre essa esperança de, de encontrar eles, mas é bastante difícil prá gente é... mostrar pras pessoas o porquê não tem, não tem um nome, um sobrenome de família, pras pessoas, porque as pessoas têm pena, muitas pessoas tem pena, acha que, puxa, um pobre coitado, por que não tem mãe, como é que...

M C: Será que só o fato de ser só o nome, as pessoas já percebem que aquele não é um nome de família?

Évilásio. Geralmente pergunta: será que é seu nome, ou será que a família que tem o nome Bahia é... ainda está com você, ou então ainda você conhece? Às vezes perguntam, mas às vezes a gente fica constrangido, eu fico constrangido de dizer a origem, mas não com vergonha, porque é... não fui pro lado ruim de, de prostituição, de drogas, essas coisas todas. É... pelo que a gente percebe, aquele pessoal também percebe, que nos criou, é que muitos da gente se deram pro lado de de...

?: Do bem.

Everaldo: ... Do bem, não pelo lado da criminalidade, pelo lado da marginalidade, do negativo, mas há sempre, há sempre um pouquinho de insegurança, é como o irmão chegou e disse ali que às vezes quando a gente perde, ou então a gente fica inseguro quando perde o emprego, pra onde correr, pra onde é que vai...

M C: E aí, quando acontece uma coisa, o que, aonde é que procura ajuda?

Everaldo: É mais pelos irmãos. Porque é... a gente... a gente se une pra um ajudar o outro, quer dizer, quando as experiências dele, que eu sou o menos velho daqui do pessoal, com a experiência a gente vai cada vez mais, vai cada vez mais se olhando melhor pra vida e tentando se sustentar.

M C: Você, vocês mantêm contato com os que vocês chama de irmãos?

Everaldo: Quase sempre. Nem sempre eu mantenho contato, mas eu tenho contato com alguns.

?: Alguns. Os que moram perto.

Everaldo: É. Os que moram perto porque às vezes as dificuldades é muito grande em relação ao trabalho mesmo.

M C: E vocês, mantêm contato?

?: Mais os que moram perto.

M C: Mesmo que não seja os que estão aqui, né?

\_\_\_\_\_ às vezes demora um pouquinho... às vezes perde o contato...

M C: E com o Lar, vocês mantêm contato?

?: Sim, sim...

### **Vários falam ao mesmo tempo**

M C: O que é que motiva vocês certo, o que motiva vocês a procurar o Lar?

---

**Todos querem falar ao mesmo tempo**

Paulo: Assim, ó, é... pêra aí, grande! O que motiva é que a gente tem muita segurança em Lili. Quando a gente está em um certo apuro, certa dificuldade, que a gente não tem apoio dos nossos irmãos, ou de um amigo mais próximo, de algum parente, a gente procura Lili, aqui, a gente procura Lili, que a gente sabe que o que ela pode fazer ela vai fazer. Se ela não puder é porque não tem mesmo. É o que representa. Everaldo: Então a gente que foi criado no Lar, e Lili é diretora do Lar. Ela é o que representa a Cidade da Luz pra gente. Então quer dizer... Quando a gente quer algum apoio, a gente procura diretamente ela, que aí ela já direciona para qual setor da Cidade da Luz a gente vai ser encaminhado.

M C: Todos vocês...

Everaldo: Como a gente aqui não tem nem mãe nem pai, se cair doente...

M C: Todos vocês aqui não tem mãe nem pai?

Paulo: Alguns têm. Como ele...

M C: Quem mais tem?

Everaldo: Quando algum daqui cai doente, a gente não tem mãe nem pai. A gente pega e procura quem? Lili. Que a gente confia. Entendeu? Ela é quem nos ajuda.

Ailton: Um familiar que... \_\_\_\_\_

Fernando: Também em relação a...

M C: Vocês só procuram o Lar em caso de dificuldades, ou vocês procuram o Lar também por outros motivos?

Paulo: Procuramos por outros motivos também.

M C: Que outros motivos?

Paulo: Pra fazer visita...

Everaldo: O motivo maior também é ser voluntário.

M C: Vocês trabalham como voluntário também no Lar?

**Todos querem falar.**

M C: Gente, um de cada vez. Quem trabalha como voluntário?

Paulo: Já trabalhei muito.

Everaldo: Eu trabalho.

M C: Trabalha ou já trabalhou?

Everaldo: Trabalho.

Paulo: Já trabalhei como voluntário uns tempos atrás, e tenho assim um estabelecimento que tem correr atrás pra pegar um ritmo, um embalo, uma coisa que assim, eu gostaria de fazer também, \_\_\_\_\_mas sempre que eu posso.

M C: Alguns colocaram de que quando chegou próximo de sair que sentiram muita insegurança. Nem tão próximo, mas um de vocês colocou que aos treze anos começou a pensar sobre isso.

Paulo: Eu tinha medo de fazer aniversário.

Everaldo: Se preparar psicologicamente

Paulo: Enquanto algumas pessoas ficavam alegres de fazer aniversário, eu ficava, o psicológico ficava a mil, com medo.

Everaldo: Quando chegava perto de fazer aniversário, o psicológico ficava a mil.

M C: Qual de vocês compartilhavam com esse mesmo receio do que seria a vida fora do Lar?

Fernando: Eu, Fernando, assim... A idade como Paulo referiu, o aniversário quando chega realmente é angustiante é o conflito na nossa cabeça, poxa, você vai sair e com a visão das pessoas como falam é complicado, é violento, então a gente...

M C: Quem trazia essa visão pra vocês?

Fernando: Não. Na escola. A gente na escola tinha a informação, que a gente estudava fora...

**Everaldo e Fernando falam ao mesmo tempo.**

M C: Vocês tinham contato com o mundo lá fora. Não era que vocês ficassem isolados...

Fernando: Mas, eu particularmente... é... é morei na Ondina, então o núcleo lá é aquele núcleo mesmo, lá dentro mesmo. É o orfanato, o orfanato tinha escola lá dentro mesmo, então a visão lá fora pra mim era novo. Entretanto, quando eu cheguei aqui na Ribeira, Lili tinha uma habilidade de tirar esse medo da gente, dessa forma de: “Ah, vai levar o menino na escola. Ah, faça um favor ali”. Então, particularmente eu, quando Lili chegava a fazer isso comigo, era dor de barriga, era várias coisas eram essas coisas para não ir, porque o medo lá fora porque não tinha ainda..., mas aí com essa forma, com essa habilidade que Lili teve com a gente, e aí foi adquirindo a confiança lá fora.

M C: Então isso foram pontos positivos, né, vocês freqüentarem escola...

Fernando: Fora.

M C: Fazer pequenos favores...

Fernando: Com certeza.

Everaldo: Essa metralhadora...

Fernando: Isso valeu muito, valeu muito.

M C: Favores de levar outros menores pra escola, ou pra festa, não é isso?

Fernando: Com certeza.

Essa metralhadora pegou na minha mão...

Paulo: Era uma preparação também.

Everaldo: Mas o problema também...

M C: Mas isso vocês curtiam bem, não?

**Todos falam.**

Everaldo: Mas só pra completar o nosso raciocínio. Mas independente, a gente criava esse... o orfanato era nosso universo ali, entendeu? Era todo mundo irmão. As coisas aconteciam ali, resolviam-se ali. Mas esse fator de insegurança não era só criado pela nossa mente ali dentro. É que a gente sofria ali dentro certo preconceitos da sociedade fora.

M C: Como assim?

Everaldo: Porque as pessoas sempre viam menino de orfanato, sem pai nem mãe, sem uma referência. Era motivo de “menino de rua”, da escola, tudo que acontecia, às vezes no bairro da Ribeira: “Ah, quem foi? Foi lá do orfanato. Ah! Quem foi? Foi

menino do orfanato. Quer dizer, gerou esse problema, a gente ser um pouco marginalizado. Quer dizer, a gente morava ali, então quer dizer, então a gente tá aqui a gente sofre esse preconceito, imagine quando se chegar lá, botar o pé lá fora, a gente olhar pra trás ter que deixar tudo que a gente aprendeu, que dizer o que a gente aprendeu a gente vai levar, mas a segurança que tinha dentro do orfanato em relação a almoço na hora, tudo na hora, sem preocupação, a gente teve que deixar tudo, quer dizer a nossa insegurança era baseado sempre nisso: dentro e fora.

M C: Vocês compartilham também?

Everaldo: Eu também.

Paulo: Compartilho.

Everaldo: Eu também. Concordo plenamente.

M C: Vocês sentiam esse preconceito?

Paulo: Eu sentia.

Everaldo: Eu sentia e muito.

Paulo: Tanto que eu, às vezes, não sei se era um erro meu, um meio de reivindicar. Que às vezes, as pessoas, os vizinhos lá, no tempo que a gente morava na Ribeira, às vezes precisavam, achavam que... às vezes precisavam de alguma coisa na rua, alguns tinham assim uma liberdade pra ficar, pra sair, dar uma voltinha. Aí eles: ah, veja isso pra mim; ah, você pode lavar o carro, eu nunca fui de... eu sempre reivindicava, se me pedisse, eu não fazia. Por que eu achava assim: Pôxa, ele tem filho, ele tem parente, ele tem sobrinho. Por que ele não pede ao sobrinho? Porque ele acha que eu morei no orfanato é só pra fazer favor. Ficava sempre resguardado. A minha amizade e aproximação era mais com meus irmãos ou então com os colegas mais próximos não era com algumas famílias da Ribeira, porque, às vezes olhavam pra gente de outra forma, porque eu sabia que eles só precisavam da gente quando era pra fazer algum, algo pra eles, aí ficava mais afastado, não fazia questão alguma de ter nenhuma aproximação com eles.

M C: E o relacionamento de vocês na escola, como era?

Everaldo: Era uma beleza.

M C: Você sentia preconceito?

---

Fernando: Eu sentia sim, eu sentia estranhado, sim porque Lili foi uma pessoa muito presente em tudo, então a gente ia pra escola, Lili ia lá pra saber como é que tava, e aí era complicado.



M C: Por quê?

Fernando: Porque a cor era preto e Lili é branca e aí um dizia: é sua mãe? E eu dizia: é. Aí tinha outro que dizia: esse menino é do orfanato. Não é mãe dele não. Aí pronto. Era aquela... e aí eu passava meu ano letivo todo lá atrás.

?: Porque muitos não sabiam da convivência que a gente tinha dentro do orfanato.

M C: Então vocês não gostavam de dizer que eram do orfanato?

Fernando: Não, meu pai, claro que não.

Paulo: Eu, até hoje, não vou mentir... eu fico sem jeito de dizer que fui de orfanato.

Fernando: Eu não tenho mais.

Paulo: Só se eu imaginasse que as pessoas que eu falasse que morei no orfanato soubesse a convivência que eu tive, aí eu falava para o Bra... o mundo todo que eu morava em orfanato. Mas só que, como muitos não sabem, são pessoas que não sabem a convivência que a gente teve, então tenho vergonha de dizer que morei em orfanato. Porque muitos acham que: Ah! De orfanato? a convivência era de tal forma, era... esculhamba de tudo quanto é jeito.

M C: Então era um assunto que vocês não falam assim facilmente.

Everaldo: Não é pra qualquer um.

Paulo: Só para uma pessoas bem...

Everaldo: Não é pra qualquer um.

**Todos falam ao mesmo tempo.**

M C: Gente! Pera aí. Olha... Me perdi agora.

Paulo: Calma!

M C: Vamos lá...

Paulo: Se perdeu, foi?

M C: Me perdi. Tô querendo me achar.

Ailton: Botei \_\_\_\_\_

Ah, botou? Sim, mas é um assunto que vocês têm dificuldade de colocar? Quem tem família, quem já constituiu sua família, coloca pros filhos como é que foi... Fala dessa história de, de vida?

Paulo: Pra mim... rapidinho...

?: A metralhadora...

Paulo: Pras pessoas, porque é, tem que passar, não é? Pras pessoas mais próximas, família, no caso a pessoa que convive comigo hoje, minhas filhas, pessoas mais próximas até amizade mais próximas, eu falo. Eu comento, converso, explico. Mas

uma pessoa que eu nem tenho idéia de que vou me aproximar, que é... é que vai pensar de mim se eu imaginar que vê como coitado, prefiro não dizer.

Valmir: Até hoje neguinho não sabe que eu sou órfão.

M C: É mesmo?

Valmir: É. Até hoje ninguém sabe.

Fernando: Sua esposa tem quantos anos?

M C: Por qual motivo?

Valmir: Justamente, porque a sociedade vê a gente como coitadinho.

M C: Mas você se acha um coitadinho?

Valmir: Não, eu não me acho. Justamente, eu não gosto de falar porque eu não quero que me vejam como coitadinho, que eu nunca gostei.

M C: Se você não se acha um coitadinho, você acha que eles vão te ver? Assim pelas suas atitudes, como vocês se colocam na vida, você acha, vocês acham...

Antônio: Eu passei por uma experiência, eu passei por essa experiência lá onde eu ... Eu moro lá em Cajazeiras. Que o pessoal, uma chegou a dizer que eu tinha adulterado minha identidade pra dizer que eu não tinha pai nem mãe. Agora, isso baseado no meu comportamento. Porque eu tinha um comportamento, não é... tinha uma forma de me expressar, tanto eu como ele. E o pessoal: "não, não é de orfanato não, que não sei o quê. Não, não é de orfanato, não". Quer dizer, que eu me expressava direito, conversava bem, era bem participativo no meio que a gente tinha lá. Então, o pessoal tinha uma visão de que menino de orfanato era maltrapilho, entendeu? Não sabia nada.

Valmir: Era uma pessoa leiga...

Antônio: Leiga. E como eles viam, ter uma imagem diferente em relação aquilo, né. Em relação a algum problema...

M C: Então, vocês acham que com o depoimento de vocês, vocês podem estar mudando essa imagem de pessoas que moraram no abrigo?

Antônio: Muda. Lá dentro mudou muito.

Paulo: Com certeza!

Antônio: Porque também agora eu faço uma fusão. Como eu tenho agora, eu sou espírita. Não sou praticante, mas todo o princípio religioso agora é baseado no espiritismo. Então, quando eu falo assim que não tenho pai nem mãe, eu posso dizer a ele também que - se não souber respeitar o pai e a mãe, pode perder também pelo mesmo jeito. Quer dizer, eu faço agora essa questão pelo lado espiritual, não é? Se

Deus não me deu nem um pai nem mãe biológico pra ficar comigo, alguma coisa eu fiz, entendeu? Então vamos ver o que é que eu posso fazer pra melhorar essa realidade.

M C: Vocês todos têm uma religião?

Márcio: Eu não tenho.

\_\_\_\_\_

M C: Então é evangélic

o?

Márcio: Eu acredito em Deus.

M C: Sim, mas todo o espírita também acredita em Deus

?: É.

M C: Mas você é evangélico. Tá. Alguém mais aqui é evangélico?

Paulo: Eu gosto do espiritismo, não pratico e também deixo a desejar em termos de rezar. E, eu deixo a desejar e muito. Eu reconheço.

Fernando: Eu me considero espírita.

Paulo: Mas eu gosto muito da doutrina espírita.

Fernando: Por ler livros espíritas, saber, agente assim freqüentar assim...

Paulo: Eu deixo a desejar.

Valmir: Hoje, eu sempre imaginei então essa questão da LBV de uma coisa assim mais ecumênica assim, mais junta. Então eu to mais ligado na L B V.

M C: Então temos aqui um grupo mais denso: evangélicos e espíritas...

Paulo: Eu me considero espírita porque é... desde quando, desde quando eu freqüento ou então eu to ligado com pessoas que é do lado espírita.

Fernando: (Vou falar um negócio aqui... )

?: (quase cai...)

Paulo: Conheço também a... a... o pessoal espírita, é...

?: É isso mesmo aí, "Grande"...

M C: Tá ligado a\_\_\_\_\_

Paulo: Eu também freqüento, e eu me considero porque eu sou o tipo de uma pessoa que é... dedico ao espírito, eu me dedico. Não com freqüência, porque existe também um trabalho que me impede de, de sempre ta aqui, não é sempre que eu to aqui, mas eu certeza eu me considero espírita. Conhecendo a palavra espírita e o trabalho espírita.

?: Deixa eu falar.

M C: Tã. Sim, mas você fala, viu? E vocês todos calados deixando ele só falar...

Paulo: Eu tenho que aproveitar pra, aproveitar não é isso?...

Valmir: Eu to com uma coisa aqui...

M C: Sim.

Fernando: Sobre... Eu quis falar...

Valmir: Também religião

Fernando: Não. Péra aí.

Valmir: Também é de religião...

Fernando: Não. O que queria falar é... vocês ficam essa metralhadora e não deixam eu falar.

M C: Fale.

Fernando: Essa visão com eles, que os outros tinham vergonha de falar pras pessoas, eu particularmente eu, deu para suportar esse negócio por que? Eu aprendi uma coisa em mim. É que eu sou um cidadão, eu sou um cidadão produtivo. Tenho nome, tenho registro. Então, tendo isso em função, esse todo órgão público que trabalha, \_\_\_\_então, não sou coitado, não sou nada, eu sou um cidadão produtivo. Então por que ter vergonha de dizer que eu sou: ah! sou de orfanato, tenho vergonha? Não tenho vergonha nenhuma. Falo mesmo. Não tenho vergonha nenhuma.

Paulo: Tô na religião. Eu, o fato de gostar do espiritismo, assim, gostar da religião espírita, não é porque eu convivi aqui, saí daqui, nos últimos dias que eu saí daqui, convivi com o pessoal, com a instituição que é espírita, não; é por que é a religião que eu mais me identifico. Que eu acho que tem mais a ver com a vida, com a lógica da vida, que às vezes a gente fica se perguntando: Pôxa! Como é? Por que estamos aqui? Por quê? Por que uns vem aleijado, outros vem é... entendeu? Então é porque eu me identifico mesmo com a religião. Não é por causa, não é influência da instituição, não.

Valmir: Eu hoje, eu sou... não tenho religião. Por que? Porque eu fui confuso. Era católico apostólico romano, daqueles natos, de sair dado a mão na rua, de... fila, ir pra Primeira Comunhão...

Paulo: Catecismo...

Valmir: Catecismo. Tudo, tudo passei por isso. Hoje em dia, como foi aquilo?

M C: Você chegou no Lar com que idade?

Valmir: Pequeno mesmo. Bebê.

M C: No Lar?

Valmir: Aqui? Não. Aqui eu cheguei... na Ribeira... na Ondina.

Paulo: Na Ondina.

Valmir: Na AMAC.

Na AMAC.

M C: Mas na Ondina era outra...

Paulo: Na AMAC.

Valmir: Na AMAC

M C: Você fez a Primeira Comunhão onde?

Valmir: Fiz minha Primeira Comunhão na Igreja Rosário...

Paulo: Lá na Ribeira.

Valmir: Rosário. Que eu me lembro, eram dois... 10 Apóstolos, que um era Felipe. Até hoje eu me lembro. Disse a minha mulher: olhe eu vou colocar o nome do meu filho - Felipe. É tanto que todo dia ali na igreja eu vivia direto. De repente muda tudo! Já saí da Igreja Católica, já entrou a religião espírita. Aí me confundiu todo. Guri. Nem sabia mais o que estava fazendo. Aí que acontece? É tanto que hoje em dia, eu to convivendo o quê, com uma mulher que é evangélica. Hoje, eu só fiz o que? Só leio só, mesmo a Bíblia, que é o suficiente. Creio em Deus e acabou.

M C: Você.

---

M C: Fala um pouquinho! Como é que foi a sua vida aqui no Lar...

Ivan: A minha vida foi boa. Teve momento bom e momento ruim.

M C: É? Quais foram um desses momentos?

**Todos falam ao mesmo tempo.**

Ivan: Sou meio tímido. Eu não vou poder falar, não.

M C: Tenta...

Ivan: Não vou conseguir falar, não.

M C: Quais foram os melhores momentos prá você?

---

M C: Péra aí.

Ivan: Foi na minha infância, no orfanato. Até a parte da adolescência. Fiquei aí até os dezoito anos.

M C: Foi bom?

Ivan: Foi.

M C: Você disse que te momentos ruins também...

Ivan: Foi a parte que eu saí do orfanato.

M C: Ah! Depois...

Ivan: Foi depois que eu saí.

M C: E quais são as melhores lembranças que você guarda daqui?

Ivan: O tempo de criança que eu ficava aqui brincando, ia pra passeio, estudava, só.

M C: Você fez amigos aqui no Lar...

Ivan: Fiz muitos amigos.

M C: E mantém as amizades?...

Ivan: Até hoje. Até hoje, com todos.

M C: Mantém? Quer dizer, e os projetos que você tinha, vocês também. \_ Ah! Vou sair do Lar, vou fazer isso... vou fazer aquilo... vocês conseguiram realizar esses projetos?

Ivan: Meu projeto...

Paulo: Eu vou conseguir ainda.

Valmir: Eu to conseguindo.

Paulo: Eu vou fazer a UNEb agora. Vou fazer uma faculdade.

M C: Então você ta caminhando.

Paulo: Tô caminhando.

M C: Então você ta indo em busca dos seus objetivos.

Paulo: Com certeza.

Valmir: Os meus objetivos eu consegui. Fiz minha casa toda, tenho gente que me respeita, me considera, se... já sabe tem gente que me respeita, já sabe quase todos os meus problemas. Consertei a casa toda, ta uma maravilha. Não vou dizer que é um palácio, mas é... a gente que não tem pai, não tem mãe, a gente tem que construir nossa vida. Tem que ter nossa casa porque emprego não é casa de ninguém. Se a gente for desempregado, ou a gente volta práqui, se a gente não tem o apóio dos colegas, a gente dorme, fica na rua.

—

Valmir: Exato. A gente tem que ter o nosso objetivo.

M C: Vocês, sim...

Paulo: O meu... A minha parte... Eu, a partir do momento que a gente se preocupa mais, a gente termina fazendo por onde demais também. Desde 13 anos, eu tinha aquele medo, que eu já falei. A minha saída foi muito insegura também, já tava servindo o Exército. Ia lá no Exército, mas eu...

?: Enganjou.

Paulo: Enganjar, eu enganjei e mesmo assim, eu no Exército, eu tinha medo de sair daqui. Dormindo lá, mas eu queria perceber que estava aqui ainda. Convivendo na instituição. Aí na saída de lá, desde os 15 anos que Lili sempre pediu que a gente abrisse uma caderneta de poupança, era obrigatório fazer esse depósito, antes eu não gostava, hoje eu entendo prá que era aquele depósito. Na saída comprei uma casinha, no tempo, passei a morar com um irmão meu, passei a alugar a casa que tinha comprado do lado, e tive uma família, não dei certo, não dei certo com aquela família que eu tava, tive duas filhas que estão até aí hoje, sempre vejo, graças a Deus e sempre passando, não dei certo com aquela família, me desloquei prá Boca do Rio, e fui morar com meus irmãos, que eles me deram base até trabalhar eu perguntar – prá onde é que eu vou? Essa coisa toda. E procurei a ajuda dos meus irmãos. Uma vez eles me deram um espaço prá começar a trabalhar. Vou correr atrás pra comprar outra casa de novo. Consegui comprar a casa, hoje to querendo ter uma independência, no lado de trabalho, que... assim, a independência do lado de trabalho, que no trabalho, no emprego, em empresa, às vezes a gente tem muitas divergências assim com amigos, ou com patrão, ou com injustiça. Porque eu trabalhei num lugar que estava de serviços gerais, consegui aprender a termos de fazer tudo nessa delicatessen, que era de caixa a limpeza, e às vezes eu achava que precisava de uma oportunidade, e as pessoas não me davam aquela oportunidade, preferiam contratar um, botar gente de fora prá preencher aquele espaço, e eu quando dei, quando tava merecendo já, prá mostrar que era capaz, que quando a empresa tava precisando, e eu fechei, sempre ocupei naquele espaço e era pra mim promover, a empresa não podia. Eu achava que eles estavam olhando mais pro lado deles do que prá mim, e prá quem quer entrar numa empresa prá crescer, não vai ficar esperando tantos anos em um lugar prá ser só serviços gerais. Além de que é um trabalho também digno, né? Então eu terminei saindo e hoje eu procuro independência profissional nas empresas e ainda não é meu sonho. Meu sonho é cantar, é... com eu já cantei em bandas e também no barzinho pretendo voltar de novo. Mas também eu vá assim, assim seguindo adiante que é o topo onde eu quero chegar. Não quero ser

famoso. Eu quero conviver com a música, cantando num bar prá sobreviver e dar uma melhor vida a minhas filhas também.

M C: Tá ok. E vocês? Tão conseguindo realizar o objetivo de vocês, conseguiram? Tão no caminho...

Antônio: Acho que o que pesa mais com relação a isso aqui é a conquista de uma casa própria.

M C: Vocês concordam?

Valmir: É a base, não é? É o começo.

Everaldo: Concordo.

Antônio: É o que define a segurança mesmo da gente é uma casa. Não é? Porque tem aquela questão dos estudos, que muitos alguns pararam, outros concluíram, outros ainda estão perseguindo, procurando fazer faculdade, apesar de tudo. Mas, independente de casa...

M C: Alguém já pensou como ele assim?

Valmir: É tanto que eu, quando conversei com uma pessoa que eu disse assim, - ó em primeiro lugar, vamos casar, a gente vai ter que construir a nossa casa, nada de negócio de filho. Porque emprego não é casa de... Então a gente tem que fazer o quê? Construir a nossa casa, ter uma moradia. Porque quando a gente tem uma moradia, a gente pode ter o emprego e se depois for demitido, a gente tem a nossa casa. Então tendo a nossa casa é meio caminho andado. O resto, a gente corre atrás.

M C: Vocês concordam?

Paulo: Com certeza. Uma casa é a base de tudo. É uma base prá gente que ta começando, acho que assumir, é um bom passo.

Valmir: Isso não significa que...

Paulo: Não é tudo, mas é um passo bom.

Antônio: Mas é o que define, porque eu mesmo passei seis anos morando de aluguel. Quer dizer, seis anos só na Boca do Rio. Sempre me perguntava, antes de sair do orfanato eu falei: será que eu vou passar a minha vida morando de aluguel? Eu não achava legal pegar o meu dinheiro, metade pra aluguel. Tava com essa invenção de pegar o dinheiro e pagar aluguel. Nunca me imaginava com dinheiro.

M C: Como vocês colocaram que foi, em comum acordo, é que sempre que vocês tem uma dificuldade, procuram os irmãos...

Paulo: Hum, hum...



M C: Não é? Ou o Lar. Ou os dois, não é? E os outros tipos de ajuda, vocês procuram? Sem ser os irmãos ou o Lar.

Antônio: Eu costumo procurar os órgãos públicos...

M C: Quem?

Antônio: Os órgãos públicos que possam também, porque aqui dá apoio moral, alguma coisa que a gente precise, não é? Aquela ligação de família mesmo. Mas sempre antes de eu vir aqui, procurar aqui, procuro também ver como é que eu posso conseguir isso lá fora, prá não ficar só com essa dependência aqui do Lar.

M C: Vocês se sentem também como fazendo parte de uma família?

Antônio: Fazemos.

Paulo: Com certeza!

Antônio: Mais que se fosse o próprio sangue.

M C: Quais de vocês foram contemporâneos? Quais de vocês que tiveram no Lar na mesma época?

**Todos falam ao mesmo tempo.**

?: Esses três e esses dois aqui foram do mesmo período.

Paulo: Agora, por incrível que pareça, convivi com todos.

**Todos falam ao mesmo tempo.**

Antônio: Agora eu, além de morar, eu ainda vou mais longe. Eu tomei conta...

?: Conta de mim?

\_\_\_\_\_

Antônio: Porque quando eu saí, eu trabalhei no orfanato.

\_\_\_\_\_

?: Saí bem antes.

Antônio: Porque quando eu tava na Ribeira, eu era voluntário, mas quando passou pra cá surgiu uma vaga, aí eu passei a tomar conta, do lado do pessoal.

Paulo: Vou fazer um elogio à instituição da gente. É... hoje eu acho de forma tão justa, assim no meio familiar, que às vezes eu tenho problema, no caso com minha esposa, a pessoa que convive comigo. Às vezes até pensar em terminar o relacionamento.

M C: Por que?

Paulo: Porque assim, às vezes eu acho que ... um exemplo: quando moramos na instituição, Lili tinha assim uma forma de ser bem justa. Um exemplo: é... ele não trabalhava e eu trabalhava. Aí tava precisando de um sapato, aí eu ajudava ele a comprar um sapato. Era justo. Se eu tenho dinheiro, era pra fazer compras, se eu

pegar o dinheiro que tem prá fazer as compras e comprar uma bicicleta, vou passar o mês todo com fome e não vou ter...comprar... e prosseguir, é injusto. Então eu tenho que comer. Se um dia eu tiver de juntar o dinheiro prá comprar a bicicleta também, sem deixar de comer – beleza, mas se não puder, não compra a bicicleta. Só faz comer... Que às vezes, a mulher, a esposa, que eu to, às vezes ela quer fazer coisas que ela não pode. A gente ta numa situação que, mas a gente tem um plano de fazer isso, o dinheiro ta certo prá isso e isso, mas ela quer botar assim vaidade na frente, é isso. Vaidade fora do normal. Mas esse dinheiro é prá juntar prá gente botar uma laje. Aí ela: - Ah! Tudo bem! Aí ela chega lá na frente já cheia de compras. Desde quando a gente ta cheio. Às vezes eu deixo de dar o direito a minhas filhas, mas não é por que eu não goste delas, mas é por que eu quero fazer o melhor pra elas lá na frente, no futuro. Então eu dou menos hoje. Dou menos, dou o básico, prá lá na frente fazer melhor. Então eu faço o meu sacrifício e ela não faz. Às vezes a gente se confronta muito. Às vezes briga. Às vezes eu quero chamar a atenção dela, ela diz que eu que complico. Ela não quer ouvir, acha que eu que sou o to sendo muito rígido, então desde que eu quero ser 'pé no chão'. O que eu posso, posso, já que eu não posso... Então às vezes, a minha criação desse lado, eu acho que sou bem justo. Quando tenho que reclamar duro, reclamo duro com minhas filhas. Quando tem que fazer carinho demais, eu faço carinho demais. Quando eu tenho que dar algo que eu não posso, eu: Paloma, eu vou fazer isso, por causa disso e disso. Futuramente, com fé em Deus, quando seu pai tiver condições melhores, então seu pai vai... Então eu procuro ver deste lado, e ela não. Ela procura fazer vista grossa - Ah! É criança, tem que dar... Então chego a achar que tá atrapalhando um pouquinho a minha melhora, o meu crescimento.

Antônio: Isso aí é a base do que a gente recebeu, é a educação que a gente recebeu aqui no Lar. É claro que nem todos aproveitaram da melhor maneira possível. Mas a base é essa aí. Essa segurança.

M C: E foi fácil?

Antônio: Não, é que eu falei da galera que não absorveu.

Everaldo: O que mais me deu segurança foi a forma de educação \_\_\_ a parte mais de Lili porque as outras pessoas mas da dedicação, da... é...

Paulo: A visão do mundo lá fora...

Everaldo: Tudo que acontecia com a gente, doença, ela tava ali, \_\_\_ então eu acho que isso foi a base do que a gente é hoje \_\_\_ não as pessoas que não ficam

machucando as outras \_\_fora do nosso ambiente familiar. \_\_\_\_ acho que isso é a base. Isso foi a base que a gente teve.

**Todos falam.**

M C: Vocês ... Sim.

\_\_\_\_\_

M C: ãh?

Romilson: Ela não tratava a gente como uma criança, não tinha aquele carinho todo que Lili tinha, chamar a gente no eixo, conversar, dar conselho, se estava certo ou errado, ela olhava a gente como um emprego...

M C: Quem?

Romilson: As funcionárias. \_\_\_\_\_A gente também era um emprego para elas, não tinham aquele carinho que Lili tinha com a gente. A mim, elas passavam isso.

M C: E pra vocês? A gente ta falando das funcionárias.

Everaldo: Quando a gente era criança...

Antônio: Eu posso falar porque na verdade...

Fernando: Eu tenho uma vírgula aí também...

Antônio: Tudo é questão de afinidade. Eu como convivi com várias funcionárias, eu tenho uma visão também de como era a relação era viver como um menino do Lar, entendeu? Porque eu fui morador\_\_\_\_ eu já tinha uma afinidade em relação às crianças que tinham lá. Só que nem todos os funcionários tinham essa afinidade. Realmente a gente tinha que obedecer a uma ordem. E essa ordem era determinada por Lili. Gostando ou não, tinha uma ordem na casa, não é? Determinava, mas realmente alguns não tinham essa afinidade. É. Às vezes a gente até fugia do ritmo. Às vezes até reclamava demais, às vezes até batia, mas graças a... sempre tinha Lili para corrigir esses erros.

M C: Você ia falar uma coisa...

Dermeval: Não, não ia falar não.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Paulo: Possa ser que assim, o período dele não foi do tempo.

M C: O período foi o que?

Paulo: O período foi mais atual, mais atual. O meu começo na instituição foi bem antes.

\_\_\_\_\_

Paulo: Não. É isso.

\_\_\_\_\_

É isso que eu to querendo ressaltar.

M C: Mas você está falando das funcionárias da AMAC ou do Lar?

M C: \_\_\_\_\_

Obrigado.

Paulo: No tempo da gente...

M C: O quê que vocês fariam, não é? Do que vocês viveram aqui, vocês aqui viveram aqui, pra vida de você, pra quem já constituiu família, pra quem pretende constituir, o que vocês levariam, do que vocês já teriam.

Fernando: Amor, compreensão, carinho, sinceridade, tudo o que... que... que... ela passou pra gente, como ser um cidadão, ser uma pessoa capaz de vencer. O caráter, principalmente que o ser humano sem caráter, pra mim...

Antônio: A proteção que ela nos dá.

Everaldo: Eu já penso diferente, de religião, pra conhecer, pra ter amor ao próximo, não é?

Antônio: É porque na verdade, tudo aquilo que na família, já saiu com uma base, dentro do próprio Lar a gente já tinha essa base, como conviver entre irmãos...

Everaldo: Justamente

Antônio: Sem a referência de uma mãe, de um pai, as pessoas que trabalhavam junto com a gente, no caso: hoje a gente tem como pai Medrado, como mãe Lili, no trajeto já tivemos a Irmã Carlota, que era as pessoas... já tivemos tia Elisa, uma série de pessoas que passaram e deixaram essa imagem.

\_\_\_\_\_

Antônio: Só que dentro do nosso lar... Nós que já somos pais, a gente temesse problema, tem essa dificuldade, mas graças a Deus, sempre tem alguém prá esclarecer, a gente procura Lili: "É bom você agir assim, e se comporte dessa maneira"... Passa essa visão que... Tá com uma criança e às vezes quer dar carinho demais, quer dar coisas... tudo demais, acaba atrapalhando. Sempre a gente procura referência nisso aí.

M C: Hum?

Aílton: Tudo demais é sobra.

M C: É.

Antônio: E por aí vai. Por aí é.

M C: Quem é evangélico aqui? As pessoas da igreja sabem que vocês foram, viveram no Lar?

Fernando: Minha esposa é católica. Todo mundo sabe. Tava passando \_\_\_\_\_, não tenho vergonha de falar nada.

Antônio: Acho bom saber. Divulgar é bom. Porque na verdade, se você esconde isso, você deixa de passar uma imagem positiva do que é o orfanato. As pessoas \_\_\_\_\_ Porque se você esconde, então as pessoas estão esperando que vão criticar, então se elas criticarem, e as críticas não tiverem nenhum fundamento, nenhuma base, então elas vão se perder, certo?

M C: Não, isso \_\_\_\_\_ de vocês, não é?

... minha sogra.

Everaldo: Só que eu penso diferente, não é? É porque, em primeiro lugar, pra gente conviver com uma pessoa, a gente não vai logo dizer: sou do orfanato! A gente primeiro vai primeiro se preparar, conhecer muito bem a pessoa, \_\_\_\_\_ aí com o tempo, aí a gente também, realmente é uma pessoa que eu possa confiar. Porque ela ficou comigo no hospital. Justamente, por mais que eu precisava, ela estava lá no hospital comigo, o dia todo, sábado, domingo. Então eu vi, que ela criou aquela confiança por mim, então resolvi: Eu tenho nove anos, dez anos com ela, vou relatar agora, praticamente no período de... esse ano, porque justamente é porque ela transmitiu confiança.

M C: \_\_\_\_\_

Everaldo: Foi no período de um ano vim falar com ela agora.

Paulo: Tem um ano.

Everaldo: Tem um ano. De dez anos pra falar agora.

Paulo: Ela veio saber que você era de orfanato.

Everaldo: Exato. É. Justamente, eu não chegar e dizer assim: olhe gente, eu sou órfão. Aí: Ohhhhh!

**Todos ao mesmo tempo querem falar.**

Everaldo: A sociedade...

**Daqui em diante o tempo de gravação se expirou e se relata o que foi anotado manualmente, da observação do grupo:**

Romilson morou junto com os outros e diz que pessoas perguntavam se seriam irmãos. Achavam uns coitados.

Everaldo passou vexame quando perdeu documentos e se sentiu constrangido quando disseram que nunca tinham visto alguém sem sobrenome.

Paulo dizia que não tinha família porque quis.

Antônio se pronuncia e Aílton mostra um documento.

Fernando diz que para tirar o CPF passou constrangimento quando perguntaram: o que é isso?

Paulo passou vergonha – a mãe da esposa é preconceituosa. Não falou com a sogra. Quando ela soube, disse que era menino de rua.

Antônio – quando conhece a pessoa, não é nada disso.

Everaldo: existe o lado positivo. Algumas, ao saberem, facilitam a vida. Quando foi tirar a Carteira de Trabalho, a pessoa ficou sensibilizada.

Valmir diz que no dia 24 de outubro, quando foi tirar a papelada para o casamento, tinha que pagar uma taxa e a funcionária ao saber que não teve pai nem mãe, perguntou como conseguiu chegar aonde chegou e o parabenizou. Mandou ir ao Fórum e disse que não iriam pagar nada. Sabe que "tem gente que rouba, mata, mas nem todos são como a gente aqui".

Conclui Célia: Foi tudo positivo? E o negativo?

Fernando diz que na Ondina tinha um rapaz que batia muito. Aos cinco anos já queria sair.

Márcio olha para Romilson. Antônio e Everaldo riem.

Romilson diz que era tudo misturado aqui (?)

Antônio: deveriam escolher melhor os funcionários.

Fernando fala de pai, mãe, Natal, Ano Novo, família, fraternidade. Chorava, sofreu quando saiu.

Todos ficam sérios. Pareciam pensativos.

Paulo diz que pesava, mas era a festa que mais gostava. Muitos saíam para passar com outras pessoas.

Everaldo diz que na Ondina não tinha isso.

Valmir não se sentia bem quando voltava, pois acabava a realidade.

Célia pergunta como era no Lar.

Everaldo diz que o ruim é que a festa era antes e no dia 25 ficavam na solidão.

Dermeval diz que até hoje é assim.

Célia pergunta como era para os que tinham família.

Dermeval diz que o contato é recente.

Márcio diz que ficava sempre por aqui.

Romilson sempre ficava mais aqui. Não tinha condições de ir para casa. Pai batia na mãe.

Valmir lembra que tinha época na Ribeira que viviam na ameaça. Havia uma instituição que abrigava infratores de todo o tipo (TRT?) Ficava sentido quando alguns iam – ficava inseguro. Quando voltavam, contavam o que tinha acontecido por lá.

Everaldo fala da insegurança. Não podia ser criança normal quando não tinha pai nem mãe.

Valmir diz que quando um bagunçava, fugia, se voltasse, ia para o TRT(?).

Os mais novos ficam sérios, ouvindo.

Ariovaldo diz que quando chegou o regime espírita, foi um alívio.

Valmir lembra que quando recebiam mesada era uma festa! Picolé...

Fernando: Cinco reais! (todos riem).

Everaldo: Se sentiam mais iguais aos outros.

Antônio, Márcio e Romilson riem.

Fernando fala da má influência daquela época (Ondina). Depois recebeu vários elogios. Participava de várias atividades.

Paulo diz que alguns amigos queriam ter aquela vida, ser igual.

Valmir acrescenta que houve mudança radical. Os amigos diziam: meu pai não é assim, minha mãe não é assim... Antes era tudo padronizado, uniformizado.

Célia pergunta o que representou a mudança.

Fernando: Família.

Todos concordam

Fernando diz que ele, Paulo, Aílton e Everaldo chegaram na mudança.

Célia quer saber como está sendo a reunião para eles.

Respondem: ótima, um meio de desabafar.

Valmir diz que hoje há o livre arbítrio.

Paulo diz que para melhorar, prá frente.

Célia pede sugestões para o Lar.

Valmir diz que outras gerações não vão ter que dificuldades lá fora.

Antônio acha que comparando com a dele, já está muito na frente.

Fernando acha que o tempo dele era melhor porque havia trabalho e então tinham base, suor. Hoje se espera a comida chegar.

Valmir diz que lá fora tem gente que não dá dinheiro a pai nem mãe.

Fernando fala do “valor do nosso dinheiro”

Todos riem.

Everaldo diz que “naquele tempo, eu acho o passado mais dificultoso que agora.”

Acompanha o crescimento e acha que foram mais preparados que os de agora.

Fernando diz que é complicado e que morou na Ondina e na Ribeira. Hoje em dia as crianças são mais evoluídas – sexo, violência, drogas. “Eles são mais abertos ao mundo”

Paulo lembra que para trabalhar a separação colocavam para trabalhar na padaria.

Era uma preparação. Aprendia a lidar com patrão, chefe, lidar com dinheiro.

Mesmo com tudo isso, referem sobre a insegurança.

Fernando diz que o baque é grande.

Paulo diz que para resumir, nunca teve falta de pai ou de mãe. A gente nem lembrava que tinha. Pode ser que a gente nem lembrava tanto do lado negativo.

Antônio e Ivan saem.

Paulo: A família são esses aqui.

Célia lembra do Termo de Responsabilidade.

Fernando encerra dizendo que se for para ajudar, pode publicar.



## APÊNDICE II

### **Entrevista Semi-Estruturada**

*ENTREVISTADORA: FERNANDA LEAL, PSICÓLOGA, MESTRE EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.*

As entrevistas trouxeram um grau de dificuldade muito maior que a realização do grupo focal, por diversos fatores:

1 – dificuldade em equacionar a disponibilidade dos entrevistados, por força de trabalho, pois as entrevistas foram durante a semana.

2 – Romilson disse que não teria condições de falar, estando sozinho com alguém.

3 – Assim, escolhemos cinco dos que fizeram o grupo focal para as entrevistas: Ariovaldo, Everaldo, Fernando, Paulo e Valmir. Em razão de termos dois irmãos gêmeos, que estavam em processo de reinserção familiar, mesmo não tendo participado do grupo focal, achou-se interessante ouvi-los: Isac e Isidório.

### **EVERALDO**

**Entrevistadora:** Vamos lá. Me conte. Como você foi morar lá no abrigo, a idade, quantos anos você tinha, qual foi o motivo?

**Everaldo:** Bem, a idade necessariamente eu não sei.

**Entrevistadora:** Você não lembra né?

**Everaldo:** Eu creio que não. Eu creio que fui pra lá recém-nascido. É... Conta minha suposta mãe, que é minha mãe adotiva, que alguém bateu no portão e viu uma senhora, uma pessoa me colocando lá, e foi dessa forma que lá na Boca do Rio, numa casa de uma senhora, acho que ela conhecia a pessoa, conhecia o trabalho dela, é... Sabia que ela cuidava de crianças, que ela gostava de crianças, que tinha uma autorização do juizado de menores pra ela cuidar e foi desta forma, dentro de uma cesta que me colocaram lá.

**Entrevistadora:** E quem é sua mãe adotiva Everaldo?

**Everaldo:** O nome dela é Sônia Ferreira. É o que eu chamo ela, de mãe adotiva.

**Entrevistadora:** Você morou com ela até quantos anos?

**Everaldo:** Morei com ela até sete anos. Quer dizer, eu e várias outras crianças, não só eu, mas como além dos filhos dela, os três filhos dela que ela tinha três não, quatro

filhos, ainda cuidava mais de outras crianças. Acolhia crianças abandonadas, nessa faixa etária, de sete a oito anos, nessa faixa etária assim, não tenho, assim, a lembrança assim, de quantos anos eu tenho, eu tenho a lembrança da faixa etária, por que eu já passei por um, aos dez anos, que era lá na Ribeira, dez anos quer dizer, antes de ir pra Ribeira, foi no Alto de Ondina.

**Entrevistadora:** Então foi depois de sua mãe adotiva que você foi pro abrigo aos sete anos, mais ou menos, é isso?

**Everaldo:** É. Nessa faixa etária, mas lá era uma casa de abrigo.

**Entrevistadora:** Já era um abrigo?

**Everaldo:** É. Já era uma casa de abrigo, ela já cuidava de crianças, além de cuidar de crianças da comunidade, também cuidava da filha dela, dos filhos dela, dentro da casa, e junto a essas crianças, essas pessoas que, vamos dizer assim, que... Entre aspas, não queria tomar conta da criança, deixava lá e ela acabava assumindo.

**Entrevistadora:** Então você ficou na casa dela até essa faixa que você não lembra direito?

**Everaldo:** Que ela alugou. Há um tempo atrás, ela alugou essa casa, não era geralmente a casa dela.

**Everaldo:** Entendi, ela na verdade alugou pra atender, receber essas crianças, no caso né? Com sete anos você foi pra onde?

**Everaldo:** Sete a oito anos, eu fui lá pra... Fui lá pro Alto de Ondina, não me lembro direito como é o nome, eu acho que é AMAC, AMAE, alguma coisa assim, é lá de junto do Palácio de Ondina, e fui pra lá.

**Entrevistadora:** Por que é que você foi pra lá nessa época?

**Everaldo:** Por que geralmente, é uma história bem... Um pouco triste. Aonde ela alugou a casa, a gente ficou vários anos morando nessa casa, até os sete anos, os dez anos. Isso, o dono da casa, estava necessitando da casa, eu pelo que eu vi pessoalmente, que eu conheço a história, o dono estava necessitando da casa, então, queria a casa pra morar com a família dele. Necessariamente, ela teve que dar, e ceder a casa e com ajuda do juizado de menores ela conseguiu a transferência *nim* outros orfanatos, quer dizer, geralmente em outros orfanatos, então, várias crianças foram distribuídas, foram pra outros lares, eu e mais alguns, que hoje recebe o nome de Bahia, devido não sei se ele ainda tá lá em cima, que eu ainda não vi, devido à homenagem que Doutor Aguinaldo Bahia Monteiro deu a gente é... De Bahia alguns

deles foram tudo pra lá, mais ou menos umas vinte crianças, incluindo menino e menina.

**Entrevistadora:** Você ficou lá até quando?

**Everaldo:** Eu fiquei lá até doze anos.

**Entrevistadora:** De doze, você foi pra onde?

**Everaldo:** Eu fui pra Ribeira, onde era Lar Padre Manoel da Nóbrega, onde Benedito tava assumindo a direção, que depois dele, Medrado acabou assumindo a direção, que Lili, que eu também chamo de mãe, que é hoje a diretora de lá do Centro, do orfanato de lá do Centro que assumia, e de lá, a gente foi, antes de a gente ir pra lá, eu tava na AMAC, a gente, dali a gente foi lá pro complexo, que já tinham conseguido pessoas que queriam ajudar, que ele queria ampliar o trabalho dele de ajudar as crianças, dessas pessoas que necessitavam.

**Entrevistadora:** Você saiu de lá direto para o último lar que você ficou?

**Everaldo:** É esse aí, que tá em Pituaçu.

**Entrevistadora:** O da Cidade da Luz né?

**Everaldo:** Isso. Aí ele queria ampliar, já que ele era um dos membros da Cidade da Luz, ali no Uruguai, então pessoas queriam, ele mostrou, é... Ele apresentou o trabalho da Cidade da Luz e queria cada vez mais ampliar e ajudar as pessoas que estavam necessitando na comunidade, é pessoas que necessitavam de ajuda, então conseguia com... Acho que foi, quer dizer, ele não gosta nem de falar, foi um navegador que doou o dinheiro pra construir aquele complexo lá na Cidade da Luz.

**Entrevistadora:** E você saiu da casa de sua mãe adotiva, como você falou que é Sônia né isso? E aí foi pra esse outro, desse outro você foi pra o que hoje é o conhecido...

**Everaldo:** Que hoje é a Cidade da Luz.

**Entrevistadora:** A Cidade da luz. Essa mudança do segundo pro terceiro né, pra Cidade da Luz, qual foi o motivo, você lembra? Foi desfeito também? Foi eles acabaram com o abrigo?

**Everaldo:** Não, é por que estava super lotado, então tinha geralmente... Como, era origem na... Minha mãe quando me deixou lá na Boca do Rio, na casa de Sônia, é ela deixou um papel, tipo uma certidão, só que só com meu nome, meu primeiro nome e, aonde eu nasci.

**Entrevistadora:** Não tinha o nome dela e nem seu?

**Everaldo:** Não, não tinha o nome dela. O registro não tinha o nome dela. Então, como era perto de Itapuã... Eu creio, é desde a convivência que eu tive lá na Ondina, eu creio que é... O juizado analisou Pituaçu; analisou é não, devido o projeto que Medrado tava fazendo, ele analisou que o pessoal ia lá pra ou Lauro de Freitas, que tinha um terreno lá que o pessoal queria comprar lá, em Lauro de Freitas, as pessoas que tavam fazendo doação, ou ali em Pituaçu. Então, devido à coisa da data de nascimento, que tinha em Itapuã, num posto de Itapuã, que tá registrado dezesseis horas, no posto de Itapuã, na maternidade de Itapuã, devido a isso, eu fui transferido pra lá então, por esse...

**Entrevistadora:** Pela proximidade?

**Everaldo:** É pela proximidade eles achavam que poderia achar minha mãe, quer dizer, a minha família, nesse lugar. Aí ficou a gente ficou, é... Foram transferidos alguns que tinham a origem, a data de nascimento, o lugar de nascimento na certidão de nascimento, eles tavam transferindo pra uma coisa mais próxima, aí fui transferido pra essa. Eu tenho quase certeza que foi por essa razão.

**Entrevistadora:** E na época, você enxergava as pessoas dessa forma ou você foi construindo depois?

**Everaldo:** Não.

**Entrevistadora:** Na época você achou que foi por que, que você foi pro Lar?

**Everaldo:** Na época, eu achei que eu era muito pintão. Eu era uma criança muito travessa, era... É... Me escondia de tudo, quer dizer, eu acho que não é nem caso de me esconder, é era aquela coisa de criança mesmo, querer brincar, de esconde esconde, de sair correndo, então, nesse lugar também tinha freiras, também, lá na AMAC tinha freiras, então, é, eu bagunçava muito, saía pra passeio, onde Sônia era diretora, pra passeio, é... me divertia muito, saía muito, então, era uma criança muito pintona mesmo, aonde eu vinha pelo que eu me lembro, que já tô começando até a ficar com dor de cabeça, toda vez que eu lembro da infância lá, a cabeça fica...dói, mas depois passa.

**Entrevistadora:** E por que é que dói, Everaldo, quando você fala?

**Everaldo:** É por que existe alguma coisa que era bom da minha infância, é que eu não consigo lembrar, às vezes eu tento lembrar e não consigo, mas teve também fases que aconteciam coisas meio chatas mesmo, como os meninos maiores, gostava de ser autoritários, aquela coisa toda. Eu era uma criança muito pintona, eu não podia ver um, como é mesmo? Um portão, que eu queria botar cabeça ali no portão e não

sair só saía *serrano* o portão. Ia pras praias, eu ia pras praias, me perdia nas praias, me enterrava na praia pra ninguém me achar, eu era uma criança muito travessa. Eu, particularmente, adorei a minha infância.

**Entrevistadora:** Então você acha que foi por isso que as freiras te mandaram pro lar na Cidade da Luz?

**Everaldo:** Eu acho que foi por isso, eu acho que foi, de lá da AMAC pra lá pra Ribeira.

**Entrevistadora:** A Ribeira é o que hoje é... tá lá em Medrado, né?

**Everaldo:** A Ribeira é que hoje Medrado assumiu e hoje tá lá em Pituaçu.

**Entrevistadora:** E qual foi à primeira impressão que você teve quando chegou lá na Cidade da Luz, lá na Ribeira?

**Everaldo:** É assim, quando a gente se acostuma com as pessoas que tratam a gente bem, com as tias que tratam a gente bem, que era bem tratado, não só eu, como as outras crianças eram bem tratada, apesar de alguns impasses, de um senhor que morava lá na Ondina, que tinha uma forma de educar bastante diferente, mas, apesar dos impasses dele, tinha uma pessoa que era diretora, as funcionárias também, as pessoas que ajudava, as voluntárias que ajudavam, eram pessoas muito maravilhosas, a gente chamava de mãe, chamava de tia, de avó. Então aquela primeira impressão é um pouquinho triste, por que a gente quando é criança, a gente pede sempre a companhia da mãe ou do pai, do verdadeiro pai, da verdadeira mãe, e passar de um lar pro outro confunde a cabeça da gente a gente fica todo embaralhado, mas é a primeira impressão é essa, é estranhar, ficar triste por largar as pessoas boas, as pessoas legais com a gente.

**Entrevistadora:** E nessa época que você foi pra o abrigo na Cidade da Luz, quem é que você considerava família, assim, que é sua família?

**Everaldo:** Quando eu era pequeno, eu considerava todas as tias que gostava de mim.

**Entrevistadora:** Mas nessa época, você já tinha essa consideração por Sônia, por exemplo, você já considerava ainda considerava Sônia?

**Everaldo:** Já considerava. Eu considerava ela, chamava ela, mesmo, mesmo ela de mãe, a gente, ela sempre tinha um contato com o pessoal, com seu Benedito, ela sempre tinha um contato, queria sempre saber, os meninos que foram transferidos tanto lá na AMAC, como de lá da Cidade da Luz, na Ribeira, então, a gente sempre se falou por telefone.

**Entrevistadora:** Mas não se via, não se falava?

**Everaldo:** Não, a gente não se falava, mas sempre eu sabia aonde é que ela morava.

**Entrevistadora:** Sim, ela sempre procurando saber?

**Everaldo:** Era sempre procurando saber aonde é que os meninos que ela cuidou, os meninos que ela deu banho, os meninos que ela deu um tapinha na bunda, por que estava abusando muito, é...que deu papa, que deu roupa, que vestiu, ela sempre queria tá ali presente com a gente. Então, a impressão que eu sentia lá, era um pouquinho de estranheza por que era diferente o carinho de uma mãe com a outra. Todas elas são iguais, mas a gente passa uma fase da nossa vida quando é pequeno, a gente grava, se acostuma demais com aquela pessoa, então, eu sentia falta dela, eu sentia muita falta, muita falta mesmo.

**Entrevistadora:** E você tinha visitas dessas pessoas que você considerava parentes?

**Everaldo:** Não.

**Entrevistadora:** Tinha informação?

**Everaldo:** Não, não. Eu tinha informação. Às vezes tinha, não, tinha. De Sônia mesmo, ela ia com os filhos dela pra lá visitar lá, e a gente sempre chamava eles de irmão, foi um coisa, foi uma fase também MA-RA-VI-LHO-SA, que eu não vou esquecer nunca, sempre visitava ela, mas...

**Entrevistadora:** Mas você já tava na Cidade da Luz ou no outro, quando ela visitava você?

**Everaldo:** Na Cidade da Luz, mas também ela visitava também lá no Alto de Ondina, ela visitava também, mas teve certa época que ela começou a trabalhar dobrado, a fazer os ofícios do trabalho dela dobrado, os filhos dela também exigia mais presença dela e acabava ela demorando de aparecer lá, depois de um período de onze anos, uns doze anos pra lá, ela nunca mais apareceu lá, ficou ocupada demais com os filhos dela, com os quatro filhos dela, tendo dor de cabeça com o trabalho também.

**Entrevistadora:** E com relação ao abrigo, né, da Cidade da Luz, você tem momentos felizes, você lembra de momentos felizes que você guarda saudade, satisfação?

**Everaldo:** Muito. Uma das coisas mesmo, era quando a gente estudava fora da instituição, fora de lá da Cidade da Luz, é... Tinha muitas coisas, é... Forma de pessoas tratar a gente, forma de Lili ter um imenso carinho com a gente, era também a escola. Se tinha momentos ruins e momentos bons, é na escola era por que tinha pessoas que não gostava de ficar perto de você na escola, por que você era de orfanato, achando que menino de orfanato era meio desordeiro, essa coisa toda, mas,

momentos felizes, maravilhosos, eu tinha muito, tenho muita lembrança, a gente quando chegava... Quando cheguei, no tempo de Benedito, a gente ganhava uma mesada, todas as crianças ganhava uma mesada; ele dava uma mesada, tirava do dinheiro dele e dava mesada pra gente, era uma coisa maravilhosa, uma lembrança bonita, a gente aprendeu um bocado de coisa, não forçadamente, mas era ensinando como é que seria a vida aqui fora, é... Se caso a gente tivesse a oportunidade, a oportunidade não, Se caso a gente tivesse a vontade de ter uma criança, também tinha criança lá e a gente gostava pra caramba de cuidar de criança; eu pequeno tinha tanta coisa, pensava tanta coisa, mas, também, tinha momentos meio chatinhos também.

**Entrevistadora:** È? Viveu momentos difíceis então? Tinha algo que lhe incomodava, que você tinha medo?

**Everaldo:** O que me incomodava eram as coisas que... Tinha pessoas que às vezes, a gente quando pessoas que visitavam lá, às vezes tinha, dava medo por que, é... Tinha adultos, tinha meninos que, dava medo pra gente, fazia a gente ficar com medo, é... Batia, alguns funcionários batia escondido, chegava e fazia algo chato, falava sempre que a gente era uma criança abandonada, essa coisa toda, que os seus pais não queria a gente por perto por que eu era uma criança muito chata, muito coisa, tudo isso acaba fazendo a gente ficar um pouco triste, um pouco... A gente queria também liberdade, mesmo pequeno, estudando na escola, numa comunidade, aí a gente queria sair, correr como criança, se soltar. Era grande, tinha uma área lá no fundo, mas a gente queria sair correndo, se soltar e tudo, mas em coisas ruins de educação de lá, de Lili, eu não tenho nada a dizer no caso foi uma educação maravilhosa que a gente teve dela lá.

**Entrevistadora:** E hoje, o que é pra você constituir uma família, Everaldo, quem são os seus familiares ou, quer dizer, quem você ainda considera né, seus familiares?

**Everaldo:** Todos, todos de lá do Centro eu considero como familiares. Eu sempre quando eu tô aqui fora trabalhando, batalhando pela minha vida, é... Eu não tenho vergonha de dizer, eu não tenho vergonha de passar pras pessoas que eu fui também de um lar, que é... Às vezes eu não tinha condições de pedir o que um filho pro pai, às vezes podia realizar, o pai podia realizar pro filho, já pedi uma bicicleta, chegar é... Pedir um brinquedo que você via na televisão, mas, considero todos, todo mundo, todas as pessoas que hoje ajudaram, hoje continuam ajudando aquelas crianças, que tá lá na Cidade da Luz, como um pai, como uma mãe. Todos eles, todos têm um

imenso carinho, uma imensa paixão por tá lá ajudando até hoje. Eu considero todos eles, todos eles minha família.

**Entrevistadora:** E o que é pra você constituir família?

**Everaldo:** Pra mim o que é constituir família é... poxa! o que eu penso desse tempo pra cá: ensinar, vamos dizer assim: é ensinar o que eu não podia, o que eu não ganhei quando eu era criança, é poder levar... Poder dar um presente, é poder é dar alegria ao meu filho, quer dizer, na idealização quando a gente é pequeno, quando a gente cresce num lugar assim como esse, que não tá os verdadeiros pais, mas tem pessoas maravilhosas do seu lado, é... A gente pensa, em construir uma família pra dar o que a gente não teve verdadeiramente de família.

**Entrevistadora:** Então esse era um de seus sonhos naquela época?

**Everaldo:** Era. Sempre. Casar, ter uma mulher que me valorizasse, ter um filho com ela pra educar, pra mostrar o que eu fui, o que eu passei há um tempo atrás. O que era a falta que eu tinha dos meus irmãos e se eu não sei se eu tenho irmão, é... Da minha mãe, do meu pai, das minhas tias, essas coisas toda. e dizer pra eles: oi, quando a gente em um certo momento, a gente passa por certas dificuldades, certas coisas que é meio desagradável, a gente às vezes contar pra pessoa, que fica, assim, meio acanhado de dizer, mas passar o que eu passei, mostrar a ele o que eu passei, mostrar a ele a verdadeira realidade da vida, eu, sei dizer assim, é...esse é o meu filho, essa é a minha família. O que eu aprendi desses tempo todo com a minha família foi ensinar a ele. E ser verdadeiro, mostrar à eles, construir, mesmo, uma família em paz, sempre que idealizei, assim, quando eu tinha doze anos, quinze anos, sempre.

**Entrevistadora:** E além desse sonho que você comenta, lembra de outros que você tinha naquela época?

**Everaldo:** Outros sonhos?

**Entrevistadora:** É, assim, desejos, o que você planejava, que você sonhava pra sua vida depois que você saísse do abrigo?

**Everaldo:** Viajar, ganhar meu próprio dinheiro pra fazer as coisas que eu não fiz, poder ajudar alguém que precisasse de ajuda, é... desejo, desejo e dar, poder dar um brinquedo a uma criança que chegasse, assim as tias desses lares, dessas instituições, pedisse e não tinha condições, poder ajudar também, meu desejo, uns de meus desejos, meus sonhos é esse, de chegar, assim: oh, diga meu filho o que você quer? Diga meu menino o que você quer? Pra agradecer, poder brincar, ajudar também.



Uns dos meus maiores desejos quando eu era criança, era encontrar minha mãe, meu pai. Um dos meus maiores e mais sagrados desejos e pedidos que eu pedia a Deus era isso. Outros, pensava, assim, os outros a gente quando sair desse lugar, batalhar e poder ajudar os outros a gente faz com força, isso aos doze, aos quinze anos, pensando dessa forma. Tanta dificuldade que eu passei, tanta coisa que eu passei, pensando, assim, com tanto amor, com tanto carinho, com tanta compreensão, gratidão que as pessoas tinham.

**Entrevistadora:** Como era seu dia-a-dia lá no abrigo?

**Everaldo:** Ah! era maravilhoso, a gente brincava.

**Entrevistadora:** É? Me conte um pouco, assim, das coisas que vocês faziam né, diariamente?

**Everaldo:** Oxente, na Boca do Rio mesmo, a gente viajava, saía pros parques das cidades, conhecia interiores maravilhosos com cavalo, com pássaros, com outras crianças, a gente ia pra igreja, não forçado, a gente ía, os adultos chegava pra gente: se você quiser você vai, a gente gostava de ir na igreja, é... A gente brincava muito, era... Eu particularmente, minha infância foi maravilhosa, de ter conhecido pessoas maravilhosas, pessoas ótimas, pessoas boas e Deus ter colocado pessoas ótimas na minha frente, brincava, bagunçava, batia, via, sentia saudade de sair abraçado com as tias, chamava elas de mãe, a melhor coisa que tinha, era chamar ela de mãe, mas às vezes batia uma coisa aqui dentro assim, poxa não é minha mãe. Será que minha mãe um dia vem aparecer, será que um dia minha mãe vai tá aqui perto de mim?

**Entrevistadora:** Você se recorda dos primeiros interesses afetivos, assim, como é que, a descoberta, as meninas né?

**Everaldo:** A descoberta das meninas era desde criancinha.

**Entrevistadora:** Não era na adolescência né?

**Everaldo:** Desde criancinha, quando a gente, lá mesmo na Ondina era menino e menina, lá na Boca do Rio também, onde Sônia era diretora, era menino e menina, então, a gente quando via, quando eu saía pra rua, com as tias via os adultos, assim, abraçado, via se beijando, então a gente tinha o interesse de saber como é que era abraçar, beijar, quer dizer, queria saber como era tá ali. A menina também olhava e a gente ficava... A gente já era uns diabinho.

**Entrevistadora:** E como foi o primeiro beijo primeira paixão?

**Everaldo:** Meu primeiro beijo foi na Boca do Rio.

**Entrevistadora:** Quantos anos você lembra?

**Everaldo:** Tinha dezessete anos, não, tinha quinze anos. Namorei com a menina que eu fiquei um ano e meio.

**Entrevistadora:** Você era apaixonado por ela, foi a primeira paixão ou já teve outras?

**Everaldo:** Foi minha primeira paixão, quer dizer, quando era pequeno eu tinha uma paixão.

**Entrevistadora:** Pequeno que idade?

**Everaldo:** É... assim, uns dez anos, eu tinha uma paixão, mas só que ela não ficou muito tempo, ela viajou pra Europa, acho que ela foi adotada e viajou. Aí nesse período de dez não, de sete anos a nove anos, oxente, a gente brincava de beijar, quando era criança, a gente brincava de beijar, lá na Boca do Rio, de saber, dá meu primeiro beijo, ah! tô apaixonado por você, não sei o que, brincava, falava um bocado de coisa, a gente brincava de um monte de coisa, aí toda vez que chegava de manhã, a gente tava lá, no mesmo quarto das meninas, abusando lá tudo, mas a minha primeira, meu primeiro beijo de sentimento foi aos quinze anos.

**Entrevistadora:** Você estava aonde em que abrigo?

**Everaldo:** Eu estava na Ribeira.

**Entrevistadora:** E ela era do abrigo também?

**Everaldo:** Não, ela já era da rua, era da comunidade. Foi a primeira menina que eu gostei mesmo de verdade.

**Entrevistadora:** Eles permitiam que você levasse ela? Assim, não só ela, mas outras meninas que você...

**Everaldo:** Elas ficavam com medo, quando a gente saía de lá do orfanato e ia pra escola e convidava ela pra ir lá em casa ela ficava com medo, por que...

**Entrevistadora:** Mas podia na instituição?

**Everaldo:** Podia. A instituição deixava, permitia que ela fosse visitar a gente que ela ficasse lá com a gente brincando com a gente, essa coisa toda, mas geralmente tinha alguns meninos que acabava desrespeitando, essa coisa toda.

**Entrevistadora:** Mas você achava Everaldo, que existia uma discriminação por você fazer parte do abrigo?

**Everaldo:** Existia.

**Entrevistadora:** É? Você consegue ter um exemplo?

**Everaldo:** Essa pessoa mesmo tinha. Achava que a gente era menino de rua, que era desordeiro, tinha totalmente... A gente podia chegar dizer assim ah! lá em casa tem

um telefone? Mas você menino de rua você tem um telefone? dentro do orfanato tem telefone?

**Entrevistadora:** Quem era essa pessoa?

**Everaldo:** Era um monte de colega da escola da gente, é meninos da comunidade a gente se envolvia com meninos da comunidade, a gente tinha pena ficava com pena, o pessoal ficava com pena. Eles tinha uma mochila boa um calçado bom, a gente queria calçado, a gente às vezes naquela condição mesmo naquele período mesmo a gente queria tanta coisa, a gente queria passear que nem eles ter liberdade que nem eles, ir à praia sozinho, ter a roupa o brinquedo, ali a gente ficava com ciúme, e o preconceito tinha muitos que às vezes se afastava da gente por que achavam que a gente era pivete e dizia assim: ah! Quando tinha mesmo reunião de pais e de mães nas escolas eles a aquele pessoal não tem mãe não, aquele menino ali não tem mãe não, eu dizia: eu tenho sim! É, mas ela não é sua mãe, os meninos dizia e às vezes a gente brigava por causa dessas palavras desse meninos, das meninas, a gente ficava muito triste quando chegava nessa parte aí de reunião de pais e mães, essas coisas toda, quando chegava no dia das crianças, a gente via que eles levava brinquedos pra escola ou então saía na rua é no fim de tarde num dia pra brincar no parque mesmo, a gente queria, às vezes as pessoas chamava a gente de pivete, a gente ficava sempre com vergonha assim, saía correndo chorando pra casa.

**Entrevistadora:** Pra você Everaldo, há diferença entre fazer parte de uma família e ser criado no abrigo? Se não quiser responder...

**Everaldo:** É uma coisa que a gente desejava muito. A diferença entre... É, porque muitas vezes de quando tem que fazer um documento, que você tem um pai uma mãe, passear com os pais, assim pro seus colegas, seus amigos na rua que é seu pai, que você tá protegido ali, acontecer alguma coisa ele está ali parecendo um gato ali, te protegendo. Quando eu me lembro dessa pouca diferença, poxa! praticamente eu não gosto; como eu vou saber explicar qual a diferença! Quer dizer, têm tantas que eu penso, quanta diferença eu penso em ter uma família com mãe, uma família com pai.

**Entrevistadora:** Quais são os projetos que você tem?

**Everaldo:** Pra mim? Trabalhar muito ser uma pessoa normal.

**Entrevistadora:** O que é ser uma pessoa normal?

**Everaldo:** Ser uma pessoa normal é ser como todo mundo. Terminar os estudos, fazer faculdade. É... O que eu penso do meu futuro hoje, é fazer uma faculdade de

administração, ser empresário. Quero ser administrador. Eu quando estava no lar, quando tive a oportunidade de poder fazer, estudar as professoras dizia que eu era muito inteligente gostava de mim passava de série pra outra é... Gostava muito, muito, muito mesmo de estudar. Pensava assim: quando eu sair daqui, eu for pra vida lá fora, aquela coisa, eu vou querer estudar muito pra ser um administrador de empresa, é... Ganhar dinheiro, quer dizer, um dinheiro que me faça viver uma sustentação boa, com a família que eu criasse. Mas eu venho estudando tantas dificuldades com a política de lá pra cá, eu cheguei até a desistir de querer estudar quando os outros irmãos é quando saiu de lá do lar com dezoito anos, dezessete anos vinte quatro anos, queria seguir o estudo. Eu, nesse período todo de lá pra cá, eu tinha até desistido de estudar pra querer ser alguém.

**Entrevistadora:** Você saiu do abrigo com quantos anos?

**Everaldo:** Com dezoito.

**Entrevistadora:** Você acha que foi bem preparado então pra sair?

**Everaldo:** Se eu me senti seguro?

**Entrevistadora:** Inseguro.

**Everaldo:** Senti. Apesar de muitos ensinamentos, de eu estar nas escolas, na comunidade, de eu ser quando eu tinha, mais ou menos, uns quatorze, quinze anos, os professores acharem que eu era muito inteligente; tive muita preparação, muita educação, mas mesmo assim, quando eu saí de lá, eu senti muito preso ao mundo lá dentro.

**Entrevistadora:** Mas você acha que podia ter alguma coisa que ajudasse você a ficar mais preparado? De que forma o abrigo podia né, tá preparando vocês melhor, O que você acha que poderia ter existido que...

**Everaldo:** O que poderia ter existido que não tem?

**Entrevistadora:** Que não teve no momento que você ía sair, de que forma você acha que o abrigo poderia ajudar pra você sair mais preparado?

**Everaldo:** Que naquele tempo era difícil as coisas era difícil do eu pensava pelo que eu analisava com cursos profissionalizantes, era aulas escolar extra de escola.

**Entrevistadora:** Isso existia, ou isso você acha que deveria ter?

**Everaldo:** Não existia. Mas hoje existe, hoje tem, mas antes a gente tinha um reforço escolar, mas a gente pensava assim: não era o suficiente, a gente tinha, mas eu acho que necessitava mais um pouco mais de ajuda da prefeitura sei lá, ou de órgão que pudesse dá ensinamento um pouco melhor pra gente assim uma preparação assim.

**Entrevistadora:** Você fala de existir uma preparação pra emprego, uma coisa assim?

**Everaldo:** Isso. Uma preparação pra emprego, mas geralmente a gente naquele tempo, a gente teve uma educação básica, uma preparação básica pro mundo, que o mundo está violento, que você às vezes não pode acreditar muito nos outros, que os outros pode passar a perna em você.

**Entrevistadora:** Isso você acha que foi transmitido?

**Everaldo:** Isso foi, isso foi transmitido, mas é por que ía... Geralmente quando a gente está aqui fora, é... Os ensinamentos é totalmente diferente. É... A gente toma porrada cai levanta; eu ainda tenho ajuda deles ainda hoje, ainda tiro dúvidas em relação ao aprendizado ainda, esses anos com trinta e um anos que eu tenho, eu ainda tiro dúvidas, eu quero aprender cada vez mais, mais ainda o que eu posso, o que eu vou, o que eu penso em crescer aqui fora, eu sempre, ainda tenho o apoio ainda deles.

**Entrevistadora:** Você faz visita ao abrigo?

**Everaldo:** Faço. Eu sou voluntário de lá; sou voluntário, quer dizer... Esse pouco tempo eu consegui um trabalho que ocupasse muito meu tempo, então eu venho idealizando ter minha casa própria; como meu irmão que é de lá do Centro também, que vai vender a casa dele; a casa dele de cima da laje dele, aí acabei transferindo e não mais freqüentando o Centro; que eu chegava tarde. Eu chego tarde em casa, chego doze horas em casa, três horas, onze horas, aí fica um pouco difícil de freqüentar lá. Mas, a preparação deles foram básica.

**Entrevistadora:** E fora do abrigo, depois que você saiu né, já com dezoito anos você sentiu preconceito das pessoas, ou uma reação de tal, quase ir?

**Everaldo:** Possui. Em relação a de você, por exemplo, perder um documento na rua, poxa! Tem muita gente que ainda consegue discriminar você por você não ter o nome do pai e da mãe na carteira de identidade, na coisa que fica assim poxa! Como é que é possível isso, você não ter o nome do pai não ter o nome da sua mãe na carteira de trabalho, na carteira de identidade; como é que aconteceu isso? Aí a gente fica meio acanhado, de responder isso, de dizer assim: não, é que minha mãe me deixou lá é... Às vezes a pessoa fala assim: poxa velho! Pergunta tanta coisa a você, que às vezes você fica assim meio acanhado, meio discriminado por ela ter soltado uma palavra que te ofenda que chega você não pode responder. Poxa! Você fica meio assim no cantinho sem poder responder não acaba nem tocando no assunto. Às vezes nem tocando no assunto. Eu tenho amigos mesmo do trabalho mesmo, que me perguntam

coisas que poxa eu não tenho receio de responder não, mas eu fico assim, meio preso pra não querer responder ah! Não, eu fui criado assim, nessa casa, assim, assim assado e as pessoas às vezes, assim, me discriminava, às vezes é um pouco difícil de explicar, e até hoje tem discriminação mesmo por a gente não ter o nome de pai nem mãe na certidão de nascimento.

**Entrevistadora:** E você tem esposa hoje?

**Everaldo:** Não. Tô correndo atrás pra ter. Moro com um dos irmão meu, que a casa dele é própria.

**Entrevistadora:** Sim. É o irmão do último abrigo?

**Everaldo:** Isso. Do último abrigo, daí mesmo da Cidade da luz, e a gente veio vivendo é... Aos trancos e barrancos, mas vem vivendo.

**Entrevistadora:** Você também não tem filhos?

**Everaldo:** Não, não tenho filho. A maioria deles tem, mas eu não tenho, ainda não. Quer dizer, acabei me apaixonando por uma pessoa que a minha mãe Lili fala que ela não é pra mim, que não é uma pessoa certa, mas tem tanta coisa que a gente acha certo que a gente acha errado, mas... coração né?

**Entrevistadora:** Que mãe é essa, que você se refere quando você diz: ah! Minha mãe acha que ela não é mulher pra mim?

**Everaldo:** É Lili! Quem conhece ela sabe como ela é. Ela frequenta lá o Centro. Ela teve uma filha e ela sempre me pede um neto, sempre me pede um neto, um neto, que a maioria dos meus irmãos tem filho e eu não tenho, que eu sou o único que não tem. Por que aconteceu algumas coisas, que eu sou do tipo de uma pessoa que eu tenho... Às vezes eu não ouço conselho das outras pessoas, saber das minhas próprias opiniões, das minhas próprias, meus próprios caminhos. Eu não gosto ouvir. Às vezes eu não gosto de ouvir, então, eu estava me relacionando com outra pessoa, mas só que me apaixonei por outra pessoa, mas só que essa insistiu, ficou insistindo, insistindo que eu acabei me apaixonando por ela, acabei gostando dela, largando a outra e gostando dela.

**Entrevistadora:** Mas hoje você namora com ela ou está solteiro?

**Everaldo:** Eu ainda namoro com ela. É... Só que fica no impasse, uma coisa pra lá, uma coisa pra cá, ela fica lá e eu fico cá, não sei o que, não sei o que. Sei que analisando, eu fico pensando: poxa! Será que eu não tô perdendo tempo com essa pessoa? Não sei, é muita coisa muita coisa, analisando, muita coisa assim.

**Entrevistadora:** Quem são suas referências na vida?

**Everaldo:** Referência na vida?

**Entrevistadora:** É.

**Everaldo:** Medrado, meus os antigos patrões, primeiramente Lili, a minha referência na vida, ela dava aí dizia assim, dava aula de coisas da vida, então eu acho que Lili é uma referência de vida pra mim aqui fora, a minha mãe Sônia, é outra referência também pra mim de vida aqui fora.

**Entrevistadora:** Vocês ainda têm contato, você e Sônia?

**Everaldo:** Tenho. Ela tá morando em Jacobina com os filhos, alguns filhos está aqui e outros está lá, com ela em Jacobina. Meu patrão mesmo, são pessoas que me ensina muitas coisas que hoje é... Não vou dizer que eu sou santinho, que eu não sou santinho, mas já caí, já morei na rua por eu ser orgulhoso demais, por eu ser muito... Só eu pensar no que eu achar certo o que eu penso, já saí. Dona Célia mesmo é uma pessoa, uma referência de vida pra mim.

**Entrevistadora:** E quem é dona Célia?

**Everaldo:** Dona Célia é freqüentadora do Centro também. Morei um ano na casa dela, quando estava morando na rua. Ela junto a minha namorada agora, com a mãe dela, pediu a minha madrinha, pediu que ela fosse e me ajudasse. Aí eu fiquei um ano morando na casa dela, ela me ensinando muitas coisas.

**Entrevistadora:** Você foi morar na rua logo que você saiu do abrigo?

**Everaldo:** Não.

**Entrevistadora:** Você estava com que idade?

**Everaldo:** Eu tinha tava, com vinte... É, teve algumas coisas que aconteceram que eu fiquei assim, um pouco traumatizado. Quando se juntou bebida, se juntou amigos que digamos supostamente amigos, mas pessoas que só, ficava do seu lado pra arrancar dinheiro pra beber, é os amigos de copo, que teve um certo tempo na minha vida, que eu fiquei muito decadente, que eu fiquei muito pra baixo, e acabei tendo opiniões que eu não ouvi ninguém. Aí cabei passando um mês trabalhando, mas trabalhando, passando um mês dormindo na rua, e esse tempo da minha vida foi muito marcante, pedia minha ajuda, muita gente que queria me ajudar. Uma das pessoas importantes que me ajudou em relação a isso, isso sem ninguém saber, sem ninguém lá do centro saber a única pessoa que estava sabendo era uma senhora chamada Vera e minha namorada, que não queria me ver naquela situação, queria me levar na casa dela, mas ela não podia ter condições de me ajudar. No caso fui pra casa de dona Célia, fiquei depois disso, fiquei um ano na casa dela, praticamente quase um ano. Eu

também continuava com a mesma, batendo na mesma tecla de ser turrão, de não querer ajudar, trabalhava, mas não queria ajudar em casa, essa coisa toda. Um exemplo da minha vida era mãe de Lucinha, que chegava pra mim conversava: não é por esse lado, é por esse aqui. Hoje eu sigo pensando nos conselhos dela, hoje eu tenho um trabalho que eu gosto que é me comunicar com as pessoas, eu adoro conversar, eu adoro dialogar com as pessoas é, trabalhar com pessoas. Acho que no futuro tem um emprego pra mim certo. Tenho essas pessoas que não vai sair nunca aqui do meu coração E já que partia pra conselhos da minha vida aqui fora.

**Entrevistadora:** Por que é que você foi morar na rua?

**Everaldo:** Eu fui morar na rua, porque geralmente eu escondia das pessoas que eu tinha um vício de beber, é que eu tinha pessoas, eu ficava com pessoas que não era bom pra mim, eu fui morar na rua por que tinha muita gente que; as pessoas que me dava conselho de que esse caminho não era bom, eu não ouvia, eu ia por outro caminho. Ficava acanhado de ouvir o que elas diziam pra mim, o que elas aconselhavam pra mim, pra o meu bem estar, então que achava uma bobagem que elas ficavam dizendo. Eu pensava que eles queriam tomar conta da minha vida, e que queriam é... Eu pensava assim: quando eu crescer e ter meu emprego, eu vou ter minhas próprias opiniões é... Não querer ouvir ninguém, então eu não ouvia ninguém. Particularmente eu não ouvia ninguém. Quando uma pessoa falava ou me dava um conselho, falava comigo sobre os perigos da vida, os perigos do meu caminho eu não ouvia. Então eu me encolhia todo, ficava sozinho no meu canto. Eu sofro calado, mas não mostro meu medo pra ninguém. Eu estava sofrendo ameaças e ficava na minha, calado, então os conselhos que as pessoas me dava, por exemplo, o meu ex-patrão, minha ex-patroa, Dona Celeste, Seu Sílvio, Turrinho que tinha praticamente quase a minha idade, me aconselhava e tudo, e eu não queria ouvir, então eu achava um saco as pessoas dizer alguma coisa pra mim e eu achava que eles queriam tomar direção da minha vida. Então eu acabei saindo, eles me deu a oportunidade na vida de crescer na vida, acabei largando pelos dedos, deixando pra lá, acabei ficando no meu canto. Eu acho que naquele um mês que eu morei na rua, que eu dormi na rua, sem dizer nada a ninguém, eu queria que as pessoas sentissem pena de mim. Quando eu era criança, que eu não tinha assim pensava nos meus pais, na minha mãe, eu queria que essas pessoas que estivessem próximas de mim, sentissem pena de mim.

**Entrevistadora:** Por que você queria que elas tivessem pena?



**Everaldo:** Era uma coisa de mim mesmo, é de meu coração que fazia com que eu ficasse e eu não ouvisse ninguém, é... Os pensamentos dos outros não era nada pra mim, não era nada, conselho não era nada. Quando eu comecei a fazer é... As pessoas ficaram próximas de mim cada vez mais eu ia pro buraco, sentia que eu ia pro buraco, mas não ouvia ninguém, eu me afastava. As pessoas boas eu me afastava das pessoas boas, e aí que eu via e eu pensava que era chata demais.

**Entrevistadora:** E o vício você fala que adquiriu o vício de bebida, foi com que idade?

**Everaldo:** Foi com doze anos.

**Entrevistadora:** Desde os doze você bebia?

**Everaldo:** Olhe, antes de, de... Oxente! Eu consumia bastante bala, bebia, consumia bastante bala, consumia que eu escondia, ficava uma semana, duas três, quatro, cinco, escondia que ninguém dizia, ninguém. Quando eu saía com os meninos, ninguém dizia nada. Eu não dizia nada pra ninguém, eu saía sozinho.

**Entrevistadora:** Quando você fala bala você se referia a o que? Bala mesmo, doce?

**Everaldo:** Não, doce mesmo, me enchia de doce. Além de ter ajuda das pessoas que, que, desses amigos de cachaça, de coisa que eles próprios me ensinavam, forma de não sentir o cheiro da cachaça, que era cachaça pura que eu tomava.

**Entrevistadora:** Desde os doze anos é?

**Everaldo:** Desde os doze anos.

**Entrevistadora:** E por que você acha que adquiriu esse vício?

**Everaldo:** Não sei. Quando a gente tem aquele jeito, você é curioso você quer testar aquilo pra ver se aquilo é bom, se aquilo é certo, quando um adulto dava conselho pra gente ah! Isso aqui não é bom, isso aqui não é certo, não é bom pra sua saúde, essa coisa toda. Hoje, eu só não fumo hoje por que quando eu morava na Ribeira, no orfanato da Ribeira, eu a gente tinha liberdade de ir na praia, ali tinha uma praia, é o Caminho de areia, tinha uma praia bem próxima. A gente saía tinha uma praia bem próxima, então o que a gente, todas as nossas dúvidas de coisa de cigarro, de droga, essas coisa toda. Não tinha ninguém perto, a gente queria testar pra ver se era aquilo mesmo. Então teve um certo dia que eu saí, e aí vi um cigarro, impressionante, um cigarro tinha uma caixa de um cigarro todo inteiro, e tinha uma caixa de fósforo; fui testar quando eu fui testar, quando eu peguei pra testar, apareceu um senhor escuro, um rosto mal encarado. Isso vai fazer mal pra você! Eu nunca mais coloquei um cigarro na boca mais também.

**Entrevistadora:** Isso você tinha quantos anos?

**Everaldo:** Isso eu tinha doze anos pra treze anos, nessa faixa etária.

**Entrevistadora:** Foi nessa época que você começou a beber?

**Everaldo:** Foi nessa época que eu comecei a beber; então vim teve pessoas mesmo que já tinha me visto tomando uma pinga aí me deu regulagem.

**Entrevistadora:** Quem lhe apresentou à bebida? Quem lhe deu na primeira vez?

**Everaldo:** Eu quando a gente saía aí uma pessoa do Areal, dali perto da praia que chegava oferecia, que você, não isso aqui é bom, isso a aqui é gostoso, não sei o que, não sei o que, aí você, como você era inocente e tudo, você provava e tudo, e aí provava; era as pessoas mal encarada, as pessoas que se dizia seu amigo, que se dizia colega seu, que se dizia amigo seu, aí te levava pra uma coisa ruim. Só que no período de doze a treze anos, teve um tempo que cheguei aos vinte anos eu parei; nos dezoito comecei, aí acaba pior.

**Entrevistadora:** E com quantos anos você parou?

**Everaldo:** Dos dezessete anos eu parei. Aí quando eu saí do orfanato voltei de novo, então era pior, por que o pessoal, quando eu saí de lá, eu morei com dois: um morador, com irmão da gente de lá do orfanato, ele se chama até Valmir. Assim que eu saí de lá o pessoal me deu orientação, o pessoal de lá do Centro me deu uma ajuda de custo, é pagou o aluguel um mês, e deu utensílios quer dizer, geladeira fogão, essas coisa pra gente, mas mesmo assim, quando eu ia trabalhar, quando eu voltava do trabalho, aí eu começava.

**Entrevistadora:** E por que você voltou a beber então nessa época?

**Everaldo:** É a única coisa que me preenchia, em relação à falta de meus pais e de minha mãe é a única coisa que chegava pra mim, as pessoas que estavam próximas era amigas, aí era pior, porque eu saía na rua só voltava de noite. O pessoal ía me buscar na rua, por que eu tava lá largado lá no chão, de cachaça.

**Entrevistadora:** E antes dessa época né, que você já tinha saído do abrigo você já passou por uma situação parecida, quando você tava no abrigo assim, de beber muito?

**Everaldo:** Não. Porque os meninos já alguns deles que morava comigo, tirava a coisa de mim, conseguia me achar, por que todo mundo marcava em um lugar só, só eu que tinha, só eu e mais alguns que tinha o lugar certo pra ir, e tomava a bebida da minha mão. Nunca cheguei bêbado, assim, bêbado. Mesmo assim eu bebia, conseguia me controlar, aí alguns deles tomava o copo da minha mão, ficava perto de mim; quando essas pessoas que gostava de servir a cachaça, ou dá alguma coisa pra

você beber, ou alguma coisa assim de bebida alcoólica pra você beber, tinha gente próximo, aí eu ficava acanhado, ficava muito acanhado e não pegava não. Não eu não posso, eu não posso, tem os meus irmão tá aqui, eu não posso. E Nisso foi passando, já saía. Teve uma vez só, que uma funcionária me pegou cheio de bebida, aí ela chegou e disse assim: você sabe que isso não é bom pra você. eu fui testar, achei gostoso, não sei o que, não sei o que, é... Fui provar a primeira vez esse negócio todo, aí foi se prosseguindo, eu saí, quando eu saía pra se divertir na praia que eu saía com os meninos oxe! A gente saía já escondido, já saía já coisa, já bebia, e já começa já a ficar bebo, aí nesse período, teve uma vez que eu apanhei, apanhei muito.

**Entrevistadora:** Foi no abrigo? Você tinha bebido foi?

**Everaldo:** Eu tinha bebido. Mas foi uma funcionária que não tinha passado pra diretora. Aí teve um tempo, depois dessa porrada que eu tomei, teve um tempo que eu fiquei sem beber, que eu cheguei aos dezessete anos, eu cheguei lá no orfanato de lá do coisa com quinze anos. Nesse período que eu saí daí da Ribeira fui pra lá. Aí quando eu cheguei aos dezoito anos, certo, aí eu já tava empregado, já tava seguro do trabalho, já tava recebendo o segundo salário e já tinha minha liberdade, quando eu saí de lá, já tinha minha liberdade, aí eu comecei de novo.

**Entrevistadora:** Então você ficou sem beber dos quinze anos aos dezoito é?

**Everaldo:** Dos quinze anos aos dezoito, fiquei sem beber. E aí fui procurar essas pessoas, saí num dia desses fui procurar. Ah! Só um pouquinho! Eu não posso que nunca mais bebi, vou trabalhar e tudo. Aí fui trocando de emprego, foi saindo de um, foi ficando em outro, já trabalhei também em barraca de praia, logo de que? Coisa que vendia bebida alcoólica. Esses altos e baixos, entre dezenove a vinte cinco anos é que, meus irmãos mesmo que morava aqui fora, me pegava na rua, chegava outro dia eu bebendo, me encontrava com esse pessoal sumia, com essas pessoas sumia, e teve um tempo da minha vida que eu disse: não vou parar com cachaça, eu vou parar com cachaça.

**Entrevistadora:** E você parou definitivamente?

**Everaldo:** Não. A cachaça eu parei, mas não a cerveja.

**Entrevistadora:** A cachaça você parou com quantos anos?

**Everaldo:** Eu parei com vinte... Já estava tomando conta de mim.

**Entrevistadora:** E a cerveja hoje, você deixa que ela tome conta de você, ou você controla isso?

**Everaldo:** Eu controlo a cerveja, mas às vezes, às vezes sim e não. Porque tem um fim de semana que eu quero sair, que eu quero me divertir e às vezes eu to com dinheiro no bolso, acabo gastando tudo e às vezes eu gosto de beber sozinho.

**Entrevistadora:** E você bebe com que frequência?

**Everaldo:** Como assim, frequência assim?

**Entrevistadora:** Todos os dias, final de semana, dia sim, dia não?

**Everaldo:** Eu bebia todos os dias. Hoje não. Hoje eu chego às vezes segunda-feira tomo uma cerveja, chego que eu bebia todos os dias. Tinha um trabalho que eu ganhava dinheiro todos os dias. Trabalhava na barraca de praia todo dia, que eu ganhava dinheiro, então eu tinha oportunidade de beber mesmo escondido. Eu tinha oportunidade de beber de disfarçar pras pessoas, o dono da barraca, que o cliente comprou isso aqui, apresentava o dinheiro às vezes, mas tinha oportunidade. Mas nesse período, teve uma época, teve um período que eu estava bebendo todas as noites, eu tava bebendo todas as noites: sexta, chegava no sábado bebia também. Hoje, tá mais escasso isso, só bebo nos finais de semana, porque hoje eu tenho um trabalho mais responsável, que lidar com as pessoas lidar com contas, lidar com dinheiro então.

**Entrevistadora:** Você trabalha aonde mesmo?

**Everaldo:** Eu trabalho no Comércio com produtos químicos.

**Entrevistadora:** É uma empresa?

**Everaldo:** É. Na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, no antigo Mercado do ouro. Então entre outras e outras oportunidades, essa foi a melhor oportunidade que eu tive na vida, de poder ir trabalhar e me comunicar com as pessoas, é o que eu gosto de fazer. Dialogar, comunicar, vender, eu gosto de vender.

**Entrevistadora:** A sua função é de vendedor é isso?

**Everaldo:** É, vendedor. Infelizmente tá lá na carteira lá, auxiliar de vendedor e balconista.

**Entrevistadora:** E olhando sua história no abrigo, Everaldo, o que é que você considera que marcou a sua vida o que o abrigo lhe ensinou?

**Everaldo:** Desses três abrigos o que me marcou, foi ser forçado pra fazer uma coisa que eu não queria fazer.

**Entrevistadora:** É o que era?

**Everaldo:** Primeiro, quando eu fui pra AMAC que eu tinha uns dez anos, eu era forçado de assistir o jogo do Vitória sabe que, lá a diretora de lá da AMAC tinha um

marido. Então ele tinha um carro, quando tinha jogo do Vitória, ele levava a gente. Eu ia pro estádio da Fonte Nova assistir, aí eu não gostava por que se você torcesse, que ele era Vitória, torcedor do Vitória, aí se você não torcesse você apanhava, ou a mão sua tem que vim até aqui; uma das coisas que mais me marcou foi essa aí na AMAC; a gente apanhava muito das funcionárias que era de lá. Aqui na Ribeira, uma das coisas que mais me marcou foi a forma de, das pessoas ensinar, das pessoas passar carinho, da compreensão, passar os ensinamentos da vida aqui fora, como você tinha que lidar aqui fora, como você tinha que se comportar brincando, até com os colegas da rua, como você tinha que se comportar dentro da escola, foi coisa maravilhosa os ensinamentos daqui foi maravilhoso.

**Entrevistadora:** Me diz outra coisa, você mantém contato com o abrigo hoje né? Você já se referiu a isso antes, e através de quem, que você mantém esse contato?

**Everaldo:** Hoje eu só vou mais pra pegar minha namorada.

**Entrevistadora:** Ela frequenta, ela trabalha lá?

**Everaldo:** Frequenta. Frequenta porque a família dela não gosta de mim, aí eu só vejo ela no dia de quinta-feira ou no final de semana quando eu saio daqui e vou pra lá. Eu frequentava o Centro nas segundas-feiras e nas quintas-feiras que eu lá, tinha um trabalho de alcoólicos anônimos.

**Entrevistadora:** Você frequentava?

**Everaldo:** Aí, tinha coisas aqui fora, que eu fazia habitação, aí dava. Quando eu acabei de frequentar, porque hoje não frequento mais, mas só apareço lá no Centro também pelos momentos.

**Everaldo:** É pelos ensinamentos, pela doutrina apareço lá pela doutrina, pela energia que eu tive lá quando eu tava morando lá.

**Entrevistadora:** É no Centro que você vai ao abrigo, é isso?

**Everaldo:** Vou. Às vezes eu entro falo com os meninos, converso com Lili. Fico mais na parte lá do Centro lá; porque do estudo, de saber mais sobre a doutrina espírita, querer aprender um pouco mais por falta de tempo, eu apareço mais lá nela do que pro outro.

**Entrevistadora:** Você já teve experiência de rua? O que é rua pra você?

**Everaldo:** Você, não tem quem contar, ninguém lhe ajuda, ninguém pode ajudar, parece que você é...

**Fernando**

**Entrevistadora:** Fernando me conte, como foi que você foi morar lá no abrigo? Qual idade você chegou, né, o motivo?

**Fernando:** É... Eu com, uma história minha da, lá da... Tive interesse de ler, e, teve uma parte: primeiro da mãe, biológica né, e ela entregou a uma amiga dela chamada Bernadete. Pelo que ela tinha avisado à amiga dela, que ia arranjar trabalho, e esse trabalho que ela, provavelmente, não sei se foi procurar ou não, não voltou pra me pegar e essa Dona Bernadete já tinha uns cinco filhos, e já tava apertado demais e ela ficou comigo até que ela me deixou com oito meses na mão de Dona Bernadete que chegou a ficar, até, eu com um ano e sete meses no máximo. Ela não agüentou e me transferiu pro juizado, para aquele Salomão, se não me engano, e de lá me transferiu pá o AMAC, o AMAC, lá na Ondina. Ah! É... Tenho a idade pra você ficar. Então lá até os onze anos, até doze anos no máximo, foi a idade que eu pude ficar.

De lá, fui transferido pra Ribeira e nessa Ribeira, é... Dona Angélica, que era do Centro Espírita, de lá dos Cavaleiros da Luz, que era... Na época quem era o diretor era seu Benedito e de lá o seu Benedito cansou, e Lili concretizou a carreata até agora, até onde se encontra.

**Entrevistadora:** O abrigo lá, o da Ribeira né, que depois virou Cidade da Luz, né? Você foi com quantos anos?

**Fernando:** Com treze anos.

**Entrevistadora:** Quando você chegou lá na Ribeira, né, qual foi a primeira impressão que você teve?

**Fernando:** Por incrível que pareça, assustador.

**Entrevistadora:** Foi?!

**Fernando:** Por que assustador? Eu saio de um orfanato que a visão é a criança, que a visão era festas, que era festas, muita festa, quase todo dia era uma festa; você escolhia presentes, cê dizia, ah! quero um presente, aí dava Natal; era um negócio e... Ribeira era adolescente, então foi assim, tipo assim, um baque enorme. Olhava pra cara e um maior dizia assim: cê vai ter que fazer isso. Um mundo diferente do meu. Pra ter uma idéia a você, lá no orfanato da AMAC eu não sabia nem o que era xingar e como ouvia um palavrão e ouvi uma funcionária reclamar, pra mim, eu olhava assim: mas ele falou e ela tá reclamando. O que ele falou? Assim, deu a entender que aí, tá xingando, está desobedecendo a uma funcionária né? Aí, assim, é isso.

Então, virou uma superioridade, quer dizer, eu era pequeno, então os maiores aquela hierarquia, o maior; então, eu tinha que obedecer à direção, tinha que obedecer às

funcionárias e tinha que obedecer, ainda, os maiores de idade. E eles não eram nenhum santo não, não era brincadeira não!

**Entrevistadora:** E você, naquela época né, se você lembra o que você considerava família, né, nessa faixa dos treze anos, no lar, no abrigo, o que você considerava família?

**Fernando:** Por incrível que pareça, eu, eu, pá falar família... Era engraçada uma parte assim, meio que eu achava do orfanato da Ondina. Era, era eu acho que era, até hoje, hoje eu já tenho... Mas, eu analisava assim: que era muito bruto cê imaginar que você foi prum orfanato e essas funcionárias, com certeza, eu tenho certeza, sem erro nenhum, que era despreparada demais, dizia pra mim, dizia que minha mãe ía chegar. Quer dizer, eu chorava porque eu tava num local estranho, e ela para acalmar dizia, ah! Sua mãe vai chegar. Quer dizer, aí, voltando aos treze anos que você falou... A senhora ou você? (risos)

**Entrevistadora:** Não! Pode me chamar de você.

**Fernando:** É, então, aos treze anos, eu imaginava, assim: pronto, já tenho consciência que minha mãe vai chegar. O que é que eu posso colocar pra preencher essa lacuna vazia que se encontra?

Seu Benedito, na época, ele não, como diretor, era presente, mas era presente na hora de uma reclamação, de alguma coisa. Não era presente.

O que preencheu família, como chegou a esse ponto família, foi quando Dona Lili chegou.

Por incrível que pareça, porque ela tornou o orfanato, não com a visão de um orfanato, é uma casa; casa, família! E isso aí me tocou muito, porque eu não esqueço assim da época de Natal, a gente pintava a casa, porque sempre famílias assim, quando chega na época de Natal, quer pintar a casa, comprar móvel novo, esse negócio todo. Lili tornava esse sonho da gente família, porque atrás eu via Lili; tinha vezes que ela ia pá... Materiais de construção, ela pedindo, pedindo! Não tinha condições de comprar. Ela pedia mesmo, na cara de pau. Tinha vezes que eu ficava com vergonha, e pensava: Meu Deus eu não tenho condições de fazer isso aí não! Dia que tinha realmente crianças que as pessoas visitava e dava. E não tinha culpa não! A gente mesmo caía no... Botava um short aí ía pintar. Nessa, nesse período que eu achei que ali era uma família.

Eu tive no orfanato lá da AMAC, e Dora, que eu olhava como mãe, a mãe presente, a mãe né? Tornou esse meu... essa lacuna que tava lá vazia foi preenchida, porque

uma coisa que eu não me esqueço: lá na Ondina, eu não saía pra nada. Pra você ter uma idéia, lá o colégio era dentro do orfanato. Então o mundo lá fora pra mim, misericórdia! Eu não sabia o que é. Eu ouvia por alto assim, alguns funcionários comentar: Olha o mundo lá fora não é brincadeira não viu?

Tomava aquele susto! E na época que eu tinha uns quatorze, quinze anos, chegavam pra mim: Fernando, você vai ter que lá no... Levar um menino no médico, um menino menor. Aí eu ficava aborrecido; é dor de barriga, é dor de cabeça, tudo. Porque o mundo, porque já tinha falado que o mundo lá fora é perigoso, então pra mim era um monstro! Pegar um ônibus e imaginar que podia pegar errado; meu pai será que eu vou ir pro lugar certo? Então era uma bronca danada! Eu vou lhe contar só uma coisa que acho que ficou marcado na minha vida: eu lembro que a irmã de Lili, Isa, ela trabalhava na Petrobrás antiga que agora que não é mais; acho que é um colégio ali no São Joaquim. E lá, primeiro tinha que passar na recepção, a recepção era alta, mais ou menos aqui. Por favor, eu gostaria de... Tremendo, nervoso, aquele nervoso que... Tinha uns quatro ou cinco dias que eu tinha saído com Lili, mercado pra fazer nos sábados... Aí a mulher: Venha cá, o que é que você tá por baixo aí? Ela perguntou o que eu estava por baixo, se eu tava de short ou se eu tava de calça; Só pode entrar de calça. E eu tava de cueca! Imagina, o nervosismo era tão grande! A mulher disse: Se afaste aí, pelo amor de Deus! E eu não tava, tava realmente de... Menino você tá de... Não, mas você falou por baixo! Aí quando eu cheguei lá, a irmã de Lili tava rindo até dizer chega. Então, pra você ver o tipo de nervosismo que tava. Então Lili me ensinou realmente ser um cidadão. Essa é a parte mais... Acho que mais preciosa que eu guardo em mim, foi essa parte em que Lili me ensinou como é ser um cidadão; um cidadão produtivo, um cidadão brasileiro mesmo, um cidadão que corre atrás do seu prejuízo. Graças a Deus!

**Entrevistadora:** Mas é bom assim! Você recebia visita de parentes?

**Fernando:** Por incrível que pareça, lá na Ribeira não. Lá na Ondina, eu recebi umas duas ou três.

**Entrevistadora:** Quem era Fernando?

**Fernando:** Tinha uns dez anos. O menino era... O rapaz era do meu tamanho, era alto, mas assim, a lembrança da fisionomia não.

**Entrevistadora:** Você chega a identificar o segundo?

**Fernando:** Aí era pai.

**Entrevistadora:** Aí ele te visitou quantas vezes, você lembra?



**Fernando:** Duas vezes.

**Entrevistadora:** Lembra que idade você tinha?

**Fernando:** Tinha dez anos.

**Entrevistadora:** Dez? Momentos felizes que você lembra lá no abrigo?

**Fernando:** Qual deles? Eu passei por dois.

**Entrevistadora:** É. Não sei, você pode escolher.

**Fernando:** Eu falo dos dois. No AMAC mesmo eu passei dias felizes, como eu passei, contei como é ser criança. Lá, realmente ele usava ser amor, ser criança, dentro do lar. Festas direto é... Brincadeira direto, preenchia essa tristeza que tinha; sem uma mãe, nem um pai, sem uma família perto. Então ele preenchia com alegria, palhaços, era sempre isso aí.

E no orfanato, o que me preencheu na época a alegria, era também... Por exemplo, Ano Novo, Natal, porque assim a gente... Como eu falo, como eu posso te contar... Ela tinha uma concepção de conhecer a gente de uma tal maneira, que era impressionante. E ficava... Um ano que a gente ficou alegre porque a gente fez um natal gostoso lá. Mas ela disse, ela botava na cabeça, achava que tinha alguma coisa que se ía fazer. Ah! No próximo ano...aí ela falou com um menino. Ela queria passar na casa de uma funcionária? não, foi de uma...moradora... Frequentadora do Centro. Cada um...é...Bem lá atrás... Hoje já existe, mas bem lá atrás nem existia. O juizado dar permissão disso? É ruim. Lili teve a ousadia, sei lá se era ousadia, audácia, de comunicar ao juizado que queria realmente que cada um passasse em uma casa de uma família.

E eu passei esse Natal, nunca esqueço esse Natal com Lili. Na casa do irmão de Lili, acho que era, o Capitão. Ali só Deus sabe o que eu senti! Aquela alegria me ficou marcada! A gente foi, quando eu era pequeno...Só a satisfação de tá lá...Essa parte, depende área assim, que Lili passou pra gente. Essa parte mesmo do beco de rua: ao mesmo tempo sabia porque eu não ía poder esconder que eu não gostava, ao mesmo tempo eu sabia, tinha consciência que ela tava nos preparando. Porque se um dia, chegar na idade de dezoito a dezenove anos, sair daqui, eu não vou ter medo de ir lá fora, eu não vou ter pavor de tá...

Pra você ver, meu primeiro trabalho assim que eu saí de lá do orfanato, meu primeiro trabalho, eu era responsável de uma loja de aquário, de peixes, plantas ornamentais; e eu responsável, e eu tinha... Começou a entrar três pessoas, e eu responsável pelas três pessoas. Aí eu não sei o que podia acontecer se caso eu tivesse medo e

não chegasse a me botar esse não, e chorar e picar a mão no chão. Se eu não tivesse coragem de me botar esse não: Não! Eu tô com medo, mas eu vou; aí como é que eu ía tentar administrar uma loja com três funcionários, sendo que o patrão me deu a responsabilidade de reclamar e de dizer...Então, é isso o que eu agradeço a Lili ; essa é uma parte da alegria minha também.

**Entrevistadora:** Eu não queria deixar passar isso que você falou antes, é Fernando, com relação lá em Ondina né, mas você se recorda como foi, o que você sentiu por você estar recebendo seu pai ali?

**Fernando:** Olha isso aí eu posso ter, posso falar, com assim, o que leva a... Assim né, a maioria, mas nem todas as mães é assim, mas o que leva à emoção, à satisfação é mãe. Ah! Na... Foi com dez anos: Seu pai tá aí!

**Entrevistadora:** Foi a primeira vez que você o viu?

**Fernando:** Foi! 'Seu pai tá aí!' Foi uma alegria momentânea, aquele momento ali. Perguntei por mãe, não falou nada! Nada de novo, que ele foi mais uma vez. Não foi muito agradável não! Que ele veio sozinho, aí eu olhei assim: oxii! Veio sozinho? Que idéia!

**Entrevistadora:** E sim, a gente falou né dos momentos felizes. E os momentos difíceis? Havia alguma coisa que tenha lhe incomodava, que você tinha medo?

**Fernando:** Na Ondina, porque Ondina teve...

**Entrevistadora:** Você era mais novinho!

**Fernando:** Mais novinho, mas na época de, da Ribeira, o medo foi na época que Seu Benedito ele que citou que... Imagina! sair de um lugar, que era criança e tal, e fui prum lugar... fiquei dois anos, era o seu Benedito, até quatorze anos e ele falou que cansou. E os grande dizia: CRT; chegavam no meu ouvido e dizia assim: CRT, é as pessoas que já matam, que faz e acontece. Tinha saído de um paraíso, para vim pra... Botaram na cabeça que eu tava vindo também pra um lugar bacana, apesar do susto que eu tomei, lá no... Assim, eu fui. Seu Benedito deu um prazo, acho que de que alguém substituísse ele, nesse caso realmente, iria ser transferido todo mundo do CRT (CRP). Os momentos de pânico foram esses.

Tinha momento que eu achava e dizia assim: meu irmão, tô com vontade de fugir! Era um pânico, porque ele dava um nervoso dele e na época ele batia, então isso aí, eu, graças a Deus ele nunca olhava pra mim e me fez nada, mas é, ao mesmo tempo, imagine, ele dormindo, e comunicava na época, e ficava pra lá e pra cá falando sozinho, eu dizia: meu Deus do céu, o que você vai fazer? Eu passei na época, quatro

a cinco noites sem dormir. Não é dormir nada não, que eu não dormia, porque eu dizia assim: não, se eu dormir ele vai me pegar! Então não dormia.

Tinha vez que eu chegava na televisão dele, quando botava os meninos pra sentar, eu ficava lá no canto; eu não tinha dormido. Então, é, o medo também da mudança, né, de lá pra cá, com medo, assim, por que olhava, assim, era pequeno, apesar de ser homem grande, mas era pequeno, olhava, assim, meu Deus, o que é isso aí!

Lá só tinha adolescente, assim, não é dizer mal encarado, era pessoa que eu não conhecia e pra mim era estranha, tudo... Então, é, na época, realmente difícil, apesar que eu não tive contato maior com a mãe, e esse medo de não mais achar, de nunca mais encontrar, até hoje...

**Entrevistadora:** O que é Fernando, pra você, constituir uma família?

**Fernando:** Penso, é tudo. Assim, é... A gente fica pensando... Eu tinha uma namorada que a família dela era bonita pra caramba! Eu sempre dizia a ela que era sadia, a palavra certa era sadia, uma inveja sadia (risos), eu falava pra ela, eu tenho uma inveja sadia de você, de sua família. Eu participava, quando eu saí de lá, eu dizia pra ela, assim, a gente fala no momento que tá junto, né, aí eu falava, assim, que era, minha família que eu quero constituir com você, vai ser assim como a dela, pra mim família é tudo. Na época eu saí com dezoito, dezenove anos de lá: 'que mundo é esse?' Só fazia reclamar com Deus, né. Aí eu falava: 'que é isso meu Deus?'

Tava morando com uns três meninos que saíram de lá também. Na época de Natal, eu olhava, assim, a gente não tinha nada, assim, a fazer, ninguém também pensava em fazer nada, aí eu olhava, assim, uma família unida, família ali do lado, ficava sozinho e ia dormir.

Então, é, como você colocou família, porque na época, na época mesmo, que eu perdi minha namorada, eu sofri muito, então eu pensava se eu tivesse uma mãe ela me daria um conselho, se eu tivesse uma irmã ela dava um conselho, se tivesse pai, sei lá, me dava um conselho e simplesmente não ter que sofrer dentro de mim mesmo, e tentar absorver todo esse sofrimento e a gente sair, brincasse.

Você me vê sério assim, mas eu sou um cara (...), eu saía muito pra brincar, então meu refúgio mais era festas de clube, esse negócio todo, por incrível que pareça é um refúgio, mas não era um refúgio de solução, eram refúgios de momentos, então, quando eu botava minha cabeça no travesseiro, era a mesma coisa, é complicado, mas conseguia, o que eu conseguia. Esse aí, quando falo com ele, graças a Deus, ele

me ouve, me ouve muito. Então, esse lado, esse lado maravilhoso é família, família era tudo, quer dizer, era não, é tudo.

**Entrevistadora:** E quem são seus familiares, quem você considera sua família?

**Fernando:** Eu tenho duas pessoas, assim, como irmão mesmo. Assim de ele tiver, tá com problema, ele conta pra mim. Eu tô com problema a gente conta, a gente sai. Que é Paulo. É muito, assim, pra conversar. Se separou agora da esposa dele e toda quarta ele combina, liga pra mim e fala comigo.

Mas é, a segunda pessoa, que considero família, é Lili. Mas, assim, Lili é uma pessoa que eu coloco, assim, na frente, como, assim, como sendo uma mãe. Por que, como contei pra você o problema de minha namorada eu não fui ao encontro de Lili, porque ainda na minha cabeça estava, tipo assim, voltada, assim, a ver, não tinha essa visão, graças a Deus eu tenho essa visão, antigamente não tinha, eu era um pouco infantil, então eu não tinha essa visão, eu falava, fazia, sofria e não tinha, assim... Como eu é que eu diria, uma visão, era realmente uma resposta se você... Agora por isso que eu falo de mãe, é impressionante, quando eu estou diante de Lili. Eu não preciso nem falar, ela já sabe o problema. Transparência tanto assim é? (risos). E Lili é assim; por isso que eu considero ela tanto uma mãe!

**Entrevistadora:** O que você sonhava com relação a sua vida?

**Fernando:** Eu com nove anos.

**Entrevistadora:** É? E qual foi esse sonho?

**Fernando:** Acabei de falar agora. Eu tinha frissons, frissons de ter família, pai e mãe, eu sonhava sempre assim.

Sonhava também, o segundo, sonhava ter família, eu, meu filho, minha esposa. O segundo, é o estudo, com certeza vou fazer publicidade e propaganda, vou concorrer e vou passar. Esse ENEM passado eu fiz a UNEB também, fiquei no Pro-une, mas o que eu quero fazer, quer dizer, eu não tenho condições de pagar uma faculdade, então eu quero fazer, eu vi esse ano, pode ter certeza, eu vou fazer a faculdade de publicidade e propaganda.

Eu gosto muito de agronomia, mas publicidade eu acho que eu tenho, uma coisa mais, eu sou muito comunicativo, eu gosto muito de criar, eu gosto muito de... eu sou muito ativo, não sou muito de ficar parado, não. E na época em que falei com você que, essa minha namorada, ela tava fazendo faculdade de pedagogia e ela tava fazendo um trabalho, chamava as pessoas que passou num abrigo, morava num abrigo, e tava querendo que alguém fizesse uma palestra lá na UFBA, na época, eu

nem acreditei quando ela falou, assim, você faz, Fernando? Eu disse marca o dia aí (risos). Ela marcou o dia e eu fui lá, falei a palestra toda, falei tudo, depois ainda com toda coragem do mundo, agora vocês perguntem e eu respondo aí (risos), aí foi pergunta pra cá. O que mais me tocou, assim, o que mais, que me tirou um pouquinho, né que tirou do sério, eu me emocionei, né, acabei caindo lágrima, amigos meus que morou lá e que do meu lado, automaticamente veio a lembrança, aí pluf! caiu a lágrima, não teve jeito.

**Entrevistadora:** Até que você se controlou né?

**Fernando:** Não é? Eu ainda voltei lá pra falar de novo (risos)

**Entrevistadora:** E como era seu dia a dia lá no abrigo?

**Fernando:** Fazer as tarefas, que era obrigado, né. O que me arrependo muito, assim, na época, não tinha condições, acho que, realmente, era na hora de comer, era soja, uma hora a gente comia enrolado de soja, empanada de soja...

**Entrevistadora:** Não comia carne lá?

**Fernando:** Soja, soja, soja, soja (risos). Mas isso não fez afetar nada não. A gente levava tudo na brincadeira, hoje eu quero, eu era gaiatinho né; 'hoje eu quero filé de soja viu, grelhadinho'. Aí a mulher se acabava de dar risada. Então, a gente aprendia muito na cozinha, não sou fraco não viu? (risos). Morro de fome não. É, o que me arrependo muito, porque a minha mãe não tinha condições; por isso que eu coloquei que era soja, soja... Foi os cursos profissionalizantes, porque a gente, não eu, graças a Deus eu sempre visei que a melhor forma da gente crescer na vida é o estudo, né e sempre corri atrás, tem pessoas que não teve condições disso.

**Entrevistadora:** Então você não fez?

**Fernando:** Não fiz. E nem pessoas também que hoje eu vejo pessoas que quando eu posso eu ajudo; que não teve curso, não teve nada que passa um aperto enorme, que morou comigo. E mas, tem esse lado mais que ao mesmo tempo em que eu tenho essa visão que é aperto, mas, ao mesmo tempo eu tenho a visão que tá passando dificuldade não é muito boa. Então tem que correr atrás da comida, então é ele sozinho, então é complicado.

**Entrevistadora:** Quais os seus primeiros interesses afetivos, por exemplo, o primeiro namoro, a primeira paixão?

**Fernando:** E isso aí complicou viu! Assim, é... Não sei se você tem essa visão? Quando se mora em um orfanato, quando eu morava na Ondina, era homem e mulher; mas era criança, não tinha importância. Agente não sabia nem o que era

xingar, então malmente fazer... namorar, esse negócio. E lá no orfanato onde eu morei era homem, é só homem.

**Entrevistadora:** É assim até hoje?

**Fernando:** É até hoje. Eu particularmente, eu olhava assim... Eu comentava com esse Paulo, que a gente conversava muito. Não tinha ninguém, só as pessoas do orfanato. A gente fazia tipo assim, sedução. Que eu achava que era... Eu tinha a visão... Eu e Paulo a gente comentava: do mesmo sexo que a gente, conversando muito com a gente assim... Rapaz! Esse negócio não tá dando certo não! E na hora que eu comecei a descobrir, e tal, essas coisas (risos). Aí eu... Foi pro... Tava começando a ir pro colégio e na época eu era gaiato, no colégio eu era gaiato, mas, uma mulher se aproximava de mim, era timidez pura, quando uma menina dizia assim, uma colega: Fernando, tá afim de você aí! Eu entrava na sala, Pai do céu! Eu sentava lá atrás, pra ela não me olhar. Com essa timidez eu falava pra Paulo, conversava.

Aí eu comecei na época, com quatorze... Conversei com Lili: tem uma menina lá no colégio que ela disse que tá afim de mim (risos). Aí ela falava assim: tem que conversar, antes do beijo... Aí eu assisti à novela... Eu não sabia o que era aquilo! Pra mim era beijo no rosto. No primeiro dia que eu beijei na boca, foi no colégio.

**Fernando:** Foi com que idade Fernando?

**Fernando:** Foi com quinze anos. Hoje esses meninos de doze anos já tão beijando aí!

No dia que eu beijei, foi com quinze anos, essa menina trabalhou muito, a menina batalhou! E quando beijou, o nervosismo era tão grande, que no outro dia a garganta inflamou, fiquei todo entupido. Aí eu falei: Não vou beijar mais não! Por causa de um beijo que eu fiquei assim! Então, foi uma complicação retada. Eu disse: Meu pai do céu! Esse beijo faz esse estrago todo é? Daí depois, eu comecei a... Fiquei com essa menina até dezesseis anos, a gente namorou.

**Entrevistadora:** E namorava na escola?

**Fernando:** Não. Lá dentro não. Que eu comecei com essa idade; quatorze, quinze anos. Podia sair pra rua, pra ficar na redondeza, não podia sair dali não. Naquela redondeza é que a gente namorava. Então com dezesseis anos eu larguei ela, e aí...

**Entrevistadora:** Então vocês não podiam levar namorada lá pro abrigo?

**Fernando:** Não.

**Entrevistadora:** Nem apresentava a Lili?

**Fernando:** Tinha uma brecha. Lili, como sempre Lili! Organizava... Eu sou fã dessa mulher, viu? Ela organizava... hoje como, hoje não. Quando eu penso nas coisas que ela fazia, realmente era pra ajudar. Ela fazia uma discoteca lá dentro, sendo que as pessoas da rua, que a gente convidava podia entrar.

**Entrevistadora:** Daí a namoradinha, né?

**Fernando:** Claro! Aí não tinha jeito.

**Entrevistadora:** Você se sentia discriminado por fazer parte de um abrigo?

**Fernando:** Com dezesseis, dezessete anos, acho que sim.

**Entrevistadora:** Em que situação? Você lembra?

**Fernando:** A pior culpada era Lili.

**Entrevistadora:** É verdade?

**Fernando:** Eu pensava que Lili era tão presente com a gente! Lili ía lá no colégio. A gente sentado, Lili ía lá. Ela na sala, Lili disse que é minha mãe! Pelo amor de Deus! Aí Lili falava com a professora, que era do orfanato, que era a mãe, mas era do orfanato, e a professora sem nenhuma classe: Ah! você do orfanato aqui, que Lili tá aqui quer falar com... Aí veio com isso aí. Foi só comentário no meu ouvido: Como é que é lá dentro? É isso, é aquilo. É nesse momento que eu ficava, mas hoje... Falo, todas namoradas que tive, todas sabem, todas... Porque eu tenho amigos hoje que morou comigo, tá morando há cinco anos, tá morando hoje com a namorada; diz que a mãe dele morava no Rio, que ele não tem contato com ela, então que tá morando aqui em Salvador...

**Entrevistadora:** E pra você, qual a diferença em fazer parte de uma família e morar num abrigo?

**Fernando:** Há diferença, por que: no abrigo você vive regra, mais uma regra, e mais... Se você vai à praia, todo mundo tem que ir; se você tá a fim de brincar, se os meninos não for brincar junto com você, então você também não vai brincar.

Então, a família não... E a família você tem a qualidade. Eu posso te responder assim: tô querendo ir à praia e quem quiser vir comigo vem, também não convidar eu vou sozinho. Então é esse lado... Faz o que quiser!

**Entrevistadora:** E sonhos que você busca realizar? Quais são os seus projetos?

**Fernando:** Um Projeto você já sabe: um já é me formar em Publicidade.

**Entrevistadora:** Ah! Sim é o do estudo né?

**Fernando:** É. O outro é uma família ainda. Eu acho que vou ter uma família ainda aí, uma carreira ainda aí.

**Entrevistadora:** Houve mal estar em sua saída né?

**Fernando:** É... Foi assim uma... Como diz, acho que um dos piores acho da... Criou um medo, me bateu, o segurança bateu, coragem que eu não tinha, eu não me achava preparado, achava... Na época, me achava muito fraco.

**Entrevistadora:** Você acha Fernando que o abrigo podia ter preparado você melhor pra saída?

**Fernando:** Primeiro eu coloco, se a gente tiver apertado de uma forma, ele tem outra forma pra preencher, mas as dificuldades é enorme. Oh! a dificuldade também era... Porque eu sempre botei na cabeça, que trabalho não é casa de ninguém. Trabalho você ganha seu esforço, pra se caso chegar ao ponto de o patrão não poder né, sustentar isso...

Agora não, tô morando de aluguel; serviço que eu ganho é... Vale básico não vou poder pagar aluguel, não vou poder comer. E o medo meu era esse: de eu não poder lidar com esse trabalho. Não por, por lado de... Não por lado profissional. Porque graças a Deus quando eu quero uma coisa, eu corro atrás mesmo e vou! É um medo assim: porque pô! E se eu sair de lá? Lá o trabalho na época não era carteira assinada, não me deram carteira assinada. Então a qualquer momento esse patrão, por eu ser um menino, um menino assim... Como dizer: sou educado sim. Aí assim: a esposa do meu patrão mesmo falava, me dizia assim: um menino muito angelical! Porque eu sou um cara que, eu sou um tipo de pessoa que passa esse, esse meu lado de amigo...

Ela sofria muito com ele... Meu patrão. Ela sempre passava pra mim, conversava comigo porque conversava com as três filhas que ela tinha. Ela sentia, ela chegava pra mim e falava: Me sinto tão bem em falar com você, você não é nem de minha família; mas eu não consigo passar isso contando pras minhas filhas, eu não consigo! Aí eu: Ah! Então ah! Como eu sou de falar muito, muita comunicação, eu falo muito. Então, sinto facilidade de dar um conselho, experiência de vida assim, experiência da... Que eu já passei. Aí eu digo: Isso não é nada! Pelo que eu já passei, isso aí é uma formiga. E ela sempre absorvia esse exemplo, e dizia assim: é verdade! Eu contei a minha vida a ela, eu contei mesmo! A dificuldade maior era esse aí, de você tá num emprego, sair... Fome existe! É... Sem-teto existe! Então meu maior medo foi esse!

Na época que eu quis sair, o patrão num tinha assinado minha carteira, eu tava com vinte e cinco anos, vou pegar esse FGTS, vou pegar tempo, porque na época eu falei:



O tempo como é que fica? Como é que fica esses quatro anos que eu fiquei no local dando lucro pra eles. Acho que Deus viu ele e disse: esse aí faz reclamação por ele, e olhou assim e disse: Oh! se saia dessa, viu! Eu sei que ele deu rapidinho.

**Entrevistadora:** Quando você saiu do abrigo?

**Fernando:** Foi quando eu treinava, olhe bem: três anos lá eu fiquei treinando judô, na época que eu tava no judô eu sempre vinha pro clube, sempre quando eu ía pro clube... Por exemplo: a academia ela dava direito a com a carteirinha a entrar no clube e eu entrava. as pessoas que tinha não gostava de mim, porque sabia que ali eu era do orfanato. As visões das pessoas do orfanato hoje quando me conhece fica até...

Eu já peguei muita gente besta dizendo assim: realmente você é muito inteligente! Porque vocês tem a visão de porque é orfanato só entra pessoas que não tem educação. E outra discriminação...Na minha carteira de identidade não tem pai nem mãe. É um negócio... O que tem na... I-G-N! O que é que significa IGN? Toda vez que... Isso aí me dá trabalho. Vou regularizar; não tem a função do IR, se não dá problema. Tem que ir lá na Receita Federal e lá tem toda vez: O que é isso? Porque sua mãe não pegou você? Porque sua mãe não criou você? Um dia eu falei assim: Um dia agora que teve, eu falei assim: a senhora tá trabalhando? Tô. Então não me pergunte. Eu já ouvi isso aí... Eu tirei a minha carteira de identidade eu com dezessete anos, e de lá pra cá, eu ouço isso aí. 'A senhora me faz um favor: a senhora não fala nisso'. Não, porque é curioso! Eu já falei que não tem condições: eu não vou falar mais! E ela me olhando assim...

**Entrevistadora:** Você tem família hoje?

**Fernando:** Não.

**Entrevistadora:** Quem você considera que faz parte de sua família?

**Fernando:** Eu moro... Eu entrei num financiamento de uma casa, de um apartamento e eu moro atualmente com dois meninos de lá. Fico imaginando, acho que eu ainda não tive... Mas graças a Deus tô comprando essa casa agora... Mas no momento não tive casa assim... Que Deus, eu acho que ele... porque assim: esses menino que saiu de lá, eles estão ainda adolescente ainda. Hoje em dia, todo mundo tem essa vida. Mas assim, a vida atual, a vida de poder dar um freio, de eu poder dizer assim: Oh! tá errado isso aí cara! Então de ver o amigo dele, eu vivo com amigo dele, não é pouca bronca não! Então eu acho que Deus ainda não me botou ainda, dentro de uma casa por isso. Ele deve dizer assim: 'Você ainda tem esse

carma pra você ficar junto aí! 'Você vai seguir esse aí!' Esses meninos que tão saindo agora aí, você segura a ponta aí, segura a rédea desse menino aí!

Então, teve um dia desse que falou assim comigo: Pô! Fernando, eu agradeço muito! Por quê? O rapaz que você falou comigo, morreu! E ele tava andando com ele duas vezes assim, pra cima e pra baixo. Falei pra ele, e não tô nem experiente e ele ainda me chama de velho! Meu coração entra em alerta viu! Tô alertando a você porque a vida não tá fácil não.

O mesmo que Lili me falou bem lá atrás, então eu aprendi a seguir as pessoas que tão dando conselho porque é família também, se tá tudo junto é família.

**Entrevistadora:** Quem são...

**Fernando:** Lili é uma referência de tudo porque, uma referência que hoje eu abro os olhos assim... Principalmente por eu nascer... Eu sempre falo que Deus, acho que me pegou em anonimato. Sim, minha mãe podia sim me pegar e jogar em qualquer lixo, qualquer negócio desse assim. Crescesse e ser marginal. Mas não, não botou.

Na casa de Dona Bernadete, Dona Bernadete podia também fazer a mesma coisa. Ah! Não é meu filho! pegar esse menino e botar é na rua aí mesmo. Ela simplesmente pegou; é por isso que eu não tenho raiva de minha mãe, não tenho... Pegou e botou no juízo e o juízo me botou num abrigo. e ainda pega me tira do abrigo mais... Apesar das circunstâncias, me botou num abrigo maravilhoso, onde eu encontrei essa minha referência. Aí eu tô quase conseguindo hein! Em menos de dois meses ou três meses, eu consigo minha casa própria

**Entrevistadora:** Mas você vai começar a pagar ou já tá terminando?

**Fernando:** Já tô terminando.

**Entrevistadora:** Ah! Que Ótimo!

**Fernando:** Com fé em Deus!

**Entrevistadora:** Vai receber então!

**Fernando:** Vou receber a casa, daqui a dois ou três meses!

**Entrevistadora:** É pertinho! E olhando pra sua história né Fernando, lá no abrigo, o que é evento marcante na sua vida? Responder rapidinho.

**Fernando:** Vou ser bem rápido! Eu falei sobre isso lá na faculdade! Lili felizmente ensinou a ser um cidadão produtivo, um cidadão honesto, um cidadão que olha pra frente e diz: sou um cidadão brasileiro sim, não tenho medo de nada, o único, a pessoa que eu posso temer é a Deus, só isso.

Eu parei, mas eu era voluntário. Eu brincava lá com os meninos na praia. Todo o mundo olhava pra minha cara e dizia assim: Tu é corajoso hein! Pegar essa meninada e ir à praia, atravessar a rua? Mas eu dei uma paradinha, porque eu tô trabalhando muito, tô estudando, tô metendo a cara no livro mesmo, e dei uma paradinha. Mas sempre quando pode eu visito, de leve, olho.

**Entrevistadora:** Você que tem experiência de rua? Porque hoje, se você fosse fazer uma palestra para os novos abrigados, aqui ou lá no... né, o que vocêalaria pra eles?

**Fernando:** Faria. Eu sempre tive na minha cabeça, é uma coisa que... Que eu canto.

**Entrevistadora:** Canta o que?

**Fernando:** Cantava pagode.

**Entrevistadora:** Sim.

**Fernando:** Pagodão da vida. Hoje eu não canto não. Hoje eu canto músicas... samba, MPB, músicas que é concorrida. Então sempre quis idealizar quando eu crescer, porque eu crescendo, eu vou ter, eu vou ser referência pra os meninos de abrigo; porque as pessoas pensam que porque é menino de abrigo, a pessoa não cresce. E como você colocou o que eualaria pras crianças: correr atrás de seus sonhos! E que nada na vida é por acaso. Tudo acontece, porque tem que acontecer! E a primeira reação da gente é olhar e dizer: Pô! Não tá de acordo comigo! Mas, mas não. Se Deus fez isso, se o caso rolou, se caiu entre a gente é porque a gente tem esforço pra levantar, erguer a cabeça. Porque tem pessoas que hoje se tivesse o que eu passei, não erguia a cabeça, fazia coisas erradas.

Eu tava lendo Minutos de Sabedoria que fala assim oh! Vai entrar e vai se ferir; vai andar lá na frente e vai se ferir. lá na frente vai começar a cicatrizar, agora, com essa cicatriz com certeza virá a luz. a luz da vitória, a luz da perseverança, a luz da honestidade.

Tudo o que a gente faz na vida é um aprendizado. Hoje eu me considero um aprendiz do passado, com certeza, se hoje eu tiver um filho, jamais... Imagina! um aprendiz lá atrás, eu jamais abandonarei ele, jamais vou maltratar, jamais... Quer dizer... Eu tiro, por exemplo, todo menino que sai de lá ter filho. É raro quando uns não têm. Uma mãe tava com um filho, Serginho na época, que tava com três filhos; a mãe desesperada porque não queria mais... Porque passou o que eu passei. Esse aprendizado é esse aí, que eu vou levar pra minha vida. E isso é com certeza, é uma palestra que eu passaria pras pessoas que realmente tão passando. Porque com muita propriedade eu vou falar pra eles que é complicado. Dói mesmo, porque eu

passei por isso e sei. Como falam que é na guerra, como sobrevivente, passaria isso pra eles.

**Entrevistadora:** Você julga importante ter família?

**Fernando:** Ter família... Família é união, família é como assim, família pra mim é tudo isso, é o Pólo né. O querer e não querer. Quando se fala assim, quando eu falo querer/não querer. É você querer uma coisa, e não querer uma coisa; esse não querer é a mãe, dizer: eu não quero que você faça isso, porque senão algo vem a acontecer, porque a palavra quando dita pela uma mãe é forte né? Minha impressão é assim! Então é isso, é ter esse pólo, é...

**Entrevistadora:** Se você fosse refazer a sua história com uma mãe, daria pouco né?

**Fernando:** Porque eu tenho a referência de Lili como mãe, até hoje eu não sinto falta não; porque acho que mais assim deu medo. Pelo fato de eu ser generoso comigo é que tudo o que eu passei lá atrás hoje eu tô...

**Entrevistadora:** Passou alguma coisa que eu não tenha perguntado?

**Fernando:** Alguma coisa que você não perguntou?

**Entrevistadora:** É que eu não tenha perguntado, mas que você queira falar...

**Fernando:** Ah! Tem uma coisa que assim... Eu, todas as pessoas lá no abrigo fica dizendo para eu trabalhar como segurança, no caso segurança de um condomínio. Cheguei em apartamento em apartamento com uma campanha aí. Tô fazendo campanha de duas coisas. Duas coisas tô fazendo campanha! Primeiro procurei Lili, mas Lili não tinha condições no momento de dar. Foi dezembro passado.

Procurei um rapaz, ele tem uma loja enorme na Avenida Sete, de brinquedos. Aí eu: Oh! Eu sei que não está escrito aqui, mas eu gostaria que você confiasse na minha palavra: lá na São Cristovão eu conheci uma população muito pobre, aonde crianças não têm brinquedo, não têm Natal, não têm nada. Tava pensando nisso, conversando com uma senhora da Capela, eu gostaria que o Senhor me ajudasse. E ele: que cara-de-pau a tua hein? Não tenho nada escrito não, mas se o Senhor quiser, eu levo o senhor e até boto a gasolina do teu carro. Aí ele me disse: Rapaz! Eu gostei de você, aperte minha mão aí! Aí eu apertei a mão dele. Aí ele disse: Quanto você precisa? Aí eu falei: Duzentos e dez; mas eu falei duzentos e dez com um medo e disse assim: ele não vai dar nunca. Tá certo! Duzentos e dez! Eu vou lhe dar.

Ele foi comigo e... Vá vamos embora lá pegar os presentes que eu já separei tudo, já mandei o... Aí eu disse: tá aqui a gasolina. Aí ele disse: Rapaz! Você não tem jeito não é? Tira esse dinheiro de mim, rapaz! Você tem que me dá dinheiro e você tá aí

lenhado! Na realidade a gente foi lá, foi uma festa! Eu chorei, chorei tanto! porque assim, eu me lembro, me lembro que quando vinha presente, era aquela emoção, vinha aquela sensação, aquela sensação; eu senti neles a mesma coisa assim... Aí eu fiquei olhando... Eu distribuía, distribuía, aí a mulher da capela me abraçou com aquela força assim, aí falou no meu ouvido: a você um muito obrigada! Seja louvado por teu trabalho! Nunca imaginei! Desde que eu saí de lá... Não vou dizer que foi um exemplo de agradecimento... Foi um exemplo assim de satisfação, de dizer assim: Poxa! tô vendo uma pessoa feliz!

Aí eu coleí nele, de cabo a rabo, não tô nem aí... Quero fralda para idosos! Eu falei assim. E eu pedi primeiro a ele, antes que ele pensasse que ía pedir presente. Aí ele me disse: Você é um cara ousado você né rapaz! Tá aqui rapaz! Tem um abrigo Irmã Luíza, e eu quero... Você quer me falar é rapaz? Não, repare, eu falei repare: Se puder faça esse, aí ele: E eu vou negar é? Depois foi fralda até dizer chega. Depois da fralda eu ía pedir carona a ele. Aí ele olhou assim, aí eu falei: Esse fica lá na Calçada. Essa foi outra felicidade que eu tive; de cara eu encontrei a Irmã Luíza. Aí eu dei risada: Tá jovem Senhora! É que eu trouxe aqui um bocado de fraldas aí! O que eu posso fazer, eu queria fazer alguma coisa assim. Ela: A casa do que mais precisa é isso, mas vou avisar que não tem nenhuma criança aqui; como você teve o coração de pensar em trazer isso aqui... O que eu quero concluir tudo que até aquele momento, não falei que tô com a alma lavada não, pra mim foi o melhor Natal, tranqüilo.

Quando você falou sobre família, é isso, família é amor, naquela hora que você falou isso, foi isso o que eu aprendi. Fui ousado e eu quis dizer sobre família porque ninguém lembra do brinquedo, nem do... Ninguém pediu um documento, deu uma formulação de qual o projeto, simplesmente não se tem palavras, o melhor Natal organizei.

Na hora que eu saí, ele tava numa praça, dei um abraço pela organização e que eu passasse a dificuldade, porque a dificuldade da gente é passageira. Como você passou pra mim e falou aqui que eu passasse, aquele sonho que eu falei pra você, não tá descartado, mas que, sei lá, mas que eu estudasse e que ele tivesse essa visão pra mim: poxa! foi aqui do orfanato, é assim né... Tirar isso como exemplo, como você falou, as coisa ruim que passou vai minando coisa boa, a dificuldade, no começo não é, mas quando você olhar, mas foi isso que te preparou, essa dificuldade que te preparou pra hoje eu estar aqui conversando.

Por exemplo, eu vou dar um exemplo aqui, a minha timidez na época que eu tava conversando com você, é boa viu? Então, todas as coisas que eu passei; posso até passar, porque a gente tá aqui na vida pra aprender e é muito bom.

Eu tenho um computador agora lá em casa, e eu fiz um blog pra mim, e eu conto a minha vida, vou contando tudo. Aí, esses dias mesmo, João, olhou pra minha cara e disse: mas, você tem certeza, que você vai colocar isso aí? Eu falei com você se lembra? Eu, falando com ele. Se lembra, que eu fiz uma palestra na UFBA, e aí eu falei: Então a sua escolha como aluno, a psicologia faz analogia com esse negócio todo, se eu tô falando pra você, e eu tô passando pra ela, vai ser um prato cheio pra entender, se estudar a mente da pessoa, como é que passa aquela dificuldade. É um troço que eu mais gosto de fazer. Aí ele parou e falou: o que? É passar experiência do que eu já passei pra outras pessoas! Eu não vou levar pra mim não! Vou passar todo mundo que tiver, quem tiver na frente, tô passando! aí ele olha pra mim e fala assim: que ele não tem coragem de falar aquilo não. Qualquer menina, qualquer namorada que você trazer aqui, suas paqueras eu vou falar. mas eu não falo não, tem que vim dele. Eu falo só pra perturbar mesmo. Mas, aí essa situação que eu passo assim.

## **ISIDÓRIO**

**Entrevistadora:** - Vamos ver né? Bom, Isidório, você pode me contar um pouco de como foi morar no abrigo, morar na Cidade da Luz?

**Isidório:** - Eu tinha oito anos.

**Entrevistadora:** - Tinha oito anos? Você está com quantos anos hoje?

**Isidório:** - Hoje eu tenho quatorze.

**Entrevistadora:** - Foi pra lá por quê?

**Isidório**

**Isidório:** - Ah! Eu vivia no orfanato.

**Entrevistadora:** - Ah!

**Isidório:** - Eu tava no orfanato desde nove meses; não sei por que eu saí de lá não.

**Entrevistadora:-** Hum! Hum!

**Isidório:** - Aí, me transferiu para esse orfanato por que o outro tava em reforma; tava muita gente. Aí, transferiu eu e meu irmão, que eu só tinha lá, meu irmão, aí, sei lá...

**Entrevistadora:** - E você sabe por que você foi para esse primeiro orfanato, alguém lhe falou?

**Isidório:** - Minha mãe me falou que era por meu pai.

**Entrevistadora:** - É? Por quê? O que é que tinha seu pai?

**Isidório:** - Ele, ele bebia pra caramba, quando chegava em casa, salsando tudo que minha mãe tinha arrumado tudo, saía bagunçando, pegava o rádio, pegava a TV, pegava pia, pegava, destruía tudo. Aí, aí mainha queria se separar dele, mas não ia não, por que ele ia toda hora atrás de mainha, e mainha toda limpa, dormindo, ele chegava bêbado da rua todo sujo, todo com cheiro de... Aí, deitava perto de mainha, e mainha ficou brigando com ele lá, aí, aí alguém ligou pra o juizado, sei lá.

**Entrevistadora:** - Hum! Hum!

**Isidório:** - Aí, minha mãe saiu de manhã pro trabalho, aí tava eu, meu avô, meu irmão, um dos irmãos, aí o outro não foi por que foi comprar queimado.

**Entrevistadora:** - Sim!

**Isidório:** - Aí ficou nessa.

**Entrevistadora:** - Você tem um irmão mais velho, então é isso?

**Isidório:** - Hã?

**Entrevistadora:** - Você tem outro irmão, além de, de...?

**Isidório:** - Tenho. Tenho um de dezessete anos, e um de dezenove, e um de vinte, vinte e três anos.

**Entrevistadora:** Então você foi levado pra, pra o orfanato sem a sua mãe saber foi?

**Isidório:** - Hã?

**Entrevistadora:** - Ela só ficou sabendo quando voltou, então? Quando você chegou na Cidade da Luz, qual foi a sua primeira impressão?

**Isidório:** - Impressão... É que eu fui de noite assim, de noite já; só me lembro uma coisa, na hora que eu acordei, eu tava já no refeitório de... Aí, eu comi, tomei o banho e fui pra cama. Mas já no segundo dia, eu não estava gostando do ambiente.

**Entrevistadora:** - É? Por quê?

**Isidório:** - Hum! É, espaço muito grande! É na hora que eu ficava lá no outro orfanato era pequeno, aí, o espaço lá era tudo pequeno, aí fiquei mal acostumado com o espaço grande que tinha lá (Cidade da Luz). Lá na Ondina, todo mundo dormia colado, que não tinha cama pra todo mundo, aí eu fiquei meio, é... Chato assim, fiquei assim.

**Entrevistadora:** - E naquela época que você foi, né com oito anos mais ou menos quem você considerava sua família?

**Isidório:** - Quem eu considerava? Meu irmão.

**Entrevistadora:** - Seu irmão que morava com você; é gêmeo, é Isaias? Como é o nome dele?

**Isidório:** - Isac

**Entrevistadora:** - Você recebia visita de seus parentes, sua mãe, seu pai?

**Isidório:** - Não, por que ela não sabia onde eu estava, nem tinha dinheiro pra toda hora ficar me... E se ela soubesse não ia ficar toda hora me visitando, por que ela não tinha dinheiro.

**Entrevistadora:** - Momentos bons, momentos felizes que você lembra-se de ter vivido lá no abrigo né, na Cidade da Luz?

**Isidório:** - Ah! Têm vários!

**Entrevistadora:** - Me conte um então, eu vou gostar muito.

**Isidório:** - No Natal mesmo, no dia do Natal que nós sai pra casa dos outro assim, que já tinha conhecido; a gente saía lá tinha um bocado de coisa, lá as crianças tinha um bocado de coisa lá.

**Entrevistadora:** - Momentos difíceis. Tinha alguma coisa que lhe incomodava, que você tinha medo de ficar na Cidade da Luz?

**Isidório:** - O que pode acontecer é que eu ficar na minha, ficar intocado mesmo, não falar nada.

**Entrevistadora:** - Mas tipo o que? O que é que acontecia? Vamos falar? Você não quer falar? Então não vamos falar. Então ta bom, não tem problema! O que é pra você Isidório, constituir uma família, Não é fazer uma família, é ter uma família?

**Isidório:** - Eu tô com a minha mãe, mas...

**Entrevistadora:** - Você voltou pra sua mãe. Tem quanto tempo? Como é que você encontrou ela? Como é que encontraram ela? Como é que ela encontrou você?

**Isidório:** - Hã? Não sei, foi Lili que encontrou ela.

**Entrevistadora:** - Foi? Aí você voltou pra lá! Seu irmão não vai voltar agora, ou depois de você, então não foi? Não voltou com você não, né?

**Isidório:** Não voltou não.

**Entrevistadora:** - E porque que você quis ir?

**Isidório:** - O nego não me conta nada!

**Entrevistadora:** - Não? E você, quis ir por quê? E você, quis ir morar com sua mãe?

**Isidório:** - Ter minha liberdade toda hora

**Entrevistadora:** - Ah! Mas na Cidade da Luz você não teve?

**Isidório:** - Tinha, mas não era toda hora, não era na hora que quisesse.



**Entrevistadora:** - É verdade, é isso, eu sei você sentia falta né? Que tipo de liberdade é essa que você dizia, que você disse que você queria ter?

**Isidório:** Andar na rua, só chegar de noite, ir num bocado de lugar, sair carnaval, ir sozinho pra casa dos outros, um bocado de coisa.

**Entrevistadora:** - Hum!

**Entrevistadora:** Você estuda? Você largou a escola foi? Por quê? Você não gostava não?

**Isidório:** Não que, assim, fim do ano já, aí falei com Lili pra deixar pra me matricular no...

**Entrevistadora:** Ah! Era lá perto da Cidade da Luz, né isso?

**Isidório:** - Eu estudava lá! Mas quando foi essa troca toda, eu fiquei lá no canto...

**Entrevistadora:** Você está contente com essa decisão de morar com sua mãe?

**Isidório:** - Hã?

**Entrevistadora:** Tá feliz de ter voltado a morar com a sua mãe?

**Isidório:** - Não muito.

**Entrevistadora:** - Não muito?

**Isidório:** - Prefiro não comentar.

**Entrevistadora:** - Não? Tudo bem!

**Entrevistadora:** - E quando você tava ainda na Cidade da Luz, qual era seu maior sonho assim, seu maior desejo, o que mais você fazer assim, o que mais você sonhava em fazer?

**Isidório:** - Em fazer?

**Entrevistadora:** - É, em relação ao seu futuro, quando você saísse de lá?

**Isidório:** Ser empresário.

**Entrevistadora:** Ah é?! Isso é um sonho que você abandonou ou ainda está pensando nele? Como era seu dia-a-dia lá no abrigo, a sua rotina? O que você fazia lá? Não tá querendo conversar não? Se não quiser conversar, a gente pode parar; não vou insistir na conversa não. Olha pra mim! Se você ficar escondendo seu rosto, eu vou ficar triste! Porque, um menino tão bonito desse... Se precisar de alguma coisa que você queira conversar... Eu até desligo o gravador. Você quer que eu desligue? Então eu vou desligar. Você quer uma água?

**Entrevistadora:** Se você quiser parar, levante a mão, a gente se fala, tá certo?

É... A gente parou da última vez, Isidório, antes dos primeiros interesses afetivos, se você se apaixonou?

**Isidório:** Já.

**Entrevistadora:** E namorou? Ou ficou só na paixão?

**Isidório:** Namorei, mas parei, assim, por causa da distância, lá em Boca do Rio.

**Entrevistadora:** E já foi depois de você ter saído, ou antes?

**Isidório:** Já ficava namorando desde os oito anos.

**Entrevistadora:** Ah é?! Desde os oito anos você namora com essa menina? É mesmo? Começou cedo heim!

**Isidório:** Ela tinha nove anos.

**Entrevistadora:** E como era esse namoro?

**Isidório:** Passear no parque. Ia pro parque e chamava ela. Ficava sozinho num canto com ela.

**Entrevistadora:** E você levou ela lá na instituição? Na Cidade da Luz, foi?

**Isidório:** Ela ia me visitar lá.

**Entrevistadora:** - É? Ela frequenta lá, como o que? Ela frequenta como voluntária, como visitante?

**Isidório:** - Primeiro como voluntária e...

**Entrevistadora:** Então você conheceu ela lá, na Cidade da luz, foi?

**Isidório:** Foi.

**Entrevistadora:** Ah! Você gostou, foi legal essa experiência?

**Isidório:** Foi, mas tinha a distância.

**Entrevistadora:** Você se sentia... aí, já é uma outra pergunta, que não tem nada a ver, tá certo? Como você já respondeu algumas, eu vou pular. Você se sentia discriminado por fazer parte do abrigo? Você sentia que as pessoas tinham preconceitos com você, porque você fazia parte do abrigo?

**Isidório:** Sentia.

**Entrevistadora:** É? Você tem um exemplo, lembra de alguma coisa que possa dizer?

**Isidório:** Ah! Lembro. Teve um problema, eu tava andando de bicicleta, tentei usar o freio. Aí a menina tava andando na minha frente; na hora que eu tentei parar de bicicleta, foi na hora que a menina virou correndo pro meu lado. Eu, tentando virar, por causa do carro que eu vi que tava andando na... na alta, aí eu joguei pro lado, depois eu joguei pro outro, aí minha mão bateu nas costas da menina; ela tinha falado pra mãe alguma coisa, ou pra avó, alguma coisa, que a avó chegou na... chegou na minha cara e disse que eu sou *estrupador*, e que menino de orfanato não presta, de abrigo, que é traficante, fuma maconha, falou um bocado de coisa assim.

**Entrevistadora:** Imagina! Você sentia isso todos os dias?

**Isidório:** Sentia. Todos os dias. Eu também, em outras brigas também na hora que, que... porque tudo que acontece lá em casa, tem o interesse de, de, de... Que tudo que acontece lá em casa, tem que contar pro... Que não é nada de nossa família, não é nada nosso, que quase nem conhece, e fica contando pra outras pessoas que fica lá, só porque é conhecido; a vida do... minha vida e a do meu irmão pra que ela nem conhece, nem faz idéia, nem conhece o cara ainda e fica contando.

**Entrevistadora:** - E é uma confusão, né Isidório? Pra você, faz diferença, quer dizer, tem diferença entre fazer parte de uma família e ser criado no abrigo?

**Isidório:** Hum?

**Entrevistadora:** Você vê diferença entre fazer parte de uma família e ser criado num abrigo?

**Isidório:** Ah! Vejo. Muita diferença.

**Entrevistadora:** qual a diferença que você acha maior?

**Isidório:** - Porque no orfanato mesmo vê como é. E sempre. Tá vendo assim, ela de vez em quando bate, na hora que tá entrando já. Igual no outro dia, que ela pegou aquela madeira de porta, pesada mesmo, jogou em minhas costas, não sei como eu não senti nada, porque ela jogou com força.

**Entrevistadora:** - Quem, que jogou?

**Isidório:** Minha mãe, e ela jogou com força, e é uma madeira bem pesada mesmo, tanto que ela é pesada, que todo mundo viu, que até um cara fortão, que falou bem assim: 'Se uma madeira dessa pegasse em mim, eu arriava'. A madeira era tão pesada, que era quase aquele ferro de carregar, de carregar, de bater... tipo uma marreta, pesada. E todo mundo falou assim pra mim, que se eu tomasse uma daquela ali, eu ia arriar; eu ficava no chão já, eu tava desmaiado já. Ficou todo mundo falando, ficou todo mundo comentando lá rua porque mainha jogou uma madeira, jogou nas minhas costas, e a madeira quebrou, não sei como não... mas ela quebrou no meio, não sei como não... não teve nenhuma dor de noite, eu não senti nada.

**Entrevistadora:** E não feriu você?

**Isidório:** Não feriu nada, e nem senti a dor batendo nas costas, só vi a madeira batendo, batendo e a madeira se abrindo, aí todo mundo comentou lá na rua, aí me chamaram de mutante, mutante, mutante.

**Entrevistadora:** Risos

**Isidório:** Mutante de ferro, um bocado de coisa.

**Entrevistadora:** Você, Isidório, que sonhos você quer realizar no futuro?

**Isidório:** Ah! Sair daquela maloca.

**Entrevistadora:** Que maloca? Que você mora hoje, a casa de sua mãe? Ir pra onde? Você sonha com que lugar pra morar?

**Isidório:** Ah! Em um apartamento ou numa casa normal, com um quarto pra cada um, porque todo mundo dormindo num mesmo quarto fica muito, fica muito, como é que se chama, com muita, meio maluquice, todo mundo conversando. Tem filme que você quer assistir e só, assim, ter uma televisão só pra mim, essas coisas assim só pra mim, um armário só pra mim, não ficar dividindo, isso é o que quero ter, aí fica tudo separado, eu gosto separado.

**Entrevistadora:** Você, Isidório, você saiu, já tem quantos meses, lá do abrigo.

**Isidório:** Eu tenho quantos meses no abrigo?

**Entrevistadora:** Não. Você saiu de lá quando? Da Cidade da Luz? Foi pra casa de sua mãe tem quanto tempo?

**Isidório:** Vai fazer seis meses.

**Entrevistadora:** Ah! Já tem um bom tempo né? E você se sentiu inseguro antes de sair?

**Isidório:** Me senti, mas falei que ia dar certo.

**Entrevistadora:** Você queria sair? Você escolheu foi? Porque você podia ficar até os dezoito anos, não foi isso? Você acha que você foi bem preparado pra saída? A Cidade da luz ajudou você, preparou você?

**Isidório:** Ajudou, preparou algumas vezes, mas, não prestei atenção nas coisas assim, aí eu saí meio despreparado, saí com pressa.

**Entrevistadora:** Ah! Mas você acha que saiu meio despreparado porque você não prestava atenção, é isso? E fora do abrigo, ah! Você já falou que você sofreu preconceito, com essa situação aí da bicicleta não foi? E você hoje tem família, né? Quem é que faz parte da sua família hoje? Quem é que você considera a sua família?

**Isidório:** Pra mim, em minha casa acho que ninguém, nem minha mãe; considero minha família mesmo os de fora, assim, que eu conheci não lá em lugar nenhum. Que eu conheci assim, de vista, aí me chamava pra ir pra praia com eles. Considero como família porque desde o dia que eu cheguei lá, quem me dá mais atenção são essas pessoas, mas minha mãe não dá muita atenção assim não; quem me dá mais atenção assim, é essas pessoas, essas pessoas, mas minha mãe não me dá muita atenção assim não, quem me dá mais atenção assim é essas pessoas, entendeu? Aí

eu falei: nego, lava minha roupa aí, que depois eu lhe dou a conta. - Não, não é como você quer não, não é assim não, não é a conta não. É vinte reais pra lavar a roupa. Aí eu falei: deixe! deixe! deixe! Aí eu falei com Sidnei: Lave minha roupa aí, que quando eu tiver, eu dou a conta, ou senão você tira do meu dinheiro, do meu trabalho. Ele falou: não precisa não, pode trazer qualquer roupa aí, que eu lavo na máquina e depois eu dou de volta. Aí eu entreguei a roupa lá porque, eu entreguei a roupa lá porque tem um bocado de roupa minha que tá lá, e só tem o que de roupa suja? Três, só três. Porque eu uso assim: de noite, quase de noite, quase pra dormir, aí tiro, guardo num lugar, chega de manhã eu uso. Fico a tarde inteira eu usando, de manhã até de tarde, quando chega de noite eu tomo um banho pra dormir, de manhã eu tomo outro banho, pego outra camisa e visto, quando chega de manhã eu tomo outro banho e vou pra rua.

**Entrevistadora:** E como é o nome dessa pessoa que está te ajudando?

**Isidório:** Eu esqueci.

**Entrevistadora:** Esqueceu. Então o nome dela é Isidório. (Risos)

**Isidório:** Ah! Esqueci

**Entrevistadora:** Foi ela quem te deu esse trabalho, que você vende as coisas?

**Isidório:** Foi ela quem me deu.

**Entrevistadora:** É? E o que é que você vende?

**Isidório:** Lanche, pastel.

**Entrevistadora:** É ela que faz é?

**Isidório:** É. Ela me dá vinte reais por semana.

**Entrevistadora:** Você olhando, assim, a sua história, lá na... como é, lá no abrigo, lá na Cidade da Luz, o que você considera marcante? Alguma coisa que você viveu lá que marcou sua vida? O que foi que a Cidade da Luz lhe ensinou que marcou você?

**Isidório:** Ensinou um bocado de coisa.

**Entrevistadora:** É? Alguma coisa assim específica?

**Isidório:** Ensinou um bocado de coisa, mas específica não lembro.

**Entrevistadora:** E quem são as suas referências de vida, uma pessoa que você tem como exemplo?

**Isidório:** Lili e Medrado.

**Entrevistadora:** Você continua tendo contato né, com a instituição? Você teve experiência de rua? Já morou na rua?

**Isidório:** Não morei na rua não. Me entregaram com nove meses no orfanato.

**Entrevistadora:** Se você fosse fazer uma palestra para as pessoas que vivem nessa situação de morar numa instituição como a Cidade da Luz, num abrigo, num orfanato, o que vocêalaria pra eles?

**Isidório:** Eu daria um espaço pra eles.

**Entrevistadora:** Você doaria né Isaias? Você julga importante ter família, acha que é importante ter família?

**Isidório:** Não. Eu nem lhe contei que ninguém lá em casa dá valor pra mim, só, só aquela amiga ali.

**Entrevistadora:** E porque que você quis sair do abrigo, atrás de sua mãe?

**Isidório:** Porque eu pensei que ela ia ser melhor comigo.

**Entrevistadora:** Você se arrependeu ou ainda está gostando da idéia?

**Isidório:** Eu tô, porque ainda tem aqueles que...

**Entrevistadora:** Essas pessoas que te ajudam, né?

**Isidório:** Senão eu saía de lá.

**Entrevistadora:** Se você fosse fazer, refazer a sua história, o que é que você mudaria, o que você teria feito de diferente?

**Isidório:** Se eu fosse casado?

**Entrevistadora:** Como? Com relação a tudo o que você já viveu, o que você mudaria nela? Se você faria alguma coisa de diferente?

**Isidório:** Eu, nada.

**Entrevistadora:** Você faria do mesmo jeito né? Tem alguma coisa que eu não tenha perguntado, você quer comentar alguma coisa? Então tá bom.

## **ISAC**

**Entrevistadora:** É... Você sabe com quantos anos você foi parar lá no abrigo, na Cidade da Luz?

**Isac:** Oito anos.

**Entrevistadora:** Você lembra o motivo, o que foi?

**Isac:** Lembro, eu morava com minha mãe; quando eu estava bebê, ainda, minha mãe me botou no Orfanato de Ondina e foi o Juizado que tinha mando.

**Entrevistadora:** Mas quando você foi para o de Ondina você era bebê?

**Isac:** Era. Eu tinha dois ou um ano; aí completei oito anos, aí lá começou a fazer a obra de lá; aí botou pro outro orfanato, mais pequeno, só podia ficar dezesseis pessoas, aí quando passou pra lá de novo, aí botou eu pra Cidade da Luz; aí fiquei lá.

**Entrevistadora:** Lá é até dezoito anos, né?

**Isac:** Eu fiquei até quatorze.

**Entrevistadora:** Qual a primeira impressão que você teve do abrigo, quando chegou lá na Cidade da Luz?

**Isac:** Que cheguei já com oito anos?

**Entrevistadora:** Isso, qual foi a primeira impressão que você teve?

**Isac:** Ah!, tinha um bocado de gente lá, me perturbando.

**Entrevistadora:** Eram mais velhos que você?

**Isac:** É, alguns, né, já gente grande.

**Entrevistadora:** Quem você considerava família naquela época?

**Isac:** Naquela época, Derivam.

**Entrevistadora:** Quem é Derivam?

**Isac:** Um negro alto.

**Entrevistadora:** Que trabalha lá é?

**Isac:** Não, mora lá.

**Entrevistadora:** Morava lá?

**Isac:** É.

**Entrevistadora:** Ele já saiu?

**Isac:** Já, ele não deixava ninguém bater em mim.

**Entrevistadora:** Ah! Então deve ser um irmaozão mesmo, né?

**Isac:** É.

**Entrevistadora:** Hoje, você encontra com ele?

**Isac:** Não, só de vez em quando.

**Entrevistadora:** Ele é mais velho que você, né?

**Isac:** É.

**Entrevistadora:** Você recebia visita de parentes seus?

**Isac:** Recebia.

**Entrevistadora:** De quem?

**Isac:** Minha tia, meus irmãos, meus primos, meus irmão ainda não, meus irmão foi que recebia lá na casa, meus primos, minhas irmãs já, Adriana, minha prima, já.

**Entrevistadora:** Tenho muitos irmãos você, né? Que momentos felizes, Isac, você lembra de ter vivido lá, que você sente saudade.

**Isac:** Na Cidade da Luz?

**Entrevistadora:** É na Cidade da Luz, saudade alguma coisa assim que você olha e sente saudade?

**Isac:** Alegria.

**Entrevistadora:** Que tipo de alegria?

**Isac:** Enormes, trabalhava com meu irmão.

**Entrevistadora:** É grande, lá né?

**Isac:** É, um lugar bom.

**Entrevistadora:** E os momentos difíceis?

**Isac:** Molhar a grama

**Entrevistadora:** Molhar a grama? Que lá é grande né?

**Isac:** É, tem que molhar de vez em quando

**Entrevistadora:** Mas havia algo que lhe incomodava, que fazia você ter medo, tinha alguma coisa assim?

**Isac:** Não, só na saída para ir pra rua, não deixava por que perturbava; já quis estudar pra poder sair.

**Entrevistadora:** Aí você estudava então, perto de lá?

**Isac:** É, é perto.

**Entrevistadora:** Estudava um turno e o outro você molhava a grama, né?

**Isac:** Não, esses dias é porque eu não estava molhando a grama; aí eu estudava de tarde e molhava de manhã; ai passei pra estudar de manhã e não tô molhando; agora quem está molhando é Zé Roberto.

**Entrevistadora:** Se livrou então, não foi? E o que você sonhava, hoje você já saiu né? Mas antes de sair, o que você sonhava, assim, com sua vida, depois do abrigo, você imaginava o que?

**Isac:** É depois do abrigo?

**Entrevistadora:** É, assim quando você pensava em sair do abrigo, o que você imaginava, assim, como coisa boa, né, o que você queria que acontecesse uma coisa que você planejava.

**Isac:** Queria tá indo visitar sempre, a Cidade da Luz.

**Entrevistadora:** Como era seu dia-a-dia no abrigo, a rotina, o que você fazia?

**Isac:** Tarefa.

**Entrevistadora:** E que tipo de tarefa?

**Isac:** Varrer a casa, arrumar a casa, limpar a sala, passar cera.

**Entrevistadora:** Trabalhava mesmo, né? Mas também brincava né?



**Isac:** Brincava.

**Entrevistadora:** Tinha hora pra tudo lá, né?

**Isac:** É, mas o que eu não gostava lá mais era assistir televisão, que eu não gosto muito, não.

**Entrevistadora:** Não? E você gostava de que?

**Isac:** Brincar mesmo, brincar mais de bicicleta.

**Entrevistadora:** E você hoje já tem quatorze anos né? Você tem assim alguma namoradinha, já se apaixonou, paquera?

**Isac:** Paquera já.

**Entrevistadora:** E namorou?

**Isac:** Já.

**Entrevistadora:** Com quantos anos?

**Isac:** Uns nove anos, por aí...

**Entrevistadora:** Nove anos, é mesmo? Mas você...

**Isac:** Mas no outro orfanato também eu namorava.

**Entrevistadora:** Mas era uma pessoa de dentro do orfanato ou de fora?

**Isac:** De lá de dentro.

**Entrevistadora:** É? E de fora, você podia levar pro orfanato?

**Isac:** Podia só visitar lá e aqui na Cidade da Luz também podia levar pra visitar.

**Entrevistadora:** E fora do abrigo, você quer dizer quando você ia pra escola, um exemplo, quando você tinha que fazer outras coisas fora do abrigo quando você morava lá, você se sentia discriminado por fazer parte do abrigo?

**Isac:** Quando eu morava lá?

**Entrevistadora:** É Você sentia que as pessoas tinham preconceito quando você morava lá?

**Isac:** Não.

**Entrevistadora:** Não né. Pra você tem diferença em fazer parte de uma família e fazer parte de um orfanato, de um abrigo?

**Isac:** Tem.

**Entrevistadora:** Qual é a diferença?

**Isac:** Que eu já convivi mais lá e não muito com minha família.

**Entrevistadora:** A essa é a diferença. Que sonhos você quer realizar no seu futuro? Qual o seu sonho?

**Isac:** Trabalhar sempre e muito!

**Entrevistadora:** E você está estudando ainda?

**Isac:** Parei por que eu já saí de lá e Lili vai me matricular em outra escola.

**Entrevistadora:** Em algum lugar mais perto né?

**Isac:** É já perto de lá do lugar onde moro.

**Entrevistadora:** Você se sentiu inseguro, Isac, antes de sair do abrigo?

**Isac:** Antes de sair?

**Entrevistadora:** É.

**Isac:** Se eu me sentia?

**Entrevistadora:** Se você se sentiu inseguro...

**Isac:** Como assim?

**Entrevistadora:** Assim, se você ficou com medo, ficou com receio, de como é que ia ser depois?

**Isac:** Ah, sim.

**Entrevistadora:** E você quis sair foi, por quê? Você podia ficar até dezoito anos, né isso?

**Isac:** É.

**Entrevistadora:** E você decidiu ir embora?

**Isac:** Não. A briga que eu tive lá com a funcionária.

**Entrevistadora:** Foi você, brigou com quem?

**Isac:** Com a funcionária.

**Entrevistadora:** Foi? E por que você brigou?

**Isac:** Por que ela não deixou ir com os meninos no carro.

**Entrevistadora:** Aí você não gostou e quis ir embora, né isso?

**Isac:** Não; por que ela me azunhou aqui atrás.

**Entrevistadora:** Ah, vocês brigaram mesmo então?

**Isac:** Não, mas não foi briga de violência, não.

**Entrevistadora:** Não, na verdade você não queria sair é isso? Aí você teve que sair.

**Isac:** Teve que sair; agora quero viver com a família também.

**Entrevistadora:** Você quer isso também, viver com sua família? Fora do abrigo, você acha que as pessoas têm preconceito com você?

**Isac:** Conhecido?

**Entrevistadora:** É, ou desconhecido, não precisa ser conhecido.

**Isac:** Se eu acho que tem preconceito comigo?

**Entrevistadora:** É.

**Isac:** Tem... gente estranha na área.

**Entrevistadora:** É? Ah, mais por causa disso né, que você fez parte de um abrigo né?

**Isac:** Aham

**Entrevistadora:** E hoje você tem uma família né isso? Na verdade, você tinha, mas você não convivia; quem faz parte da sua família hoje? Quem você considera parte da sua família?

**Isac:** Isidório quero conviver mais com ele

**Entrevistadora:** Quem é sua referência na vida, assim uma pessoa que você ache um exemplo de pessoa?

**Isac:** Lili, Medrado e Renato.

**Entrevistadora:** Quem é Renato?

**Isac:** É uma pessoa de lá.

**Entrevistadora:** Ela trabalha lá também?

**Isac:** É. Na Cidade da Luz.

**Entrevistadora:** Ou mora lá? E olhando a sua história toda, tudo que você já viveu mais, assim, marcante na sua vida?

**Isac:** De convivência?

**Entrevistadora:** De tudo, um exemplo você: pô isso que marcou minha vida. Sendo bom ou sendo ruim.

**Isac:** Não lembro não.

**Entrevistadora:** Não lembra não? Você teve experiência de rua?

**Isac:** Não.

**Entrevistadora:** Se você fosse fazer uma..., assim, falar pra um monte de gente, certo, lá no abrigo, pras pessoas que moram no abrigo, sobre a sua experiência de ter vivido lá, o que você diria pra eles?

**Isac:** Da onde?

**Entrevistadora:** Das pessoas que vivem no abrigo, no orfanato.

**Isac:** Eu diria só o bem pra as pessoas não dizer o mal, nem fazer.

**Entrevistadora:** Você acha que é importante ter família?

**Isac:** Acho.

**Entrevistadora:** Por que, você sabe responder, se você fosse mudar alguma coisa na sua vida que aconteceu o que você mudaria?

**Isac:** A casa onde a gente tá morando, por que o espaço é pequeno.

**Entrevistadora:** Quer falar alguma coisa? Alguma coisa que eu não tenha perguntado? Você é tímido né Isac?

**Isac:** Não. Terminou?

**Entrevistadora:** Já terminamos.

## **PAULO**

**Entrevistadora:** Conte-me Paulo, como foi que você chegou no abrigo; qual foi o motivo?

**Paulo:** Eu... a idade eu não lembro... cheguei na instituição, uma instituição chamada Lar Maria de Nazaré, primeira que eu fiquei até uns onze anos; não me lembro a idade que cheguei; não lembro de nada, de ninguém, zero; e creio, de tudo assim reclamar; talvez eu ver a compensação; eu tive sorte, independente desses acontecimentos, e a idade não me lembro; sei que foi bem pequeno e fiquei até onze anos nessa instituição Lar Maria de Nazaré na Boca do Rio; saí de lá, não sei que foi que aconteceu, destruíram a casa por algum motivo; em parte nesse fica Lar na Ribeira cidade da luz.

**Entrevistadora:** Você lembra Paulo, qual a sensação que você teve quando chegou no Lar da Ribeira?

**Paulo:** A Ribeira na verdade, acho que foi uma experiência assim nova, boa por que eu fazia parte assim de uma, de um curso que a gente participava no Salesiano, de encadernação e tinham alguns desses, hoje assim irmãos de criação que já fazia parte; também terminou pegando amizade lá e seguíamos; a gente nos víamos, a gente se via quando éramos pequenos, assim negócio de eventos, encontros assim de instituições aí tinha aquela amizade assim bem distante e, quando a gente passou a fazer esse curso lá no Salesiano, a gente acabou se aproximando; aí, quando a gente foi pra lá, já foi conhecendo assim uma parte deles; aí tinha um pouquinho de afinidade, aquela amizade; aí ficou mais fácil. Foi bom que fiquei com experiência nova; foi diferente as pessoas; tinha uns irmãos assim, mas tinha alguns assim de mais idade, foi legal, foi bom.

**Entrevistadora:** Você considerava o que é família pra você exatamente?

**Paulo:** Eu, pra mim, sempre foi construir uma família, por que já convivenciei pequeno; eu não lembro de pra mim as pessoas que conseguem conviver com seus pais, aquele aquela atenção direto, aquele amor, carinho direto os filhos que são poucos, quanto menos tive é mais fácil de dar atenção, assim não consegue entender

como é que uma pessoa não consegue nem imaginar, né, sem um pai, sem uma mãe, fica difícil; é tanto que nossa documentação não tem nome de pai nem mãe, é uma das coisas que mais me chateia hoje assim. É ruim, mesmo que assim naquele tempo isso e o tempo que eu passei a conviver naquele tempo assim, tinha carinho, tinha atenção; não era assim aquela atenção direta, por que era dividido para vários, mas também não faltava assim. O costume desde pequeno, aquele tipo de atenção, carinho, tudo que a gente precisava a gente tinha – em termos de vestimenta, alimentação, então não tenho assim de que me queixar; não estudo. Com um certo tempo que agente passou a ter uma certa idade assim, que passou a estudar fora, trabalhar fora, também então achei pra mim foi uma convivência normal; para as pessoas de fora não, que não consegue nem imaginar né, mas pra gente que conviveu assim é tendo aquele costume desde pequeno, acho que em alguns é radicalmente possível assimilar porque as vezes tinha reunião, tinha como acontece nas famílias também normais, tinha reunião, tinha alguns que conseguia assimilar conversas ou jeito ou seus conselhos; no caso, eu me considero parte disso assim, que sei lá, que procurei lugares muitos melhores né, e daqui pra frente também sempre na minha vida.

**Entrevistadora:** E você conhece algum parente?

**Paulo:** Nunca. Não conheci ninguém até hoje.

**Entrevistadora:** E momentos felizes que você viveu na instituição?

**Paulo:** Assim, todo ano tem aquela renovação, que uma das pessoas que a gente não sei que a gente tem mais aproximação, respeita aquela coisa assim de mãe, que sei lá, aquela pessoa que teve mais, sempre teve mais presente, mais próxima no dia-a-dia, fica mais tempo lá com a gente, e assim tudo que ela foi que representa até hoje, assim a gente mesmo com uma certa idade, a gente tem aquele respeito; quando tem aquela dificuldade, procura e sempre teve assim passeios, diversões. Ela todo ano, ela procurava assim; é fazer o melhor em termo de grandeza, assim pra gente, como diz assim, reforma na casa; todo ano, final de ano, tinha aquela reforma móveis novos que a gente se sentia mais, dava aquele ar de grandeza, de melhora, e aí era sempre bom né, e muita coisa assim em geral, tudo; passeios, quando a gente é mais, brinquedos, presentes, como acontecia assim com uma família normal né, tentava assim passar o mais tentava assim pessoal, fazia assim como a gente se sentisse uma pessoa normal, assim que tivesse pai e mãe, por que pai não é só quem

bota no mundo aquela coisa assim de pai ou mãe que tem que dar atenção, e tudo é saudável; então era muito bom assim, marcou muito assim.

**Entrevistadora:** Existia algo que te causava medo?

**Paulo:** Eu tinha medo de fazer aniversário.

**Entrevistadora:** É? Por quê?

**Paulo:** É por que aniversário é sinônimo de que? De completar dezoito anos; completar dezoito anos era sinônimo de um dia ter que mandar na sua vida, ser dono da sua vida, por que tem que dar espaço para outros que tava na mesma situação que eu; quando era um tempo assim de precisão, quando tá pequeno e assim, no ano de aniversário quando sair me dava medo, me dava insegurança; eu pensava: poxa se eu saí daqui vou ter que conseguir um trabalho; tudo bem, trabalho o pessoal pode conseguir pra mim; e se um dia eu sair desse trabalho, eu vou pra aonde? Vou pra casa de quem? Vou voltar para instituição de novo? Fazer o que se eu não tiver uma casa própria? Entendeu? Mas até nisso aí, a instituição ajudou. Ela no caso, comigo e com vários que conviveu lá, a gente começava a trabalhar, ela abria uma caderneta que a gente ficava depositando e esse dinheiro que a gente ficava depositando serviu pra que eu comprasse uma casa e ter mais segurança e o tempo que eu chegava em uma certa quantia que dava pra comprar uma casa, pra dar início, acho que foi muito bom; ajudou muito mais. Meu medo era esse quando eu tinha treze anos. Eu lembro que eu ainda tinha treze anos, daí já tinha medo de fazer aniversário, que eu já tinha aquela preocupação: meu Deus vou pra onde? Se eu fizer dezoito anos, vou para onde, fazer o que? Aí meu medo era esse: fazer aniversário! Minha preocupação.

**Entrevistadora:** O que é pra você constituir uma família?

**Paulo:** Família? Hoje eu tenho uma família; quer dizer uma coisa assim que não me... uma coisa assim que não é muito legal é família... eu tenho uma família, só que hoje é assim: eu não convivo com minhas filhas.

**Entrevistadora:** Então você tem filhos?

**Paulo:** Eu tenho duas filhas

**Entrevistadora:** Mas não é casado?

**Paulo:** Mas não cheguei a me casar; cheguei a me juntar conviver junto nessa primeira casa que eu morei; só que não deu certo; aí eu... aconteceu o que eu saí de casa, aí já fui morar com meus alguns irmãos que conviveu comigo também, aí consegui comprar outra casa, aí daí as minhas filhas não moram comigo, mas eu considero como uma família; aí meus irmãos, que eu sempre visito assim, de criação,

que conviveu comigo, a gente tá sempre assim ligado; a gente marca pra ir na casa de um, na casa de outro, assim pra manter; aquela então minha família: considero minhas filhas, que eu vou lá, visito sempre, dou presente, mas assim hoje me dói um pouquinho, que eu queria conviver com elas e eu não convivi.

**Entrevistadora:** Quantos anos elas têm?

**Paulo:** Uma tem onze, a mais velha tem onze, fez onze; a mais nova fez nove. Uma fez doze, a outra fez dez; dois anos de diferença a mais velha mesmo, inclusive quando está comigo, fica parecendo até minha namorada, por que eu já sou franzino aí.

**Entrevistadora:** Você está com que idade Paulo?

**Paulo:** Eu tenho trinta e cinco, eu fiz; e se tem uma coisa assim que não é legal é que eu queria conviver com elas, dá atenção, conversar. Assim as dificuldades tá mais assim presente, a todo momento; eu não queria através de telefonema ou quando fosse lá visitar, ou a mãe dela falasse: Paulo, Paloma ou Nara tá agindo assim, assim, assim converse com elas; eu queria tá presente no dia-a-dia, a todo momento, a todo segundo, porque eu não tive aquela atenção direta assim, no caso dos filhos eram vários, eu queria assim, mas o que eu posso fazer de melhor, eu tento fazer nas minhas proximidades nas condições.

**Entrevistadora:** É que você já respondeu esta pergunta, mas eu vou fazer de qualquer forma.

**Paulo:** Familiares a tem, mas a outra parte, a instituição também; que sempre que eu preciso assim, mas eu tento, faço de tudo pra não tentar, que as vezes eu acho que estou incomodando, que já depois de adulto eu tentando me virar, fazer tudo, quando eu vejo que não tem jeito mesmo, eu digo: não, aí não tem pra onde correr; aí vou na instituição, tento, procuro Neli que é uma pessoa mais próxima de Medrado, pessoal do centro, aí ela tentar conversar, explicar a situação e resolver quando ver que eu estou com uma certa dificuldade; mas o que eu puder fazer, assim para não incomodar, por que já tem atenção para os outros menores que estão lá, para se preocupar com quem já saiu, aí o que eu puder fazer para chegar lá e só visitar, e passar assim boas, sei lá, boas é situações da minha vida, contar coisas boas é melhor que chegar com problemas; se puder não chegar lá com problemas, é melhor, mas é preciso também participar da minha família que ficou faltando falar.

**Entrevistadora:** Sim, é com certeza. Na verdade são suas filhas, né?

**Paulo:** Minhas filhas, meus irmãos que conviveu comigo e a instituição que é o complemento da minha família.

**Entrevistadora:** Você se recorda Paulo, de sonhos de quando com relação a sua vida após o abrigo?

**Paulo:** Diz assim, bem antes ou depois, que eu saí?

**Entrevistadora:** Não. Ainda quando você estava lá, imaginava que você sonhava com a vida após o abrigo, depois que você saísse?

**Paulo:** Sim. Imaginações que eu não me lembro se tinha, assim não lembro assim ou talvez eu não esteja entendendo a pergunta assim, entendeu? Não sei.

**Entrevistadora:** Não. É isso mesmo você entendeu. Às vezes a gente não lembra mesmo.

**Paulo:** É que eu não lembro mesmo.

**Entrevistadora:** Como era seu dia-a-dia no abrigo, sua rotina, como é que era o dia-a-dia, o que você fazia?

**Paulo:** Colégio, jogava futebol, deixe ver, jogava não, brincava de futebol, colégio, as vezes tinha realização, que era muito bom também, para o lado de educação que é muito bom, mas que as vezes tinha pessoas que fazia parte do centro que ia lá visitar a gente, ficava lá, sempre tinha assim; aparecia alguém pra ficar lá, o pessoal que ia lá para visitar e era bom, acho que marcou assim a gente; lembro assim de várias pessoas assim, tios que a gente chamava de tios, amigos e a rotina.

**Entrevistadora:** Na adolescência, você se recorda dos primeiros interesses de seu primeiro namoro, sua primeira paixão?

**Paulo:** no centro de primeiro foi bom, que eu era um pouquinho assim; tá descobrindo e sendo eu acho que foi muito legal; assim a situação sendo que tinha, teve um período que teve tinha gincana; teve um período que teve, tinha gincana, teve uma gincana lá que eu acho que foi até uns dos meus primeiro namoro assim.

**Entrevistadora:** Você tinha que idade, você lembra?

**Paulo:** eu tinha... devia ter uns treze anos, treze, quatorze, nessa faixa; legal, foi bom e eu a descoberta; agora eu tive de relacionamento assim a dois, no caso a mãe de minhas filhas; eu acho que eu comecei muito cedo, um momento assim de curiosidade conviver junto pra ver como é, eu também comecei a namorar com a menina acho que comecei muito tarde e sei lá, acho que aquela curiosidade.

**Entrevistadora:** Você começou a namorar com quantos anos?



**Paulo:** Namorar mesmo, acho que eu já tinha quinze anos, dezesseis; eu acho que eu considero tarde hoje não sei se é.

**Entrevistadora:** Para hoje, né?

**Paulo:** É, para hoje eu acho tarde.

**Entrevistadora:** Era permitido você levar namoradas para lá, para instituição, a instituição conhecia elas, as namoradas?

**Paulo:** Não conhecia e não tinha problema nenhum; a gente levava, pessoal conhecia e era bom por que também ela caía logo na real como era nossa convivência, né? Independente se a gente se conhecia fora, a gente preparava logo: a minha vida é assim, assim, assim, falava para ela toda situação; chegava consciente chegava lá, vamos na casa de minha mãe e meu pai, chegasse lá; chegasse lá, ai meu Deus aí, para não se assustar né, aí a gente passava nossa situação. Mas acho que a educação que a gente teve lá, foi tão uma coisa tão legal, que tinha pessoas assim mesmo, não acreditava assim, não achava que a gente não morava em orfanato, que as vezes a gente quando está no orfanato, tem gente que não tem a visão, não sabe como é o orfanato, como é a educação, como é! Tem vários tipos de orfanato, tem várias educações, vários, entendeu? E os orfanatos que o pessoal conhece, as vezes é a FEBEM que mostra na TV. E as pessoas, menores infratores. Que tem muita gente que tem a visão de orfanato assim, então as vezes fica ruim pra gente, pesa um pouquinho a gente fica meio acanhado; mas aquela coisa né, a gente preparado quando a pessoa conhecer, vê que não era nada disso que era totalmente diferente, inclusive tinha alguns meninos que falavam como é que faz para morar aqui ou pessoas queria até conviver lá, devido a nossa convivência, passava a conhecer, sei lá, achava legal, gostava. Às vezes, deixe eu ver, de alguma forma eu acho que me sentia por que assim eu digo na sinceridade, fora por que as vezes tinha gente ficava assim retraído não era aquela amizade natural e quando tinha pessoas que eu sentia essa coisa, seria eu também, nem ficava na minha também, que eu sabia da minha convivência; se eles não sabia, problema deles; eu já sabia como era a minha convivência, então eu ia levar minha vida em torno de mim; não vou levar em torno daquela pessoa que acha isso aquilo, sem pelo menos conhecer né, então as vezes incomodava de alguma forma, mas tinha que superar né, a realidade era essa mesmo.

**Entrevistadora:** Para você, Paulo a diferença de uma família.

**Paulo:** A diferença, a única diferença é que assim, como eu falei é a diferença é que o relacionamento assim na família; no abrigo, a diferença é que eu acho que tem o amor mais direto, aquela atenção mais direta, que se você... um exemplo: a doutora tivesse umas trezentas irmãs, aí ia ter que dividir aquela atenção, digo nesse lado e como a gente tinha vários irmãos de criação, a atenção tinha que ser igual para todo mundo que doía, mas assim tinha aquele período de o dia dos pais, dia das mães, a gente sabia que na realidade aquelas pessoas já eram nossos pais; mas a gente quando a gente é novo, a gente não entende; a gente quer ver o pai biológico parecido com a gente, aquela coisa; aí aquilo ali as vezes abalava um pouquinho, mas não para alguns, até mais para outros aceitava de forma natural, não abalava tanto, né?

**Entrevistadora:** E quais são?

**Paulo:** Ó... eu sempre gostei de cantar, eu gosto de musica. Gosto de MPB, mas atualmente assim.

**Entrevistadora:** É, e o que você canta?

**Paulo:** Eu gosto de MPB, mas atualmente eu assim eu gosto muito de samba romântico, pagode romântico, Belo, Alexandre Pires e inclusive eu já cantei em banda também; já cantei em show assim antes, mas teve um certo momento que eu tive que parar por que música assim é aventura, pode dá e pode não dá, e eu também tive minhas filhas muito cedo e eu não podia.

**Entrevistadora:** Você teve elas com quantos anos?

**Paulo:** Minhas filhas eu tive acho que eu tinha vinte; é tá com uns doze anos; aí eu tive filha muito cedo; então nessa situação eu tive; não podia arriscar entrar de cabeça independente do que ia passar que se ia, dizia não quero isso, passar qualquer dificuldade, mas eu vou viver isso aí; não dava, porque era só; as minhas filhas, também dependiam de mim aí não podia abrir mão, mas hoje graças a Deus eu tenho trabalho; assim que dá para conciliar, tem os finais de semana se eu caí no dia de semana eu posso pagar alguém, algum colega para ficar em meu lugar, aí dá procedimento.

**Entrevistadora:** E você trabalha aonde?

**Paulo:** No HGE. Trabalho no HGE e hoje acho que dá assim; eu tô num projeto de assim, de sei lá, levar para frente, eu acho que dá e antes disso eu tava; cheguei até a pessoa que eu estava a pouco tempo, que também a gente não deu certo; terminou por que assim eu estava no projeto de ter independência profissional, ter muito

trabalho e todo trabalho que eu participo tem aquela disputa tem vários comportamentos amigos até dos chefes, as vezes a gente vê que está sendo injusto, que não pode falar, tem que fazer vista grossa, tem que as vezes se fazer de besta e com isso eu, a gente termina optando assim para tentar ter uma independência até no lado profissional, no lado de trabalho; aí com isso eu consegui abrir uma *lan house* na rua que eu morava na Boca do Rio, eu e a minha ex; aí a gente não deu certo já estava já encaminhando, estava até abrir a *lan house* já estava até tudo direitinho mas só que não deu certo, que eu penso assim: rapaz acho que em primeiro lugar se não tiver paz, pode ter tudo, mas nada vale.

**Entrevistadora:** Você chegou a abrir a *lan house* não?

**Paulo:** Abri. Estava funcionando. Já sai do outro emprego, estava no Iguatemi, já na intenção de sei lá independente de não queria ganhar milhões queria uma vida assim tranquila, mas entendeu assim.

**Entrevistadora:** E você ficou com ela?

**Paulo:** Aí a gente fez um acerto. Eu deixei para ela, pedi um valor a ela que desse para eu comprar outra casa que não que pelo menos não pagasse aluguel, aí do jeito que eu me conheço sei que eu vou fazer meu sacrifício, meu esforço, eu me conheço sei que posso conquistar mais, lá na frente por isso eu é terminei abrindo mão e agora, graças a Deus, eu estou no trabalho que eu acho que é um trabalho bom, legal, que as pessoas dá oportunidade de você trabalhar tranquilo, graças a Deus! E agora, mais música do que nunca; e eu servi o exército; estava servindo o exército, tava já me afastando, me adaptando aos pouquinhos, que a gente passa um certo período lá no quartel aí, mas eu ficava muito seguro por que lá tinha tudo, não precisava lavar roupa, tinha tudo em termo de roupa e alimentação, tudo na hora certinha, já estava acostumado; tinha aquela segurança, na dificuldade a gente tinha a quem correr, a quem falar, a quem pedir ajuda e lá fora já é diferente, tem várias personalidades, várias pessoas, vários tudo e a gente as vezes fica com medo de não saber lidar com problema diferente, não saber como sei lá. Aí tem aquela insegurança

**Entrevistadora:** E você acha que o abrigo poderia ter ajudado, preparado vocês melhor?

**Paulo:** Em termo de... acho que não, acho que eles fizeram, fez o certo assim em termo de trabalho, orientou a gente para a gente também aprender a se virar, por que se ficar toda vez dando tudo, aí a gente não vai ter que assim... não vai aprender a se virar; nossos objetivos vai ficar sempre dependente e é bom que a gente procura

nossa independência e as dificuldades também está para todo mundo e a gente tem que entender isso e encarar de frente; acho que não fez o certo orientou sempre, teve a orientação pra gente; orientação não faltou, conselhos acho que desse pra gente seguir, mas acho que por um processo natural assim, em termo de acho que é natural aquela insegurança que também a gente tem tudo na mão, aquela preocupação na instituição.

**Entrevistadora:** E fora do abrigo você viveu com que idade?

**Paulo:** Saí acho que... deixe ver acho que com vinte anos.

**Entrevistadora:** Depois que você saiu você sentiu, teve preconceito com quem?

**Paulo:** Pessoas de fora?

**Entrevistadora:** Pessoas de fora.

**Paulo:** Não... mas eu acho que preconceito que eu vejo não é nem preconceito e também até das pessoas que as amizades da gente a gente também não chega, qualquer pessoa que a gente tem amizade, conversa um pouquinho que a gente vai sair contando nossa vida, ou falar que a gente morou em instituição, em orfanato, que a pessoa começa já olhar diferente; não é todo mundo que tem assim a inteligência ou que a gente vai conversar que vai entender, ou a gente não tem assim aquela coisa de querer contar para todo mundo inclusive tem muitos da gente que não é em qualquer ambiente que fala, a não ser que lá no orfanato tem aquela coisa que tem gente que não sabe como é, daqui que a gente tente explicar tudo dar satisfação, aí como a gente não quer dar satisfação, a gente prefere ate esconder né? Eu não vou menti, sé assim que as vezes você comentar de orfanato, orfanato você e de orfanato, as vezes vê o comportamento o jeito assim não aí você vai ter que explicar tudo, aí pra não explicar tudo, não dar satisfação, a gente prefere sei lá, mandar esconder; depende também da pessoa, se for uma amizade muito próxima; bem, a gente termina falando, contando que tem mais tempo para conversar, a gente termina falando independente se é homem, mulher, namorada, amigo; mas preconceito assim, a única coisa que incomoda e um exemplo minha identidade; a minha identidade não tem nome de pai nem mãe e eu, em termo de credito, sei que eu tô limpo assim lá no crediário, mas eu acho que sei as vezes eu tento fazer um crédito e não consigo; hoje mesmo, atualmente, tento fazer um cartão de credito; eu não consigo fazer um cartão por que eu não sei assim as vezes.

**Entrevistadora:** É por que não tem?

**Paulo:** Eu acho por que não tem nome de pai nem mãe, as vezes nego pensa que tá forjando a documentação, alguma coisa assim, as vezes eu acho.

**Entrevistadora:** Mas eles não chegam a justificar?

**Paulo:** Não justifica, não fala por que é; eu já consegui: agora sim C&A; já consegui vários em outros tempos, mas hoje eu tento fazer, não consigo não sei o que é, assim entendeu? E as vezes quando chego no banco, o pessoal tem que resolver alguma coisa quando ver a identidade sem pai nem mãe, oxe! Como é que pode isso, aí tem gente que não tem aquela, como é que se diz, tem gente que não quer saber; quem está na frente, quem está do lado, fala bem alto: oxe! Sem pai nem mãe como é que pode isso, sai querendo mostrar a todo mundo, aí as vezes a gente, eu, se a gente estiver em um dia legal ou não, isso pergunte para mim, não precisa sair mostrando a todo mundo, assim que eu não gosto; também as vezes eu falo, mas tem muita gente que se incomoda muito; incomoda mais que qualquer coisa; tem gente que pensa a poxa você sofreu muito, não morou nem com pai nem com mãe, eu tive sofrimento nenhum; para mim a minha vida foi uma maravilha, só que isso aí é que me incomoda, eu acho que um erro que eu acho assim da instituição uma coisa que eu acho errada é que não sei, deveria o nome da instituição é como Lar Maria de Nazaré, o lar da manhã acho que me esqueci deveria não sei o nome ter o nome assim da instituição, que colocasse para gente só se fosse a sós, para identificar, sei lá, criasse um nome – isso é chato demais, horrível!

**Entrevistadora:** Quem são as suas referências?

**Paulo:** Referências assim uma pessoa que quando a gente está naquela dificuldade procura, acho Lili que é uma pessoa assim, que eu tenho admiração, tenho assim como uma mãe que quando eu quero conselho, Lili; acho que tem uma das pessoas também que fez várias instituição, que hoje está com outra instituição, uma pessoa chamada Zo que eu também gosto muito; hoje tenho aquela aproximação, mas admiração muito grande pela pessoa, os conselhos do jeito que ela era com a gente, uma pessoa simpática também, e acho que diretamente mesmo Lili e essa Zo.

**Entrevistadora:** Você tem casa própria, né?

**Paulo:** É, casa própria.

**Entrevistadora:** Você teve muitas?

**Paulo:** A terceira já.

**Entrevistadora:** Ah, já é a terceira? Olha!

**Paulo:** É por que a primeira é que eu fui morar com minhas filhas, no caso deixei para as minhas filhas né, e a segunda foi essa que eu comprei na Boca do Rio para abrir a lan hause e a terceira agora eu fiz um acerto com essa pessoa que a gente não deu certo e eu estou morando em Cajazeiras, agora.

**Entrevistadora:** Mas diante sua história, Paulo, o que você considera como sendo marcante na sua vida?

**Paulo:** Marcante, uma coisa assim marcante, assim foi sei lá, a minha personalidade que acho que independente de qualquer coisa; eu sei que nessa vida independente de rico, pobre, independente de tudo, eu acho que tem muitas pessoas assim maldosas ou que as vezes as pessoas de bem levam para o caminho e hoje é assim: tem muita concorrência no termo de sei lá, lutar para sobreviver no Brasil que a gente sabe que tem muita coisa errada assim em termo de leis; acho que além de tudo a personalidade que eu tive lá, independente se eu não morei diretamente com meu pai ou minha mãe, eu sei lá, a pessoa que eu sou, tento ser o mais honesto possível, ser a pessoa mais legal possível, assim nas possibilidades, assim tento melhorar no que eu não sou legal que a gente ninguém é perfeito mas tenta lutar em cima do que a gente é, acho que é a minha personalidade.

**Entrevistadora:** Mantém o \_\_\_\_

**Paulo:** Mantém

**Entrevistadora:** Através de que?

**Paulo:** É telefone; e assim hoje, assim tem aquela um pouquinho e burocracia é que né, nem no geral mas assim tem aquela um pouquinho de burocracia, assim tem que marcar o dia; digo assim se for visitar, passar mais tempo lá, mas eu digo mais por outros que tem, por exemplo, eu assimilei os conselhos tudo e consegui lutar na minha vida conseguir várias coisas vários objetivos que eu já assimilei de tal forma, que tem outros que já tem a cabeça diferente; aí que fica muito dependente de lá; aí, se vacilar, fica lá o tempo todo, então lá tem que ter regras e, com isso, eu entendo desta forma e tem uns irmãos meus que não entende assim da mesma forma e termina se afastando um pouquinho, achando que está dificultando um pouquinho, mas é por outros que já não pensa do mesmo jeito, não tem assim, não procura sua independência mesmo e termina ficando dependente de lá; ainda mesmo fora de lá, frequentando demais, aí termina, aí sobra, termina tendo que ter regras.

**Entrevistadora:** \_\_\_\_

**Paulo:** É isso, mas eu não vejo como uma, mas também a gente termina se afastando por que sei lá, de alguma forma também ficar lutando, buscando nossos objetivos, a gente termina se afastando um pouquinho; convive com outras pessoas, outros meios, aí termina não tendo muito tempo de ir lá às vezes; é distante, entendeu? Eu vejo dessa forma assim.

**Entrevistadora:** Você teve experiência de rua Paulo?

**Paulo:** Graças a Deus não, vixe Maria!

**Entrevistadora:** Se você hoje, fosse fazer uma palestra para os jovens abrigados lá na instituição, o que você iria dizer?

**Paulo:** Ia passar assim um pouquinho aqui como a gente começou aqui; agora não como perguntas e respostas; ia criar minha pergunta, já ia ter pergunta né, só resposta; ia falar do meu jeito; eu nunca dei palestra assim, já liderei grupo, assim pelo fato de cantar, e lá vem muita gente entendeu, mas eu não teria vergonha; mas eu nunca fiz mais.

**Entrevistadora:** Teria alguma coisa que você gostaria de dizer para as pessoas, o que você falaria, tem amigos da instituição, tem alguma coisa que você gostaria de dizer?

**Paulo:** Eu diria o que? Ia passar para eles que independente de qualquer coisa, que a gente tem educação; ia passar assim, a dificuldade, independente de que eles estão lá, sem o pai e a mãe biológicos mas que tem muita gente que tem pai e mãe biológico que queria ter a vida que a gente está levando lá, entendeu? Que as pessoas comprem isso lá, comparando como é, tanto que as vezes eu estou com minhas filhas na rua, eu não abro mão: colégio é sagrado e o que eu puder fazer, investir no colégio, tirar, deixar de fazer alguma coisa para investir no colégio, na atenção, converso assim quando estou com elas na rua; eu vejo assim crianças vendendo alguma coisa na rua, aí eu converso com elas: aí, porque é que pego no pé de vocês! Porque é que eu chamo, converso, por que eu falo isso, aquilo, é por causa disso aí. Então vou tentar passar isso para eles que independente, se eles estão ali no abrigo, mas que é para eles dar bem valor, assimilar bem, aproveitar, tentar ouvir o que o pessoal passa, tentar fazer o melhor; que o melhor que eles puderem que eles não vão perder nada e sei lá, as vezes sei que tem aqueles momentos de tristeza, que não tá com a mãe direto, vendo os amiguinhos na rua com o pai e a mãe, aquela coisa, mas se eles estão naquela situação de vida que eles tinham de encarar e construir a vida deles; sei lá, passar alguma coisa assim parecida, eu acho bom em

ter uma família; é importante, mas tem as pessoas mais diretas que mais se preocupa com a gente, independente de briga, de tudo, é a gente; são as pessoas que a gente procura que está ali nos momentos difíceis e os melhores momentos também, independente de que as vezes tem o outro que sei lá, tem aquela sei lá, família; acho que é bom, é importante o fato de a gente compartilhar nossa tristeza, nossa alegria, assim no crescimento.

**Entrevistadora:** Para fazer sua história, o que você mudaria?

**Paulo:** Fazer minha história?

Entrevistadora: Você mudaria alguma coisa, o que?

**Paulo:** Ah, eu não teria filho cedo; é, eu sei lá, talvez eu fosse jogador de futebol hoje que é muito bom.

**Entrevistadora:** Você teria filho cedo ou não teria?

**Paulo:** Não, não teria e pelo fato assim de planejar ter na hora certa, ajeitar minha vida mesmo, ia lutar bem pelos meus objetivos para quando eu tivesse, dar tudo do bom e do melhor para eles.

**Entrevistadora:** Aí você seria jogador de futebol?

**Paulo:** Eu acho que eu gostava muito de jogar bola, assim acho que foi mais por falta de oportunidade também, assim faltou oportunidade, maturidade para ter filho cedo; assim aquela coisa de querer descobrir como é talvez criar uma família, ver e ficava imaginando; poxa, como é que uma pessoa na minha família, parecida comigo, a gente sem pai nem mãe, sem irmão, sem ninguém, a gente fica imaginando; poxa, como é você ter uma pessoa com seus traços, parecida com você, ficava imaginando; mas talvez por isso, talvez eu tivesse é tido filho cedo; acho que isso ajudou também, independente de dificuldade, eu joguei tudo pra cima; eu queria a curiosidade, como é ser um pai, se preocupar com uma pessoa que é seu, assim a pessoa começa a chamar de pai, sei lá, uma coisa que é mais forte naquele tempo; mas hoje, se fosse hoje, ainda ia ser mais forte.

**Entrevistadora:** Gostaria de falar alguma coisa que eu não tenha perguntado que você acha que poderia ter sido?

## **RAIMUNDO**

**Entrevistadora:** Me conte, Raimundo, como foi chegar lá no abrigo? Que idade você tinha? Qual foi o motivo, você lembra?



**Raimundo:** Eu cheguei lá com quatro anos de idade, sabe, eu fui diretamente lá para o orfanato que na época era localizado lá na Ribeira. Fiquei lá com mais dois irmãos.

**Entrevistadora:** São seus mesmo?

**Raimundo:** Não é de sangue, minha irmã veio junto comigo pro mesmo orfanato, mas o outro, chamado Luciano, foi pra Aldeia SOS, primeiro ele foi, acho, que pra OAF pra depois passar pra essa aldeia.

**Entrevistadora:** É o mais novo não?

**Raimundo:** Não, sou o mais velho, quando eu saí desse orfanato

**Entrevistadora:** O da Ribeira né? Que hoje é o da Cidade da Luz?

**Raimundo:** Mais também eu fui criado lá na Ribeira e meu irmão criado na Aldeia, minha irmã com o passar do tempo tava junto comigo lá, mas também foi...é... mudaram ela pra outro orfanato lá na Ondina, teve aquela separação, só ficou só meninos, depois fizeram outro orfanato só de meninas e eu continuei lá, fiquei lá até dezoito anos, quer dizer, fui emancipado com dezoito anos, mas saí mesmo do lugar, assim, do orfanato, foi depois dos vinte anos.

**Entrevistadora:** Você lembra por que você foi pra esse orfanato da Ribeira?

**Raimundo:** É uma lembrança muito vaga assim, por que minha mãe me deixou na rua praticamente né e os que levaram ela tomar essa atitude, eu fui localizado lá na praça da Inglaterra junto com mais dois irmãos eu tenho uma lembrança muito vaga assim que minha mãe disse que ia sair, que ia comprar alguma coisa, algum lanche pra gente só que não retornou, então, como era tarde da noite, ai o carro do juizado de menores passou viu a gente ali sem ninguém por perto, ai recolheu a gente e levou para o abrigo.

**Entrevistadora:** Você tinha quatro anos?

**Raimundo:** Na época eu tinha quatro pra cinco anos.

**Entrevistadora:** Qual foi a primeira impressão que você teve, eu sei que você era pequenininho né, mas qual foi a impressão que você teve quando chegou lá no abrigo?

**Raimundo:** A impressão que eu tive assim, que eu não tenho muita lembrança como foi, a minha reação, eu lembro, que eu dei um depoimento lá no juizado falando sobre as causas na época. Eu falei muito que meu pai era violento, essas coisas todas, mas eu me adaptei, assim, de uma forma muito natural eu não tive, apesar de eu ter um comportamento meio isolado, logo de inicio, eu me adaptei facilmente, não tive coisa de ficar com muita tristeza, é claro que sempre me perguntavam sobre os motivos né,

que a gente começou a ter contato com o pessoal lá fora. na escola. então sempre gerava aqueles assuntos: quem é meu pai? Quem é minha mãe? Aquela coisa toda, e como eu não tinha essa coisa, eu me perguntava o porquê meu colega tem pai e mãe, tudo certinho, uma família, e eu tenho que conviver no orfanato, mais era uma coisa ligada sobre a minha existência né, pelo fato de eu estar em um orfanato de certa forma, tanto eu como outros estaria se perguntando sobre esse mesmo problema, por que é que a gente tá ali, então foram perguntas que depois eu só comecei a me acostumar mesmo a achar resposta foi quando o centro começou a tomar conta do Lar (abrigo) por que quando veio à doutrina espírita foi que eu comecei realmente a ter perguntas ou resposta de perguntas que eu fazia pelo fato de eu ta ali, qual o meu papel, por que eu estava passando por aquilo, então eu comecei a me conformar mais, apesar de eu adaptar naturalmente, mas eu não me conformava sobre essa questão de pai e mãe, sobre essa separação de família.

**Entrevistadora:** Naquela época, quem você considerava sua família?

**Raimundo:** Naquela época, tinha aquela sensação de família da gente mesmo, entendeu? Poxa, se agente tá aqui, tem que se comportar como uma família né? Então, sempre mais tinha um dois três que eu me apegava melhor, sempre tinha uma tia da gente, uma funcionaria, que também tinha certa afinidade, então a gente fazia pequenos grupos dentro do Lar (abrigo), a gente fazia pequenos grupos cada um tinha sua afinidade, entendeu? Mas a gente sempre se comportava lá fora, a gente sempre se comportava como uma família.

**Entrevistadora:** Eram os irmãos né?

**Raimundo:** Eram sempre irmãos, sempre assim, até hoje a gente sempre se apresenta como irmãos, é meu irmão de criação, alguns ainda não gosta, que acha que é meio, que o pessoal começa a achar, como é que você fala que não tem pai, nem mãe, o pessoal já olha com outro olho, assim, aquela coisa de pobre coitado, aquela coisa, assim, que , ô coitado dessa coisa, mas eu não escondo não, por que quando eles perguntam eu começo a mostrar a outra face da moeda, que não depende de ser de um orfanato ou ter uma família, dita família normal né, que as coisa vai depender da personalidade de cada um, eu não tenho esse negocio não, muitos acham que eu não sou de orfanato, já chegaram até cogitar que eu tinha falsificado a minha identidade pra poder dizer que eu era de orfanato pras pessoas ter pena de mim aquela coisa toda .

**Entrevistadora:** Você recebeu visitas de seus parentes, seus familiares lá?

**Raimundo:** Não, nunca tive contato não, depois que eu cheguei lá, nunca tive contato. É, eu saí, reencontrei minha irmã, a gente tentou procurar pai e mãe, ninguém se manifestou.

**Entrevistadora:** Reencontrou seu irmão ele era muito pequeno né, na época?

**Raimundo:** é, meu irmão, quando eu tava ele soube que eu tinha saído do orfanato, aí ele que me encontrou, por que na hora da documentação, parte da documentação ficou na pasta dele, então, algumas coisas que a gente tinha falo lá no juizado ficou com ele, então ele tinha o endereço, tinha tudo, ai ficou sabendo que eu tinha sido dirigido para o orfanato da Ribeira, ai foi que o pessoal da aldeia SOS entrou em contato e me encontrou, minha irmã, ela foi pro orfanato de Ondina e o pessoal adotou ela lá do Rio de Janeiro, mas aí o pessoal não deram uma educação adequada a ela, assim, aquela coisa, assim, muita de exploração do lado dela ai ela fugiu de lá do Rio, por coincidência veio parar lá perto da Cidade da Luz, ficou por lá um pouquinho, depois foi pra Águas Claras.

**Entrevistadora:** E tem muito tempo?

**Raimundo:** Tem, muito tempo, e em Águas Claras lá era muito nova também, e a pessoa que foi tomar conta dela acabou abusando também e depois ela resolveu ir pra Rádio da Sociedade, ai foi que a gente ouviu no rádio e o pessoal entrou em contato com a gente, ai se encontrou novamente.

**Entrevistadora:** E isso em que idade quando vocês se reencontraram?

**Raimundo:** Eu estava com trinta e um.

**Entrevistadora:** Você tem quantos hoje?

**Raimundo:** Trinta e cinco.

**Entrevistadora:** Seu irmão não, quando você encontrou ele, você já era mais novo né?

**Raimundo:** Eu já era mais novo tava numa faixa de vinte sete anos já tinha saído do orfanato.

**Entrevistadora:** Você já tinha saído.

**Raimundo:** eu já tinha saído do orfanato já.

**Entrevistadora:** Momentos felizes, Raimundo, você lembra de ter vivido lá?

**Raimundo:** Eu gostava das festas (rss), eu achava bacana aquele grupo jovem ir visitar a gente, entendeu? Assim, um momento de lazer lá dentro de recreação, mas não era igual a como você receber visitas de pessoas de fora né? Por que já era, acho como se fosse assim, um contato com a sociedade lá fora mesmo, entendeu?

Às vezes, aqui no nosso núcleo, quando as pessoas vinham, que traziam novidade pra gente, então, pra gente era a maior festa, assim, recreações né? A própria, as evangelizações que eles começaram aqui, aquele grupos que começava a freqüentar às vezes, por lá, fazendo evangelização, e a evangelização começou, geralmente, então assumiu, mas já aquele negócio de catequese, que na época a igreja católica que, um grupo da igreja católica,é... tinha que tomar conta do orfanato, então, eles tavam sempre fazendo festa, fazendo passeios, assim, eu de momentos felizes, assim, sou feliz por ter passado por lá, acho que toda minha existência dentro do Lar (abrigo), apesar dos altos e baixos, foi pra mim, fui feliz, acho que eu sempre me comparo quando vejo uma criança na rua, eu falo, assim, será que ele podia ter a mesma sorte que eu tive né? De ter tado no Lar né? De passar um bom tempo, entendeu? Tive todo atendimento, entendeu? Educação, tudo foi uma família normal, tudo que uma família normal tem, a gente teve, eu, no caso, acho que não soube aproveitar cem por cento né, do que deu, mas foi tudo que marcou mesmo, não teve maus momentos, de infelicidade, tive os os momentos infelizes, que eu digo, assim, interno meu, coisas minhas mesmo, de como fazer essas perguntas de pai e mãe, essas coisas, tristeza normal da gente mesmo né, a gente tem aqueles momentos ruins, mas se fosse uma coisa, assim, relacionado ao Lar (abrigo) eu só tenho a agradecer mesmo.

**Entrevistadora:** Ou seja, não tinha nada que lhe incomodava, que você, medo, é, que fazia medo pra você no Lar?

**Raimundo:** Eu só comecei a sentir medo quando eu estava já pra sair mesmo, que eu, como eu era uma pessoa muito, assim, muito reservada, então, estava sempre num canto pensando sobre coisas, mas nunca pensava na minha saída, pensava em relação a tudo, mas essa coisa de tá longe lá, pra mim, aquilo ali, praticamente, se tornou meu mundo, eu já não tinha essa idéia de tá ali, quando fizesse minha idade, fizesse a idade de dezoito anos fosse me emancipar, eu, o que é que eu ia encontrar lá fora, Então eu passei a temer, quando tocou no assunto emancipação, aí eu falei: ai meu Deus! O quê que eu vou fazer. No começo, eu fiquei empolgado, que era um grupo, ai pensei: pô vou ter liberdade pra fazer isso, pra fazer aquilo, e tal, mas depois que eu comecei a raciocinar como é que eu vou encarar o pessoal lá fora, acho que ainda tinha muito aquela coisa, assim, meio infantil dentro de mim, assim, é de tá sempre apegado, tudo era resolvido através do pessoal da FUNASA né, quando a gente tinha alguns problemas, assim, sobre personalidade, sobre nosso

comportamento, a gente tinha um pessoal pra intervir, falar pra conversar aquela coisa toda.

**Entrevistadora:** Mais você tem um exemplo, quando a instituição acabava intervindo?

**Raimundo:** Tinha, rolava muito, assim, preconceito, essa coisa de: você é um Zé ninguém, entendeu?

**Entrevistadora:** Você fala fora da instituição?

**Raimundo:** Fora da instituição não sou ninguém, dentro da escola tinha aquela coisa de não temos pai, nem mãe. Ah! Não tem nem pai, nem mãe, né, então, aquilo ali acaba tocando a gente, então, ai quando o pessoal do orfanato ia lá na escola, já mostrava que a gente não era sozinho, nós tínhamos uma pessoa responsável pela gente, independente de ser uma questão de sangue ou não, nós tínhamos pessoas que tinha amor pela gente, como qualquer um que tivesse lá na sala com pai e mãe natural, ai se sentia como se fosse um escudo pra gente né, era uma porta de escape pra gente, muita gente saiu, no meu caso, assim, vou falar de forma particular, por que eu tive dificuldade pra me adaptar lá fora, tanto que eu retornei umas três a quatro vezes pro Lar.

**Entrevistadora:** E quando você retornou, você voltou a morar lá é isso?

**Raimundo:** Voltei, na primeira vez eu voltei, mas na segunda, eu já voltei como voluntário, ai eu fui sendo voluntário, voluntário, voluntário, aí eu comecei a ter afinidade no trabalho com os meninos, entendeu, aí o pessoal achou que eu podia ser aproveitado, passei por um teste, passei, e acabei trabalhando lá mesmo, de carteira assinada e tudo, trabalhei na área de recreação deles.

**Entrevistadora:** Hoje você esta trabalhando lá?

**Raimundo:** Não, hoje não, hoje eu trabalho fora né, mas trabalhei muito tempo lá, três anos, fui voluntário e trabalhei lá diretamente lá mesmo.

**Entrevistadora:** Pra você o que constituir família?

**Raimundo:** Família pra mim, não sei muito como citar isso não.

**Entrevistadora:** Quem são os seus familiares hoje?

**Raimundo:** Hoje?

**Entrevistadora:** È

**Raimundo:** Hoje eu tenho um filho.

**Entrevistadora:** É, de que idade?

**Raimundo:** Esta com dez anos.

**Entrevistadora:** Ta grande né? É rápido né?

**Raimundo:** Rapidíssimo devia demorar mais né? Quando cresce fica retado.

**Entrevistadora:** Mais você casou?

**Raimundo:** Cheguei a morar com a mãe dele três anos, mas foi um relacionamento meio conturbado, por que, precipitação, assim, essa coisa, de querer ter família, eu acho que eu tenho um problema, assim, digamos, assim, de depressão, entendeu? Esse problema, que alias, que eu tenho, mas em pouca dose, mas tenho, de vez em quando, achava, assim, em certo momento ter uma família, eu ia ocupar minha mente em relação aquilo, eu não ia dar mais espaço pra ficar pensando em outras coisas que viessem levasse aquele problema, aquelas recaída, aquela coisa toda, acho que, ai, precipitação eu tive que conviver com a mãe dele fiquei, fiquei, só que os problemas que eu simplesmente deixava e não resolvi, deixei de lado, começaram a aparecer no momento da minha convivência com ela né, os medos de eu não saber me comportar, assim, de uma forma até mais adulta mesmo, pra encarar os problemas tavam aparecendo, em vez de eu encarar, eu me recolhia né, ai ficou aquela coisa, assim, muito da minha parte, não da parte dela, mais da minha parte, ficou muito conturbado ● relacionamento aquela coisa toda, depressão vinha, mas começou a vim constante, eu comecei a atingir ela, por que ela queria atenção e eu já não dava atenção, a atenção devida que tinha no relacionamento, ai eu acabei rompendo o relacionamento, mas foi uma coisa, assim, que hoje se eu tivesse com a mente que eu tenho hoje, naquela época eu taria né numa boa, entendeu? Mas eu continuo, pra mim o começo de uma minha família, assim, de forma direta eu acho, assim, meu filho, que é uma coisa, assim, que eu me esforço bastante pra tá sempre ligado a ele né, as outras pessoas têm, assim, vou dizer o Lar é uma família pra mim é uma família, é pessoas que estão lá que eu estou sempre constantemente procurando conselho, sempre com pessoas com as portas sempre abertas, tem meus irmãos de criação alguns que moram perto de mim, mas, assim, dizer assim que eu tenho, eu faço esforço constante pra tá sempre direto nessa ligação, é meu filho.

**Entrevistadora:** Contato com seu irmão hoje?

**Raimundo:** Tenho, ele mora aqui na Boca do Rio, já morei com ele depois que eu sai do orfanato morei com ele um tempo a gente não teve afinidade então eu fui pra um lado e ele foi pro outro, minha irmã também, questão de não conviver muito, não criou aquele laço de família, eu me aproximo mais com meus irmão de criação, que

conviveram comigo, do que praticamente com eles, eu tento, mas não consigo, gosto mais de tá perto dos meus irmão de criação do que está perto deles.

**Entrevistadora:** Você se recorda de criança e adolescente, na época que você ficava no abrigo, o que você sente em relação a sua vida depois do abrigo? Você lembra de algum sonho, de algum desejo, de alguma vontade, até de imaginação mesmo, como é que vai ser depois daqui?

**Raimundo:** Eu nunca me imaginei fora do Lar (abrigo), eu tinha a certeza, assim, eu ficava, assim, quando eu fizer trinta e cinco, quando eu fizer, quando eu comecei a me ligar nesse negócio de idade, assim, na faixa dos quinze anos, comecei a achar que quando tiver velho acabado, de bengala na mão, aquela coisa toda, mas meu sonho, assim, era sonho, assim, muito infantil, mas não sonho de saber como é que ia ser lá fora.

**Entrevistadora:** E seus sonhos eram em que sentido?

**Raimundo:** Assim, aquela sensação de querer ter liberdade, um sonho de liberdade, agora uma liberdade relativa, aquela liberdade de tá fora, sair, andar, apesar de que eu achei legal quando eu saí, entendeu? Mas eu falei, assim: poxa eu to tendo liberdade, mas não sou mais criança, eu sou adulto, eu não vou encarar mais essa liberdade como era a liberdade que eu queria quando criança, sei lá, um sonho, assim, de dizer, assim, já ser realizado no caso, assim, sei lá, um sonho pra ser realizado lá fora, às vezes eu nunca me questioneei sobre isso, eu não tive intenção de querer ser, sabe, aquele negócio, sonho de querer ser, assim, jogador de futebol, acho que era divertido e mais fácil de ser né? Mas não tinha aquele sonho, assim, aquela coisa de realizar tal sonho, então, *vou deixando a vida me levar*, às vezes eu parava no caminho pra ver se continuava.

**Entrevistadora:** E como era seu dia a dia no abrigo, rotina, né, diária?

**Raimundo:** Na época que morava, assim, menor?

**Entrevistadora:** Não sei, você pode escolher uma época que você lembra mais.

**Raimundo:** Em geral, aquela coisa, assim, era questão de horários quando eu era pequeno, era menorzinho, na faixa de sete oito anos, aceitava mais as coisa de horário, mas quando a gente vai crescendo, a gente achava aquela coisa meio chata, horário pra isso, horário pra aquilo, isso começou a me entediar um pouquinho, sobre essa coisa, então, foi nessa época, também, que eu passei a me perguntar mais sobre, eu comecei a fazer certo tipo de comparação sobre o meu comportamento, o comportamento da gente lá dentro, com comportamento das crianças lá fora, por que

é que as coisas não se batiam e o nosso dia-a-dia era, assim, as vezes era muito repetitivo, só mudava a rotina quando o grupo jovem visitava, ai mudava a rotina, eles faziam recreação, ai levava a gente pra praia, é, fazia brincadeiras, trazia novidades, fora isso era sempre o mesmo acordar de manha, tomar banho, jogar bola, ir pra escola.

**Entrevistadora:** Na sua adolescência você se recorda dos primeiros interesses afetivos sobre as garotas, como foi, por exemplo, o seu primeiro namoro?

**Raimundo:** Há, foi muito engraçado, eu sempre fui, assim, um relacionamento, eu sou muito sonhador, eu sempre me apaixono muito fácil e gostava muito dessa coisa, sempre escrevi poema lá, aquela coisa toda, hoje sempre estou procurando fazer alguma coisa, sempre gostei de ler, os meus romance era sempre, assim, tudo coisa meio impossível, aquela coisa assim, quer dizer, gostava do impossível, não gostava do fácil, tanto que as vezes eu tinha um relacionamento, sei lá, tava tendo contato com a garota, eu dizia e ta muito fácil, assim eu imaginava uma coisa, era outra, ai já não servia mais, mais o meu primeiro relacionamento, assim, foi com quinze anos, com a menina da vizinhança lá, foi assim legal de adolescente mesmo.

**Entrevistadora:** você levava as namoradas lá para instituição?

**Raimundo:** Nessa época eu não pude levar não, a gente não levava não. O pessoal permitia até um certo momento, mas, também, como eu estava em um relacionamento fixo, aquela coisa bem de adolescente, levar uma semana toda sem ficar, brigava, aquela coisa toda, ai se eu disser que foi uma coisa legal, não foi bem legal não, entendeu, me despertou, então nunca foi um relacionamento, mas assim relacionamento forte mesmo que mexeu foi, com a mãe de meu filho.

**Entrevistadora:** Quantos anos?

**Raimundo:** Acho que eu estava com uns vinte seis.

**Entrevistadora:** Já tinha saído de lá?

**Raimundo:** Já tinha saído já.

**Entrevistadora:** Eu acho até que você já respondeu essa, mas eu vou perguntar de qualquer forma. Você sente, acha que faz parte de um abrigo?

**Raimundo:** Ah, me senti muito. ☹

**Entrevistadora:** É você lembra de algum exemplo?

**Raimundo:** O exemplo é sempre direcionado, sempre que um orfanato, ou é pivete é menino de rua.

**Entrevistadora:** Isso quando você tava na escola?



**Raimundo:** Geralmente na escola, por que na escola a gente tinha contato com outras crianças, aquela coisa bem familiar, então eu estava sempre tendo discussão até quando o pessoal ia lá na escola ver o nosso comportamento, assim, a parte do centro, foi quando Lili começou realmente a tomar conta da gente, então Lili ela se tornou uma pessoa muito assim ativa em nossa vida, qualquer coisa ela que estava sempre resolvendo, então as pessoas via gente assim, poxa aquela senhora loura dos olhos verdes, eu falava que era minha mãe. Sua mãe o que rapaz! Quem é você, dessa cor, aquela coisa de cor de cabelo, aquela coisa toda, quer dizer aquilo ali tocava a gente NE, tanto que as vezes eu mesmo, as vezes ficava com vergonha, as vezes eu não gostava quando Lili ia lá, eu sabia que depois que ela saísse ia ter aquela gozação, aquela coisa toda, relacionado, mas a isso é o preconceito que a gente sente. sentia muito. Até na vizinhança mesmo, qualquer coisa relacionado de errado, era sempre direcionado ao orfanato – há, foi o menino do orfanato, qualquer coisa que acontecia, é o menino do orfanato, quer dizer o pessoal tinha uma visão da gente, assim, é pivete, é ex menino de rua, então todo tipo de menino que pode se esperar tudo, quer dizer, de tudo sempre com uma porcentagem maior de ser punido, entendeu? Aquilo ali pelo menos que eu sempre observava, fazia comparações, mas a gente sempre, era assim, um pobre coitado né, não tinha essa coisa, assim, de pra gente com olhos de pessoa de igual pra igual, mesmo quando dava atenção, a gente, a gente sempre tava inferiorizado com essas questões de tá morando no orfanato, quer dizer, eles são pessoas, praticamente, a margem da sociedade.

**Entrevistadora:** Pra você Raimundo tem diferença em fazer parte de uma família e ser criado no abrigo?

**Raimundo:** Não, eu já tenho essa visão desde quando eu passei a ter, essa visão eu passei a ter mais quando o centro assumiu a direção do orfanato, por que é como eu falei, eu tinha perguntas, a igreja católica tem assim... não tinha uma resposta adequada, era muito fantasiosa, as respostas que eu achava era muito fantasiosa, né, e eles, não nas questões que eu tinha eles não tinha como preencher. Então eu sempre tive essa pergunta até o meus quatorze anos quando, eu acho, que foi quando o centro assumiu, é quando o centro veio, aí aquela doutrina espírita, aquela coisa toda, aí o pessoal já tinha colocado na nossa cabeça que negócio de espírita é coisa do diabo, que não sei o quê (risos), aí a gente, eu também cai nessa entendeu, só que depois eu me questioneei e perguntei a mim, poxa, como é que eu vou... de uma hora pra outra eu... tinha uma professora que ● espírita, aí não quis mais

conversa com ela, ai depois sempre como eu fico fazendo reflexão disso daquilo, depois caiu na minha mente, como é que eu vou buscar uma coisa que eu não conheço, não sei o que é espiritismo, ai eu peguei um livro comecei a ler, tive afinidade. Foi quando eu comecei a achar as respostas dos meus problemas, entendeu, ai trouxe as respostas nunca mais me senti... qual foi a pergunta mesmo?

**Entrevistadora:** Não, você respondeu, sim, era se você sentia diferença em fazer parte de uma família ou de um abrigo?

**Raimundo:** Eu queria completar. Depois que eu comecei a ler o livro dos espíritos o evangelho, eles tinham pergunta pra tudo e resposta pra tudo, entendeu, tudo é lógica, então, por causa dali que fui caminhando e comecei aceitar minha realidade e pelo contrário, eu comecei a propagar isso, sabe, to a procura, quando as pessoas questionava eu já tinha minha base para discutir o assunto, não tinha diferencia nenhuma, tanto que é que eu começava a identificar: ó aqui ó. eu to aqui, a gente ta passando isso com a gente, mas olha essa família se não esta passando por este mesmo problema, pai mãe e filho junto, aí as pessoas, pelo menos quando estão comigo, quando vem com essas idéias e começa a debater comigo, acho que quando sai, já com o as idéias totalmente diferente né, sobre essa questão de família, de orfanato, e de família a gente ta normal né.

**Entrevistadora:** Que sonhos, Raimundo, você quer realizar? Quais são seus projetos?

**Raimundo:** Eu se eu tivesse aproveitado todos os momentos, na verdade, como ofereceram lá, era bem melhor.

**Entrevistadora:** Você falou lá na instituição né?

**Raimundo:** Falo, assim, nessa questão de tá fazendo faculdade, já ta formado. Como eu falei, esse meu problemzinho, assim, de depressão, me atrasou muito, assim, entendeu, por que eu tinha empolgação pra fazer as coisa, achava legal, sempre gostei de ler, sempre tive atenção a esse negócio de leitura, sempre aquela coisa intelectual né, gostei disso, sempre...

**Entrevistadora:** Você teve tratamento por causa da depressão?

**Raimundo:** É por que, também afetava, por que o pessoal me direcionava, ai tinha empolgação eu ia, mas até na hora de eu contar meu problema eu achava um tédio ficar falando sobre aquilo, entendeu, ai eu já faltava, não ia, aí comecei a achar que eu sozinho podia dar, foi quando eu queria ter família pra tentar abafar esse problema, ai não deu jeito, muito pelo contrário, a situação ficou um pouco pior, é... e

costume também, tudo na escola quando, eu tinha essas crises, as vezes eu me sentia meio inferior em relação aos meninos, tinha aquela caída, assim, entrava na aula não prestava atenção, não tinha interesse, não tinha graça, pra que você veio aqui, ate sobre essa questão de futuro, eu já não tenho nada, meu futuro não significa nada, ne, pra mim não tinha interesse de ficar fazendo mais nada, entendeu, mas tinha momento de motivação como até hoje ainda, hoje eu tenho essa motivação e tento passar né, consegui passar pro segundo grau, depois fui fazendo supletivo e tudo mais, tudo feito no momento de empolgação, mas quando vinha, me empolgava, mas quando me esfriava, aí já não tinha interesse mais das coisas, mas, assim, um sonho a ser realizado hoje ainda penso em tentar fazer a faculdade, sei lá, eu queria ter uma formação acadêmica assim sabia ☺

**Entrevistadora:** Você tem alguma coisa que você gostaria de fazer?

**Raimundo:** Que eu gostaria de fazer? Uma coisa, assim, tirada assim tipo sociologia, essa coisa, assim, de filosofia, ai psicologia, esse negócio, assim, tudo que me levasse pra esse lado, entendeu, alguma coisa que mexesse com leitura né, tipo jornalismo, aquela coisa, assim, de falar, escrever, essas coisas, assim, que se eu pudesse, quer dizer, eu posso, mas eu sei que vai ser bem mais difícil de que na época, por que o pessoal tinha aquela coisa de ta me apoiando lá dentro, eu penso ainda em fazer ou então fazer alguns cursos especializado, mas eu tento preencher de outra forma, tô sempre procurando ler bons livros né, quando eu tô debatendo com algumas pessoas, eu procuro sempre passar essa coisa, assim, de repente se a pessoa, eu passei por esse problema, eu tento, sei lá, se as pessoas estiver precisando, eu tento desviar mais desse caminho. No caso eu penso, assim, em relação ao meu filho né, tento procurar o máximo de conhecimento que eu tenho pra passar pra ele.

**Entrevistadora:** ☺

**Raimundo:** Seguro, na verdade eu tinha medo mesmo, eu tinha medo, sei lá, eu olhava pras pessoas, eu nunca, eu sempre achava que as pessoas eram sempre mais adulta do que eu, tanto que quando eu fui, quando eu sai, quando eu trabalhava no escritório é ate aqui perto, a empresa é ate aqui perto, essa aqui Torre do Park, a empresa que eu trabalhava era ai, tanto que tinha um rapaz lá que era maior do que eu, ai, por que ele tinha barba eu chamava de tio, ai depois que eu tomei, comecei com o passar do tempo, eu acho que levou muito tempo ainda pra eu me adaptar a vida fora do orfanato.

**Entrevistadora:** Depois que você saiu do orfanato você sentiu que as pessoas tinha preconceito por você ter vindo de La? Acaba mais ne?

**Raimundo:** Tinham preconceito mais aquele preconceito muito, assim, vamos dizer, assim, um coitado, as pessoas tinham pena, tão sempre com aquela, penalizada, tudo que acontecia comigo era, é por que é do orfanato, é isso mesmo, não tenha calma por que não teve pai não teve mãe, ai sempre direcionado pra esse lado, não tinha, eu tentava passar meu comportamento como menino normal, mas sempre que acontecia alguma coisa as pessoas, sempre ia pra esse lado que é do orfanato.

**Entrevistadora:** Você tem família ne? O que faz parte da sua família hoje? Você já respondeu que é seu filho e essas pessoas que você conviveu no Lar, mas além disso, quem são as suas referências?

**Raimundo:** Referência hoje mesmo, Lili, a diretora do orfanato, que referência igual a essa, eu nunca passou. Ela teve atitudes tão fortes, comportamento, demonstrou várias vezes que tem um amor muito grande pela gente, era um carinho, assim, incondicional, deixou muita coisa pra trás em nome da gente, sofreu muito, por que, a gente, o nosso comportamento infantil, tratava, assim, ela, às vezes não dava atenção, ela assim muitas vezes, já peguei ela chorando sobre essa questão, ficava preocupada com a gente, então, foram muitas vezes, eu acho que teve uma época, teve um certo momento que eu conto...

**Entrevistadora:** Você pode ficar a vontade.

**Raimundo:** É por que é meio assim... eu tava junto com Lili, la no orfanato ne, quando ela começou, era bem novinha, e a gente sempre tinha aquele negócio, assim, tava fazendo limpeza do banheiro, ai Lili fazendo, limoando, ela mesmo limpando o vaso, ai eu achava assim, assim, poxa, uma menina dessa bonita já era pra ta, sei la, estudando, fazendo qualquer coisa, mas se dedicava mesmo, entendeu, eu me surpreendia muito com alguns comportamentos de Lili. Nesse dia, nenhuma outras fazia, que até quando eles fazia limpeza do banheiro o pessoal não limpava, mandava a gente fazer, ela foi, fez essa limpeza, ai quando ela terminou, ai eu falei: pô Lili a mão da senhora ta com um pouquinho de fezes, foi que ela falou que pela nossa saúde ela fazia qualquer coisa. ai foi que eu parei, refleti e vi que igual a ela não surgiu e acho que nem vai surgir. Foi uma demonstração de carinho e amor pela gente muito grande, que nenhuma outra pessoa tina demonstrado, então pra mim, referência de comportamento, eu acho que é moral intelectual, profissional, pois ela é uma pedagoga, então, hoje, tudo que eu quisesse ser, dizia assim, poxa eu queria ser

igual a Lili, pelo comportamento dela, a filosofia de vida dela, tudo eu queria ter La. Esperar por alguma encarnações pra ver se eu chego la.

**Entrevistadora:** E você tem um filho de dez anos né? Ele conhece sua história de vida?

**Raimundo:** Conhece, mas ainda fica, assim, vamos dizer ele já participou, que eu sempre levava ele muito la, ele tinha uma realidade de algumas vezes, teve interesse de querer morar la, mas eu tenho, assim, uma coisa, assim, com ele, que muitas vezes, ele é assim que nem eu desligado.

**Entrevistadora:** Ele mora com você ou com a mãe dele?

**Raimundo:** Mora com a mãe, então o comportamento da mãe dele já não é como o meu, assim, sempre ando na minha mente, assim, pegar ele, sei La, sair, mostrar sempre a realidade diferente a ele, por que ta reclamando de alguma coisa, ai não sua realidade não é igual a minha, eu evito as vezes, eu evito falar que, ah eu cresci no orfanato, eu não gosto de ficar colocando isso né, pra que ele também não desperte o sentimento de achar que meu pai foi um sofredor, aquela coisa. Basta que eu sou trabalhador, eu acho que tudo que você quer ter vai ter que ser sempre fruto do seu trabalho, independente de qualquer coisa, é assim que tudo que eu passo pra ele em relação a esse comportamento, é, eu penso, assim, em pegar ele sair participar de grupos voluntário, visitar orfanato, ir na rua participar de algum grupo, assim, que dá alimento na rua, sei lá, despertar esse altruísmo dele, aquela coisa de solidariedade dentro dele, que eu acho que vai fazer bem pra caramba a ele.

**Entrevistadora:** Pra você o que é ser pai como você aprendeu a ser pai ?

**Raimundo:** Eu tenho muito que aprender viu. Eu acho que ainda não sou cem por cento não, acho se eu fosse, cem por cento é muito difícil, tem que ser bem, acho que só Deus mesmo, então eu acho que ser pai, você tem sempre que se preocupar com a questão do futuro, por que tem algum momento que você sabe se deixar continuar, permitir aquele comportamento, você sabe que vai no momento ele vai ta alegre com aquele comportamento que você ta permitindo, mas sabe se ele crescer com comportamento vai prejudicar ele da formação moral dele ne, na conduta. Dentro do pouco contato que eu tenho com ele, agora mesmo ele ficou seis dias comigo, eu percebi muito, assim, essa coisa de não dá importância a nada, sempre achando que as pessoas vai ta sempre servindo a ele, então eu fico sempre questionando, será que ta cedo pra exigir certas coisas a ele ou ta tarde. Só que eu achei, poxa, comecei com oito, nove anos, já pensava em trabalhar mesmo, ia carregar bloco, fazia tudo, se

eu queria comprar um geladinho tinha que fazer alguma coisa pra conseguir aquele dinheiro, então sempre eu tive isso comigo e isso me ajudou muito naquela questão de trabalho, então de uma forma muito ousada eu tô sempre direcionando, assim, olha você fala que minha casa é sua, mas será que se a casa é sua, por que você não me ajuda a preservar, é, numa limpeza né, no comportamento dentro de casa, preservar, entendeu, ter interesse e ta sempre, sei lá, mantendo as coisas limpas, fica aquela coisa, eu acho que com dez anos já da pra aprender já da pra absorver essas coisas.

**Entrevistadora:** Pela sua historia lá no abrigo, qual o advento marcante? ●

**Raimundo:** Marcante, posso assim dizer que o advento do, assim, do espiritismo. Pra mim, por que foi todos os aspectos, assim, de vida que eu tinha até pra eu poder olhar pra o grupo espírita que estava chegando aquela época tinha que entender o que eles queriam que pra mim era um bocado de pessoas que ● aquela coisa de espírita ● então quando eles chegaram que passaram uma nova formação de conduta moral pra gente ali pra mim já se tornou uma nova época pra mim entendeu foi o momento que clareou entendeu a visão de mundo praticamente pra mim mudou muito as minha inseguranças apesar do medo de lhe dar lá fora quando o pessoal me botou eu comecei a ter uma visão melhor aquela coisa mais segura sabia que tinha que sair que ia encontrar lá mais nunca estaria sozinho ia ter que encara agora é uma coisa natural acho pro ser humano passar por essa etapa e aquela etapa é uma etapa que ia ser difícil mais sabia que ia superar eu praticamente mesmo o que eu tenho de bom mesmo assim vou dizer no aspecto intelectual moral e profissional tudo que eu aprendi hoje que eu sei hoje fui passando tudo foi o orfanato que me ensinou e eu já trouxe essa bagagem toda do lar mesmo sendo que né não é desfavorecendo a primeiro a direção de certa forma por que pra poder encontrar os outros tive que passar pela primeira direção só que é como eu falei o centro quando assumiu a direção do orfanato mostrou mandar na visão de muita gente né a gente começou a encara as coisas com mais naturalidade a gente começou a lidar com as pessoas de igual pra igual entendeu aquela coisa assim de a Lili ser uma mulher bonita entendeu a gente estava acostumado muito com pessoas idosa tomando conta da gente era feio aquela coisa assim então a gente sempre achou que a gente ia ser esse negócio de sei lá, tipo como se fosse um convento então quando o centro assumiu poxa aquela coisa assim boa agente se sentiu ate mais jovem com mais liberdade então o pessoal deu espaço pra gente pra gente também a gente se abrir conversar entendeu

procurar entender as coisas mais que acontece e o pessoal da outra direção não tinha esse interesse tinha a educação básica da gente né ai garantia alimentação fazia passeio mais sempre naquela coisa rígida.

**Entrevistadora:** Você mantém contato com abrigo hoje?

**Raimundo:** Mantenho.

**Entrevistadora:** Através de quem?

**Raimundo:** Mais eu meu contato lá mais é Lili né, a gente sempre que procura quando fala em orfanato, a gente sempre é Lili. A gente liga pra Lili pra conversar com ela, pra pedir conselhos, é, quando tem alguma novidade, conta pra ela. A gente ta sempre procurando Lili, sendo que Medrado, é, e o grupo, quer dizer ela era diretora do orfanato e eu tinha um contato mais direto com ela, então, nossa porta de entrada pra chegar até Medrado é sempre ela a gente passa pra ela, mas tudo que ela tenta resolver ela tem que procurar o apoio de Medrado.

**Entrevistadora:** Você teve experiência de rua?

**Raimundo:** Depois que eu sai de la foi por que fiquei desempregado fui morar de favor e casa que eu morava o pessoal vendeu eu fiquei sem ter pra onde ir ai fiquei batendo perna mais ai liguei pro orfanato automaticamente imediatamente Lili mandou que eu retornasse?

**Entrevistadora:** Você chegou a ficar quanto tempo na rua?

**Raimundo:** Dois dias.

**Entrevistadora:** E o que é a rua pra você

**Raimundo:** A rua é uma realidade que, eu acho, que pra pessoa encarar tem que ter muita coragem mesmo, entendeu, as histórias, uma vez eu li em um livro de foi ate da Mansão do Caminho, ai contaram sobre a experiência de uma menina que morreu na rua. Perdeu todos os contatos que tinha, praticamente ficou marginalizada, mas com o passar do tempo, sempre acreditando que ela podia sair daquilo, passou por muitas e boas, andou no meio de marginais drogados, aquela coisa toda, tudo que a rua pode oferecer, mas conseguiu se superar então eu acho que como eu tenho visão de que nada acontece à toa na vida da gente, que tudo é experiência onde você se coloca, você nunca está sozinho, então a questão da rua é uma experiência muito difícil pra quem está, eu aconselho a ninguém se eu pudesse dava a todo mundo tanto adulto, criança, eu botava no abrigo, tipo Cidade da Luz, mas é uma visão muito perturbadora, entendeu, incomoda muito eu não tenho uma visão boa.

**Entrevistadora:** Você julga importante ter família?

**Raimundo:** Muito importante

**Entrevistadora:** por quê?

**Raimundo:** Porque ninguém vive sozinho não, tem é a lei de sociedade, a lei de interligações das pessoas é natural não existe por mais que a gente queira se afastar a gente vai ta se pegando a alguma coisa ou alguém.

**Entrevistadora:** Se você fosse refazer sua historia o que você mudaria nela você mudaria alguma coisa?

**Raimundo:** Mudaria meu currículo escolar.

**Entrevistadora:** E se você fosse fazer hoje uma palestra pra jovens abrigados lá no lar o que você falaria pra eles?

**Raimundo:** Eu acho que o tema seria basicamente fazer uma recapitulação de todas experiências que a gente teve no orfanato. O que significou, explicava pra muitos o porquê da gente ter passado por aquilo, sobre essa questão de ter ou não ter pai e mãe ne, que essa ligação que a gente teve um com outro foram ligações necessárias pro nosso aprendizado, nossa própria evolução moral, eu fazia sempre isso, acho que ia ter muito de conceito espíritas encima, entendeu, por que muitos, ainda apesar de muitos se superar, muitos não conseguiu essa visão

**Entrevistadora:** E tem alguma coisa, Raimundo, que você queria falar ou queira dizer que eu não tenha perguntado, mas você acha que seria o momento de você dizer?

**Raimundo:** eu acho que só agradecer mesmo, entendeu, eu não tenho, assim, como eu falei, assim, se eu tivesse falado eu queria fazer, assim, uma palestra ne, eu me imagino muito fazendo palestra eu acho até, na minha imaginação, falar até bem, mas na hora engasgar tudo, ai eu tenho que escrever pra poder falar, mas o que eu tenho mesmo é agradecer ao centro que, principalmente a minha formação, pra essa questão de encarar as pessoas mais como irmãos ne, de achar que todos nós somos um todo no universo e que a gente nunca vai ta sozinho, no aspecto em toda situação difícil, que a gente parece ta sozinho mais não esta, essa visão que eu tenho pra mim significa muito agradeço mesmo ao centro, ao Lar, Medrado, Lili, todo mundo do centro

## **VALMIR**

**Valmir:** Eu continuo tendo aqui este contato agora sendo que esses dias eu não tive tanto contato por causa disso, por que como a gente tem uma responsabilidade tá com a responsabilidade a gente já focaliza no lado de cá focaliza nossa família.

**Entrevistadora:** E você, tem experiência de rua, Washington?



**Valmir:** Tive.

**Entrevistadora:** E o que é a rua pra você? Pra você não tem diferença de rua, né isso?

**Valmir:** Exato.

**Entrevistadora:** E o que é a rua?

**Valmir:** Rapaz eu não sei o que é rua, mas também tenho conhecimento de rua e a sociedade também; e as pessoas que tá na rua é por que quer, é por que gosta, não é por que cada um tem seus casos; cada um tem seus problemas, cada caso é um caso que não é álcool, não é droga, muito gay, a mãe incentiva, cada caso é um caso, mas no meu caso, eu nunca tive esse privilégio, graças a Deus!

**Entrevistadora:** Então Washington, vamos fazer uma palestra pra jovens abrigados lá no Lar, na Instituição; o que você falaria para eles?

**Valmir:** Que certa idade, futuramente, você vai ver estudando é o caminho mais fácil da gente chegar nos nossos objetivos.

**Entrevistadora:** Você acha que é importante?

**Valmir:** Que isso é importante é, e muito.

**Entrevistadora:** Por quê?

**Valmir:** Porque isso também ajuda; todo mundo tem seus problemas, tem momentos que as pessoas está de bem, tem momentos que a pessoa tá bem e sempre tem uma pessoa do lado pra incentivar.

**Entrevistadora:** Bem, quer falar de alguma coisa que eu não tenha perguntado?

**Valmir:** Tanta gente que sai daqui, que sai de uma instituição e convive morando com os irmãos, passa a ser totalmente diferente, por que a gente já vê a gente só pensa só em festa, depois a gente cai; eu mesmo comecei a cair na real, não tenho que construir minha vida porque na hora que eu fique doente eu tenho que ter uma pessoa que cuide de mim, tenho um pouquinho isso na cabeça; já curti muito, dormia na rua de festa, e fiquei com isso; que fique clara a dificuldade minha é justamente isso, que pesa do lado da gente que fica, que mora de aluguel, que a gente não tem um apoio, entendeu? Pra casa da gente ficar em pé, quem mora de aluguel tem que viver trabalhando eternamente; não fica na casa de ninguém, é uma hora que fica desempregado vai voltar pra onde? Volta pra casa dos amigos, que a gente nem conhece, alguns mora com os irmãos; a gente considera como irmãos, todos que mora na instituição; a gente considera como irmão até essas gerações que vinha que tá surgindo ai agora, que é órfão, a gente considera como irmãos, por que a gente já

passou por isso e a única pessoa que a gente possa contar é com a gente, que não tem pai nem mãe; tanto que hoje mesmo, final de semana, sábado, eu passei na casa dos meninos de outras gerações porque a gente considera como irmão.

**Entrevistadora:** Que você conheceu na instituição né?

**Valmir:** Exato

**Entrevistadora:** Ou seja, você mantém um laço de família com eles, é isso?

**Valmir:** Perfeitamente. A gente não tem pra onde ir; nesse caso eu mesmo, eu não tenho pra ir não tenho, por exemplo, ir pra casa da senhora que eu não conheço a senhora e também mesmo que eu te conhecesse eu não tinha intimidade de ir pra casa da senhora; vou pra casa dos meninos por que lá é meu meio.

**Entrevistadora:** Mais você considera eles família?

**Valmir:** Considero como família.

**Entrevistadora:** Conte como foi que você foi morar no abrigo, lá na instituição, dificuldade, qual foi o motivo?

**Valmir:** A Instituição é a APAC. Se eu não me engano, é APAC; aí fiquei até uns sete anos na Ondina; na época, ficava junto é homem, meninos e meninas; tinha uma certa idade que tinha que sair de lá, um lugar que é por idade; aí a gente saía; eu saíde lá da Ondina e fui para Ribeira; aí fiquei direto até uns quinze anos. Nessa hora que teve mudanças de direção aí foi muito útil pra gente, que a gente teve liberdade; aí antes era focalizado naquela doutrina da igreja; então eu só me sentia um tédio era todo dia aquela doutrina ali da missa de manhã, ou missa as cinco de tarde, todos a instituição, foi uma, assim, foi uma liberdade (com a liberdade).

**Entrevistadora:** Isso é de vocês?

**Valmir:** Eu tenho, é nossa liberdade

**Entrevistadora:** A impressão que você teve quando chegou lá, é de continuar?

**Valmir:** Desde quando cheguei na Ribeira, continuei a mesma coisa, sempre na minha busca da educação; como entrou tá normal na instituição aí modificou tudo, aí metade pra sair, um bocado de coisas

**Entrevistadora:** E quem você considerava família naquela época?

**Valmir:** A todos as pessoa que convivesse todo dia comigo como os demais, pressão mais, mesmo funcionários e os meninos, por que ali sabia o dia todo vinte quatro horas direto.

**Entrevistadora:** E você conheceu seus parentes?

**Valmir:** Cheguei a conhecer.

**Entrevistadora:** Momentos felizes?

**Valmir:** Também não faço nem questão.

**Entrevistadora:** Momentos felizes você viveu, se recorda com saudade de ter vivido lá na instituição?

**Valmir:** ☹

**Entrevistadora:** Teve medo?

**Washington:** Tive foi quando na época chamava CRP, centro tratamento para criança, alguma coisa assim se eu não me engano; lá essa instituição é uma instituição que chamava CRP tinha as crianças ficava presa, tinha ladrão, tinha toda espécie de pessoas.

**Entrevistadora:** Medo de que?

**Valmir:** Eu não estava acostumado a viver conviver nessa rotina. Eu nunca tinha visto; chegava o momento que a gente era ameaçado: olha se você não se comportar você vai ser vai pro CRP; aí a gente, eu mesmo, ficava com medo que teve ☹ umas gerações de meninos que foram para esse CRP passou uns períodos lá; depois, como mudou a direção, mesmo com medo dessa direção mesmo com medo, eu já, a gente já se entrosava com muita gente de lá, justamente foram 10 que foram para outro lugar, aí como chegou essa direção, modificou tudo, mandou trazer os dez meninos que foram pra lá, passaram um bom tempo; depois contaram pra gente, eles contam como é o procedimento de lá e aí a gente, eu fiquei mesmo apreensivo tinha medo de ir pra lá por causa disso, entendeu? A nossa vida passou a ser ameaçada: se você não melhorar isso e aquilo, você vai pro CRP. Então a gente se comportava; não podia nem brincar na época; mas nossa brincadeira, você sabe como é criança né, criança brinca, até passa até do limite né, e as pessoas não tinha enérgico de falar com a agente aí falava com a gente ameaçando.

**Entrevistadora:** O que é pra você constituir uma família? Conta aí pra gente algum sonho que você teve na infância ou na adolescência.

**Valmir:** De médico. É tanto que eu trabalhei até hoje trabalho na área de saúde. Deus me colocou no lugar que eu queria ser, mas eu não consegui até hoje chegar aonde eu queria ser, que é ser médico.

**Entrevistadora:** E como é seu dia-a-dia lá na instituição?

**Valmir:** Acorda sete horas, vai tomar café; se ninguém vai tomar café não toma; prepara atividade, se estuda de manhã tem que acordar cedo pra ir pro colégio; se estuda de tarde

tem que ficar pra fazer o dever de casa; aí só podia sair sábado e domingo; a semana toda só era colégio e de tarde e o período de folga a gente brincava.

**Entrevistadora:** Você se lembra dos primeiros interesses por menino?

**Valmir:** 9, 10, 11, 12, 13

**Entrevistadora:** E foi com alguém de lá da instituição ou foi fora?

**Valmir:** foi com um menino de lá da Ondina, por que na época era unissex; aí só que ali eu considero que ele é bebe com dezessete anos; aí foi nessa hora que pintou curiosidade; depois quando fui pra Boca do Rio, para Ribeira, aí eu, foi nessa época que comecei a trabalhar, me envolvi com uma pessoa ♀; tinha treze anos, ela tinha vinte; eu estudava, tava sério ♀ como mãe disse que não dava por que que era pouco, tava começando agora, tava estudando, e justamente quando eu me envolvi com ela foi a hora que eu tava na sétima serie caiu meu rendimento no colégio e ela me colocou de castigo; ela era assim: se tá mal no colégio ficava de castigo; não podia sair quando chegasse do colégio; por ela, quase eu perdi de ano, fui para recuperação de todas as matérias, estudei feito um condenado, passei de ano mas eu gostava de estudar; a gente não tinha filho, viu que a gente não ia dar certo de castigo mais castigo que eu saía, eu também aprontava, ficava de castigo.

**Entrevistadora:** Era permitido levar as namoradas para a instituição?

**Valmir:** Olhe, teve momento, é por instituição, direção de instituição; tem instituições que não podia namorar, na instituição tem liberdade pra gente fazer o que a gente querer, aí então acontece; eu envolvido com essa pessoa, ficava lá comigo, eu de castigo; o seguinte: eu saía, quando chegava tarde ficava de castigo de novo, namorava e ficava de castigo, namorava e ficava de castigo de novo.

**Entrevistadora:** Você era discriminado por fazer parte da instituição?

**Valmir:** Pela Sociedade?

**Entrevistadora:** É, pela sociedade!

**Valmir:** Não, por que eu nunca fui de comentar minha vida pra ninguém, como até hoje eu não comento minha vida pra ninguém, a vida é minha. Eu comento só com as pessoas do lugar mesmo. Por exemplo: a minha esposa mesmo, demorou pra saber que eu era órfão, só com muito tempo, só com cinco anos. É, a sociedade quanto sabe que a gente é órfão, vê a gente como coitadinho aí começa a querer saber como que você consegue viver sem mãe, como que você consegue, se você tem irmão, irmã, “não”, como que você consegue viver assim sem ninguém.

Ou então algumas pessoas já vê a gente assim com maus olhos, acha que a gente é órfão, é ladrão, maconheiro, etc. Mas tem como viver.

**Entrevistadora:** É bem diferente fazer parte de uma família e ser criado numa instituição?

**Valmir:** Não, pra mim não tem diferença nenhuma; já estou desde pequeno, eu fui criado numa rotina, eu tenho horário de almoçar, eu tenho horário pra tudo, me acostumei, me adaptei.

**Entrevistadora:** Quais são seus projetos futuros?

**Valmir:** Projetos é tão final!

**Entrevistadora:** Sim, pode falar

**Valmir:** Ter filho tá? Até hoje não tive filho; primeiro a gente tem que fazer as coisas com etapas, primeiro lugar a gente que é órfão tem que ter uma casa, a gente com uma casa mesmo desempregado dá pra sobreviver; agora, desempregado, de aluguel, não tem como sobreviver e ter filho de aluguel aí é o fim do mundo.

**Entrevistadora:** Você se sentiu muito inseguro quando saiu ou quanto estava para sair da instituição?

**Valmir:** Inseguro – eu tinha até medo de sair ficava preocupado com aquela ansiedade de poxa, eu já vou fazer dezoito anos e se coisas que eu quero demorarem a mudar? Será que eu vou conseguir meu emprego, me sustentar? Sempre existe essa ansiedade, eu sei que consegui me conscientizar que a vida não é um bicho de sete cabeças. Por que ela me segurou até aos vinte e dois anos; aos poucos, sei lá, me liberou aos poucos; com vinte e dois anos foi a hora que eu disse poxa, não sabe que era bom ter uma liberdade, aprendi a gostar da vida que eu estava até hoje eu não acredito ter saído de lá, só faltei de sair né, então pronto.

**Entrevistadora:** Você acha Valdir, que a instituição poderia ter preparado melhor você?

**Valmir:** Eu acho!

**Entrevistadora:** Digo aqui fora.

**Valmir:** Apesar que ela deu oportunidade.

**Entrevistadora:** Sim

**Valmir:** Ela dá oportunidade a todo mundo. Tem a oportunidade de estudar no Colégio Salesiano, tem a Polícia Militar, eu é que não soube aproveitar. Mas eu sentia que eu, por exemplo, eu podia ser muito bem um oficial, mas só que nunca gostei de ser polícia; fiz até o segundo ano como até hoje tô no segundo ano, eu era o primeiro ano, passei pro segundo lá mesmo na Polícia Militar; depois houve essa mudança de

local por que eu morava na Cidade Baixa depois fui morar na Cidade Alta, na Boca do Rio e aí até hoje eu não consegui chegar no meu objetivo.

**Entrevistadora:** O que faz parte da sua família hoje?

**Valmir:** Hoje em dia o que faz parte?

**Entrevistadora:** Cite suas referências.

**Valmir:** ☹

**Entrevistadora:** O que a instituição lhe ensinou?

**Valmir:** Educação, a ter responsabilidade, que ensinou a ter responsabilidade, estudar, trabalhar.

**Entrevistadora:** Você tem contato com alguém da instituição?

**Valmir:** Tenho.

**Entrevistadora:** Através de quem?

**Valmir:** Tenho

**Entrevistadora:** Alguma pessoa específica?

**Valmir:** Primeiro tem os meninos, que antes da gente chegar, as pessoas a gente primeiro se bate logo; é igual a uma empresa a gente se bate primeiro com os peões né, ali na área, depois pra gente chegar a pessoa por causa do espaço com os meninos, oba, e aí tudo bom, como vai você, quanto tempo, a gente faz nossa resenha; aí depois, a gente chega com quem é responsável que quer falar por que apesar é fácil chegar nessa direção, por que não tinha aquela parte de burocracia; tem lugares que é uma dificuldade para gente chegar nas pessoas mas não nessa instituição, não tem dificuldade de chegar no dia que a gente quiser conversar a gente chega lá e conversa.

**Entrevistadora:** ☹

**Obs.:** ☹ símbolo corresponde a trechos e/ou palavras não identificados.